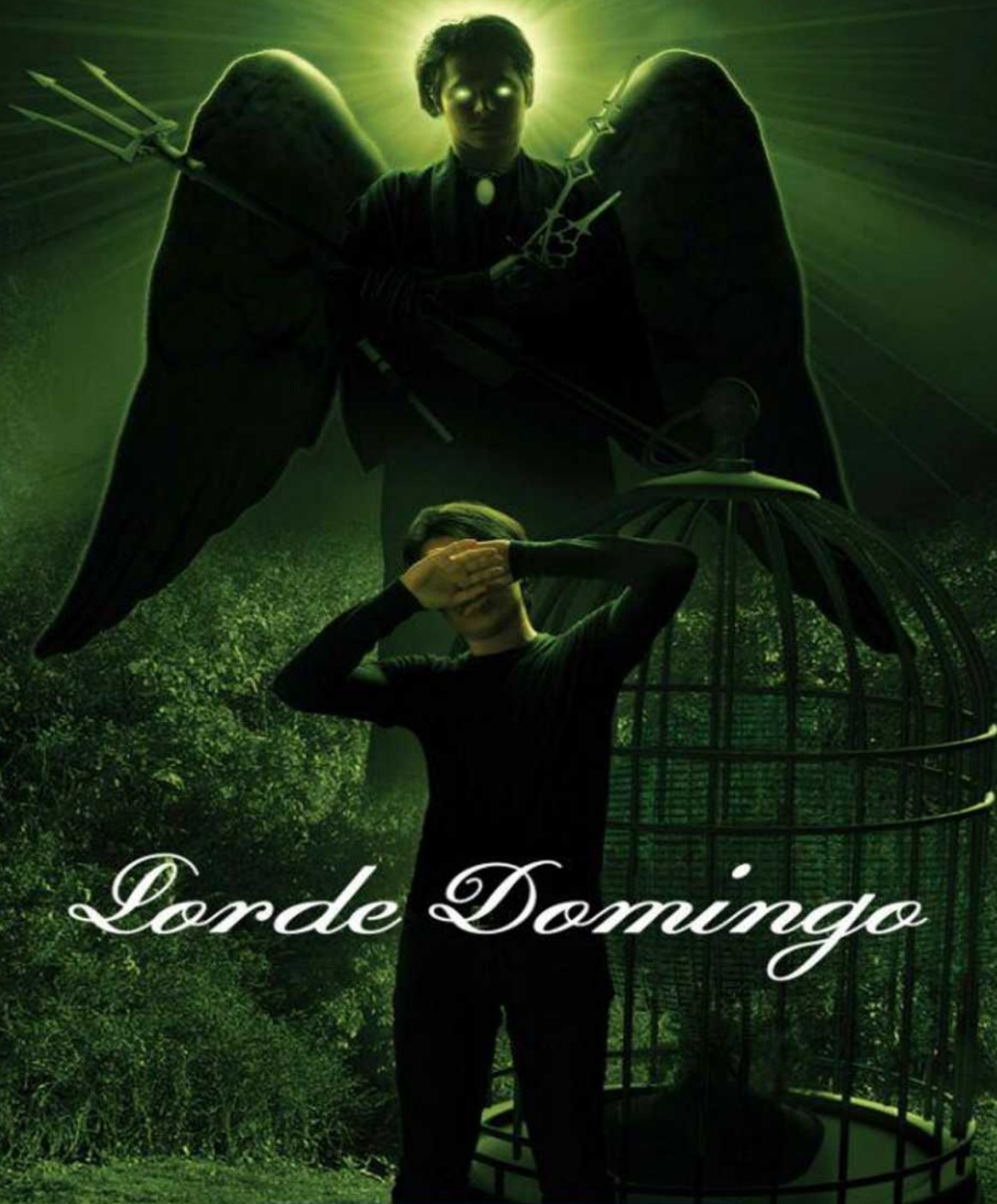


GARTH NIX

As Chaves do Reino

7



Lorde Domingo



FUNDAMENTO



2014, Editora Fundamento Educacional Ltda.
Editor e edição de texto: Editora Fundamento
Editoração eletrônica: Bruno Pimentel Francisco; Willian Bill
CTP e impressão: SVP — Gráfica Pallotti
Tradução: SVT — Serviços Administrativos Ltda. (Luís Fernando Protasio)
Produzido originalmente por Scholastic Press em 2010.
Copyright © 2010 Garth Nix
Copyright de ilustrações © 2007 Scholastic Inc.

Arte da capa feita por John Black e design da capa de Steve Scott, usados com permissão da Scholastic Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser arquivada, reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação de backup, sem permissão escrita do proprietário dos direitos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Maria Isabel Schiavon Kinasz)

Nix, Garth

N736 As chaves do reino 7: Lorde Domingo / Garth Nix; [versão brasileira da editora] — 1. ed. — São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2014.

Título original: The keys to the kingdom: Lord Sunday 1. Literatura infantojuvenil I. Título.

CDD 028. 5 (22 ed.)

CDU 087. 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028. 5

Fundação Biblioteca Nacional

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1. 825, de dezembro de 1907. Todos os direitos reservados no Brasil por Editora Fundamento Educacional Ltda.

Impresso no Brasil

Telefone: (41) 3015 9700

E-mail: info@editorafundamento.com.br

Site: www.editorafundamento.com.br

Digitalização e Revisão: Yuna

GARTH NIX

As Chaves do Reino

Lorde Domingo

EDITORA
FUNDAMENTO



Capítulo 1

Artur caiu.

O ar passou rápido por ele, fazendo seus olhos arderem e atravessando seus cabelos e suas roupas. O garoto já tinha caído pelo buraco criado pelo elevador de Sábado, passado pelas raízes e gavinhas ávidas da parte inferior dos Jardins Incomparáveis. Agora, estava caindo por entre as nuvens, e uma pequena parte dele sabia que, se não fizesse algo imediatamente, iria colidir com a torre de Sábado e provavelmente ficaria tão quebrado que, mesmo com seu corpo recém-reformado de Habitante, acabaria morrendo — ou desejando estar morto.

Mas Artur não fez nada, pelo menos não naqueles primeiros segundos vitais. Sabia que era uma ilusão, mas parecia que o vento o segurava em vez de passar apressado. Em sua mão esquerda, segurava o pequeno espelho, que era a Quinta Chave, e na direita estava a pena, que era a Sexta Chave, a qual havia arrancado de Sábado e levado. Por causa disso, sentia-se poderoso, triunfante e muito destemido.

Olhou para a torre abaixo e riu... uma gargalhada profunda e sarcástica que não se parecia em nada com sua risada normal. Estava prestes a rir novamente quando se encontrou com a Sexta Parte do Testamento em sua forma de corvo. As garras o fisgaram pelos cabelos e se cravaram no couro cabeludo.

— Asas! — resmungou o corvo com urgência.

O animal pendurou-se na cabeça de Artur por um segundo e, em seguida, perdeu o controle e girou para o lado, gritando “Voe! Voe!”, enquanto tentava desesperadamente manter-se firme.

No mesmo instante, Artur perdeu o eufórico senso de invencibilidade e recuperou os sentidos. Pela primeira vez, tomou ciência da real velocidade de sua descida e viu que colidi ria com a torre muito, muito em breve.

“Está tudo errado”, ele pensou. “Onde estão as minhas asas?!”

Procurou freneticamente no casaco, mesmo depois de ter lembrado que suas asas de macaco ainda estavam na capa de chuva que havia trocado por seu disfarce atual de Feiticeiro Excedente: o disfarce que ele usara para se infiltrar no elevador... com bastante sucesso, talvez porque tivesse seguido com o

elevador quando a coisa despencou nos Jardins Incomparáveis. Enquanto chegava perto o suficiente de Sábado Superior para reivindicar a Sexta Chave, Artur tinha caído para trás pelo buraco no teto da Casa Superior.

Agora ele estava desabando de muito, muito alto.

E caía muito mais rápido do que pensava ser possível, mesmo de uma altura como aquela. Percebeu que estava perdendo de vista o cume e que colidiria com a parte principal da torre, cerca de quinze níveis abaixo.

“Sem asas”, pensou Artur. “Sem asas!”

Sua mente ficou paralisada, em pânico, e tudo o que ele podia fazer era olhar para a torre enquanto lágrimas escorriam de seus olhos, consequência do vento que passava rapidíssimo. Começou a agitar os braços, como se aquilo pudesse, de alguma forma, ajudar. Estava gritando quando...

... colidiu com um Auditor Interno que voava e que também gritou por conta do impacto. Juntos, eles caíram pelo ar, o Habitante batendo as asas loucamente. Artur tentou arrancá-las do Auditor, mas não conseguiu segurá-las direito, já que não podia largar a Quinta e a Sexta Chaves. Tentou passar a Sexta Chave para a mão esquerda, mas, naquele momento crucial, o Habitante o chutou, conseguindo se libertar e mergulhar para longe com as asas dobradas para trás.

Artur voltou a cair, mas a colisão havia diminuído sua velocidade. Teve alguns segundos para agir e seu cérebro finalmente voltou a trabalhar para resolver os problemas, em vez de se encolher de medo ou se regozijar pelo fato de possuir a Sexta Chave. Artur sabia que não havia como evitar a colisão com a torre... a menos que ele nunca realmente chegasse lá...

A cerca de 30 metros do impacto, o garoto deu uma cambalhota e mergulhou. Esticando os braços para baixo, desenhou vários degraus no ar com a Sexta Chave. A pena deixou trilhas brilhantes de luz, que instantaneamente tomaram a aparência de degraus sólidos de mármore branco.

Artur alcançou os degraus e imediatamente curvou o corpo como uma bola para rolar pela Escada Improvável. Enquanto pulava e caía em cada degrau, sabia que precisava dar um jeito de controlar a velocidade. Mesmo quando esticou as pernas, apenas deslizou para o lado e continuou caindo. Subir a Escada Improvável era ruim, pois havia a chance de sair em algum lugar aleatório do tempo ou do espaço. Cair por ela, completamente fora de controle, era ainda pior.

Artur lembrou-se do aviso do Velho, cujas palavras agora ecoavam dentro de sua cabeça entre pancadas, estrondos e a dor de novas contusões.

— É possível ir parar em algum lugar onde você particularmente não gostaria de estar — o Velho havia dito. — É até mesmo provável, já que isso é parte da natureza da Escada.

Novamente, o garoto tentou parar, mas, como ainda estava segurando as Chaves, não podia agarrar a borda de um degrau. Era mais como cair por uma rampa do que por uma escada, muito mais do que poderia ser normal ou natural. A escada em si estava trabalhando contra ele, acelerando sua queda, levando-o para algum lugar onde ele duvidava de que gostaria de estar.

Pensamentos sobre lugares realmente terríveis da história começaram a surgir em sua mente, pensamentos cada vez mais apavorantes, afinal ele sabia que, se por acaso se concentrasse em qualquer um por muito tempo, a Escada o levaria para lá.

Tentou se concentrar em seu estômago e em parar a descida sem fim com os cotovelos, mas isso também não funcionou, apesar de toda a dor. Artur fez uma careta enquanto seus ossos em posição estranha eram agitados repetidamente. Antes de se transformar de um menino mortal em um Habitante ou no que quer que havia se tornado, ele teria gritado de dor e seus braços teriam se quebrado como gravetos. Entretanto, a posse das Chaves e o uso delas haviam alterado seus ossos, sua pele e seu sangue, transformando-os em algo que nenhum médico reconheceria como humano.

Artur temia que houvesse também outras mudanças — mudanças internas que o afastariam ainda mais da humanidade, coisas que iam além de seu novo tamanho, resistência e durabilidade. Mas esse era um medo distante e persistente que, no momento, estava dominado pelo pânico.

“Tenho que parar”, ele pensou. “Tenho que sair da escada!”

Ofegante, ele rolou de costas, enquanto cada degrau batia em sua coluna. Colocou a Sexta Chave na boca para que pudesse ter uma mão livre. Em seguida, levantou o espelho da Quinta Chave, segurou-a na frente do rosto e tentou se concentrar nela enquanto continuava aquela descida alucinada.

O espelho havia sido bloqueado por feiticeiros de Sábado dentro da Casa Superior e poderia não funcionar na escada, mas Artur tinha que tentar tudo o que pudesse para sair dali. Antes, porém, precisava encontrar uma maneira de segurar o espelho de forma estável e manter a imagem do quarto de Quinta-Feira em sua mente. Fazer isso era muito difícil. Ele tentava visualizar o quarto,

mas continuava pensando em lugares aonde não queria ir, como a Londres infestada por pragas do tempo de Suzy Azul-Turquesa ou a ilha no meio de um sol, onde ele havia encontrado a Segunda Parte do Testamento. Mesmo como um Habitante, Artur sabia que não poderia sobreviver se saísse da escada direto para o coração de uma estrela.

Tampouco sobreviveria se despencasse no Nada, o que significava que também precisava parar de pensar na Colina ou em qualquer parte da Casa que ele sabia que já havia sido consumida pelo Nada.

Muito havia sido devastado à medida que o Vazio propagava-se dentro da Casa, destruindo tudo em seu caminho. Artur sentiu seu interior estremecer enquanto se lembrava da grande onda de Nada da qual tinha fugido um momento antes de o Quarto de Segunda-Feira ser destruído...

— Não! — Artur gritou para si mesmo. — Pense em um lugar seguro. Em algum lugar tranquilo. Em casa. Mas mesmo em casa pode não ser seguro... Tenho que parar e pensar...

Mas ele não conseguia manter o espelho firme ou se concentrar em algum lugar seguro. Em vez disso, virou-se novamente e agarrou um degrau com a mão livre, as unhas arranhando o mármore de um... dois... três degraus. Seu braço quase foi arrancado do ombro, por isso ele quase deixou cair a Sexta Chave. Não lhe restou outra coisa a não ser gemer por causa daquela dor nova e repentina.

Mas Artur parou.

Suspirou e deixou a Sexta Chave cair da boca na mão ensanguentada. Levantou-se lentamente e colocou o pé no degrau seguinte. Era hora de começar a subir de volta, enquanto pensava muito a respeito de onde poderia sair.

Estava prestes a começar a fazer isso quando a escada desapareceu em um flash de luz branca brilhante. Seus pés não encontraram resistência e ele caiu para a frente em um buraco cheio de lama malcheirosa. A Escada, como sempre, tinha lançado o garoto em uma aterrissagem aleatória, que poderia ser em qualquer lugar nos Reinos Secundários, mas também em qualquer momento no passado.

Artur quase caiu com o rosto na lama, mas recuperou o equilíbrio apenas para cambalear para a frente e bater em um muro de sacos de areia. Ele saltou, voltou para dentro do buraco e, por um segundo, balançou os braços

desesperadamente antes de acabar plantado de costas na fedorenta lama amarela.

Permaneceu sentado ali o tempo necessário para fazer uma careta, depois se colocou de pé lentamente enquanto ouvia a lama estalar.

Havia também outros ruídos estranhos, gritos eletrônicos de alta frequência distantes, mas que mesmo assim feriam seus ouvidos.

Artur olhou ao seu redor. Por um momento, pensou que saíra em uma trincheira da Primeira Guerra Mundial, de volta à história de sua terra. Mas esse pensamento durou apenas um instante. Sim, ele estava em uma trincheira, mas a lama era de um amarelo lúgubre e sobrenatural e cheirava a enxofre. Os sacos de areia, agora que ele podia ver melhor, eram de um azul pálido.

O garoto bateu em um deles e seus dedos afundaram um pouco antes de voltarem à posição inicial.

“Isopor”, pensou. Nos sacos de areia, havia algo parecido com isopor.

Os ruídos eletrônicos aproximavam-se. Artur não tinha ideia do que estava produzindo aquele barulho e não tinha intenção de sair para descobrir. A única questão era saber se a Quinta Chave funcionaria tão bem como nos Reinos Secundários, caso a Escada Improvável o tivesse despejado em algum lugar no tempo. Se não pudesse aproveitar o espelho, teria que usar a escada, que significava que deveria voltar a ela o mais rápido possível. Em teoria, de posse das duas Chaves ele poderia entrar na Escada Improvável praticamente em qualquer lugar, mas, na realidade, Artur sabia que seria mais difícil e que havia uma boa chance de sua próxima viagem pelos degraus levá-lo a algum lugar ainda pior do que aquele.

Enfiou rapidamente a pena dentro de sua bolsa de prata, junto com o elefante amarelo e o medalhão do Marinheiro. Em seguida, prendeu a bolsa em segurança no cinto e manteve o grande casaco do Feiticeiro Excedente por cima do macacão. Embora a lama amarela parecesse estar fervendo, Artur sentia frio e, se ele sentia frio, isso significava que estava muito, muito frio mesmo.

Essa teoria era confirmada por sua respiração, que não apenas criava uma nuvem cada vez que ele expirava, mas congelava no ar. Em poucos minutos, Artur desenvolveu uma longa barba fina de cristais de gelo que brilhavam do queixo até o peito. A luz do sol, apesar de muito brilhante, era mais vermelha do que amarela e o garoto não conseguia sentir nenhum calor no rosto ou nas mãos.

Onde quer que estivesse, aquilo não era a Terra, Artur suspeitou encontrar-se em um lugar onde um ser humano normal não poderia sobreviver por mais de um segundo. Estava contente por ainda estar vivo, mas isso também causava uma pontada em seu interior, outro lembrete do que ele havia se tornado e do que havia deixado de ser.

Levantou o espelho e estava prestes a visualizar o Quarto de Quinta-Feira quando vislumbrou um reflexo atrás de si. Deu meia-volta e avistou algo pular de cima da trincheira. Foi um flash de movimento e Artur precisou de apenas um momento para processar em seu coração que aquilo era um inseto guardião de 2 metros de altura, segurando um tubo nos antebraços e apontando-o para ele. Antes que pudesse reagir, ouviu um ruído alto bem perto, e sentiu uma dor selvagem quando o sangue dourado subitamente ferveu, saindo de um buraco que atravessava o bíceps de seu braço esquerdo.

Virou o espelho e lhe dirigiu seu desejo. A Quinta Chave absorveu a luz vermelha do sol e a concentrou um milhão de vezes antes de projetá-la em um feixe bem focado no inimigo.

O inseto foi cortado em dois, mas a metade superior continuava a se arrastar em direção a Artur enquanto os antebraços tentavam segurar o tubo novamente. Furioso e com dor, o jovem dirigiu sua raiva através do espelho. Desta vez, a Quinta Chave conjurou uma coluna de fogo que se estendia por quase cem metros desde o início da estratosfera e incinerava completamente tudo na vala diante de Artur.

A coluna de fogo afundou lentamente de volta para o chão e Artur se virou, verificando o que havia em suas costas. Procurou escutar os ruídos e, embora não pudesse distingui-los, ouviu outra coisa: um estalo que se aproximava cada vez mais. O garoto sabia o que era: o som que os membros do inseto soldado produziam ao se mover, mas ampliado mil vezes.

Artur pulou até a borda da trincheira e olhou para a lama amarela daquela terra de ninguém, daquela guerra alienígena. Milhares de insetos soldados marchavam na direção dele, todos perfeitamente alinhados, todos segurando tubos.

“Eu poderia matar todos aqui”, pensou Artur, enquanto sentia um sorriso ferino querendo se espalhar em seu rosto. Ele tinha o poder, era verdade, mas sabia que não tinha o direito. Aquelas criaturas não eram realmente seus inimigos nem sabiam qualquer coisa sobre as lutas na Casa. Podiam parecer

insetos gigantes, mas, obviamente, eram seres sensíveis, tecnologicamente tão avançados quanto os seres humanos, talvez até mais.

“E daí?”, pensou Artur. “Eu não sou mais humano. Sou o Lorde Artur, Herdeiro Legítimo da Arquiteta. Eu poderia matar 10 mil seres humanos tão facilmente quanto acabar com 10 mil insetos alienígenas.”

Ele começou a levantar o espelho, visualizando uma coluna de fogo ainda maior e mais impressionante do que a primeira, uma que se estendia de horizonte a horizonte, poupando apenas ele mesmo do inferno.

— Não... — murmurou Artur, afastando seu orgulho e sua raiva. — Eu sou eu... Não sou Lorde Artur, e isto é errado. Tudo o que tenho a fazer é fugir.

Balançou o espelho e olhou para ele, tentando pensar no Quarto de Quinta-Feira, e não em todas as coisas destrutivas que poderia fazer a alguém ou a alguma coisa que atravessasse seu caminho.

Mas não conseguia se concentrar... não conseguia manter a raiva sob controle. Ele realmente queria destruir os insetos soldados e, toda vez que quase chegava a uma imagem mental do Quarto de Quinta-Feira, ela era substituída por cenários de fogo e destruição.

Enquanto o garoto lutava com seus pensamentos, o espelho permanecia constante. Artur via apenas seu reflexo, o rosto agora muito perfeito, tão luminoso que nem a barba de gelo poderia diminuir aquela beleza sobrenatural.

Gemeu e colocou o espelho de volta na bolsa. A horda de insetos guerreiros se aproximava em um ritmo constante, sem ter retardado nem acelerado o avanço. As fileiras de frente também não tinham apontado suas armas, mas o garoto suspeitava estar na mira. Olhou para o buraco em seu braço. Estava bem cauterizado, mas ainda assim era possível vê-lo de um lado até o outro. Apenas seu corpo alterado por feitiçaria lhe permitia suportar aquela ferida, quase tão dolorosa quanto um corte de papel.

Artur sabia que não poderia sobreviver a centenas — ou milhares — de feridas como aquela. Também sabia que a raiva que mal estava contendo dentro de si explodiria muito antes disso e que ele usaria as Chaves para causar uma destruição que nem aqueles alienígenas em guerra poderiam ter imaginado.

“Tenho que sair daqui”, pensou Artur. “Antes que acabe fazendo alguma coisa terrível...”

Ele pulou de volta para baixo e tentou visualizar a Escada Improvável. O primeiro degrau poderia estar ali, atrás do saco de areia azul pálido que formava a trincheira. Só precisava ficar branco e luminoso, então aquele seria um caminho a seguir.

— Branca e luminosa — disse. — O caminho para a Escada Improvável.

À sua frente, o estalo subitamente aumentou o volume e adotou um ritmo mais intenso. Os insetos soldados começavam a agir.

— Branca! Luminosa! Escada! — gritou Artur.

Um zumbido de gritos agudos passou por sobre sua cabeça, porém o garoto não se virou ou olhou. Toda a sua atenção estava em um saco de areia azul pálido que lentamente, muito lentamente, começava a ficar branco e luminoso.





Capítulo 2

Suzy Azul-Turquesa, Tapa-buracos da Sexta Ordem, Terceira da linhagem de Segunda-Feira e General do Exército do Lorde Artur, balançou o pé esquerdo apenas o suficiente para começar a girar no sentido anti-horário. Ela havia lentamente girado no sentido horário pela última hora e sentiu a mudança. Poderia fazer aquele movimento apenas com uma ligeira oscilação do pé, o que era uma sorte, já que se tratava da única parte de seu corpo que não estava embrulhada na espessa corda escarlate que a mantinha suspensa em uma grua, balançando a quase 5 mil metros de altura no lado leste da torre de Sábado Superior.

— Pare com isso! — gritou um Feiticeiro Excedente sentado na base do guindaste. Ele estava lendo um grande livro encadernado em couro e balançando as pernas sobre a borda da torre. — Os prisioneiros não devem girar no sentido contrário!

— E quem disse isso, hum? — perguntou Suzy.

— O manual diz — respondeu o Feiticeiro Excedente bastante tenso, batendo no livro que segurava. — Acabei de ler essa parte. Para evitar redemoinhos de feitiçaria, prisioneiros não devem girar no sentido contrário.

— Melhor me desenrolar então — disse Suzy. — Ou eu vou continuar girando.

Ela estava pendurada lá havia mais de seis horas, desde que fora capturada pelos Indolentes Inteligentes perto do Reservatório de Água da Chuva, onde Artur tinha ido cano abaixo em busca da Sexta Parte do Testamento. Já que ser uma prisioneira era definitivamente melhor do que estar morta (o que ela acreditava que aconteceria quando os Indolentes atacaram), Suzy estava bastante alegre.

— Diz aqui que os prisioneiros devem ser deixados balançando no vento e na chuva, a menos que uma Autoridade Apropriada ordene o contrário — declarou o Feiticeiro Excedente.

— Parou de chover — observou Suzy. — E também não está ventando tanto. O clima está bem agradável, na verdade. Além disso, você não é uma Autoridade Apropriada?

— Não me faça rir — resmungou o Feiticeiro Excedente. — Você sabe muito bem que eu não estaria aqui se todo mundo não estivesse lá em cima, lutando contra Domingo. Ou lá embaixo, enfrentando o Tocador de Gaita.

“E isso é apenas metade da história”, pensou Suzy com um sorriso que teria irritado o Feiticeiro Excedente se ele tivesse visto. “Sábado Superior está lutando contra Lorde Domingo lá em cima, nos Jardins Incomparáveis; o Tocador de Gaita está enfrentando as forças de Sábado nas partes mais baixas da Casa Superior; a Primeira Dama tenta segurar o Nada que está corroendo a Casa e, ao mesmo tempo, prepara-se para atacar Sábado Superior. Artur, bem, espero que ele agora esteja com a Sexta Parte do Testamento e tentando conseguir a Sexta Chave...”

“É tudo um jogo muito complicado”, refletiu Suzy enquanto girou para trás para encarar o Feiticeiro Excedente. “Gostaria de saber se alguém sabe realmente o que está acontecendo...”

Pensar em jogo lhe deu uma ideia. Os Indolentes Inteligentes eram muito loucos e perigosos para tentar enganá-los, mas aquele Feiticeiro Excedente era mais parecido com um Habitante comum.

— Sabe, se você me desenrolasse, poderíamos jogar xadrez — ela propôs, apontando com o dedo do pé para o tabuleiro em cima de uma mesa próxima. Parecia ser um jogo muito caro, composto por peças de marfim com olhos de rubi.

— Esse é um dos jogos de Meio-Dia — explicou o Feiticeiro Excedente. — Não podemos mexer nele! Além disso, não sei jogar xadrez.

— Poderíamos jogar damas. Deveríamos jogar alguma coisa até meus salvadores aparecerem e o atirarem da torre — rebateu Suzy.

— O quê? — perguntou o Feiticeiro Excedente, olhando nervosamente em volta.

Ao contrário da maior parte da torre de Sábado, a área de prisão no nível 61. 620 (na verdade, o andar 1. 620, o que era alto o suficiente) era um sólido contraforte ligado ao edifício principal e que parecia uma prateleira colocada ali em um projeto tardio. Não era feito de cubos abertos de ferro moldado, mas formava uma varanda ampla e elegante de decks de teca e corria ao lado da torre por cerca de 30 metros. A borda exterior era forrada com uma dúzia de guindastes montados de modo a poderem girar e balançar seus ganchos, nos quais os prisioneiros eram pendurados a praticamente 5 mil metros acima do solo.

Naquele momento, apenas um dos guindastes tinha um prisioneiro pendurado. Os Auditores Internos, que normalmente gerenciavam o nível da prisão, tinham partido para se juntarem ao grupo de Sábado nos Jardins Incomparáveis e, presumivelmente, tinham “despachado” todos os seus prisioneiros antes de partir. Por isso, apenas Suzy estava lá, guardada por dois Feiticeiros Excedentes. Um deles lia o manual, a outra andava de um lado para o outro na frente da única e grande porta acolchoada com couro que levava de volta para dentro da torre. Enquanto caminhava, murmurava para si mesma as responsabilidades impressionantes e a inevitabilidade de as coisas darem errado. Aquela Feiticeira ainda não tinha olhado para Suzy, era quase como se quisesse negar a existência de sua prisioneira.

— O que quer dizer com “salvadores”? — perguntou o Feiticeiro Excedente, que lia o manual. — E por que eles me atirariam da torre?

— Sou uma criança do Tocador de Gaita, certo? — perguntou Suzy. — Quem está atacando a torre?

— O Tocador de Gaita — respondeu o Feiticeiro Excedente. — Ah... entendi. Mas ele nunca vai chegar até aqui.

— Não tenho tanta certeza disso — rebateu a jovem. — Quer dizer, Sábado levou todos os melhores lutadores, não é? Quer dizer, *ela* está bem, *ela* vai continuar vivendo nos Jardins Incomparáveis com seus Indolentes Inteligentes e Auditores Internos e tudo o mais. É de vocês, pobres coitados, que sinto pena.

— Sempre ficamos com os piores postos de trabalho — admitiu o Feiticeiro Excedente. — Você sabe como os Superiores nos chamam? *Vermes*, é assim que eles nos chamam. Pelo menos foi assim que um deles me chamou uma vez...

— Qual seu verdadeiro nome, então? — perguntou Suzy. — Eu sou Suzy Azul-Turquesa.

— Giac — respondeu o Feiticeiro Excedente. Em seguida, olhou por cima da borda e suspirou. — Eu estava gostando de ficar aqui em cima até você dizer que eu poderia ser jogado lá embaixo.

— Claro, você também pode não ser jogado lá embaixo — concluiu Suzy pensativa.

— Aposto que seria — rebateu Giac. — Pobre de mim. Que sorte a minha!

— Eles poderiam apenas cortar sua cabeça — continuou a jovem. — Os Novicas, quero dizer. Os soldados do Tocador de Gaita. Grandes, brutos e

feios, com seus machados de guerra e afins. Eu me sinto feliz por estar do mesmo lado que eles, é tudo que posso dizer.

— Eles nunca vão chegar até aqui — insistiu Giac inquieto.

— Pode ser também que queiram um pouco de diversão antes de acontecer tudo o que deve acontecer — continuou Suzy. — Mas veja... por que você não me tira daqui, nós jogamos um pouco de damas e depois, quando os Novicas aparecerem, eu peço que apenas o levem como prisioneiro... em vez de cortarem sua cabeça.

— Tenho que fazer o que o manual diz — respondeu Giac melancolicamente. — Além disso, um dos Auditores Internos pode voltar. Eles fariam pior do que cortar minha cabeça.

— Pior? — perguntou Suzy. — Como o quê?

— Enquistamento — disse Giac estremecendo. Ele virou uma página no manual e olhou para ela. Então, suspirou e fechou o livro. — É tão bom aqui — continuou. — Particularmente quando não há chuva. Eu realmente acho que dez mil anos de chuva é um pouco demais. Minhas meias podem até secar se eu as deixar aqui.

— Seria ainda melhor com um jogo de damas — insistiu a jovem. — Você não tem que me soltar. Só precisa me balançar e eu faço os movimentos. Então, se um dos seus aparecer, você pode me balançar novamente e eles não vão notar.

— Acho que eu poderia... — Giac deixou o livro e olhou para o mecanismo do guindaste. — Eu me pergunto se seria essa roldana ou talvez essa alavanca...

— Não! A alavanca não! — gritou Suzy.

Giac retirou a mão, que estava prestes a puxar a alavanca que liberaria o gancho e enviaria Suzy em uma queda para a morte certa.

— Deve ser a roda, então — concluiu ele. Começou a girá-la e o guindaste respondeu, movendo-se em seu eixo até Suzy ser trazida de volta ao piso da varanda.

— Bom trabalho — elogiou Suzy. — Suponho que você ainda não queira usar o jogo de Meio-Dia, estou certa?

Giac concordou.

— Bem, pegue um pedaço de papel e desenhe um tabuleiro de xadrez para nós.

Enquanto Giac buscava uma folha de papel e uma caneta de pena na mesa mais próxima, Suzy afastou-se um pouco do Habitante, de modo que ele não pudesse vê-la mover dois dedos sob a corda em volta da cintura e mexer em um dos bolsos do cinto de utilidades. A garota só poderia alcançar um bolso, e ela sabia que não havia nada de muito útil lá dentro: uma faca, por exemplo. Mesmo assim, sempre otimista, Suzy pensava que poderia haver *alguma coisa*. Deu trabalho, mas ela finalmente conseguiu alcançar uma barra de sabonete a seco de melhor qualidade. Lentamente, deslizou-o para a mão.

“Sabonete Florescente”, pensou. “O que é que eu vou fazer com isso?”

— Isto vai servir — disse Giac, colocando uma folha de papel grosso no chão perto dos pés de Suzy e desenhando rapidamente um tabuleiro. — Vou pegar um pouco mais de papel para fazer as peças. Você quer ser azul ou branco?

— Azul — respondeu Suzy, virando-se novamente enquanto mexia a mão, de modo a poder empurrar a barra de sabão entre duas pontas da corda. Por ser a seco, o Sabonete Florescente era muito escorregadio, e Suzy pensou que poderia usá-lo como uma arma se conseguisse segurá-lo bem e acertá-lo no lugar certo. — O que seu amigo está fazendo?

— Hum? Aranj? — perguntou Giac.

Ele olhou para a outra Feiticeira Excedente, que tinha parado de andar ao lado da porta e agora estava sentada com as pernas para cima e o rosto nos joelhos, parecendo mais uma aranha preta esmagada.

— Ela entrou em um vale do desalento. Além disso, não ajudou muito o fato de você ficar falando sobre nossas cabeças serem cortadas.

— O que é um vale do desalento? — perguntou Suzy.

— Depressão aguda — respondeu Giac enquanto rasgava uma folha de papel azul. — Resultado do afastamento do mundo. Acontece com muitos de nós Feiticeiros Excedentes. Eu tive uma crise mil anos atrás. Mas não foi muito grave, não. Durou apenas vinte ou trinta anos. Suponho que eu devesse estar sofrendo agora, mas você estava certa sobre o jogo. Mal posso esperar nossa partida...

Nesse momento, Suzy forçou os dedos com um estalo, e o sabonete disparou. Atingiu um lado da cabeça de Giac, mas com pouca força.

— Ai! — gritou ele. Olhou em volta freneticamente, mas Suzy ainda estava amarrada e já havia voltado para o lugar. — Quem fez isso?

— Não sei — respondeu Suzy. — Apareceu do nada.

Giac pegou o sabonete e olhou para ele.

— Sabonete da macacada da graxa — disse ele. — Provavelmente pensaram que seria engraçado atirá-lo aqui de algum lugar de lá de cima. Bom... Vamos começar.

— Você primeiro — falou Suzy.

Giac concordou e começou a colocar as damas de papel no tabuleiro improvisado. Tinha acabado de arrumá-las quando uma brisa soprou, levantou as peças, carregou-as para a beirada da varanda, girou-as no ar e as levou para longe.

— É melhor usarmos o tabuleiro e as peças de Meio-Dia — sugeriu Suzy.

— Vamos fazer o seguinte: se você não quer tocá-lo, então você me solta e eu faço todos os movimentos. Assim poderá dizer que nunca chegou perto dele.

— Não sei... — disse Giac. Olhou ansiosamente para o tabuleiro. — Gosto tanto de jogar e faz tanto tempo que não jogo nada...

— Você me tira daqui e jogamos damas até alguém aparecer. Se for seu supervisor, basta dizer que escapei um minuto atrás. Se forem os Novicas do Tocador de Gaita, você pode mudar de lado.

— Mudar de lado? — perguntou Giac. — Hum, como eu poderia fazer isso?

— Bem, você diz que parou de servir a Sábado Superior e começou a servir ao Tocador de Gaita... ou a outra pessoa. Lorde Artur, por exemplo.

— Só isso? — perguntou Giac admirado.

— E você acha que funcionaria?

— Bem, acho que sim — respondeu Suzy. — Contanto que você não vá correndo contar para Sábado. Ou para um de seus Habitantes Superiores, como o Meio-Dia.

— Mas eles estão lá em cima — ponderou Giac, apontando com o dedo.

— Invadindo os Jardins Incomparáveis. Eu poderia mudar de lado *agora*.

— Vamos por partes — pediu Suzy. — Uma coisa é mudar de lado, outra coisa completamente diferente é o outro lado aceitá-lo.

O meio sorriso que tinha começado a se formar no rosto de Giac desapareceu.

— Eu sabia que não podia ser tão fácil assim...

— Claro que você *será* aceito se me soltar — prosseguiu Suzy. — Isso é a primeira coisa a fazer. Por isso, continua sendo bastante fácil.

— Você mencionou Lorde Artur — interrompeu Giac. — Quantos lados há mesmo? Quer dizer, além do lado de Sábado?

— É um pouco complicado — respondeu Suzy rapidamente. — Vou explicar tudo quando você me descer daqui. Posso desenhar um diagrama.

— Eu gosto de diagramas — informou Giac.

— Ótimo! — exclamou Suzy. — Tire-me daqui e desenhos um para você. Depressa!

— Tudo bem — respondeu Giac, e algo parecido com um pequeno sorriso cruzou seu rosto. Aquela foi a primeira vez que Suzy viu um olhar feliz, mesmo que remotamente, em um Feiticeiro Excedente.

Giac puxou a alavanca e Suzy caiu no chão da varanda. O Habitante andou a passos largos e começou a desfazer os nós.

— Sou um rebelde — concluiu Giac alegremente. — Você acha que vou conseguir um uniforme? Algo colorido? Eu adoraria algo vermelho...

E, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, algo grande e escuro apareceu no ar e atingiu o Feiticeiro Excedente na parte de trás da cabeça, atirando-o contra Suzy. Como Giac não tinha desfeito nenhum nó, Suzy ainda estava presa. Tudo o que ela podia fazer, portanto, era usar o corpo inconsciente de Giac como proteção.

— Suzy Azul-Turquesa? — perguntou o objeto preto, que estava mudando a forma de uma espécie de bola de boliche feita de letras minúsculas girando para a forma de um corvo composto por letras minúsculas girando.

— Sim — respondeu Suzy. — Deixe-me adivinhar: Sexta Parte do Testamento, não é?

— A seu dispor... — respondeu o corvo -... em certo sentido. Vim para resgatá-la, conforme instrução de Lorde Artur.

Suzy bufou.

— Não preciso de nenhum resgate — protestou ela. — Eu já estava com tudo organizado, não estava? Mas você acabou de nocautear o Habitante que ia me desamarrar. Onde está o Artur?

— Humm... não tudo... humm... certamente — disse o corvo enquanto puxava um nó com o bico. — Ali... Pode sair.

Suzy deslizou para fora dos laços soltos e verificou Giac. Ele estava inconsciente, mas o sorriso fraco ainda estava em seu rosto, o que sugeria que ele poderia estar sonhando com um uniforme colorido. Ela olhou para Aranj

também, mas a outra Habitante não tinha olhado para cima e ainda estava agachada, rejeitando completamente o mundo ao seu redor.

— Como você conseguiu nocautear um Habitante? — perguntou Suzy. — Eu tentei uma ou duas vezes, mas nenhuma funcionou.

— Não é a força do golpe, mas a autoridade com a qual ele é dado — explicou o corvo.

— Humm — fez Suzy, caminhando ao lado do jogo de xadrez e olhando para a Sexta Parte do Testamento. — E então? O que aconteceu com Artur?

— Depois de me liberar e garantir a Sexta Chave, Lorde Artur entrou na Escada Improvável rumo a um destino ou alguns destinos desconhecidos — relatou o corvo. — O que significa que, até que ele retorne, cabe a nós assegurar sua posição aqui.

— Então, ele está com a Chave... — concluiu Suzy com satisfação. — Eu disse que ele conseguiria. Como é que vamos garantir a posição dele, então?

Enquanto falava, Suzy pegou a Rainha de ouro maciço do jogo de xadrez de Meio-Dia e preguiçosamente colocou-a em um dos bolsos de seu cinto de utilidades.

— Devemos abrir a porta para um poço de elevador que vá até o Grande Labirinto — respondeu o corvo. — Fazer contato com minhas outras partes e trazer as tropas para garantir a segurança desta torre e da entrada para os Jardins Incomparáveis.

— Certo — concordou Suzy. — Isso não deve ser muito difícil. Aonde vamos para abrir a porta de um poço de elevador?

— Os Feiticeiros Excelentes reservados para bloquear os elevadores estão nos níveis 6860-6879. Precisamos acessar uma mesa em um desses níveis.

— E se eles ainda estiverem cheios de Feiticeiros? Ou tiverem sido tomados pelo Exército do Tocador de Gaita?

— O Exército do Tocador de Gaita não passou dos níveis mais baixos — respondeu o corvo. — Ou pelo menos não tinha passado quando olhei pela última vez. Há ainda um grande número de tropas menores de Sábado lá embaixo.

— Certo, então — disse Suzy. Ela caminhou de volta até Giac, colocou-o sentado e bateu levemente em sua bochecha. — Vamos, Giac! Acorde, margarida!

— O que você está fazendo? — perguntou o corvo. — Você vai acordá-lo!

— Eu sei — respondeu Suzy. — Ele pode vir a calhar. E está do nosso lado agora. Não está, Giac?

Ainda tonto, Giac olhou para ela.

— Sim — murmurou. — Acho que sim. Qual é o lado mesmo? Será que você pode desenhar um diagrama?

— Vou desenhar um depois — disse Suzy. — Agora, onde tem um elevador? Ou a Grande Corrente? Mostre o caminho, Giac!





Capítulo 3

A Escada Impossível tornou-se real e Artur saltou no primeiro degrau. Mas, quando deixou o mundo estranho para trás, centenas de feixes de energia cruzaram o ar onde ele estivera, e um deles atingiu um lado de sua cabeça. Nem a carne e os ossos magicamente transformados de Artur poderiam suportar um golpe tão forte. Era como se um picador de gelo penetrasse seu cérebro, um golpe de frio, intenso e entorpecente, que o fez recuar por um segundo. Tropeçou na escada e quase perdeu o equilíbrio antes que algum instinto primitivo isolado de qualquer consciência o impelisse a subir cambaleando pelos degraus.

Sangue dourado escorria por seu rosto e pingava sobre a escada. Artur limpou-o e sentiu que devia haver um buraco na lateral da cabeça, acima de onde antes havia uma orelha.

“Minha orelha já era”, pensou Artur, enquanto o choque percorria seu corpo. “Vou morrer... mas eu não posso morrer...”

Deu mais alguns passos cambaleantes. Havia sangue dourado em seus olhos, e um terrível frio estava se espalhando pelo lado direito de sua cabeça, descendo rapidamente pelo braço e pela perna. Tornava-se cada vez mais difícil se mover, então ele teve que subir com o pé esquerdo e, em seguida, arrastar a perna direita. Se aquilo piorasse, ele certamente cairia pela Escada Improvável até algum lugar ainda mais letal...

“Tenho que chegar a algum lugar seguro, algum lugar onde possa me recuperar”, pensou Artur. Ele tentou visualizar o Quarto de Quinta-Feira, mas não conseguiu. Da mesma forma que um animal ferido que deseja apenas a própria cova, tudo o que o garoto conseguia pensar era em sua cama, em seu quarto na Terra.

“Mas eu não deveria ir para lá... Ele vai reiniciar o tempo, e o Exército vai destruir o hospital. E eu não estou em condições de fazer nada. Já faz bastante tempo que não me deito em minha cama... tanto tempo... minha cama...”

A Escada Improvável desapareceu e Artur caiu em sua cama. Lá estava ele, atordoado, pelo que parecia ser um longo, longo tempo. Ele não conseguia se mover e, depois de um tempo, percebeu que só conseguia enxergar com o

olho esquerdo. Então se virou para o lado, para tentar verificar o quarto com o olho bom. Havia pouca luminosidade do lado de fora da janela, onde o céu mostrava o brilho fraco que precede o amanhecer. A luminária de mesa estava acesa, emitindo um círculo de luz bastante tênue. O relógio na parede mostrava 10h10, mas não poderia ser, pois havia bastante luz exterior. Artur observou o ponteiro dos minutos e viu que o relógio estava parado — talvez havia dias.

Tirando o relógio parado, o quarto parecia estar exatamente como sempre esteve, o que Artur supôs ser um bom sinal. Até o relógio parado podia ser um sinal positivo, pois o próprio tempo ainda podia estar congelado, provisoriamente interrompido pelo poder da Quinta Chave. Artur havia feito isso porque o Exército, temporariamente controlado por Pravuil, servo de Sábado disfarçado de general, estava prestes a destruir o Hospital da Zona Leste com pequenas armas nucleares, a fim de supostamente erradicar a Praga do Sono, a Mancha Cinza e outros vírus que foram sitiados no hospital.

Artur esperava que ainda fosse alguns minutos antes da meia-noite de sexta-feira e que ele pudesse voltar no tempo para impedir adequadamente o ataque nuclear.

Quando ele parou o tempo, houve uma estranha coloração avermelhada na luz que não estava vendo naquela hora. E o que era pior, Artur havia retornado dos Jardins Incomparáveis, mesmo que indiretamente. Retornar dos domínios da Sétima Casa significaria retornar à Terra em um domingo — e para ser domingo, o tempo deveria ter passado desde que ele o congelara na sexta-feira.

Isso significava que provavelmente fazia mais de um dia que o Exército havia atacado o hospital. E a única razão de tudo parecer bem era o fato de a casa de Artur estar longe o suficiente para não ter sido destruída pela explosão.

“Embora ainda tenha sido afetada pela radiação”, pensou Artur e tentou se levantar. Se algum membro de sua família estivesse em casa, ele precisava ajudá-lo. Esperava que a mãe estivesse lá, mas intimamente sabia que isso não aconteceria, pois sabia que ela não estava na Terra desde antes de ele derrotar Lady Sexta-Feira e, provavelmente, era prisioneira de Sábado Superior, ou de Lorde Domingo, ou até mesmo do Tocador de Gaita.

Pelo menos seu pai estava a uma distância segura, em turnê com a banda *The Ratz*. Seu irmão mais velho, Erazmuz, estava no Exército, na operação de limpeza que se seguiria ao ataque nuclear. Staria, Patrick e Suzanne, assim

como Erazmuz, eram bem mais velhos e viviam em outras cidades. Assim, sobrava a irmã, Michaeli, e outro irmão, Eric, que viviam em casa, pelo menos teoricamente, já que ambos passavam bastante tempo com os amigos. Mas eles poderiam estar ali, e em perigo. Ele tinha que se levantar e verificar.

Mas, quando tentou se mover, sentiu a dor na cabeça piorar, e a paralisia gelada que afetava todo o lado direito do corpo ficou mais forte.

Artur fechou o olho bom. Lentamente, a mão parecendo ridiculamente fraca, mexeu no bolso e, com os dedos ensanguentados, segurou a Quinta Chave. Usar magia ali na Terra era ruim, já que ela podia afetar o mundo de uma forma negativa, mas ele realmente não tinha outra escolha a não ser usar uma das duas Chaves para limitar os efeitos colaterais no mundo ao seu redor. Não podia esperar até seu corpo estar curado, embora soubesse que isso provavelmente aconteceria com o tempo. Seria preciso usar magia para acelerar a cura.

Tentou não pensar no buraco que havia sentido na cabeça e que, neste caso, “cura” provavelmente significava renovar parte de seu cérebro. Agarrou o Espelho mais forte, concentrou a mente no que queria que acontecesse e murmurou ferozmente:

— Quinta Chave! Por favor me cure, me deixe bom o mais rápido possível!

Uma dor terrível e explosiva subiu por seus dedos. Ele gritou e começou a chorar. Contorcendo-se de um lado para o outro, os ossos de sua coluna vertebral estalavam. Ele sentiu o crânio se reconstruindo e a pele se esticando. A agonia era quase insuportável.

E então acabou. Sentia o corpo mole e cansado, mas, de resto, tudo parecia estar bem. Abriu cautelosamente o olho direito. Podia ver perfeitamente, mas, apenas para testar, leu os títulos nas lombadas dos livros na prateleira acima da escrivaninha. Ficou aliviado com o fato de, mesmo sob a luz fraca da luminária, poder ler até as menores letras.

Estava prestes a desviar o olhar quando viu o pequeno livro no extremo da prateleira, um livro que lançava uma luz azul suave e ondulada. Abriu os dois olhos para se certificar do que estava vendo. Quando teve certeza, pulou da cama e pegou o volume da prateleira. Depois, sentou-se segurando com a mão direita o volume fino de lombada verde.

O Atlas Completo da Casa e do Entorno estava novamente em suas mãos.

Artur deu um tapinha na capa e em seguida guardou cuidadosamente o volume no bolso prata. Enquanto endireitava-se, vislumbrou seu reflexo no

espelho que havia na parte de trás da porta, o espelho que sua mãe insistira em colocar lá para que ele pudesse se lembrar de pentear o cabelo antes de descer para o café da manhã.

Examinou o reflexo durante alguns segundos. Em seguida, aproximou-se do espelho para estudar o que tinha se tornado. Ele tinha sido curado, é verdade. Mas também tinha sido transformado novamente. Os cabelos agora eram fios de ouro, estavam perfeitamente arrumados e brilhantes. A pele ganhou um vermelho-bronze profundo, era lisa e sem poros. Não havia branco em seus olhos, apenas um suave brilho dourado em torno de pupilas e íris completamente negras.

“Eu pareço um tipo de androide”, pensou Artur amargamente. “Ou uma estátua fora da base.”

Observou-se por um longo momento antes de olhar para o anel crocodilo em seu dedo. O artefato estava inteiramente de ouro. Nem um vislumbre de prata havia permanecido para mostrar que um último vestígio de humanidade mantivera-se em seu sangue e em seus ossos. O corpo era cem por cento Habitante. Ou talvez algo mais, já que o ouro brilhava com uma suave luz própria, em uma cor que variava do rosa dourado ao metal puro, passando por um amarelo manteiga.

Artur fechou os olhos por um momento e balançou a cabeça, tentando se livrar dos sentimentos de autopiedade que cresciam dentro dele.

— Eu não... Eu não me importo — murmurou baixinho. — Tenho um trabalho a fazer. Não importa o que eu tenha me tornado. Não importa o que eu pareça.

Abriu a porta e desceu as escadas com passos suaves.

“Espero que não tenha ninguém em casa”, ele não conseguia deixar de pensar. “Espero que eles estejam seguros em outro lugar. E que não tenham que me ver desse jeito.”

A casa estava muito quieta. Artur deslizou silenciosamente pelas escadas, parando para ouvir a cada quatro ou cinco passos. Ele tinha aprendido a ser cauteloso. Também se perguntava o que ele deveria fazer. Não podia ficar, isso era certo. Precisava voltar para a Casa assim que pudesse. Mas, antes de fazer isso, talvez precisasse parar o tempo novamente. Ou talvez tentar limpar o que tinha acontecido...

Antes de entrar na sala de estar, Artur parou e respirou profundamente. Ainda achava incrível que pudesse respirar fundo e que o oxigênio fosse

diretamente para seus pulmões, exalado sem chiados ou dificuldades. Sua asma, assim como seu velho corpo e até seu velho rosto, aparentemente havia desaparecido para sempre.

Depois daquela profunda tomada de ar, Artur entrou na sala e parou, como se tivesse atingido uma parede. Lá estava sua *mãe*, sentada no sofá, lendo uma revista médica eletrônica, como se nunca tivesse desaparecido. Como se o mundo exterior estivesse normal, como se todas as coisas que tinham se passado com ele, com sua família e com a cidade nunca tivessem acontecido.

Artur deu um passo para a frente, pronto para se lançar sobre ela e abraçá-la o mais forte que pudesse para recapturar aquela sensação de segurança que ele sempre sentiu em seu abraço.

Entretanto, depois do primeiro passo, Artur hesitou. Ele tinha mudado tanto, estava tão diferente que Emily talvez não o reconhecesse. Ou talvez pudesse ficar com medo do que ele havia se tornado.

As duas as situações eram demasiado horríveis para enfrentar. A hesitação de Artur transformou-se em um medo terrível e ele começou a se afastar. Assim que fez isso, Emily abaixou a revista e virou a cabeça, olhando diretamente para ele. Os olhos de Artur encontraram-se com os de Emily, mas não havia reconhecimento nem medo em seu olhar. Na verdade, ela olhou *através* dele.

— Mãe — chamou Artur, com voz fraca e incerta.

Emily não respondeu. Bocejou e desviou o olhar, então pegou novamente a revista e tocou na tela para abrir um artigo diferente.

— Mamãe! — Artur caminhou até ela, parando atrás da cadeira em que ela estava. — Mãe!

Emily não respondeu. Artur estendeu a mão para tocar-lhe o ombro, mas parou a um centímetro de distância. Ele podia sentir um estranho formigamento elétrico nos dedos, as juntas pulsando com a dor da feitiçaria. Lentamente, ele puxou a mão de volta. Não queria liberar acidentalmente um feitiço que pudesse prejudicá-la ou até mesmo matá-la. Em vez de tocá-la, estendeu a mão para cobrir a tela da revista. Mas ela continuou lendo, como se simplesmente não houvesse nada lá.

O artigo era sobre a Praga do Sono, Artur viu. O título era “Primeira Análise do Vírus F/201/Z, causador da ‘Praga do Sono’” e o texto tinha sido escrito pela dra. Emily Penhaligon. A Praga do Sono tinha sido o primeiro dos vírus gerados pela presença da Primeira Chave e de outras intrusões da Casa.

Embora tivesse sido levado pela Carpideira Noturna que Artur trouxera da Casa Inferior, outros vírus haviam sido criados pelos poderes da Casa que não deveriam estar na Terra. Emily era uma médica pesquisadora de renome, mas não fazia ideia do verdadeiro motivo de aqueles novos vírus de repente terem aparecido.

Artur tirou a mão e foi sentar-se na outra cadeira da sala. Ficara bastante aliviado ao ver a mãe, pois, de alguma forma, ela havia retornado com segurança para casa. Agora o alívio tinha passado. Ele não podia ter certeza de que era Emily sentada em sua frente ou até mesmo de que aquela era, de fato, sua casa.

— É melhor dar uma olhada — disse em voz alta, mas Emily não reagiu. Ele a observou por mais alguns segundos, em seguida levantou-se e desceu para a cozinha.

A tela na porta da geladeira, que Artur esperava estar funcionando para poder verificar a hora, a data e alguma notícia, estava em branco.

Virou-se para seguir para o estúdio do pai em busca do computador que havia lá, mas antes percebeu algo incomum do outro lado da janela da cozinha. Deveria ter sido capaz de ver a luz do amanhecer chegar, mas ela estava bloqueada por alguma coisa verde pressionada contra o vidro.

Aproximou-se. Havia uma árvore espessa ou talvez uma copa cada vez maior na frente da janela. A folhagem era tão densa que ele não conseguia ver nada através dela. Mas não havia uma árvore lá antes, e não devia haver nada além de terra vazia do lado de fora da cozinha, já que Bob ainda não tinha tido tempo de projetar nenhum tipo de paisagismo.

O garoto dirigiu-se até a porta da cozinha e puxou-a. A porta abria para dentro, o que era algo bom, já que havia uma parte sólida da copa verde do lado de fora. A folhagem não permitia que Artur visse nada através dela nem tivesse alguma ideia de quão longe se estendia.

Uma coisa estava clara: a área ao redor da casa tinha sido transformada, e esse fato se somava à crescente suspeita do garoto de que aquela não era realmente sua casa.

Sentou-se à mesa da cozinha e pegou o Atlas Completo da Casa. Parecia o livro verdadeiro. A Primeira Dama havia dito que o livro provavelmente reapareceria em algum lugar perto e que ele precisava verificar estantes. Havia apenas uma maneira de descobrir e verificar exatamente onde ele estava e o que estava acontecendo.

Artur colocou o Atlas sobre a mesa e disse:

— Preciso saber onde estou.

Estava prestes a pegar suas Chaves e usar o poder para ativar o Atlas, mas não precisou. Seu toque era mágico o suficiente. O Atlas abriu e cresceu até ficar do tamanho de uma revista brilhante. A página dupla em que se abriu estava em branco no início. Em seguida, escritas começaram a aparecer na página da esquerda, muito mais lentamente do que quando Artur tinha olhado antes. Era como se a mão invisível estivesse sendo segurada ou atrapalhada de alguma forma, pois as letras não apenas demoravam para aparecer como eram um rabisco quase ilegível, em vez da bela escrita em cobre do Atlas normalmente usado.

Artur adivinhou o que o Atlas diria antes de a primeira palavra estar completa.

Jar...

— Mas como isso pode ser os Jardins Incomparáveis? — perguntou Artur logo que as palavras foram concluídas, um longo minuto depois. — E por que minha casa e minha mãe estão aqui?

Não posso responder... relutância da Sétima Chave... Veio a resposta depois de uma eternidade. A última palavra era quase ilegível, a letra final não passava de uma gota de tinta.

— É realmente a Emily lá em cima? — perguntou Artur. Concentrou-se mais fortemente no Atlas e colocou as mãos no bolso para segurar e tirar o poder de ambas as Chaves, o espelho na mão esquerda e a caneta na direita. Ele podia sentir algo relutante, algum poder opondo-se àquela tentativa de usar o Atlas. Era como se uma presença invisível estivesse pressionando seu rosto, tentando empurrar a mesa e o livro aberto para longe dele.

Artur lutava contra aquela força, embora tenha se lembrado da Primeira Dama dizendo que a Sétima Chave era suprema, a mais poderosa de todas e, como as outras, ainda mais forte em sua dimensão. “Então”, ele pensou, “como o poder de duas Chaves permitiria ter alguma chance contra a Sétima?”

O Atlas escreveu lentamente uma única letra disforme. Artur não pôde ver isso por um momento, até que finalmente virou a cabeça um pouco e viu que era um S, a que se seguiram muito lentamente duas outras letras.

—”Sim” — leu Artur em voz alta.

Mas o Atlas continuou escrevendo. Outra palavra apareceu, cada letra meticulosamente revelada após vários segundos.

— ...”e...” — leu Artur, e então: —”Não”.

—”Sim e não”? Como pode ser “sim e não”? — Artur perguntou enfurecido, sentindo a raiva crescer dentro dele. — Como este Atlas ineficaz se atreve a ser tão lento e tão inexato?

— Preciso de uma resposta! — gritou Artur, batendo na mesa com as Chaves e pensando furiosamente no Atlas. — O que quer dizer “sim e não”?

Mas o Atlas não escreveu mais nada e Artur sentiu o poder que fazia oposição a ele crescer e ficar mais forte. O poder continuava empurrando seu rosto, e o garoto se viu virando a cabeça, incapaz de continuar olhando para o Atlas, independentemente do quanto tentasse.

Em seguida, com um estalo, Artur virou a cabeça e olhou por cima do ombro esquerdo. Com um piscar de olhos, o Atlas se fechou ruidosamente e voltou ao seu tamanho normal.

Artur rosnou e sua visão tingiu-se de vermelho, um vermelho que pulsava em harmonia com as batidas rápidas do coração. Ele parou de pensar conscientemente. Em um segundo, estava à mesa, a raiva cada vez maior. No que pareceu ser o próximo segundo, encontrou-se de pé sobre os destroços da mesa, as mãos cerradas em punhos e lascas de madeira saindo das juntas. O Atlas, intacto, estava no topo da pilha de madeira quebrada.

Artur olhou para o livro e para a madeira lascada e ficou chocado com o que havia feito, pois a mesa era antiga e imensamente sólida, de modo que não poderia ter sido esmagada mesmo pelo mais forte dos homens sem o auxílio de uma marreta. O garoto ficou ainda mais chocado com o fato de ter feito aquilo involuntariamente, de ter ficado com tanta raiva a ponto de atacar inconscientemente o móvel.

A raiva ainda estava lá, latente ao longe, como um fogo que precisasse apenas de uma simples respiração para brilhar novamente. Aquilo o assustava porque vinha do nada e era demasiado poderoso. Artur nunca tinha sentido isso antes. Ele não era uma pessoa enfurecida. Pelo menos não antes de se tornar o Herdeiro Legítimo. Mais uma vez, como tinha pensado tantas vezes, ele desejou não ter sido escolhido pelo Testamento para ser o Herdeiro, mesmo tendo sido advertido de que morreria de um ataque de asma. Essa fora a única razão pela qual ele tinha sido escolhido, segundo lhe dissera o Testamento. Ele queria um mortal, e um mortal que estava prestes a morrer.

Artur estremeceu e se obrigou a respirar longa e lentamente. Contou até seis enquanto inspirava e, depois, mais seis enquanto expirava. Fazendo isso,

sentiu a raiva diminuir. Tentou visualizá-la sendo forçada de volta em uma pequena caixa trancada, uma caixa da qual não poderia sair sem que ele a libertasse conscientemente.

Depois de alguns minutos, Artur se sentiu um pouco mais calmo e pôde pensar no que estava acontecendo.

“Certo, estou em alguma parte dos Jardins Incomparáveis. Preciso sair, voltar para o Grande Labirinto e reunir o Exército da Arquiteta para invadir a Casa Superior.”

Artur parou no meio do pensamento. Aquilo era o que a Sexta Parte do Testamento havia sugerido, mas talvez não fosse a melhor estratégia de ação. A Primeira Dama e o Investigador-Chefe de Quinta-Feira poderiam organizar o Exército sem ele e, qualquer que fosse o resultado de uma batalha, ele ainda precisaria encontrar a Sétima Parte do Testamento e libertá-la. Então, com a ajuda dela, poderia forçar Domingo a desistir da Sétima Chave. De posse da Sétima Chave, não importaria se Sábado ou o Tocador de Gaita tivessem conquistado os Jardins Incomparáveis. Com todas as Sete Chaves, Artur seria capaz de derrotar qualquer oposição. E, o mais importante de tudo, poderia deter a maré de Nada que estava destruindo a Casa.

“Tudo o que tenho a fazer é encontrar o Testamento”, pensou Artur com súbita clareza. “Já fiz isso antes, posso fazer de novo. Estou em sintonia com o Testamento. Estou nos Jardins Incomparáveis, e o Testamento deve estar em algum lugar aqui. Vou concentrar minha mente e ele vai me dizer onde está.”

Embora esse fosse o pensamento mais acentuado na mente de Artur, outra pequena parte dele não tinha tanta certeza. Enquanto ele tentava concentrar seus pensamentos no paradeiro da Sétima Parte do Testamento, uma boa parte de seu subconsciente também estava tentando lhe dizer que aquela poderia não ser uma boa ideia, pois poderia alertar Lorde Domingo de sua presença e que, apesar das duas Chaves em seu bolso e do excesso de confiança que elas lhe davam, Lorde Domingo e a Sétima Chave provavelmente o temiam muito pouco, principalmente pelo fato de ele não ter nenhum aliado.

No entanto, o furioso e triunfante Artur era mais poderoso. Ele abaixou a cabeça quando finalmente encontrou a Sétima Parte do Testamento.

Estava começando a senti-la debilmente quando a copa verde da árvore de repente tremeu e se abriu. Um menino, uma criança do Tocador de Gaita, atravessou o fosso e, sem nenhuma palavra de aviso, lançou-se contra Artur com um tridente de jardinagem de quase 2 metros de comprimento e com os

dentes vermelhos ardentes, exalando um calor tão intenso que o ar ao redor fumegava.





Capítulo 4

Folha ajustou a máscara cirúrgica que estava usando para manter a poeira radioativa longe dos pulmões. Ela também usava um jaleco branco, luvas cirúrgicas e uma touca de banho plástica floral na cabeça. Em outra época, as pessoas na fila teriam rido dela, mas agora todas usavam estranhas combinações de chapéus e lenços na cabeça, capas de chuva e luvas de borracha, tudo para evitar a poeira radioativa.

Ela estava na fila para tentar conseguir um pouco de água, comida e medicamentos antirradiação desde o início daquela manhã de domingo. O Exército havia disparado suas armas nucleares no Hospital da Zona Leste há quase vinte e oito horas pingos, um minuto depois da meia-noite de sábado, iniciando 24 horas infernais para Folha, Martine e todos os que dormiam no hospital particular de Sexta-Feira.

Teria sido ruim o suficiente para Folha, sem contar a responsabilidade de cuidar de todas as pessoas que haviam sido colocadas para dormir por Lady Sexta-Feira, que queria colher as memórias delas. Depois da derrota de Sexta-Feira, Folha havia guiado as pessoas adormecidas de volta da caverna do outro mundo de Sexta-Feira apenas para descobrir a guerra nuclear iminente. Depois, quando Artur deu início à parada do tempo, Folha precisou improvisar uma tentativa frenética e não inteiramente bem-sucedida de levar todos para um nível subterrâneo.

Embora o prédio de Sexta-Feira estivesse a pouco mais de 1,5 quilômetro do Hospital da Zona Leste, havia entre eles uma pequena colina e um armazém alto e sólido, de modo que o lugar sofrera poucos danos com a forte explosão das armas nucleares. No entanto, havia pequenos focos de incêndio nas cercanias e tudo estava contaminado pela radiação, embora ninguém soubesse o quão ruim era essa contaminação e Folha não tivesse conseguido descobrir. Para tornar a situação ainda mais complicada, todos os sonâmbulos tinham acordado durante a manhã de sábado. Desorientados, tentavam simplesmente se levantar e ir embora, o que era um problema, já que todas as portas precisavam ficar fechadas, tanto para manter as partículas radioativas do lado de fora quanto os sonâmbulos do lado de dentro.

Uma hora após o ataque nuclear, caminhões especiais do corpo de bombeiros haviam apagado os focos de incêndio com água e espuma, embora os bombeiros não tivessem saído dos veículos. Em seguida, apareceram veículos blindados de transporte de pessoal, que subiam e desciam as ruas instruindo pelos megafones os civis a ficarem do lado de dentro, manterem as portas e janelas trancadas e aguardarem novas ordens.

Essas novas ordens haviam chegado na noite de sábado, acompanhadas por estações de ajuda que seriam abertas na manhã seguinte para distribuir água, alimentos e medicamentos. Cada casa tinha recebido ordens para enviar um membro, e foram emitidos avisos a respeito do uso de luvas, máscara de algum tipo e um casaco, tudo que pudesse ser descartado antes de as pessoas retornarem para suas casas.

Folha tinha saído para obter ajuda para as pessoas adormecidas, entre as quais estava sua tia Manga. Lady Sexta-Feira nunca teve a intenção de que seu hospital particular realmente atendesse pacientes vivos, então não havia muita comida ou medicamento lá, e a única água que eles sabiam que não estava contaminada era a de um galão no filtro que havia no escritório principal, mas, sendo compartilhado por tantas pessoas, daria apenas para um mero gole.

Folha passou a língua pela boca seca enquanto pensava naquele galão de água. Ela podia ver as pessoas à sua frente na fila voltarem carregando grandes recipientes fechados de água e bolsas do Exército que provavelmente estavam cheias de alimentos e medicamentos.

Ela tentou explicar a um dos soldados que não era de uma casa normal e que precisava de mais ajuda, mas ele se recusou a ouvi-la, dizendo-lhe que ela deveria entrar na fila. Ela ainda tentou argumentar, mas ele apontou a espingarda e repetiu a ordem para que entrasse novamente na fila. A voz dele através da máscara de gás soou nervosa, então ela recuou.

Depois de uma hora de espera, ela estava quase na mesa onde dois outros soldados, grandes e esquisitos em macacões especiais, verificavam as pessoas antes de lhes entregarem a ajuda. Outros dois soldados estavam por perto, com seus fuzis preparados, e um tanque de guerra estava estacionado apontando uma arma para a longa fila de pessoas que se estendia atrás de Folha. De certa forma, parecia que eles estavam em território inimigo, e não em uma missão de ajuda em seu próprio país. Em seguida, porém, Folha imaginou que os soldados estavam nervosos porque temiam que algumas pessoas os atacassem, afinal eles haviam destruído o hospital e espalhado

radiação na região ao redor, supostamente a fim de esterilizá-la contra novas infecções virais.

— Nome? — perguntou um soldado quando Folha chegou à mesa. Mesmo através da máscara, ele pareceu mais amável do que o soldado com o qual Folha havia falado pouco antes. — Quantos na família? Alguém contaminado?

— Meu nome é Folha, mas não estou aqui por causa de minha família. Vim em nome do hospital particular de Sexta-Feira, a três quarteirões daqui. Temos mais de mil pacientes... e precisamos de ajuda.

— Humm... mil pacientes? — perguntou o soldado. Folha não conseguia ver o rosto por trás da máscara, nem mesmo os olhos, já que as máscaras do Exército tinham visores coloridos, mas o soldado parecia chocado. — Um hospital particular?

— Acho que são mil e sete pacientes — explicou Folha. — A maioria é de idosos, por isso muito poucos estão doentes. Quer dizer, por causa da radiação. Pelo menos, não ainda, mas porque já estavam doentes. Ou simplesmente porque são idosos.

— Humm... Vou ter que verificar essa informação — disse o soldado. — Aguarde ali, por favor.

Folha afastou-se enquanto o soldado apertava um botão ao lado da máscara e falava no rádio. A máscara abafou a voz, mas Folha pôde ouvir algumas palavras.

— Hospital particular... mil ou mais... não listado... Não, senhor... mapa...

Folha não entendeu as outras palavras. Em seguida, o soldado ficou em silêncio, ouvindo uma resposta que Folha não distinguiu. A resposta continuou por pelo menos um minuto até que o soldado virou-se e disse:

— O major Penhaligon está vindo para vê-la. Espere-o.

“Major Penhaligon?”, pensou Folha. “Esse deve ser o irmão de Artur, aquele que o alertou sobre o ataque nuclear.”

Folha observou o entorno enquanto esperava. O Hospital da Zona Leste ainda era visível, cerca de 3 quilômetros de distância, embora não passasse de uma casca com uma grande parede ainda de pé. Vários prédios em volta dele também tinham sido atingidos e ainda havia alguns carros do corpo de bombeiros lançando água nos destroços fumegantes. Também havia trinta ou mais tanques de guerra alaranjados com o grande Q de *Quarentena* pintado em preto na lateral e alinhados ao longo da estrada que ia para o hospital. O mais próximo estava com as portas traseiras abertas, e Folha viu que lá dentro havia

quatro prateleiras de cada lado, cada uma com vários sacos longos e alaranjados. Levou um momento para ela compreender que eram sacos para cadáveres.

Folha sentiu um terrível mal-estar no estômago olhando para os sacos de cadáveres. Até onde ela sabia, seus pais e seu irmão, Ed, tinham deixado o hospital na semana em que ela ficara inconsciente por causa da doença, mas ela não tinha conseguido confirmar isso. Tentou entrar em contato com eles em casa, que ficava há vários quilômetros dali, portanto era um pouco mais segura, mas todas as linhas tinham sido cortadas.

“Eles devem estar bem”, pensou Folha. “Eles precisam estar bem. Tenho que tentar não pensar neles. Tenho um trabalho a fazer.”

Ela desviou o olhar dos sacos alaranjados, mas a visão das pessoas na fila não era mais encorajadora. Embora só pudesse ver-lhe os olhos, todos pareciam assustados.

“Também estou com medo”, pensou Folha. “Talvez nós todos vamos morrer por causa da radiação. Olhe para os soldados: eles estão com equipamentos de proteção completos, máscaras de gás adequadas e tudo o mais. Mas, se Artur não conseguir parar a Casa e todo o universo for destruído, todos vamos morrer de qualquer jeito.”

— Senhorita — a voz atrás dela a fez se virar. Dois soldados estavam ali. Não tinham emblemas do Exército, mas tinham os nomes gravados. PENHALIGON e CHEN.

— Sou o major Penhaligon, e esta é a sargento Chen — apresentou-se o mais baixo. — Soube que você vem de um hospital particular próximo na Zona Leste?

— Sim — respondeu Folha. — Por acaso eu estava lá na noite de sexta-feira. Conheço uma das enfermeiras... Não há nenhuma outra equipe lá, mas tem cerca de mil idosos...

— Não temos informações sobre esse hospital — interrompeu o major. — Ele não está listado em lugar nenhum, então é melhor que isso tudo não seja nenhuma invenção sua...

— Ele está lá! — protestou Folha. — Venham comigo e eu lhes mostro. Se descobrirem que não é verdade, podem atirar em mim, ou me explodir, ou qualquer outra coisa em que vocês sejam bons. Vocês não são muito bons em ajudar as pessoas.

Uma onda de aplausos seguiu-se a essa fala de Folha. Ao olhar por cima do ombro, ela viu que a maioria das pessoas mais próximas na fila estava batendo palmas e havia até um homem que sacudia os punhos no ar. Uma mulher gritou:

— Diga para eles, moça: a gente quer ajuda, e não bombas!

— Tudo bem — disse o major Penhaligon e pressionou um interruptor debaixo do queixo, amplificando a voz o bastante para que as pessoas na fila pudessem ouvi-lo. — Vamos verificar. Permaneçam na fila e fiquem calmos — desligou o amplificador e se virou para Folha: — Onde fica esse hospital?

— A entrada principal é por ali, na esquina da Grande Avenida — informou Folha. — Vou mostrar.

— É no limite da zona de morte — comentou a sargento Chen. Ela era consideravelmente mais alta e maior do que o major Penhaligon. — Você estava dentro do prédio quando o ataque aconteceu, senhorita?

— Sim — respondeu Folha. — No subsolo, com alguns pacientes. Mas muitos estavam no piso térreo. O que quer dizer com “zona da morte”?

— Se você estava no subterrâneo, provavelmente está bem — comentou o major Penhaligon. Hesitou por um instante e então acrescentou: — A descarga inicial de radiação seria letal em qualquer lugar dentro do perímetro de 500 metros do ponto-alvo. Se houver um hospital lá, ele está no limite desse perímetro. Acho melhor irmos lá para dar uma olhada. Chen, dê à senhorita... humm, senhorita...

— Meu nome é Folha.

— Dê à senhorita Folha uma dose de CBL505.

— É um medicamento antirradiação — explicou Chen enquanto batia um autoinjeter contra o pescoço de Folha. Ela sentiu a picada da agulha antes que pudesse recuar. — O mesmo que há nos pacotes que estamos distribuindo para as pessoas. Senhor, se vamos nos aproximar da zona zero, devemos colocar a senhorita Folha em um traje apropriado.

— Certo — concordou o major Penhaligon. — Acompanhe-a até a... Descontaminação Quatro é a ala destinada ao sexo feminino, não é? Então, esterilize-a, entregue a ela um traje e depois mande me chamar. Tenho mesmo que cuidar de outro assunto.

— Sim, senhor — disse Chen. A sargento pegou Folha pelo braço e foi conduzindo-a para longe.

— Obrigada — agradeceu Folha. Então, ao pensar em Artur e em onde ele estava, acrescentou: — Você por acaso é parente de Artur Penhaligon?

O major Penhaligon se virou.

— Ele é meu irmão. Você o conhece? Sabe onde ele está?

— Ele é meu amigo — disse Folha. — Mas não sei onde ele está.

— Quando foi a última vez que o viu? — perguntou o major Penhaligon.

— Bem... em algum momento na semana passada — respondeu Folha de forma vaga.

— Ele mencionou alguma coisa estranha?

— O que quer dizer? — perguntou Folha, tentando manter o rosto impossível para não demonstrar nada que não devesse. Por definição, tudo aquilo com que Artur tinha se envolvido nos últimos tempos *era estranho*.

— A casa de nosso pai desapareceu — contou o major Penhaligon. — Não foi destruída. Simplesmente desapareceu. Localizei Michaeli e Eric: eles estão com alguns amigos, eles estão bem. Mas não consigo encontrar Artur nem Emily.

— Um monte de coisas estranhas tem acontecido por aqui — comentou Folha.

— Sim, é verdade — concordou o major Penhaligon. — Onde você viu Artur?

— No hospital — respondeu Folha. Ela não estava pronta para aquela pergunta repentina. — No hospital de Sexta-Feira, quero dizer. Com os idosos. Mas ele foi embora.

— E para onde ele estava indo?

Folha balançou a cabeça.

— Não sei.

— Quando foi isso?

— Sexta-feira à noite. Humm, depois que você ligou para ele.

— Depois que eu liguei para ele? — repetiu o major Penhaligon. — Mas eu liguei para ele do telefone de casa! Ele não teria tido tempo para chegar a lugar nenhum aqui por perto saindo de casa. Além do mais, de acordo com os vizinhos, a casa já tinha desaparecido...

— O telefone foi trocado completamente — disse Folha, o que era verdade. Ela simplesmente não podia dizer que tinha sido trocado por um telefone que se materializara do nada.

— Acho que isso explica como a casa poderia ter desaparecido. Mas, de qualquer forma, eu falei com Artur — O major Penhaligon balançou a cabeça. — Isso está ficando cada vez mais estranho. Não vejo como pode haver um hospital completamente cheio de pacientes que não esteja em nenhum banco de dados ou mapa. Vejo vocês na Descontaminação Quatro em quinze minutos. Sargento Chen, senhorita Folha. — Cumprimentou-as, virou-se e se afastou.

Chen puxou levemente o braço de Folha, direcionando-a para uma das ruas laterais.

— Por aqui — indicou ela. — Não é longe.

— Certo — concordou Folha. Ficou em silêncio durante os primeiros passos, apenas pensando em Artur, em sua família e em todos os sonâmbulos que estavam no hospital. Havia tanta coisa para fazer. Por um momento, ela se perguntou por que estava se preocupando, já que parecia que todo o Universo poderia ser apagado pelo Nada de qualquer maneira.

“Mas o Universo não pode acabar”, Folha pensava. “Para onde as pessoas iriam? Melhor fazer alguma coisa, e rápido.”

— Que outras coisas estranhas estão acontecendo? — perguntou à sargento Chen.

— Muitas — respondeu ela, sem entrar em detalhes.

Elas caminharam cerca de 20 metros e viraram na esquina seguinte. Folha viu que toda a avenida à frente estava tomada por dezenas de veículos do Exército e da FBA, a Agência Federal de Biocontrole. Os estacionamento das lojas e dos edifícios de ambos os lados da avenida estavam ocupados por cinco grandes tendas pressurizadas que logo ganhariam a companhia de três estruturas pré-fabricadas do tamanho da casa de Folha e que estavam em processo de ser descarregadas por semirreboques de grande porte.

Ameaçadoramente, os edifícios pré-fabricados ostentavam grandes cruzes vermelhas. Folha observou que, além dos tanques do exército, havia pelo menos vinte enormes ambulâncias de seis rodas.

Todas as pessoas que estavam trabalhando ali usavam máscaras e roupas completas de proteção. A esse cenário se somava a expectativa das autoridades de terem de lidar com um grande número de mortos e moribundos.

Chen apontou para uma tenda pressurizada mais próxima, que havia sido montada no estacionamento de um supermercado. A barraca tinha um sinal recém-pintado no chão em sua frente: o desenho de um homem gordo

sorrindo e tomando banho. Abaixo, a seguinte inscrição: 11o BATALHÃO CBRN APRESENTA A ÁREA DE DESCONTAMINAÇÃO QUATRO.

— É preciso manter o senso de humor — comentou a sargento Chen com um suspiro assim que viu o desenho.

— Por quê? — perguntou Folha.

— Você vai ver — Chen respondeu simplesmente. — Acho que uma pitada de humor ajuda todos nós a lidar com as coisas sérias. Venha.

Chen acenou para o soldado de guarda do lado de fora da grande tenda, Folha perguntou:

— Sabe essas coisas estranhas? Por acaso elas envolvem alguma pessoa com... humm... asas?

Chen parou e agarrou Folha mais firmemente.

— Quem lhe contou sobre o general?

— Ninguém! — respondeu Folha. — Mas eu já vi... humm... as pessoas aladas.

Chen soltou Folha.

— O general Pravuil, que estava no comando da operação, desapareceu na meia-noite passada. As sentinelas do lado de fora disseram que viram pessoas com asas levá-lo para fora de uma janela do segundo andar e desaparecem no ar. Onde você os viu?

— Sobrevoando o hospital particular — respondeu Folha. — Na sexta-feira.

— Caso os veja novamente, comunique o soldado mais próximo — pediu Chen. — Ou a FBA ou quem quer que seja. Há uma teoria circulando de que eles são terroristas que utilizam algum tipo de engenharia genética avançada para criar uma maneira de voar.

— Certo — disse Folha. Ela não conseguia ver nenhum motivo para contar a Chen que eles eram Habitantes. Perguntou-se se Pravuil, que, segundo Artur, trabalhava para Sábado, havia simplesmente partido ou se tinha sido levado por forças que trabalhavam para a Primeira Dama, ou talvez para o Tocador de Gaita.

— O que faço agora?

— Entre lá — mandou Chen, apontando para a entrada da Estação de Descontaminação Quatro. — Eles vão cuidar de você. Vou esperar aqui.

Folha foi até a porta. O soldado do lado de fora, que segurava uma chave, abriu a porta. Folha caminhou para dentro, e a porta foi fechada em suas

costas. Ela estava em um pequeno quarto branco.

— Feche os olhos e a boca e fique completamente imóvel — orientou a voz metálica e amplificada de uma mulher.

Folha obedeceu. Um segundo depois, ela suspirou quando um chuveiro de alta pressão foi ligado e a água atingiu-a fortemente, como pequenas agulhas picando todas as partes de seu corpo, até mesmo através do jaleco. O banho durou cerca de dez segundos e parou tão repentinamente quanto havia começado.

— Abra os olhos — ordenou a voz. — Retire toda a roupa e coloque no recipiente à sua esquerda.

Folha abriu os olhos lentamente. Houve um leve chiado de ar comprimido e um painel se abriu na parede à sua esquerda, revelando o que parecia ser uma lata de lixo.

Folha tirou a roupa, mas permaneceu com a calcinha.

— Todas as peças devem ser removidas, pois podem estar contaminadas — insistiu a voz da mulher. — Roupas novas serão providenciadas. Este é um procedimento normal.

Folha obedeceu e ficou lá, de pé, tremendo. O painel se fechou assim que todas as roupas foram colocadas no recipiente.

— Feche os olhos e a boca — continuou novamente a voz. — Atenção, você será esfregada, e isso pode ser doloroso. Mantenha a boca e os olhos fechados.

O jato do chuveiro veio novamente, e era ainda mais doloroso agora que ela estava sem roupa. Felizmente, a pressão abrandou depois de vinte segundos, mas não houve trégua real, já que Folha sentiu-se de repente açoitada pelo que parecia ser enormes escovas de cabelo, que corriam mecanicamente para cima e para baixo, esfregando todo o seu corpo.

— Estenda os braços — ordenou a voz. Folha mordeu o lábio quando as escovas atropelaram seus braços. Não era tanto a dor, porém mais a humilhação de ser lavada, mesmo que isso estivesse sendo feito de forma remota. Sentia-se como uma espécie de animal de teste.

— Prepare-se para mais um jato de água — avisou a voz.

Naquela terceira vez, o chuveiro veio ainda mais forte do que antes. Folha agachou sob a água pungente e lutou contra um soluço.

— Fui um dos ajudantes de navio no Mantis Voador — disse a si mesma ferozmente. — Já passei por tempestades no mar e batalhas com piratas. Posso

lidar com isso. Lutei contra Habitante e contra plantas assassinas, posso lidar com este...

O chuveiro parou. Houve um ruído de “pin”, como o de um micro-ondas avisando que o alimento está pronto, e um painel se abriu na parede do lado direito.

— Vista a roupa que está no recipiente à sua direita — disse a voz.

A roupa no recipiente do lado direito era apenas um manto feito de algo parecido com papel azul suave. Folha o vestiu.

— Siga em frente — concluiu a voz. A porta interior se abriu, revelando um espaço maior, mas igualmente branco e vazio, exceto por uma pequena mesa dobrável. Havia um par de tesouras na mesa, uma unidade de diagnóstico portátil e uma maleta médica. Atrás da mesa, uma soldada. Vestia uma roupa de proteção como as pessoas do lado de fora, mas, em vez de uma máscara de gás, usava um capacete com viseira, como aqueles dos astronautas. Um tubo de ar corria para uma pequena mochila acoplada.

— Olá — cumprimentou a soldada. — Meu nome é Ellen. Folha, não é?

— Sim.

— Infelizmente vou ter que cortar a maior parte de seus cabelos. Também vamos ter que fazer alguns testes rápidos.

— Ótimo — disse Folha. — Melhor acabar logo com isso.

— Penso o mesmo — disse Ellen. — Você passou na frente de todo mundo. Vamos descontaminar todos na área, assim que tivermos nos estabelecido completamente.

— Todo mundo que ainda está vivo, você quer dizer — comentou Folha.

— Sim — concordou Ellen calmamente. — Vamos tentar salvar todos que pudermos. Fique de pé nesse quadrado e podemos começar.





Capítulo 5

Ignorando o calor e as chamas, Artur agarrou o tridente de jardim flamejante pelo dente central e arrancou-o do garoto, que caiu para trás e se chocou com a copa da porta, quebrando-a. Enquanto o menino ainda tentava se levantar, Artur virou o tridente para que pudesse segurá-lo direito e ergueu-o sobre a cabeça, pronto para atacar. Estava prestes a dirigi-lo furiosamente contra o garoto, quando repentinamente parou.

“Ele é apenas um menino, como eu... como eu era”, pensou Artur através da bruma vermelha de raiva. “O que estou fazendo?”

— Não me mate! — gritou o garoto.

— Por que você está tentando *me* matar? — perguntou Artur, sem baixar o tridente de jardim em chamas.

— Você deveria ser uma erva daninha — respondeu o garoto.

Agora que Artur tinha dado uma boa olhada no intruso, tinha certeza de que era uma criança do Tocador de Gaita: usava botas verdes feitas de algo parecido com borracha, calças xadrez enlameadas, um casaco curto castanho, um colete cor de mostarda por cima de uma camisa verde com babados e um grande capuz de pano que lhe cobria o rosto.

— Uma erva daninha? — perguntou Artur. — Mas eu estou dentro de uma casa. E obviamente não sou uma planta.

— Meu dever era encontrar uma erva daninha que está no Jardim — explicou o garoto, tirando do bolso do colete um pedaço sujo de papel que tinha sido dobrado várias vezes. — Veja, tenho a ordem de trabalho. Um engano, eu acho. Eles nunca disseram que alguém lá de cima deveria fazer a capina...

— Cale a boca — ordenou Artur. Ele repousou o tridente de jardim em chamas em uma banqueta e acrescentou: — E você dê o fora daqui.

O fogo no tridente se apagou. A criança do Tocador de Gaita olhou para ele e sussurrou:

— Caramba!

Artur pegou o papel e desdobrou-o. Apesar da mancha de lama no meio, era fácil ler a letra em cobre.

Intrusão de Erva Daninha. Canteiro 27. Vaso 5. Despache jardineiro.

— Você é um jardineiro? — perguntou Artur.

— Ajudante de Quarta Classe do Segundo Assistente do Subjardineiro Transferido, Phineas Dirt digger, senhor — identificou-se o menino.

— Há muitas crianças do Tocador de Gaita nos Jardins Incomparáveis? — perguntou Artur.

— Não sei, senhor — respondeu Phineas. — É um jardim grande. Só trabalho neste canteiro... Bem, vasos um a cinquenta. O senhor é... o senhor é o Ceifador de Domingo, senhor?

— Ceifador de Domingo? — perguntou Artur. — Quem é esse?

— O senhor sabe... O Semeador, o Produtor e o Ceifador. Sempre achei que eles fossem verdes, mas nunca os vi... não pessoalmente.

— Acho que esses devem ser os nomes de Meio-Dia, Crepúsculo e Aurora de Domingo — ponderou Artur. — Agora, diga-me, você chamou este lugar de vaso. Mas é uma casa, e tem uma mulher lá em cima.

— Ah, sim, senhor, ela é o que chamamos de uma peça de exposição — explicou Phineas ansiosamente. — Esta parte dos Jardins Incomparáveis é o Jardim Zoológico, com pessoas, animais e afins que Lorde Domingo coletou. Ele sempre leva a casa deles também, para que sejam exibidos adequadamente.

— Por que ela não consegue me ver? — perguntou Artur.

— Ah, senhor, as peças de exposição humanas ficariam angustiadas se nos vissem — explicou Phineas. — Elas ficam em *loop*. Isso as mantém seguras.

— O que quer dizer “ficar em *loop*”? — perguntou Artur.

Phineas coçou a cabeça.

— É quando o tempo vai e volta e as pessoas ficam separadas de todo o resto. Apenas fazem as mesmas coisas repetidamente.

— O que aconteceria se eu fosse lá em cima e batesse no ombro dela? — perguntou Artur.

— Oh, o senhor não poderia tocá-la, senhor — respondeu Phineas. Ele franziu a testa e, em seguida, acrescentou: — *Pelo menos eu não poderia*. O senhor é poderoso, então talvez pudesse trazê-la para nosso tempo, mas isso não seria bom.

— Suponho que não — concluiu Artur pensativo. Ele se perguntava se poderia fazer Emily adormecer, sincronizá-la com o tempo da Casa e levá-la para casa... com a exceção de que a casa ainda seria aqui.

“Talvez se eu levasse minha mãe de volta para algum lugar que ela conhece bem...”, Artur pensou. “Mesmo que nossa casa tenha desaparecido, seria melhor levá-la de volta para a Terra.”

— Quem é o senhor? — interrompeu Phineas. — O senhor é... o senhor é Lorde Domingo?

— Não — respondeu Artur. — Sou Lorde Artur, Herdeiro Legítimo da Arquiteta.

— Ah — fez Phineas. — Humm... eu deveria saber o que isso significa?

— Você nunca ouviu falar de mim? — perguntou Artur. — De como derrotei seis dos sete Curadores infiéis da Arquiteta e recuperei as Chaves do poder?

— Não... — hesitou Phineas. — Eu realmente não consigo conversar com ninguém além de meu chefe, o Segundo Assistente do Subjardineiro do Canteiro 27. Seu nome é Karkwhal e ele não conversa, não de verdade, de modo que eu nunca sei o que está acontecendo no resto dos Jardins, o que dirá na Casa. É muito bom conversar, devo dizer. Então o senhor é Lorde Artur?

— Sim. Inimigo mortal de Lorde Domingo.

— Ah, certo — Phineas coçou o nariz. — Eu me pergunto se deveria fazer alguma coisa. Quer dizer, contar para alguém que o senhor está aqui ou algo assim.

— Não — disse Artur. — Você não quer fazer isso.

— Por mim, tudo bem — concordou Phineas. — Bem, suponho que seria melhor voltar para o barracão e ver o que mais precisa ser feito. O senhor pode devolver meu tridente flamejante?

— Isso depende — respondeu Artur. — Você sabe onde está a Sétima Parte do Testamento?

— Acho que não — respondeu Phineas. Coçou novamente a lateral do nariz e enrugou a testa em um pensamento profundo. — Não... É algo raro e valioso?

— Sim.

— Humm... poderia estar na Árvore... ou no Gazebo... ou no Elysium. Provavelmente no Elysium...

— Onde são esses lugares? — perguntou Artur. — Fazem parte dos Jardins Incomparáveis?

— Sim, isso mesmo. Não que eu goste de ir lá. Mas sei onde ficam, teoricamente falando.

— Por que o Testamento estaria no Elysium?

— É a parte favorita de Domingo — explicou Phineas. — Todo mundo sabe disso. Ele mantém tudo o que há de mais raro exposto lá. O lugar perfeito. Eu adoraria trabalhar lá, não que eu ache que haja algum problema de erva daninha no Elysium...

— Ah, as ervas daninhas — murmurou Artur. — O que são exatamente?

— Ah, Nadicas de um tipo ou de outro — respondeu Phineas. — Quando Lorde Domingo traz um novo item para exposição, às vezes algumas ervas daninhas entram com ele e, se ninguém agir rapidamente, elas se espalham. Houve um tipo de navio que Lorde Domingo trouxe e que estava *coberto* de ervas daninhas. Muitos de nós nos envolvemos nesse trabalho, e tinha um Subjardineiro de Primeira Classe no comando. Mas eu não consegui fazer muita coisa, eles me fizeram recuar e prestar atenção a qualquer erva fujona. Só uma conseguiu se safar. E ninguém conversou comigo.

— Por que Domingo coleta pessoas e coisas vivas para o Jardim? — perguntou Artur, lembrando-se de que Terça-Feira gostava de colecionar objetos de valor, coisas que as pessoas tinham feito, mas não criaturas ou plantas.

— Não sei — respondeu Phineas. — Ele apenas coleciona. Temos que cuidar dessas coisas com cuidado... o chefe está sempre falando isso. Capina, por exemplo. Não podemos deixar nenhum Nadica interferir nos objetos de exposição.

— Você poderia me mostrar como chegar ao Elysium? — perguntou Artur. — É longe daqui?

— Acho que sim — disse Phineas e coçou o nariz. — Teremos que atravessar a cerca aqui, entrar no Caminho do Jardim... pegar uma libélula...

— Uma libélula?

— Sim — afirmou Phineas. — São grandes e têm equipamentos de equitação. Eu nunca montei uma, mas acho que elas fazem o que mandamos. Enfim, pegamos uma libélula e voamos em direção ao pôr do sol. Temos que esperar o pôr do sol, é claro, porque Lorde Domingo faz o sol girar, mas o Elysium sempre está de frente para o pôr do sol.

— Se o Lorde Domingo gosta tanto desse lugar, há grande possibilidade de estar lá — adivinhou Artur.

— Não sei — disse Phineas. — O Jardim é grande. Mas o senhor pode dar um jeito, não pode? Sendo... o que foi que disse? O Herdeiro Legítimo e outras

coisas mais.

“Sim, eu posso”, pensou o lado prepotente e raivoso de Artur. Mas seu lado mais sensível disse exatamente o oposto, lembrando-lhe o que ouvira sobre as Chaves e como a Sétima era suprema. “Tenho que encontrar o Testamento o mais rápido possível para, com sua ajuda, forçar Lorde Domingo a abandonar a Sétima Chave”, pensou Artur. “Mas, se eu me encontrar com Lorde Domingo primeiro, vou ter problemas. Talvez eu devesse procurar ajuda antes, como a Sétima Parte do Testamento disse...”

— Eu não me importaria de ver Lorde Domingo lutando — comentou Phineas ansiosamente. — Isso seria bem entusiasmante, eu acho.

— Você provavelmente morreria só de olhar — ponderou Artur tristemente, lembrando-se das Chaves sendo usadas na batalha no Grande Labirinto, quando Sábado havia chegado pela primeira vez aos Jardins.

Ele balançou a cabeça e tirou a Quinta Chave do bolso.

— Preciso ir a um lugar — falou. — Não diga a ninguém que eu estive aqui, tudo bem? E certifique-se de que esta casa... de que este canteiro do Jardim fique livre de ervas daninhas.

Phineas fez que sim com a cabeça, mas seus olhos escuros estavam fixos no espelho, concentrados no que Artur iria fazer.

Artur segurou o espelho, olhou para ele e tentou mais uma vez visualizar o quarto de Quinta-Feira. Primeiro, viu apenas o próprio reflexo. Em seguida, a imagem oscilou e ele sentiu uma onda de alívio quando o agora familiar tapete com motivos de uma cena de batalha lentamente fundiu-se em uma visão sólida com o resto da sala brilhando ao redor. Entretanto, quando a imagem estava prestes a se tornar inteiramente nítida e real, o espelho balançou na mão de Artur e a visão vacilou. O garoto franziu a testa e agarrou o pulso com a mão esquerda para firmá-lo, mas o espelho continuou a tremer e a se contorcer, como se alguém estivesse tentando puxá-lo.

— Firme! — sussurrou Artur, exercendo sua força de Testamento para manter o espelho e a cena ainda em vista. Todavia, assim como tinha acontecido com o Atlas, Artur sentia uma força de oposição que se tornava mais e mais forte, até que a Quinta Chave voou de sua mão e bateu no chão.

Artur cerrou o punho, mas ao ver Phineas observá-lo tão intensamente conseguiu conter a raiva. Em vez de perfurar as paredes, ele se ajoelhou e pegou o espelho, deslizando-o de volta para o bolso.

— Talvez eu não vá a lugar nenhum... — comentou Artur. — Como é que vamos sair daqui?

— Pela cerca — respondeu Phineas. — Ela vai se abrir para mim, porque eu sou um jardineiro. É só você ficar bem atrás de mim.

Ele tocou a cerca que bloqueava a porta da cozinha, e uma abertura com a forma e o tamanho de um menino se abriu na vegetação.

— Vamos lá, abra um pouco mais! — pediu Phineas. O buraco ficou grande o suficiente para Artur passar. Phineas colocou uma perna e, em seguida, pulou de volta.

— Meu tridente! Posso, por favor, pegá-lo de volta, senhor?

— Sim — permitiu Artur. — Você o quer aceso?

— Ah, não... Tudo bem — respondeu Phineas. — Vou trocá-lo por outro. Só tenho que ter um para trocar.

Ele subiu pelo buraco.

Artur correu o olhar pela cozinha e olhou para o teto, para a sala de cima, onde sua mãe estava presa em um pequeno circuito de tempo.

“Pelo menos, eu sei onde mamãe está”, pensou pesarosamente antes de atravessar a cerca.

Foi parar em um beco verde entre duas cercas que tinham pelo menos 15 metros de altura. Acima deles, Artur podia ver um céu azul perfeito, com um leve toque de nuvens brancas que parecia ter sido pintado por algum mestre da Renascença, e muito provavelmente tinha sido. Não conseguia ver o sol, mas havia uma fonte de iluminação em algum lugar acima, pois o céu estava bastante claro. Provavelmente o sol movia-se ao longo de uma faixa, assim como os sóis nas outras partes da Casa, embora Artur imaginasse que aquele ali seria mais impressionante e se moveria mais facilmente do que em qualquer outra dimensão.

— Para que lado? — perguntou Artur. — Esquerda ou direita?

— Ah, por aqui — Phineas apontou com o tridente. — Quatro cruzamentos de cerca nesta direção. Depois, viramos à esquerda, andamos mais três cruzamentos, viramos à direita, mais dois cruzamentos, novamente à esquerda, seguimos em frente, passando quatro cruzamentos, depois atravessamos outra cerca e estaremos no Caminho do Jardim, onde as libélulas voam o tempo todo e às vezes os besouros guardiões também, apesar de que você não vai ter medo deles.

Artur pensou nos besouros que tinha visto lutando contra as forças de Lady Sexta-Feira. Ele quase tinha sido cortado ao meio pela mordida de um deles.

— Quantos besouros têm lá? E com que frequência eles passam por esse caminho?

— Ah, meia dúzia de cada vez, eu acho — disse Phineas. Ele começou a caminhar ao longo da pista, batendo em ambos os lados da cerca com o tridente. — Mas você não os vê por aí na maioria das vezes.

Eles caminharam em silêncio por um tempo depois disso. O clima era agradavelmente fresco entre as cercas, com a luz verde salpicada e o belo céu azul acima que, combinados, quase davam a Artur uma sensação de paz, embora ele soubesse que aquilo era apenas uma ilusão. O garoto estava pensando profundamente no que podia e no que devia fazer.

— Há algum telefone por aqui? — perguntou quando se aproximaram do primeiro cruzamento, onde duas cercas se encontravam em uma grande praça pavimentada. Artur ficou perto da cerca, mantendo-se na sombra.

— Telefone? — perguntou Phineas. — Claro. Tem um no galpão de Karkwhal. É assim que ele dá as ordens de capina.

— Onde fica esse galpão? — perguntou Artur. Ele não olhou para Phineas enquanto o menino respondia, verificou os arredores, o céu e as cercas vivas. Teve a desagradável sensação de que estava sendo observado e sentiu uma ligeira dor nos ossos, um sinal de que estava sendo praticada feitiçaria em algum lugar perto dali.

— O galpão de Karkwhal? — perguntou Phineas. — Fica do outro lado, perto do Caminho do Jardim. Se você quer ir até lá... Não sei por que faria isso, já que há apenas o velho Karkwhal e eu...

— Silêncio! — ordenou Artur. Ele então enfiou a mão no bolso e tirou as Chaves. — Ouvi alguma coisa.

— O que foi? — sussurrou Phineas, não muito discretamente.

Artur levantou a mão para silenciar Phineas e depois voltou a prestar atenção. Havia algo, um farfalhar na cerca, como se um grande rato estivesse se contorcendo por entre a vegetação cerrada. Porém, o garoto não conseguia ver nada, e o som parou enquanto ele lentamente virava a cabeça, tentando ajeitar-se na direção do ruído.

— Parou — Artur hesitou, devolveu as Chaves no bolso e se virou para seguir Phineas.

Naquele momento, dois enormes Habitantes de pele verde irromperam da vegetação, como se a cerca tivesse ganhado vida. Agarraram os braços de Artur e começaram a torcê-los atrás das costas.

Artur gritou furioso, tentando jogá-los para a frente, mas eles o seguravam firme, com seus longos e nodosos dedos penetrando a terra como raízes de árvores para segurá-lo ainda mais forte.

— Chaves! — gritou Artur, flexionando os dedos. Os bolsos dele se abriram e o espelho e a caneta voaram para suas mãos.

Mas as Chaves não chegaram a Artur: foram pegas no ar por uma rede prateada brilhante, uma rede empunhada por Phineas, o Ajudante de Quarta Classe do Segundo Assistente do Subjardineiro Transferido. Só que ele já não tinha a aparência de uma criança do Tocador de Gaita. No mesmo instante em que os Habitantes altos e verdes irromperam da cerca, Phineas havia crescido e se transformado: ele agora era uma figura imponente com cerca de 3 metros de altura. Erguia-se sobre Artur, segurando com a mão esquerda as Chaves que se contorciam na rede. Na mão direita, apertava um pequeno objeto que estava pendurado em uma corrente em volta do pescoço.

A única coisa que não havia se transformado era a intensa escuridão de seus olhos.

— Amarre-o com as correntes — instruiu Lorde Domingo. — Cuidado. Ele é muito forte.





Capítulo 6

— Tem certeza de que é seguro? — perguntou Giac. Ele se agarrava nervosamente ao ombro de Suzy enquanto eles desciam pela Grande Corrente Sudoeste. Enquanto a macacada de graxa regularmente utilizava as diversas correntes soltas para irem de um andar para o outro da torre, os Feiticeiros Excedentes geralmente tomavam um elevador, motivo pelo qual aquela era uma experiência completamente nova para Giac.

A Grande Corrente Sudeste parecia uma enorme correia de motocicleta que corria os milhares de quilômetros desde as regiões inferiores invisíveis da torre de Sábado até uma enorme roda de guia de bronze que ficava próxima ao topo. A Corrente corria em um eixo amplo, indo de um lado para o outro. Cada ligação tinha 2 metros de altura e 2 de largura, com um espaço plano no meio, onde a macacada de graxa ficava, sentava e até dormia enquanto a Corrente sacudia para cima e para baixo.

— Claro que é seguro — garantiu Suzy. — Desde que você não caia.

— Ah... — disse Giac, olhando de relance para a borda e engolindo em seco. — Para onde estamos indo? E de que lado eu estou mesmo?

— Estamos indo para os andares de controle dos elevadores — explicou Suzy. — E você está do lado de Lorde Artur. A menos que nos encontremos com o exército do Tocador de Gaita primeiro. Nesse caso, diga-lhes que estamos do lado do Tocador, embora, na verdade, ainda vamos estar do lado de Artur. Será uma estratégia de guerra.

— Um subterfúgio — sugeriu a Sexta Parte do Testamento, que estava escondida dentro do guarda-chuva parcialmente fechado de Giac, de modo que apenas a parte superior de seu bico era visível, e era preciso olhar muito atentamente. — Um ardil legítimo.

— Mas será que Lorde Artur vai me querer? — perguntou Giac ansiosamente. — Você disse que posso até decidir mudar de lado, mas que o outro lado tem que me aceitar. Será que Lorde Artur vai me aceitar?

— Acontece que sou o homem de confiança de Artur — argumentou Suzy. — Quer dizer, a menina de confiança... Bem, você entende, não é? De qualquer forma, Artur e eu somos como dois dedos de uma mesma luva. Pelo

menos o polegar e o mindinho. Quer dizer, sou a General Superior dele e tudo o mais. Então, se eu disser que você está do nosso lado, você está do nosso lado.

— Obrigado, senhorita — agradeceu Giac.

— Nada disso — advertiu Suzy. — Pode me chamar de Suzy.

— Como quiser, Lady Suzy — corrigiu Giac. — Ah, o andar de baixo está aberto!

Eles tinham passado andar após andar enquanto a Corrente descia, e todos estavam vazios, as mesas abandonadas pelos feiticeiros que tinham sido convocados para combater o Tocador de Gaita abaixo ou se juntar à invasão dos Jardins Incomparáveis acima. Suzy estava começando a pensar que eles poderiam estar com sorte e quem sabe encontrar também abandonado o andar de que precisavam, no qual estavam as mesas de controle dos elevadores. Mas agora eles estavam passando por um andar ainda totalmente ocupado, com milhares de feiticeiros nas mesas, com seus guarda-chuvas azuis fechados, já que a chuva de dez mil anos havia parado. Felizmente, eles estavam concentrados no trabalho e os poucos que olharam não viram nada além do que parecia ser um macaco de graxa e um Feiticeiro Excedente em uma Corrente... Nada de mais.

— Você tem um plano, Lady Suzy? — perguntou o Testamento. — Quanto à forma como vamos ativar os elevadores?

— Claro que tenho — bufou Suzy.

— Que bom — disse o Testamento.

Houve silêncio enquanto eles desciam outros vários andares. Então o corvo enfiou a cabeça para fora do guarda-chuva de Giac e encarou Suzy com olhar atento.

— Como em breve chegaremos ao nosso destino, você gostaria de compartilhar seu plano? — sugeriu o Testamento.

— Estou pensando — respondeu Suzy. Ela certamente parecia pensativa, olhando para cada andar pelo qual passava quase sem piscar.

— Testamento, eu vi você se transformar em uma bola. Pode se transformar em outra coisa?

— Dentro de certos limites, posso mudar minha forma externa, sim.

— Você poderia se transformar em uma cápsula de mensagem? — perguntou Suzy. — Qual a cor dos guarda-chuvas no andar 6879?

— Verde — respondeu Giac.

— E se eles forem promovidos ao andar seguinte?

— Azul — disse Giac sonhadoramente. — Lindos tons de azul. Vamos passar pelo andar azul agora.

— Então, você precisa se transformar em uma cápsula azul — disse Suzy a Testamento. — Vou sair e dizer que vai acontecer uma promoção em massa de um grupo de feiticeiros e que vim verificar os escritórios para essa grande promoção. Todos eles vão olhar para mim... e para você, que vai estar na forma de uma cápsula de mensagem. Vou andar por aí verificando algumas coisa, e então... e então... Eu o coloco em uma mesa, Testamento. E, quando eles não estiverem olhando para você, você desliza para o chão e fica sob a mesa para abrir um elevador...

— Esse não é um plano muito bom — interrompeu Testamento. — Até eu poderia pensar em algo melhor do que isso.

— Eu, não — disse Giac. — O que eu faço?

— Você me acompanha — respondeu Suzy. — Como os Feiticeiros Excedentes que sempre seguem a macacada de graxa. Talvez, se precisarmos de uma distração, você possa fazer alguma coisa.

— Estamos quase lá — informou Testamento. — E eu realmente acho que esse é um plano horrível...

— Faltam três andares — anunciou Giac.

— Horrível! — exclamou Testamento, mas mesmo assim voou para a mão de Suzy transformado em uma cápsula de mensagem azul. Apenas um exame minucioso mostraria que o artefato era composto de minúsculas letras azuis se contorcendo, em vez do bronze brilhante habitual.

— Dois andares.

— Prepare-se para sair da Corrente — avisou Suzy pegando a mão de Giac, pronta para arrastá-lo para fora se ele vacilasse.

Um metro acima do andar seguinte, ela deu um passo para fora da Corrente. Giac a seguiu, mas se atrapalhou com seu guarda-chuva, engatando-o nas pernas, e quase jogou os dois para baixo. Eles cambalearam para a frente, Suzy brandindo acima da cabeça a cápsula azul de mensagem.

Todos os feiticeiros mais próximos levantaram a cabeça de suas mesas e fixaram os olhos atentos na cápsula. Alguns continuaram escrevendo com as duas mãos, mas a maioria parou. Um segundo depois, sussurros começaram a atravessar o andar e Suzy viu uma onda de movimento se espalhar para fora da

Corrente através das baías conforme os feiticeiros do lado oeste da torre se viravam para olhar.

— *Macacada de graxa...*

— *Cápsula azul...*

— *Promoção...*

— *Promoção...*

— *Promoção...*

— Mensagem de promoção em massa! — gritou Suzy. — Uma dúzia de feiticeiros subirá para o andar azul! Regras especiais em tempo de guerra! Doze grupos chegarão aqui em 15 minutos, mas primeiro preciso decidir quem vai subir.

Ela levantou a cápsula azul acima da cabeça e acenou algumas vezes. Em seguida, caminhou por entre as baías mais próximas. Os feiticeiros olharam para ela, deixando de lado os espelhos que deviam observar, abandonando temporariamente as magias que deviam inscrever.

Suzy caminhou em direção ao banco de elevadores mais próximo. Ela podia ver as portas de grade de ferro do elevador mais próximo, mas havia apenas um espaço vazio atrás deles, em vez da habitual porta de madeira e de vidro dos elevadores da Casa.

A medida que Suzy e Giac passavam pelas mesas mais próximas, os murmúrios atrás deles mudavam. Os sussurros ficaram mais altos e pareciam bastante irritados.

— *Não fui escolhido...*

— *Aonde aquela garota está indo?*

— *Não pode ser eles...*

Suzy acelerou o passo e aproximou a cápsula de mensagem do rosto para que pudesse sussurrar:

— Eu me esqueci de perguntar... Pode ser qualquer mesa?

— Perto dos elevadores — respondeu baixinho o Testamento. — Assim que eu terminar, vamos ter que correr.

Suzy mudou a direção, movimento que provocou um suspiro de expectativa nos feiticeiros à sua frente e um gemido de decepção naqueles às suas costas.

— Eles estão se preparando para atirar coisas nos escolhidos — murmurou Giac, aparecendo logo atrás do ombro de Suzy. — E em nós também, é claro.

Suzy não respondeu. Fixou o olhar em uma mesa bem diante do elevador mais próximo. O feiticeiro lá estava olhando para ela, como todos os outros,

mas ela achou que ele parecia um pouco mais baixo do que seus vizinhos, o que provavelmente significava que ele tinha sido promovido recentemente para o nível verde. Escolhê-lo para outra promoção provavelmente criaria um intenso tumulto.

Quando ela se aproximou, o barulho que ouvia atrás de si intensificou-se, e o tom parecia bastante feio. Suzy ignorou tudo aquilo e parou diante da mesa do Habitante ligeiramente mais baixo. Ele levantou os olhos e a encarou, as sobrançelas arqueadas demonstrando sua surpresa.

— Sim?

— Você é Mmmph Bltthh? — perguntou Suzy, virando a cabeça, de modo a tornar suas palavras sussurradas ainda mais difíceis de serem compreendidas. Enquanto falava, colocou a cápsula de mensagem sobre a mesa.

— Sou Xagis, Feiticeiro da Sétima Turma — apresentou-se o Habitante.

— Certo — disse Suzy. — Então é você e mais duas mesas nesta direção e três naquela.

— Estou sendo promovido? — perguntou Xagis descrente. — Outra vez?

— Sim — respondeu Suzy. — Está... *Ai!*

Um tinteiro voador ricocheteou em seu ombro. Suzy abaixou-se, para desviar-se de um mortal abridor de cartas e correu para o outro lado da mesa. Xagis já estava agachado embaixo dela. Giac, por sua vez, estava saltando para cima e para baixo, apontando em direção ao exterior do edifício.

— Invasores! — ele gritou. — Novicas!

Suzy sorriu para ele e levantou o polegar em sinal de aprovação, pensando que ele estava encenando algo para distrair os feiticeiros. Olhou por cima da mesa e quase foi atingida por uma pequena lata de giz, que explodiu no chão e cobriu Xagis de pó. Ela viu que o Testamento tinha criado perninhas e corrido para uma gaveta da escrivaninha, onde estava mexendo em alguma coisa.

— Vários Novicas! — gritou Giac.

— Preparem-se para enfrentar o inimigo! — gritou alguém.

Os objetos pararam de atingir a mesa. Suzy olhou para o outro lado e viu que os Habitantes estavam todos saindo de trás de suas mesas e agarrando seus guarda-chuvas. Giac ainda estava pulando para cima e para baixo e apontando para o lado de fora. Suzy olhou para onde ele indicava e viu que aquilo não era apenas uma invenção para distrair os feiticeiros. *Havia* vários Novicas aterrissando; Novicas com asas de couro, voando do lado ocidental da torre. Eles usavam chapas flexíveis de armadura vermelha nos braços e nas

pernas, chapas peitorais feitas do mesmo metal e capacetes dourados fechados que tinham fendas estreitas nos olhos e pequenos furos na abertura da boca. Empunhando espadas eletricamente carregadas em ambas as mãos, eles eram mais ameaçadores e perigosos do que qualquer outro Novica que Suzy vira antes, mais do que a descrição assustadora que ela fizera deles para Giac.

Xagis pegou seu guarda-chuva e correu para se juntar às fileiras de feiticeiros que se formavam para lutar contra os Novicas. Havia pelo menos 50 invasores na borda ocidental da torre, e eles já tinham cortado as cabeças dos feiticeiros mais próximos, que não tinham sido rápidos o suficiente para sair de suas mesas ou pegar seus guarda-chuvas. Mas os habitantes começaram a lutar, raios de fogo chiando de seus guarda—chuvas através das armaduras dos Novicas. Suzy viu Habitantes alados aparecerem por trás dos invasores. Descendo sobre os Novicas, eles estavam apenas esperando sua vez de iniciar uma batalha aérea.

Suzy olhou para o poço do elevador. Ainda não havia sinal de um elevador real atrás da grade de ferro.

— Quanto tempo? — ela sussurrou para a mesa. A Sexta Parte do Testamento tinha desaparecido completamente na gaveta, pois Suzy não podia mais vê-la. Não houve resposta. — Quanto tempo? — repetiu, bem mais alto desta vez. Havia muito barulho agora que os gritos dos Novicas e dos Habitantes misturavam-se com o *zing* dos raios de fogo, o estrondo dos guarda-chuvas perfurando as armaduras e o ruído surdo do choque das espadas atingindo as mesas, os guarda-chuvas e os Habitantes.

— Pronto — disse o Testamento, assim que saiu da gaveta e saltou para o ombro de Suzy, tornando-se um corvo novamente. O que não foi bom, pois Xagis e um par de Habitantes mais próximos estavam olhando justamente naquele momento.

— Traição! — gritou Xagis, levantando o guarda-chuva, que cuspiu um raio de fogo em Suzy. Ela se esquivou, mas teria sido atingida se Giac não tivesse saltado na frente e aberto seu guarda-chuva preto, no qual o raio se chocou sem causar nenhum dano.

— Para o elevador! — gritou o Testamento que se lançou do ombro de Suzy, ricocheteou no teto e atingiu Xagis, transformado, então, em algo parecido com uma bola de boliche.

Suzy e Giac caminharam lentamente para trás em direção ao elevador, com Giac segurando o guarda-chuva aberto na frente dos dois. O Testamento

ricocheteou do chão ao teto para cobrir a retirada deles, atingindo mais Habitantes como se eles fossem pinos de boliche. Mas havia muitos outros correndo para os elevadores, centenas de feiticeiros gritando “Traição!” para os mais próximos e atirando raios de fogo de seus guarda-chuvas.

Suzy e Giac chegaram à grade de ferro no mesmo instante em que o guarda-chuva do Feiticeiro Excedente entrou em colapso e começou a pegar fogo. Suzy forçou a abertura da enorme grade, mas um raio de fogo atingiu os três, que rolaram no chão, gritando e fumegando. Testamento voou até lá, bateu na porta e se transformou em um cobertor, sufocando as chamas.

— Ai! Ui! Ai! Ai! — gritou Suzy enquanto lentamente ficava de pé. Estava prestes a adicionar outro “Ai” quando a porta tremeu e, através do visor, ela viu o rosto de um Habitante que estava tentando abrir a porta exterior novamente.

— Onde está o ascensorista? — gritou Suzy, que olhou em volta freneticamente, mas, além de Giac, da Sexta Parte do Testamento e dela mesma, o elevador estava vazio. Não havia nenhum ascensorista, o pequeno banco no canto estava vazio. Suzy olhou para o painel de botões à direita da porta. Havia centenas de pequenos botões de metal dispostos em fileiras de doze que se estendiam desde o chão até o teto, por cerca de um metro, um metro e meio *acima* da cabeça de Suzy. Da cintura de Suzy para baixo, os botões eram verdes, enegrecidos e cobertos de uma substância verde-acinzentada de aparência desagradável. Alguns dos botões no meio também tinham sido afetados por aquela coisa e estavam emperrados. Apenas as fileiras superiores, acima da cabeça de Suzy, estavam claras e brilhantes.

— Giac, mantenha a porta fechada! — ordenou Suzy, e então olhou para o Testamento, que estava batendo perto do teto. — Qual é o botão para o Grande Labirinto?

— Este — indicou o corvo, apertando com o bico um botão que ficava mais de um metro acima da cabeça de Suzy. — Eu espero... — acrescentou. O elevador caiu, e o visor da porta instantaneamente ficou mais e mais nublado, até se tornar completamente cinza.





Capítulo 7

Após a descontaminação, Folha ganhou roupas novas. Calcinhas de um tecido áspero e um conjunto de treino que não era exatamente o que teria escolhido, mas isso, de qualquer forma, não importava, já que ela usaria uma roupa de proteção por cima. Ao contrário das roupas dos militares e do pessoal da FBA, a de Folha era amarelo brilhante e tinha a palavra REFUGIADO impressa na frente e nas costas. Ellen mostrou-lhe como vestir a roupa: calçar as botas acopladas, depois puxar o zíper interno para cima e o externo para baixo antes de dobrar as grandes abas de velcro. A máscara de gás vinha em seguida. Era uma versão mais simples daquela usada pelos militares, não tinha rádios ou outros aparelhos eletrônicos e exalava um cheiro repugnante de borracha. Ellen demonstrou como colocá-la e usá-la, fechando as válvulas e respirando forte.

Folha estava tentando pela terceira vez quando Ellen recebeu um telefonema.

— Roger — disse Ellen. Em seguida, virou-se para Folha: — Muito bem, você está pronta para ir. O major Penhaligon está esperando lá fora.

Folha virou-se, e ia voltar pelo caminho pelo qual tinha entrado, mas Ellen bateu em seu ombro e apontou para outra porta.

— Uma entrada, uma saída — explicou. — Provavelmente, vou vê-la mais tarde para a próxima descontaminação.

— Ugh — Folha fez uma careta pelo simples pensamento de ser limpa novamente.

— Pelo menos seus cabelos estão curtos agora — comentou Ellen. — E talvez você tenha que esperar na próxima vez, pois espero estarmos ocupados preparando outros refugiados para evacuá-los em breve. Aposto que você vai ficar feliz em sair dessas roupas até lá. Até mesmo a descontaminação será bem-vinda.

— Acho que sim — concordou Folha. Sua voz soava estranha e sem brilho através do capuz da roupa e dos painéis laterais da máscara. — Obrigada, Ellen.

— Só estou fazendo meu trabalho — disse a mulher. — Boa sorte.

Folha acenou e entrou na câmara. Precisou esperar um sinal antes de a porta exterior se abrir para um túnel pressurizado de plástico transparente que conduzia a outra estrutura portátil de bloqueio. Essa segunda estrutura levou vários minutos para concluir o ciclo de pressurização, como indicava o progresso de equalização e de abertura da porta indicado por uma linha de pequenos LEDs que lentamente mudavam de vermelho para verde, um processo que Folha achou estranhamente fascinante.

O major Penhaligon estava esperando do lado de fora da câmara final. Chen estava com ele, acompanhada de outro soldado cuja placa de identificação indicava que se chamava WILLIAMS. Ele carregava uma grande mochila com uma Cruz Vermelha.

— Senhorita Folha? — disse o major Penhaligon.

— Sim.

— Um veículo nos espera. Siga-nos, por favor.

Folha acompanhou os três soldados no caminho até um tanque que estava à espera. A rampa de trás estava abaixada. Eles subiram e sentaram nos bancos no interior, os soldados do lado esquerdo e Folha do lado direito. Ela tinha a sensação de que estava em um teste. A rampa se fechou e o veículo retumbou. Folha não podia ver o motorista, pois o compartimento em que estavam era separado e selado.

— O suposto hospital de que você falou é aqui, certo? — perguntou o major Penhaligon, apontando uma área em um mapa dobrado. Era um mapa detalhado com imagens aéreas e de satélite, por isso Folha conseguiu visualizar rapidamente o grande edifício branco onde ficava o hospital de Sexta-Feira. A área havia sido circulada com lápis vermelho e marcada com um ponto de interrogação. Ao contrário de quase todos os outros edifícios, não tinha o nome ou outra informação impressa no mapa.

De modo sinistro, havia também um círculo sombreado desenhado no mapa. Centrado no Hospital da Zona Leste, estava etiquetado como ZONA INICIAL DE MORTE e sua circunferência externa passava na frente do prédio de Sexta-Feira.

— É isso mesmo — confirmou Folha, tocando no mapa.

O major Penhaligon concordou e se sentou.

Folha olhou através da pequena janela de vidro espesso do tanque. Tudo parecia embaçado e foi bastante difícil descobrir exatamente onde estavam, mas ela logo reconheceu a construção e se localizou. Apenas alguns minutos

depois, o veículo parou na frente do hospital de Sexta-Feira. Do lado de fora do prédio, não havia nenhum sinal indicando que se tratava de um hospital. Aquele parecia apenas mais um edifício velho de escritórios, como todos os outros na rua, compartilhando com eles as características do microataque nuclear: todas as janelas voltadas para o Hospital da Zona Leste estavam destruídas e havia marcas de queimaduras em toda a fachada. As árvores que antigamente ficavam na frente do prédio não passavam de troncos enegrecidos.

Folha de repente ficou em dúvida enquanto saía pela parte traseira do tanque. E se todos os sonâmbulos tivessem sido transportados de volta para a Casa por outra maquinação de um administrador? O major Penhaligon pensaria que ela era uma maluca, ou uma encenqueira, ou...

Ela estava pensando nisso quando Martine apareceu na porta da frente. Embora estivesse usando um lenço sobre a cabeça e uma máscara cirúrgica, era fácil perceber, apenas olhando em seus olhos, que ela estava absolutamente aterrorizada.

— Socorro! — ela gritou e quase caiu da rampa sobre a sargento Chen, que correu para pegá-la. — Há uma coisa... ela veio da...

Martine não tinha fôlego para contar o que estava acontecendo, mas Folha sabia o que era. Uma coisa vinda da Casa.

— O quê? — perguntou o major Penhaligon. — O que é?

Martine apenas apontou para trás, com os braços trêmulos.

— Ela... ela saiu da piscina.

— Eu não acredito nisso! — estalou o major Penhaligon. — Williams! Cuide dessa mulher. — O major passou por Martine e caminhou rumo às portas da frente do hospital. Folha correu atrás dele gritando:

— Cuidado! Há... humm... há coisas estranhas acontecendo.

A sargento Chen, que estava na rampa ao lado de Folha, Virou-se para a garota e perguntou:

— Coisas estranhas? Como o quê? Homens alados?

— Mais estranhas do que isso — disse Folha.

— Humm — Chen levou a mão à arma. — Espere, major! Pode ser um problema real.

O major Penhaligon, que estava prestes a abrir a porta, hesitou. Em seguida, deu um passo para trás e preparou a pistola.

— Isso é ridículo — disse ele —, mas acho que poderia ser o vírus da Mancha Cinza ou algo assim fazendo as pessoas enlouquecerem. Chen, fique por perto. Senhorita Folha, você espera aqui.

Ele abriu a porta e entrou lentamente, verificando com cuidado o corredor, apesar do limitado campo de visão imposto pela máscara. Chen o seguiu e Folha, apesar de ter recebido ordens contrárias, seguiu Chen.

O salão de entrada e os escritórios administrativos estavam vazios, mas à medida que o major Penhaligon e a sargento Chen avançavam pelo corredor central, seguidos por Folha a alguma distância, foi possível ouvir alguém gritando mais à frente, perto da rampa que descia para o andar inferior.

Um sonâmbulo cambaleou para fora no topo da rampa, deu alguns passos e em seguida foi dominado por um longo tentáculo verde. A coisa enrolou-se em volta do homem idoso, puxou-o para cima e o arrastou para trás, fora do campo de visão deles. Houve outro grito e, em seguida, silêncio.

— Você viu aquilo? — perguntou o major Penhaligon desnecessariamente.

— Claro que sim — respondeu Chen. — Pelo menos 6 metros de comprimento e tão grosso quanto meu braço. Não quero nem ver o resto do...

O tentáculo reapareceu enquanto Chen falava, investigando um dos cantos. Foi seguido por outro, e outro, e então o corpo principal da criatura apareceu. Tinha a forma e o tamanho de um carro pequeno, com ruguinhas na pele e um desagradável olhar verde brilhante. Centenas de pernas tinham aproximadamente 30 centímetros sob um tronco central, e cada um dos três grandes tentáculos, 9 metros no mínimo.

No alto e no meio do corpo principal havia outro membro mais curto, talvez um pescoço, com mais ou menos 1 metro de comprimento, sobre o qual se apoiava um órgão sensorial que se assemelhava a uma margarida: centenas de anêmonas amarelo-pálidas como tentáculos rodando em volta de uma esfera amarela central, mais escura. Quando o major Penhaligon deu um passo à frente, esses tentáculos em forma de anêmonas viraram-se todos para ele, como se a coisa pudesse sentir o movimento. O major parou, mas a maioria dos tentáculos continuou apontando com firmeza para ele, com apenas uns poucos ainda tremulando nas laterais, como se estivessem procurando outros inimigos potenciais.

— Cuidado, e mantenha sua arma na mão — pediu o major Penhaligon. Em seguida, murmurou pelo rádio algo que Folha não conseguiu compreender.

— Não acredito que atirar nisso com menos do que 50 escopetas valeria a pena — comentou Chen, embora estivesse mantendo a pistola apontada para a criatura.

— Ele tem uma coleira — observou Folha, apontando para uma faixa estreita que estava enrolada em torno do pescoço-membro da coisa. Havia um fio fino ligado ao colarinho e que corria de volta, desaparecendo no fim do corredor.

— Você tinha dito que há coisas estranhas. E estava certa — comentou Chen.

— Fico me perguntando quem está na liderança — disse Folha.

A resposta foi dada um momento mais tarde, quando uma figura humanoide saiu de trás da criatura. Tinha a pele verde, 2 metros de altura e usava um casaco de cauda feito de folhas e calças aparentemente feitas de grama verde. Como não estava usando sapatos, Folha pôde ver claramente os seus longos dedos marrom-amarelados, que lembravam as raízes de um salgueiro.

Na mão direita, o humanoide segurava uma foice apoiada no chão. O cabo do instrumento tinha pelo menos 3 metros de comprimento, e a lâmina curva, esticada para trás, ia de ombro a ombro, era feita de um metal escuro que não refletia a luz.

— Eu vim em busca de uma garota chamada Folha — disse a figura, claramente um Habitante. Acenou com uma mão negligente. Folha notou que seus dedos eram de um verde mais escuro que a pele, tão escuros que eram quase pretos. — Os outros podem ir.

— O que... Quem é você? — perguntou o major Penhaligon.

— As pessoas me chamam de Ceifador, o que é suficiente — respondeu o Habitante. — Menina Folha, sua presença é exigida por meu Mestre. Venha comigo.

— Seu Mestre? — perguntou Folha. O major Penhaligon estava sussurrando alguma coisa pelo rádio novamente, e Chen tinha mudado o alvo, apontando a arma para o Habitante verde. — Ele é Sábado ou Domingo?

— Não é necessário que eu lhe diga. Venha comigo, criança, antes que eu mande minha bestácea atacar seus companheiros.

— Prepare-se para correr — sussurrou Chen, tão baixo que Folha quase não pôde ouvi-la.

— Corra! — gritou o major Penhaligon, enquanto ele e Chen atiravam na bestácea. Folha virou-se e correu o mais rápido que podia em direção às portas, ouvindo ecoar atrás de si o som dos tiros, seguido pela batida das botas de Penhaligon e Chen quase a alcançando. Chen pegou-a pelo braço enquanto eles atravessavam as portas; o major Penhaligon virou-se para disparar várias vezes na figura que comandava o tentáculo da bestácea. Apesar de as balas atingirem o alvo, pouco ou nenhum dano parecia ser feito.

— Para o tanque! — gritou o major Penhaligon. O veículo tinha se virado, com a metralhadora apontada para a porta do hospital e a rampa traseira aberta. Chen estava ao lado de Folha e o major Penhaligon seguia logo atrás. Assim que correram em direção à rampa, a metralhadora começou a abrir fogo e se fez um barulho ensurdecedor acima deles.

Williams e Martine já estavam dentro do veículo e se afastaram assim que Chen, Folha e o major Penhaligon pularam. Em seguida, Chen puxou a alavanca para fechar a rampa traseira. O mecanismo gemeu e a rampa começou a subir lentamente, mesmo quando um dos tentáculos da bestácea deslizou por um canto e agarrou a borda.

Do lado de fora, o ataque pesado da metralhadora parou e, pelo alto-falante interno, o motorista em pânico gritou:

— Não está parando. Não posso...

O veículo balançou com um impacto súbito, derrubando Folha no chão. Enquanto ela se levantava, outro tentáculo veio do outro lado da rampa. Chen cortou-o com a faca de combate, mas a carne era como uma esponja de borracha. A lâmina simplesmente ricocheteava, independentemente da força que Chen aplicasse.

Em seguida, os tentáculos prenderam-se completamente em volta da rampa, arrancando a pesada placa do tanque, rasgado ao meio tão facilmente como um pedaço de papel. A porta saiu voando pelo ar para colidir com um carro incendiado na rua, e a bestácea entrou no campo de visão de todos. Chen e o Major Penhaligon tentaram empurrar Folha para trás, como se pudessem de alguma forma protegê-la do monstro, mas Folha resistiu.

— Não! — ela gritou, e precisou reunir toda a coragem em seu coração para pronunciar as próximas poucas palavras, mas conseguiu: — Não está dando certo. Eu vou... Eu vou com eles. Se eu fizer isso, provavelmente vão deixar todo mundo em paz.

— De fato — concordou o Ceifador, que de repente apareceu na porta. — Venha. Temos pouco tempo.

— Não! — protestou o major Penhaligon, agarrando o braço de Folha enquanto ela subia para a parte de trás do tanque. — Deve haver algo que possamos...

— Não há — respondeu Folha calmamente. Ela então se desvencilhou do major Penhaligon e foi saindo do tanque, mas parou para olhar para trás e acrescentou: — Não há nada que qualquer um de nós possa fazer. Eu só... Eu só espero que Artur consiga me salvar... Que ele consiga salvar todos nós...

— Artur? — perguntou o major Penhaligon. Mesmo distorcidos pela máscara, a surpresa e o choque em sua voz eram evidentes. — Meu irmão?

— Sim — disse Folha.

— Chega! — gritou o Habitante, estendendo a mão para agarrar o ombro de Folha. Ela se encolheu com aquele toque e sentiu uma onda de medo tão intenso que quase caiu. Mas lutou contra aquele sentimento e se manteve ereta. Ela não queria que o Habitante, Chen ou Penhaligon vissem seu pavor. Era uma sorte a máscara cobrir seu rosto, caso contrário, eles saberiam, já que ela não conseguia impedir ou enxugar as lágrimas que brotavam incontrolavelmente.

— Venha!

— Cuide dos sonâmbulos! — Folha gritou antes de ser empurrada para longe, em direção às portas do Hospital de Sexta-Feira. Todavia, sob o prisma do arco-íris de lágrimas, ela viu que aquelas não eram as portas do hospital. Eles tinham se transformado em uma alta porta arqueada, decorada com um turbilhão de mil padrões e formas, imagens de coisas que aconteceram e que poderiam ainda vir a acontecer, um caleidoscópio confuso de cores e movimentos para o qual Folha sabia que não deveria ficar olhando, para não ser atraída demais e perder os sentidos.

Em outras palavras, aquela era a Porta de Entrada da Casa.





Capítulo 8

Os dois Habitantes prenderam os pulsos de Artur com algemas que brilhavam com uma intensa luz azul. O garoto já tinha visto aquele aço enfeitado ligando o Ancião a seu relógio, então lutou ainda mais para se libertar. Entretanto, os Habitantes eram muito fortes e tinham o auxílio do poder invisível, que Artur sentia pressionando-o, o poder que ele sabia que emanava da Sétima Chave, que Lorde Domingo provavelmente estava segurando.

Enquanto um dos Habitantes prendia a corrente na alga da mão direita, Artur invocou toda a sua força. Com o braço livre, estendeu a mão diretamente na direção de Lorde Domingo e gritou:

— Eu, Artur, herdeiro legítimo do Reino, reivindico a Sétima Chave...

Os olhos de Lorde Domingo estreitaram-se. Ele fez um leve gesto com a Chave, que estava escondida em sua mão fechada em concha. Artur imediatamente perdeu a voz, e suas palavras seguintes transformaram-se em sussurros ininteligíveis.

— Você não pode reivindicar a Chave sem a ajuda da Sétima Parte do Testamento — informou Lorde Domingo. — E eu não quero ouvir suas tagarelices.

Os habitantes terminaram de prender as correntes puxando as mãos de Artur para trás das costas. O garoto podia sentir a magia das algemas. Parecia que um frio terrível corria pelo metal em volta de seus pulsos, em sentido anti-horário. As algemas pareciam tão fortes que ele duvidava de que seria capaz de quebrá-las, mesmo se conseguisse alcançar a Quinta e a Sexta Chaves, o que parecia improvável. Elas ainda estavam se debatendo dentro da rede prateada que Lorde Domingo segurava com a mão esquerda. Artur desejou poder ver o que era a Sétima Chave, mas ela estava completamente escondida. Fosse o que fosse, devia ser pequena, embora pudesse crescer e se transformar, como havia acontecido com Lorde Domingo.

Lorde Domingo olhou para cima, Artur seguiu a direção de seu olhar. Havia algo acima deles, um ponto preto contra aquele lindo céu azul com suas nuvens de algodão. O ponto aumentou mais e mais, descendo em direção a eles de uma grande altura, e Artur viu que era uma grande libélula. A coisa

desceu rapidamente e pairou acima deles, as asas quase tocando o topo das cercas de cada lado.

Era uma libélula enorme. O corpo tinha cerca de 18 metros de comprimento e as asas tinham facilmente o dobro disso. Artur não podia ver claramente, mas o gigantesco inseto tinha algo nas costas, uma espécie de cabine ou casinha, adornada com vitrais e com telhado de telhas de madeira.

Um Habitante, usando um macacão de couro marrom-claro e uma espécie de chapéu de caça com uma pena, jogou uma longa escada de corda pela cauda da libélula. A escada desenrolou-se, indo parar perto de Lorde Domingo, que rapidamente e sem esforço começou a subi-la, pulando três ou quatro degraus de uma só vez.

Enquanto Lorde Domingo subia, o Habitante na libélula foi mais para trás, acomodando-se ao longo do corpo da criatura, e jogou uma corda que tinha um grande gancho na ponta. Os habitantes que seguravam Artur colocaram a corrente em volta do gancho, o Habitante lá de cima acenou para alguma equipe invisível e a corda foi puxada, suspendendo Artur a uma distância de mais ou menos 8 metros abaixo da libélula. Era uma posição muito dolorosa, já que os braços do garoto estavam torcidos para trás e as algemas em seus pulsos suportavam todo o peso de seu corpo. Artur sabia que, antes de sua transformação, teria gritado de dor, pois seus braços facilmente se deslocariam do ombro. Todavia, apesar de doer muito, ele apenas fez uma careta e conteve a dor, a raiva dentro de si era mais forte do que qualquer outro sentimento.

Parte daquela raiva era dirigida a si mesmo.

“Como eu pude ser tão estúpido?”, Artur pensava. “Eu devia ter dado um jeito de sair daqui assim que percebi que estava nos Jardins Incomparáveis. Não deveria ter sido tão descuidado com uma criança desconhecida do Tocador de Gaita...”

Os dois Habitantes altos e de pele verde sacudiram a escada de corda e ela foi puxada de volta. Artur ouviu um apito acima dele e o tamborilar das asas da libélula aumentando em ritmo e afinação. As patas da criatura, que estavam penduradas pouco acima de Artur, retraíram-se contra o imenso abdômen.

A libélula virou-se bruscamente para a direita e o movimento fez Artur balançar na corrente. Seus braços podiam ser à prova de luxação, mas alguma parte de seu cérebro não era e lhe enviava mensagens de uma dor intensa, um sinal de que ele tinha que fazer alguma coisa.

Artur ignorou a dor. Então, com um esforço hercúleo, inclinou-se para a frente, até ficar de cabeça para baixo, enfiou os pés por entre os braços e se balançou, de modo que os pulsos algemados ficassem na frente do corpo e em cima da cabeça. Nessa nova posição, ele podia segurar as correntes, em vez de ter todo o peso do corpo suportado pelos pulsos. Ainda estava suspenso por correntes sob uma veloz libélula gigante, mas pelo menos os pulsos e os ombros não doíam tanto.

Com a diminuição da dor, Artur descobriu que podia se concentrar em outras coisas e observou ao redor. A libélula havia se estabelecido em um voo nivelado a cerca de 300 metros de altura, Artur imaginou, e isso lhe proporcionava uma vista panorâmica dos Jardins Incomparáveis.

Em outras circunstâncias, teria sido uma vista maravilhosa. Abaixo havia uma colcha de retalhos de centenas ou talvez milhares de diferentes jardins, todos separados por corredores de altas cercas verdes, como aquelas em que ele tinha sido capturado. Havia jardins pequenos, verdes e organizados; jardins castanho-avermelhados e marrons que se estendiam por vários hectares; havia desertos, colinas baixas e pântanos; e ainda várias praias encontrando-se com um oceano de não mais de uma centena de metros de comprimento e largura. Em uma pequena porção dos Jardins, havia edifícios que variavam de abrigos a minaretes e edifícios modernos que não ficariam deslocados na cidade natal de Artur.

Em meio aos mais variados canteiros de Jardins, havia vários outros locais que ocupavam áreas muito maiores. Um deles, a alguma distância à direita de Artur, era uma área verde de pelo menos um quilômetro de largura e vários quilômetros de comprimento, com uma lagoa seca ou um poço lamacento no meio. Um momento depois, Artur reconheceu aquele como o lugar onde Sábado havia sido atacada. Quando o garoto olhou mais atenção, percebeu que havia pequenas figuras em movimento ao redor do buraco e em todo o gramado verde em direção ao cume de flores silvestres, onde vários outros pontos pequenos moviam-se. Entretanto, como estava a vários quilômetros de distância e a libélula cada vez subia mais e mais, ele não poderia dizer se aqueles pontos eram insetos Soldados de Domingo ou Habitantes de Sábado.

“Não que isso realmente importe”, pensou Artur. Ele precisava se concentrar no que faria, em vez de pensar no que estava acontecendo na batalha entre Sábado e Domingo... ou na batalha na Casa Alta abaixo deles, entre o Tocador de Gaita e Sábado.

Ele olhou para as algemas em seus pulsos. Tanto quanto podia ver, com o vento nos olhos e o balanço constante para trás e para a frente, conforme o curso da libélula mudava, as algemas eram uma peça de aço enfeitiçado. Não tinham fechaduras nem parafusos ou outros elementos de fixação, e as correntes percorriam ilhoses salientes de meia polegada de espessura e pareciam ser parte das algemas, já que não havia sinais de solda ou pontos fracos que pudessem ser explorados.

Era provável que só poderiam ser desfeitas pela Sétima Chave ou por algum poder similar. Talvez Artur, com todas as outras seis Chaves, pudesse ser capaz de ordenar a abertura, se Lorde Domingo não estivesse ordenando o contrário. Mas ele não tinha nenhuma Chave naquela hora.

O garoto juntou os pulsos e tentou enfiar os dedos da mão direita sob a alga esquerda, em uma tentativa de dobrá-la ou quebrá-la com a força agora sobrenatural. Mas as algemas estavam muito apertadas e em seu coração Artur sabia que não havia nenhuma chance de elas serem abertas por qualquer ato físico. Confeccionadas por feitiçaria, elas poderiam ser desfeitas apenas por feitiçaria.

Em seguida, Artur tentou convocar um telefone, como tinha feito em outras partes da Casa. Mas, mesmo pedindo em voz alta ou simplesmente tentando trazer um telefone à existência, nada aconteceu.

Depois disso, ele tentou convocar a Primeira, a Segunda, a Terceira e a Quarta Chaves, como tinha feito na Casa Intermediária. Mas isso também não funcionou, pois, independentemente do quanto ele gritasse, sua voz, em virtude de alguma coisa que Domingo havia feito com ele, saía rouca e se perdia na velocidade constante do vento.

E ele sempre sentia a pressão invisível da Sétima Chave trabalhando contra ele. Ficou claro que ele não poderia se sobrepor a ela.

Apesar disso, depois de um pouco de descanso — se é que é possível descansar balançando suspenso por correntes sob uma libélula gigante voando em alta velocidade —, Artur tentou novamente. Mas tudo o que conseguiu foi uma dor de cabeça violenta, em adição àquelas em seus pulsos e ombros.

Finalmente, apenas se deixou balançar pelas correntes e tentou pensar. Ele estava em uma situação desesperadora, sabia disso. Enquanto tinha poucas chances de matar Lorde Domingo, o malvado certamente tinha o poder de acabar com ele se quisesse. Mas, se quisesse, provavelmente já teria feito isso.

Artur refletiu sobre isso um pouco mais. Domingo tinha conseguido capturar a Quinta e Sexta Chaves, enquanto ele estava sendo preso, mas, talvez, se tivesse tentado matá-lo, as Chaves o teriam defendido. Além disso, se Lorde Domingo o matasse, não poderia mais capturar as outras Chaves. Elas tinham que ser entregues voluntariamente.

Era possível que Lorde Domingo não quisesse as outras Chaves. Artur não tinha ideia do que ele realmente queria. Afinal de contas, foi Sábado que estabeleceu a tomada da Casa e também invadido os Jardins Incomparáveis, porque eram a única parte da Casa com chances de sobreviver ao ataque do Nada, que já tinha tomado o Longínquo, a Câmara dos Deputados e sabe-se lá o que mais.

Tudo o que Artur sabia era que Lorde Domingo era um dos Curadores Infieis originais, que, desobedecendo à Arquiteta, tinham quebrado e escondido as sete Partes do Testamento, em vez de seguir as instruções. Como Artur era efetivamente um procurador do Testamento e o suposto Herdeiro Legítimo da Arquiteta, Lorde Domingo era, automaticamente, seu inimigo.

“Mas talvez ele queria que façamos algo juntos”, ele pensou. “Nós dois temos que parar a maré de Nada, salvar a Casa e o resto do Universo. Talvez eu pudesse confirmar que ele permaneceria no comando dos Jardins Incomparáveis e ficaria em paz, o que parece ser o que ele quer...”

Artur suspirou quando seus pensamentos continuaram por regiões menos otimistas.

“A quem eu estou tentando enganar? A Primeira Dama jamais concordaria. Além disso, quem sabe do que Domingo é realmente capaz? Preciso escapar! Mas como?”

Ele suspirou novamente, um suspiro que se transformou em uma careta de dor quando a libélula mudou de direção novamente. Com as sacudidas, as algemas raspavam em todos os ferimentos de seus pulsos, não importa o quanto ele segurasse a corrente acima.

Com a dor veio uma constatação inesperada. Desde que ele assumira finalmente a Quinta Chave, toda dor que sentia vinha acompanhada de um desejo ardente de retaliação, de vingança contra quem ou o que o machucava. Mas ele não estava com raiva naquele momento e não sentia nenhuma raiva intensa prestes a explodir dentro dele.

“Sou mais fraco sem as minhas Chaves”, pensou Artur. “Mas também sou mais eu.”

Eles estavam indo em direção a uma nova paisagem, uma colina verde e alta que ainda estava a vários quilômetros de distância. Parecia-se muito com a Colina da Entrada da Casa Intermediária, porém era significativamente maior, e as inclinações inferiores eram um terraço coberto por árvores. Havia também algo na crista da colina, um edifício baixo ou alguma construção, porém estava longe demais para Artur conseguir identificá-la facilmente.

Abaixo dele, a variedade de Jardins continuava, divididos por altas cercas verdes. Artur olhava para eles enquanto tentava desesperadamente pensar em alguma estratégia para conseguir se libertar. Deixou os olhos perderem o foco, estreitando-os contra o vento impetuoso, e os Jardins abaixo se tornaram uma gradação borrada de vários tons de verde, marrom e azul.

“Azul”, pensou Artur.

Ele piscou e recuperou o foco. Havia um lago e, cerca de meio quilômetro adiante, um daqueles estranhos oceanos truncados despejando suas ondas em determinado trecho de uma praia de 200 metros de comprimento.

“Águas navegáveis”, pensou Artur e então lhe surgiu na mente a imagem de um homem alto com barba branca e profundos olhos de um azul claríssimo, empunhando um arpão que brilhava intensamente com a mais poderosa feitiçaria.

Era o Marinheiro, o segundo filho da Arquiteta e do Ancião, que tinha jurado ajudar Artur três vezes e já o tinha feito duas.

Onde quer que houvesse águas navegáveis, o Marinheiro poderia navegar. Artur pensou que, se qualquer outra coisa além da Sétima Chave pudesse quebrar aquelas correntes, essa coisa seria o arpão do Marinheiro.

“Tenho que chamá-lo imediatamente, já que ele pode levar séculos para chegar aqui. Preciso pegar meu Medalhão.”

O Medalhão do Marinheiro estava no bolso do cinto de Artur, em sua cintura, o que representava um problema. Suspenso como estava, com os pulsos algemados um no outro, ele não podia simplesmente abaixar as mãos, abrir o bolso e recuperar o Medalhão. Tampouco podia, percebeu depois de algumas tentativas, levantar-se alto o suficiente para colocar as mãos perto do bolso, pois, quando tentou fazer isso, começou a girar violentamente.

Em seguida, Artur tentou balançar as pernas para cima, quem sabe conseguisse ficar de cabeça para baixo. Entretanto, algumas tentativas mostraram que, mesmo que conseguisse se virar de cabeça para baixo e colocar as mãos perto do bolso do cinto sem entrar no mesmo movimento de

rotação, não havia nenhuma maneira de abrir o bolso e pegar o Medalhão, pelo menos não sem uma chance muito grande de o objeto e seu Elefante Amarelo caírem e se perderem para sempre.

Artur ainda estava pensando em uma maneira de pegar o Medalhão quando a libélula começou a descer. Ela continuava voando em direção à colina cercada por terraços que Artur tinha visto, só que não estava mais mirando o topo, mas algum ponto no meio do caminho.

Artur endireitou-se e tentou parar de girar. Havia algo no terraço que lhe chamara a atenção e ele queria ver melhor.

Conseguiu e imediatamente sentiu um arrepio mais gelado do que o do aço enfeitiçado em seus punhos. No terraço a meio caminho da encosta, havia a face de um relógio de cerca de 6 metros de largura, com números verticais feitos de metal enfeitiçado azul. O relógio tinha ponteiros pontiagudos e, ao lado do pivô central, um pequeno alçapão.

Era uma réplica pequena da prisão do Ancião, só que não havia ninguém preso nos ponteiros do relógio.

“Ou”, pensou Artur, “pelo menos não há ninguém preso lá ainda...”





Capítulo 9

O elevador caiu mais rápido do que o habitual, por isso a viagem foi muito menos suave. Suzy e Giac foram jogados contra as paredes e a Sexta Parte do Testamento teve que bater constantemente as asas para manter o equilíbrio, até que finalmente agarrou-se no ombro de Suzy. Mas continuou batendo as asas enquanto Suzy tentava apoiar-se em um canto e Giac no outro.

Ainda mais alarmante era o fato de que, a qualquer momento, um pequeno glóbulo de Nada poderia explodir das profundezas do chão e sair pelo teto. Felizmente, isso aconteceu mais perto da parte posterior do elevador, e os três passageiros estavam longe. Tudo o que o Nada acertava era dissolvido. Apenas uma pequena fração era suficiente para destruir uma mão ou um pé. Aquilo era também uma assustadora indicação de que o Nada continuava atacando a Casa. Se havia glóbulos e partículas de Nada soltos no poço do elevador, era provável que mais defesas haviam sido violadas.

— Tem certeza de que apertou o botão certo? — perguntou Suzy.
— Porque você sabe que metade da Casa está tomada pelo Nada e se estivermos caindo na direção dele...

— Os botões corroídos indicam alta contaminação por Nada — explicou o Testamento, que estava analisando as fileiras de botões de bronze ou, melhor, os antigos botões de bronze. — Os que estão completamente pretos e desintegrados mostram as partes perdidas da Casa.

— Então, o botão para o Grande Labirinto ainda estava totalmente brilhante? — perguntou Suzy. — Isso é bom.

— Não totalmente — disse o Testamento. — Existem várias localizações do elevador dentro do Labirinto. Algumas estão enegrecidas. A que escolhi está um pouco manchada, e a mancha está se espalhando, mesmo neste curto espaço de tempo.

— O Labirinto está se dissolvendo? — perguntou Suzy. — O Nada está se espalhando por lá também?

— Parece que sim — respondeu o Testamento. — Acho que é melhor apressarmos este elevador — ele voou do ombro de Suzy até o teto acima dos botões e, usando o bico como um picador de gelo, esmagou um pequeno

painel folheado de marfim sobre a madeira, atrás do qual havia um anel dourado. Olhou para trás e anunciou:

— Segurem-se e preparem-se.

Suzy e Giac obedeceram. O corvo pegou o anel, dobrou as asas e mergulhou de volta no ombro de Suzy, puxando, com a ajuda do anel, uma fina corrente dourada do teto. Conforme a corrente alargava, a velocidade do elevador aumentava. No momento em que o Testamento chegou ao ombro de Suzy, a garota se sentiu de repente leve, subindo pelo ar, enquanto o elevador acelerava para baixo.

— Estou flutuando! — ela gritou. — Isso é ótimo!

— É? — disse Giac preocupado. — Tem certeza?

— Segurem-se! — alertou o Testamento. — Vamos desacelerar. Ou bater. Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

O corvo soltou o anel no “seis” e a corrente voltou para o teto, enrolando-se. Quando isso aconteceu, o elevador desacelerou de repente, atirando Suzy e Giac contra o chão. Alguns segundos mais tarde, houve um impacto terrível e o elevador explodiu, atirando todos para o ar novamente em uma tempestade de lascas e tábuas quebradas. Antes que pudessem cair de volta, tudo pendeu em uma acentuada inclinação. Os três deslizaram pela parede e foram parar em um emaranhado confuso em um canto perigoso. Os glóbulos de Nada haviam transformado o elevador em uma peneira.

Finalmente um sinal tocou e a porta interna se abriu, revelando uma porta de grade pendurada pelas dobradiças. Além dela, havia uma guarita, onde uma dúzia de surpresos Habitantes uniformizados com os casacos amarelos e as calças cinzentas da Artilharia Moderadamente Honrosa preparavam seus mosquetes, pistolas, alabardas e espadas.

— Adivinhe quem está aqui — falou Suzy, engatinhando pelas pernas de Giac e afastando do rosto as asas de Testamento, que estava empoleirado em sua cabeça. — Seja lá onde for aqui.

Levantou-se, limpou do corpo as lascas de madeira e a poeira e ergueu as mãos, o que parecia uma sábia precaução, dado o número de armas com pó de Nada que estavam apontadas para ela, incluindo uma pequena peça de artilharia de rodas que estava sendo empurrada por mais meia dúzia de artilheiros e um estranho tambor de bronze sendo colocado na porta do elevador.

— Sou a General Suzy Azul-Turquesa, ajudante pessoal de Lorde Artur — ela gritou. — Quem está no comando aqui? — as armas não foram abaixadas e ninguém respondeu. Suzy teve um momento de dúvida, o que era incomum para ela, enquanto se perguntava se os artilheiros tinham passado de moderados *honrosos* para moderados desonrosos, juntando-se ao Tocador de Gaita ou a Sábado. Em seguida, um Sargento de Armas, cujas mangas resplandeciam com listras douradas e canhões cruzados, fez um sinal para os outros Habitantes, que abaixaram um pouco as armas, mas não tanto a ponto de dar uma chance de algum deles sair do elevador. O artilheiro com o fósforo perto do canhão também afastou a chama do pavio, entretanto não o suficiente para que todos pudessem se sentir confortáveis.

— Fique aí, minha senhora, e os outros também — gritou o Sargento de Armas. — O Marechal Crepúsculo está no comando aqui e temos ordens de não arriscar nada. Vi a senhora lutando na Cidadela, mas ver nem sempre quer dizer acreditar. Por isso, se não tem nenhuma objeção, vamos mandar uma mensagem para o Marechal — ele fez um sinal com a mão e um dos artilheiros da comissão traseira deslizou para perto da pesada porta de metal do elevador.

— Boa ideia — concordou Suzy. — Hum, onde está ele? Não estamos na Cidadela?

— Isto aqui é o Arsenal do Desfiladeiro — disse o Sargento de Armas. Ele estava prestes a acrescentar algo mais quando foi interrompido por três buzinas distantes de algum lugar do lado de fora. — Vocês talvez queiram tapar os ouvidos — disse o Sargento de Armas, embora nem ele nem qualquer um dos outros artilheiros tenha esboçado algum movimento para fazer isso.

Giac obedeceu prontamente, e Testamento enfiou a cabeça sob a asa. Suzy, porém, estava prestes a perguntar o motivo quando houve uma súbita explosão titânica. As paredes de pedra da guarita estremeceram e o elevador inclinou-se ainda mais, até ficar quase na posição horizontal e Suzy se ver sentada no que momentos antes era a parede.

O Sargento de Armas falou alguma coisa, mas Suzy não podia ouvi-lo com aquele zumbido nos ouvidos. Quando o barulho diminuiu, o Sargento de Armas falou novamente. Apesar de Suzy realmente não poder ouvi-lo, ela pôde entender o que ele estava dizendo apenas observando o movimento dos lábios dele.

— Eu avisei — disse ele.

Suzy sorriu e fingiu limpar os ouvidos com os dedos, o que de fato ajudou, então ela continuou fazendo isso e depois olhou com surpresa para a ponta dos dedos enegrecidos.

— Deve fazer um bom tempo que as Auxiliares de Banho lavaram meus ouvidos — ela concluiu com orgulho. — Não acho que vão ter outra chance.

— Acredito que é muito improvável — disse a Sexta Parte do Testamento, pulando para o ombro de Suzy e olhando para os artilheiros. — Diga-me, Sargento, por que todos estão usando braçadeiras negras? E o que foi essa explosão?

O Sargento de Armas estreitou os olhos.

— Não vou responder a perguntas de uma ave de procedência duvidosa — respondeu ele. — Você parece um tipo de Nadica.

— Como? — ele se indignou. — Fique sabendo que eu sou a Se...

— Shhh — fez Suzy, apertando o bico do corvo. — O pássaro está certo. O Marechal Crepúsculo vai se responsabilizar por nós.

— E quanto a ele? — perguntou outro artilheiro, apontando para Giac. — Ele é um dos de Sábado, não é?

— Bem, era — explicou Suzy. — Mas agora não é mais, certo? Ele trabalha para Lorde Artur, como nós.

— Se você está dizendo... — resmungou o artilheiro, mantendo, uma posição de prontidão com sua arma.

— Então, por que as braçadeiras negras? — perguntou Suzy, repetindo a pergunta de Testamento. — E o que foi que explodiu? Alguém estava fumando de novo no armazém de pó de Nada?

Um coro de vozes irritadas respondeu à última pergunta. Era uma crença comum no resto do exército que os artilheiros e engenheiros da Artilharia Moderadamente Honrosa sempre estavam à beira de explodirem por acidente e que apenas a boa sorte os poupava. Era uma crença totalmente infundada, mas isso não a tornava menos irritante.

— Calem-se! — rugiu o Sargento de Armas.

O murmúrio cessou e o Habitante corpulento voltou-se para Suzy.

— Agora, general, supondo que você seja quem diz que é, você sabe que nenhum artilheiro fuma, mesmo se pudéssemos obter os ingredientes, o que não é possível desde a queda das Regiões Afastadas. Da mesma forma, não brincamos com fósforos, isqueiros, sprays de chama, faíscas ou qualquer outra

coisa que as outras unidades dizem que fazemos, de modo que não gostamos das piadas a respeito de nossos armazéns de pó de Nada ou...

Ele parou de repente e, com o sexto sentido de um sargento de longa data, preparou-se para ficar em posição de sentido. Em seguida gritou:

— Sentido!

Os artilheiros empurraram-se totalmente na vertical, tornando-se estátuas congeladas. A pesada porta rangeu ao ser aberta e um alto Habitante vestindo um uniforme cinza-escuro com dragonas negras entrou.

— Marechal Crepúsculo! — exclamou Suzy.

— General Suzy Azul — respondeu Crepúsculo gravemente. Fez uma pausa para oferecer uma saudação elegante, que Suzy respondeu com bem menos graciosidade, mas com considerável gosto. — Sua visita é inesperada — continuou Crepúsculo, com a leve entonação de uma pergunta, — assim como a de seus companheiros... Estou certo em presumir que me dirijo a uma Parte do Testamento?

— Está, sim, senhor — respondeu o corvo vaidoso. Ele gostava de ser reconhecido.

— E um dos feiticeiros de Sábado?

— Ah, não... Não, senhor — disse Giac. — Eu era apenas um Feiticeiro Excedente, senhor. Mas agora sirvo ao Lorde Artur.

— Alegra-me ouvir isso — falou Crepúsculo. — Tenho certeza de que há muito mais para ouvir, porém há muito pouco tempo para ouvi-lo. Devemos todos estar no terraço adjacente antes do entardecer.

— Para onde estamos indo? — perguntou Suzy. Ela estava familiarizada com a forma como o Grande Labirinto era dividido em milhares de terraços quadrados que se moviam no fim de cada dia, viajando frequentemente grandes distâncias em um minuto. Mas não tinha um dos almanaques que os oficiais utilizavam para descobrir qual terraço pegar para chegar a determinado destino. Ela saiu dos destroços do elevador enquanto falava e se aproximou de Crepúsculo. Aproveitou para desviar os olhos por um momento e olhar para fora da janela estreita na espessa parede de pedra.

— Grande parte do Labirinto foi tomada pelo Nada — explicou Crepúsculo. — Estamos desocupando a Casa Intermediária. A maior parte do Exército já se deslocou durante o dia. Comando uma retaguarda que vem destruindo nosso cerco e nossas armas maiores, porque não podemos levá-los conosco e há grandes chances de o Tocador de Gaita ou algum outro inimigo

precipitar-se e recuperar algumas para mais tarde usá-las contra nós, antes que o Nada destruía completamente o Labirinto.

— Isso explica a explosão — comentou o Testamento. Ele voou até a janela e olhou para fora com seus afiados olhos negros. — Talvez você possa me dizer por que está usando braçadeiras fúnebres...

— Pelo Senhor Quinta-Feira — disse Crepúsculo após um momento de hesitação. — Afinal de contas, ele era nosso comandante-chefe havia milênios, apesar de ter descumprido seu dever com a Arquiteta.

— Quer dizer que ele também está morto? — perguntou Suzy.

— Sim — respondeu Crepúsculo. — Esta manhã, em sua cela. Os guardas também foram mortos. Restaram apenas as botas do Senhor Quinta-Feira.

— É mais provável que ele tenha escapado — sugeriu Suzy.

— Os pés dele ainda estavam nas botas — explicou Crepúsculo. — O resto foi dissolvido pelo Nada.

Suzy levantou uma sobrancelha e coçou a cabeça.

— Então, todos estão mortos? — ela perguntou. — Segunda-Feira, Terça-Feira, Quarta-Feira, Quinta-Feira... mas quem os matou?

— E quanto a Lady Sexta-Feira? — perguntou o Testamento. — Pelo que sei, ela também estava presa na Cidadela.

— Ela ainda está viva, até onde eu sei — continuou Crepúsculo. — Mas foi levada à Casa Intermediária algumas horas atrás.

Testamento refletiu sobre aquela informação por um momento antes de armar a cabeça para perguntar:

— E as outras Partes do Testamento? Onde estão? Elas se refizeram como a Primeira Dama ou ainda estão divididas?

— Acredito que elas... ah... que ela... quer dizer, que a Primeira Dama... retornou... e agora está na Casa Intermediária, onde estabeleceu um posto de comando — respondeu Crepúsculo. — Em preparação para Lorde Artur, é claro. A propósito, vocês sabem onde está Lorde Artur?

— Não — disse Testamento olhando para Suzy. — Mas ele me deu ordens para preparar uma força-tarefa para atacar a Casa Superior. Se o Exército recuou para a Casa Intermediária...

Crepúsculo interrompeu:

— Não “recuamos”. Por favor... — começou ele. — Apenas assumimos uma posição alternativa para nos preparar para mais uma ação ofensiva.

— Se o Exército e a Primeira Dama estão na Casa Intermediária, temos que ir até lá — afirmou o Testamento. — Mas não podemos usar este elevador.

— Na verdade — disse Crepúsculo estou surpreso que vocês tenham chegado nele. O dr. Scamandros acredita que o poço está muito comprometido pelo Nada ou nós mesmos o teríamos usado.

— Só você para chamar um elevador podre como esse — Suzy reclamou para o Testamento. A ave estalou o bico para ela e voou para o ombro de Giac, que, alarmado, enrijeceu o corpo e desviou o olhar, como se pudesse ignorar a presença do pássaro mágico.

O Marechal Crepúsculo tirou da manga um relógio de bolso de prata e o abriu.

— Venham! Temos menos de uma hora. Devemos marchar imediatamente para o próximo terraço. Ele se move para a Cidadela e nosso último elevador de serviço está lá.

— Então, os terraços se movem? — perguntou Suzy. — Eles não tinham parado de funcionar?

— Alguns ainda funcionam — respondeu Crepúsculo. — Vamos torcer para que justamente o que precisamos nos leve *para onde precisamos*. Se isso não acontecer...

— Se isso não acontecer... — repetiu Suzy quando o Marechal Crepúsculo não terminou a frase.

— Se isso não acontecer, seremos consumidos pelo Nada — concluiu o Habitante.





Capítulo 10

Folha estava a um passo da Porta da Frente, com os olhos fechados, quando o Ceifador lhe deu um forte empurrão. Ela cambaleou para a frente, com os braços estendidos para se proteger, mas não encontrou resistência. Em vez disso, atravessou a porta e caiu gritando na escuridão.

Ainda estava gritando quando o Ceifador a segurou e a foice lançou uma brilhante luz esverdeada ao redor. Só então Folha percebeu que não estava realmente caindo, eram seus sentidos que a haviam traído. Ela estava mais flutuando do que qualquer outra coisa. Mas, se desviasse o olhar do Ceifador ou fechasse os olhos, a sensação de queda retornava.

— Onde estamos? — perguntou.

— Dentro da Porta da Frente — respondeu o Ceifador. — Onde não devemos ficar. Suba nas minhas costas, mas não tente nenhuma bobagem.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntou Folha. Ela já estava pensando em tentar estrangular o Ceifador ou algo parecido, com a vaga ideia de que, se pudesse parar a eventual chegada ao lugar onde o Ceifador queria levá-la, já seria uma espécie de vitória.

— Será melhor obedecer. Existem muitos Nadicas dentro da Porta — argumentou o Ceifador. — E eu terei duas mãos para empunhar minha foice.

Folha olhou em volta. Tudo o que podia ver era ela e o Ceifador dentro de um globo de luz esverdeada. Todo o resto era escuridão.

— Tenho pouca paciência com aqueles que optam por morrer — reclamou o Ceifador. — Suba nas minhas costas. Agora!

Folha olhou ao redor novamente. Desta vez, ela viu uma sombra quebrar a luz verde uma fração de segundo antes do aparecimento súbito de pernas que pertenciam a algo que tinha o abdômen e as patas de uma aranha e o torso e a cabeça de um ser humano. Antes que aqueles membros peludos pudessem agarrá-la, ela mergulhou debaixo dos pés do Ceifador, que girou a foice e dividiu o Nadica em dois. As diferentes partes ainda se mexiam, tentando alcançar a garota, até o Ceifador chutá-las para o lado e elas desaparecerem na escuridão. Folha não precisava de mais instruções. Subiu nas costas do

Ceifador como um macaco em uma árvore e abraçou o pescoço dele com os braços trêmulos.

— Segure-se — mandou o Ceifador. Depois de ela obedecer, ele saltou, estendendo a foice em sua frente. A luz verde brilhava ao redor deles enquanto se moviam através daquela estranha escuridão que não era nem água, nem ar.

Como criaturas de águas profundas atraídas por uma isca brilhante, os Nadicas procuravam a luz verde. O primeiro era uma coisa que mais se parecia com uma ave gigante, de bico duro e penas metálicas, embora, em vez de garras, tivesse mãos humanas enormes, cada uma com oito dedos e nenhum polegar. Espetou o bico no Ceifador, que mergulhou e varreu a coisa com a foice, de modo a fazê-la estourar em uma tempestade de sangue e penas para todos os lados.

O ataque seguinte veio de uma dúzia de pequenos Nadicas que tinham a forma geral de caranguejos, embora cada um tivesse um rosto humano na parte de trás da carapuça, rostos que choravam e gritavam enquanto as coisas corriam em todas as direções. Novamente, porém, a foice se moveu, matando os Nadicas e permitindo que o Ceifador e sua carga humana continuassem.

Depois dos caranguejos com rostos humanos, houve silêncio. Folha não poderia dizer a que velocidade eles estavam se movendo, pois não tinha nenhum ponto de referência nem havia ar passando por seu rosto. Ela teve um momento de pânico quando se perguntou se, de fato, simplesmente não havia ar. O desespero foi tanto que ela puxou a máscara de gás e, mesmo com o equipamento desligado, não poderia dizer se estava respirando alguma coisa ou não. Mesmo assim, ela estava viva. Se não conseguisse respirar dentro da Porta da Frente, já estaria morta, então não fazia sentido se preocupar com isso, especialmente quando havia muitas outras coisas com o que se preocupar, como para onde o Ceifador a estava levando e por que razão. Mas, até isso se tornou insignificante quando Folha de repente viu que havia outro brilho logo adiante, um brilho que parecia ser composto por várias luzes distantes, não verdes, mas de um desagradável preto matizado de vermelho, como a fumaça das chamas de borracha queimada.

— Segure-se com um braço e estenda a mão — instruiu o Ceifador. Ele não tinha diminuído a velocidade, e estava indo em direção à luz vermelha. — Você também vai precisar lutar agora.

Folha estendeu a mão, e seus dedos se fecharam em torno do punho de uma espada que apareceu do nada. Era uma espada curta com uma lâmina de

aço azul ligeiramente curvada e mais ampla perto da ponta. Faíscas fracas corriam ao longo da lâmina. Quando Folha levantou a arma, as faíscas intensificaram-se e ela ouviu um ruído forte, um pouco como o sussurro rouco de uma multidão braba.

— Atacar o brilho no peito deles — orientou o Ceifador.

Por alguns segundos, Folha não sabia do que ele estava falando, até que as coisas chegaram perto o suficiente para ela ver o que estava emitindo o brilho vermelho. Em vez de vir de um incêndio, a luz era emitida do peito de uma centena ou mais de Nadicas que estavam dispostos na frente deles, tanto no mesmo plano quanto acima e abaixo. Aqueles Nadicas eram dotados de rudimentares asas de couro e as batiam descontroladamente, porém o mais impressionante era que, apesar de serem basicamente humanoides, parecia que não tinham cabeça. Pelo menos não sobre os ombros. Folha viu que o brilho vermelho vinha de olhos que tinham no peito, na altura das axilas, onde a cabeça deles estava localizada. Horríveis e malformadas, testas, narizes e queixos projetavam-se para fora de seus torsos nus iluminados pelo brilho de olhos vermelhos.

O Ceifador parecia não ter se perturbado com o número de criaturas. Mesmo enquanto eles batiam as asas abaixo, acima e em toda a extensão do ponto de impacto, o Ceifador continuava a toda velocidade. Embora ele não tivesse asas, Folha viu que a foice atraía-o para a frente, como se fosse um mergulhador pendurado em uma hélice.

Quando estavam a poucos metros de distância, os Nadicas vieram até onde eles estavam, dezenas deles dirigindo-se diretamente para o alvo. Folha desviou-se e, com a espada, cortou as mãos dos Nadicas, em uma tentativa desesperada de impedi-los de a agarrar e arrastar para longe. A foice do Ceifador cortou outro tanto deles e, em seguida, Folha estava atingindo o ar, deixando para trás os Nadicas, incapazes de alcançá-los.

Folha visualizou os pontos vermelhos de luz desvanecerem-se a distância, mas segurou a espada, correndo o olhar em uma tentativa de manter todas as direções cobertas. Percebeu que estava segurando ainda mais apertado no Ceifador. Se ele fosse humano, ela o teria estrangulado havia muito tempo. Mas ele não fez nenhuma queixa.

Folha começou a fazer uma pergunta ao Ceifador, mas parou quando nenhum som saiu de sua boca. Engoliu em seco e inspirou profundamente antes de tentar outra vez.

— Quanto... quanto tempo até sairmos daqui? — perguntou, sentindo uma certa satisfação de ouvir o tremor em sua voz.

— Isso depende — disse o Ceifador — de nossos inimigos.

— Certo — Folha trocou a espada de mão e olhou ao redor novamente. Tal como antes, tudo estava escuro. Não havia luz, salvo a da foice. Então, ela viu alguma coisa. Uma pequena estrela distante, um pontinho de luz branca pura. Eles estavam indo em linha reta em direção àquele ponto, que aumentava a cada segundo.

— Aquilo é...

— É o outro lado da Porta — explicou o Ceifador, quando Folha estava prestes a perguntar se aquilo era outro inimigo. Ela sentiu uma onda de alívio. De alguma forma, mesmo sabendo que o Ceifador não era seu amigo, ela o temia menos do que os Nadicas desconhecidos que poderiam aparecer.

O alívio foi breve, já que o Ceifador mudou de repente de direção. Ao mesmo tempo, Folha pensou ter ouvido o eco de um trompete ou outra coisa do tipo. Tênuo, distante e tão baixo que poderia ter sido apenas um truque de seus ouvidos.

— Aonde... aonde estamos indo? — perguntou Folha. Sua voz não era tão firme quanto ela esperava.

— Ajudar um companheiro — respondeu o Ceifador. Sua voz, como sempre, era totalmente desprovida de emoção.

Folha ouviu a trombeta novamente enquanto eles voaram através da atmosfera estranha da Porta. O barulho ficou mais alto à medida que eles viajaram, indicando que o Ceifador estava indo diretamente para a fonte daquele som. Devia ser uma chamada de alarme de algum tipo, embora, como de costume, Folha não conseguia ver nada na escuridão. Entretanto, ela ficou de pescoço esticado, com o olhar fixo, para tentar descobrir possíveis direções de onde os Nadicas poderiam aparecer e atacar.

Mas nenhum Nadica atacou e, depois de algum tempo, a trombeta se calou. Folha quis saber como o Ceifador sabia para onde ir, pois ele manteve a velocidade e fez apenas pequenas mudanças de direção de tempos em tempos, então ele tinha claramente um destino específico em mente.

Finalmente, Folha viu algo à frente: um único Habitante que, a princípio, ela pensou estar estranhamente de pé, até que o Ceifador virou para o lado e ela pôde reorientar a noção do que estava acontecendo e do que havia abaixo dele. O Habitante estava de pé, *flutuando*, de costas para ela. Vestia um casaco

de cauda que, sob a luz verde da foice do Ceifador, parecia ser turquesa, mas Folha sabia que era, na verdade, azul, e que a única dragona no ombro era dourada. O braço direito estava esticado para baixo, ao lado do corpo, e os dedos mal seguravam uma espada presa ao pulso. O cabo trançado estava solto, uma borla caindo sobre a lâmina e a outra perdida para sempre.

Folha sabia que aquele Habitante era o Tenente-Guardião da Porta da Frente e, apesar do sangue azul estar escorrendo em uma dúzia de lugares em seu casaco e calça, ele ainda não estava morto. Quando o Ceifador se inclinou sobre ele, o Habitante levantou a cabeça.

— Você chegou tarde demais para a luta — disse fracamente. — Mas eu agradeço.

— Há muito tempo acho imprudente você lutar sozinho na Porta — respondeu o Ceifador. Ele transferiu a foice para a mão esquerda e estendeu a mão para deslizar o braço direito sob o ombro do Tenente Guardião. — Venha, vou levá-lo daqui. Meu Mestre vai deixá-lo bem novamente.

— Não — recusou o Tenente Guardião, sacudindo a cabeça. — Não devo deixar meu posto, e as lâminas foram envenenadas pelo Nada. Em breve vou atravessar uma porta mais misteriosa do que esta.

Folha, que estava olhando por cima do ombro do Ceifador, enxugou uma lágrima dos olhos. Era mais uma reação a tudo o que havia acontecido do que tristeza pela morte de um Habitante que ela não conhecia.

— Não chore, moça — pediu o Tenente Guardião. — Na verdade, estou muito cansado de meu trabalho incessante. Mas, antes de ser libertado, talvez você fique com minha espada.

— Não! — o Ceifador gritou, enquanto o Tenente-Guardião lançou a espada para Folha e se jogou para trás, caindo lentamente em uma cambalhota, toda a força e a vida derramada em seu ato final. Folha deixou cair sua espada curta e pegou o cabo da arma do Tenente Guardião enquanto o Ceifador virava-se e pulava, torcendo-se de modo que ficasse com a foice pronta para atacar a garota.

Quando os dedos de Folha fecharam-se ao redor do punho da arma, a trança dourada prendeu-se em torno de seu pulso. Nesse instante, ela sentiu um novo sentido de repente florescer em sua mente. Ela podia sentir a Porta da Frente em toda a sua vastidão e também as milhares de entradas e saídas, e quase podia sentir a presença de intrusos, azedos e desagradáveis... Tudo aquilo era informação demais. Ela gritou e se agachou sob a pressão da

sobrecarga sensorial, sem perceber que sua roupa de radiação estava ficando azul e se transformando em um casaco de cauda como o do Tenente Guardião morto, enquanto a metade inferior transformava-se em calças brancas e as botas tornavam-se pretas, brilhantes como um espelho.

O Ceifador levantou a foice, mas não atacou. Ao contrário, franziu a testa e usou a foice para se erguer cerca de 3 metros acima de Folha. Ainda estava em distância de ataque, mas não tomou nenhuma nova medida até que a garota lentamente desenrolou-se e se levantou.

— Meu Mestre não ficará contente — disse o Ceifador.

— O quê? — perguntou Folha. Com sua nova capacidade de sentir, ela ainda estava tentando entender o que acontecia na Porta, por isso era difícil ouvir ou falar ao mesmo tempo.

— Você agora é a Tenente Guardiã da Porta da Frente — informou o Ceifador. — Como tal, não posso obrigá-la a vir comigo. Eu poderia matá-la, é claro, mas minhas instruções são outras.

— Instruções de quem? — perguntou Folha.

— Lorde Domingo, é claro — respondeu o Ceifador. — Tenho certeza de que você adivinhou logo.

— Sim — concordou Folha. — O que ele quer comigo?

— Não sei — respondeu o Ceifador. — Meu Mestre gosta de reunir todas as ferramentas possíveis antes de embarcar em qualquer trabalho. Nesse caso, ele deve abrir mão de seu possível uso.

— O quê? — perguntou Folha novamente, de forma mais acentuada. Olhou para o lado, sentindo a aproximação de um grande grupo. — Nadicas estão se aproximando.

— Isso não é problema meu — falou com desdém o Ceifador. — Vou deixá-la agora.

— Mas você não pode fazer isso! — disse Folha. Havia muitos Nadicas dentro da Porta, além de estranhas violações onde ela sabia que eram portais para diversas partes da Casa ou dos Reinos Secundários que deviam estar fechados. — Eu preciso de sua ajuda!

— Respondi ao apelo do Tenente Guardião — respondeu o Ceifador. — Um desvio de meu trabalho que me custou muito caro. Agora, devo informar meu fracasso.

— Espere um... — Folha começou, mas o Ceifador levantou a foice e a ferramenta o levou embora. Um momento depois, ele estava acelerando no

escuro.

— Adeus! — gritou o Ceifador antes de desaparecer.

Folha levantou a espada, que brilhava com uma fria luz azul própria, como uma lâmpada fluorescente, e olhou na direção de onde a horda de Nadicas estava surgindo.





Capítulo 11

A libélula desceu para o terceiro terraço recortado na colina, e Artur foi arrastado sobre a áspera relva verde por cerca de 6 metros antes que a criatura voadora parasse. A escada de corda caiu e os dois Habitantes verdes e altos desceram. Desataram as correntes de Artur presas na libélula e, como ele temia, arrastaram-no para o relógio.

Lorde Domingo seguia de perto, apontando o poder da Sétima Chave contra Artur, enquanto as demais Chaves lutavam para sair da rede prateada. A força do poder de Domingo empurrava a cabeça de Artur para baixo, fazendo-o se sentir fraco e incapaz de resistir aos dois Habitantes. Um deles segurou-o enquanto o outro prendia as correntes nas pontas dos ponteiros do relógio. Artur sentiu as correntes ficarem mais curtas, como um elástico que retorna ao comprimento normal, arrastando-o rumo ao relógio até obrigá-lo a se sentar no pivô central, ao lado do alçapão.

Artur esticou o pescoço para verificar a posição das mãos. O ponteiro das horas estava no 12, por onde o ponteiro dos minutos acabara de passar. Então, o garoto olhou para o alçapão. Estava fechado, mas ele podia ouvir um leve zumbido do outro lado, algo parecido com uma risada baixa e desagradável.

— É como a prisão do Ancião — disse a Lorde Domingo, que estava perto do número 6 olhando para seu cativo. Ainda empunhava a Sétima Chave na mão direita e a rede prateada na esquerda. — Há fantoches ali dentro que vão arrancar meus olhos?

— Sim — confirmou Lorde Domingo. — Mas você tem quase 12 horas antes de eles saírem. E terá a chance de ser poupado.

— Como? — perguntou Artur.

— Você pode entregar as Chaves para mim — respondeu Lorde Domingo. — E o *Atlas Completo da Casa*. Se eles me forem dados de livre e espontânea vontade, vou levá-lo de volta para a Terra.

— E minha mãe?

— Ela vai com você.

— E você vai nos deixar em paz? Quero dizer, deixar a Terra em paz? Você vai impedir o Nada de destruir a Casa e os Reinos Secundários?

— Não interfiro desnecessariamente além destes Jardins — falou Lorde Domingo. — É lamentável a maneira que os eventos aconteceram, obrigando-me a tomar certas atitudes e impor a ordem onde outros falharam ao fazê-lo.

— Então você não vai prometer que nos deixará em paz? — perguntou Artur. — Ou qualquer outra coisa.

— Você já ouviu a minha proposta — Lorde Domingo respondeu friamente. — Você e sua mãe voltam para seu mundo, se você me der as Chaves e o Atlas.

Artur balançou a cabeça lentamente.

— Não. Eu não confio em você.

— Muito bem — disse Lorde Domingo. — Saiba que os fantoches tirarem seus olhos é apenas uma das muitas coisas que posso ordenar para obrigá-lo a repensar. Embora eu não vá parar de ameaçar os meros mortais, vou manter sua mãe prisioneira. Sua amiga Folha também foi capturada. Se você quiser ver qualquer uma das duas novamente, vai ter que me dar as Chaves e o Atlas.

Artur fechou os olhos por um momento. Estava tentado pela oferta de Lorde Domingo, não porque temia pela mãe ou por Folha, ou tivesse medo dos bonecos que arrancariam seus olhos, mas simplesmente porque isso significava que ele poderia se desfazer do fardo impossível que lhe havia sido dado. Tudo voltaria a ser como era antes.

“Exceto que é tarde demais para isso”, Artur pensou quando abriu os olhos. “Não posso confiar que Domingo fará a coisa certa, para a Casa, para o Universo... ou para mim. Nem ao menos sei quais são seus verdadeiros planos ou por que ele permitiu que Sábado destruísse a Casa. Não há nenhuma maneira de ele me deixar em paz, não agora. Eu fui longe demais e mudei muito para agora simplesmente voltar. Tenho que enfrentar isto. Vou usar o medalhão para chamar o Marinheiro e espero que ele chegue antes das doze badaladas...”

A mão de Artur deslizou para a bolsa em seu cinto enquanto ele pensava nessas coisas. Mas os olhos de Lorde Domingo seguiram o movimento. Instantaneamente, Artur levantou a mão para coçar o nariz, a corrente tinindo enquanto ele se movia. Mas era tarde demais. A atenção de Domingo estava sobre a bolsa. O Curador ergueu a mão ligeiramente e o cinto de Artur se separou, a bolsa voou e foi pousar nos pés de Domingo. Sabão seco, um pano de limpeza e escova, várias porcas e parafusos, e então a bolsa de prata, a mais importante de todas, apareceu.

Domingo gesticulou novamente, e a bolsa de prata vomitou seu conteúdo: um Atlas Completo da Casa, o elefante amarelo e o medalhão do Marinheiro. O Atlas desapareceu assim que tocou a grama. Artur deu um salto quando ele reapareceu, um momento depois, no bolso da frente de seu macacão.

— Como as Chaves, o Atlas deve ser dado espontaneamente — informou Domingo. — Espero que você o faça antes que muito mais tempo se passe. Quanto aos seus bens sentimentais, não me importo em não lhe dar o conforto de tê-los de volta. Meio-dia, pegue essas coisas e jogue fora.

Artur pôde apenas ver como o ligeiramente mais alto dos dois Habitantes verdes pegou o elefante e o medalhão e os atirou longe. Os itens separaram-se no ar, o elefante em um arco alto que terminou de repente quando ele pousou nos galhos de uma árvore, o medalhão indo mais baixo e mais longe, percorreu vários metros antes de desaparecer abaixo do nível do terraço.

Artur observou cada momento da queda do medalhão e, com isso, a perda de sua única esperança de escapar.

— Tenho um jardim para cuidar — falou Lorde Domingo. — Voltarei dentro de algumas horas. Creio que até lá você terá pensado melhor em minha oferta.

Ele saiu do relógio horizontal e se afastou, mas não rumo à escada de corda da libélula. Em vez disso, Artur o viu caminhar para a parte de trás do terraço, onde uma linha de degraus encerrava a colina.

Os dois Habitantes o seguiram. Os três estavam nos degraus quando uma brilhante ave azul e vermelha passou por Artur e voou na frente de Lorde Domingo, pairando no lugar, as asas batendo tão rápido que eram praticamente apenas um borrão. Domingo estendeu um dedo, e o pássaro pousou nele. Levado ao ombro, falou ao ouvido de Domingo com uma voz estridente que Artur quase podia ouvir, mas não bem o suficiente para entender mais do que algumas palavras.

“Sábado... não... Pau-Drasils murchando... mais...”

O pássaro terminou de falar. Domingo acenou com a cabeça uma vez e ele voou para longe, de volta para baixo da colina. Domingo Virou-se e olhou para Artur.

— Parece que você não é o único teimoso que não consegue reconhecer a verdadeira posição — comentou Lorde Domingo. — Como sempre, devo encarregar-me pessoalmente dos assuntos.

Dizendo isso, entregou a rede prateada a Meio-Dia, que a segurou com as duas mãos. Foi necessário um esforço considerável para mantê-la relativamente parada com as Chaves pulando dentro, tentando alcançar Artur.

— A distância vai torná-las menos inquietas — explicou Domingo, que colocou a mão acima do esterno, tocando a Chave que pendia de uma corrente em volta do pescoço, escondida dentro da camisa, e fechou os olhos, concentrando-se por um momento. — Elas ficarão completamente calmas quando forem trancadas. Eu abri a caixa, mas em breve ela vai se fechar, então fique atento a isso. Amanhecer, venha comigo.

Domingo refez os passos de volta ao terraço do relógio, seguido por Amanhecer, e subiu a escada para a libélula. Mas Artur não viu Domingo subir; com o canto do olho, viu apenas a libélula afastar-se. Concentrado em Amanhecer, o garoto acompanhou com os olhos quando ele cuidadosamente carregou a rede prateada e as Chaves pelos degraus que levavam ao terraço seguinte, fora do campo de visão.

Poucos minutos depois, a libélula partiu, virando-se para subir sobre a colina. Artur estava sozinho, acorrentado ao relógio. Podia apenas ver a cerca de 30 metros mais próxima, abaixo da colina, e a ladeira do terraço atrás dela.

O relógio emitiu um som pesado, como o golpe agudo de um machado em uma madeira muito dura. O ponteiro dos minutos moveu-se para a frente, levando consigo a corrente presa ao pulso esquerdo de Artur.

O garoto mordeu o lábio e tentou pensar. Não tinha mais o medalhão, mas devia haver algo mais que ele pudesse fazer. Havia a possibilidade de a Primeira Dama ou o dr. Scamandros resgatá-lo, mas, assim que pensou isto, desistiu. Sua única chance real seria fazer algo ele mesmo. Precisava recuperar as Chaves, ou liberar a Sétima Parte do Testamento, ou reaver de alguma forma o medalhão do Marinheiro.

O relógio moveu-se novamente, a mão o acompanhou e a corrente se agitou. Artur esticou a cabeça e olhou ao redor. Não conseguia ver onde o medalhão havia parado. A única coisa que podia ver era o elefante amarelo preso nos galhos mais altos de uma árvore no terraço, um nível mais baixo na colina. O elefante parecia uma fruta estranha, o amarelo formando um contraste brilhante contra as pálidas folhas verdes da vegetação.

“Gostaria que você pudesse me ajudar”, pensou Artur. “Elefante, você sempre esteve lá para me ajudar quando eu era pequeno, mesmo que fosse apenas em minha imaginação...”

Artur desviou o olhar do Elefante e olhou para baixo, para o mostrador do relógio, e em seguida para a grama verde do terraço.

“O Ancião conjurava coisas do Nada quando o conheci”, Artur pensou. “Ele disse que eu precisava de uma Chave para fazê-lo, porém isso foi há muito tempo, antes de minha transformação. Talvez eu seja capaz de fazer coisas do Nada aqui.”

Ele colocou a mão no relógio. Não conseguia sentir frestas de Nada escondidas em algum lugar abaixo, como era de costume em outras partes da Casa, e era provável que os Jardins Incomparáveis fossem completamente blindados contra o Nada, mas valia a pena tentar. Valia a pena tentar qualquer coisa.

— Um telefone ligado à Cidadela no Grande Labirinto — disse Artur com firmeza. Ao mesmo tempo, visualizou o telefone que a Primeira Dama tinha lhe dado em uma caixa vermelha havia muito tempo. Tentou imaginá-lo tão real quanto possível, mas não sentiu nenhum dos sinais da magia da Casa. Embora aquelas dores sempre fossem desagradáveis, e por vezes extraordinariamente intensas, ele as teria recebido de bom grado se isso significasse que sua tentativa de fazer um telefone de Nada tivesse sido bem-sucedida.

— Um telefone ligado a outras partes da Casa! — repetiu, cuspiendo as palavras como se falasse com algum servo teimoso. Mesmo assim, não sentiu a magia e nenhum telefone apareceu.

Tentou evocar a ira que tinha sentido em sua casa, quando destruiu a mesa da cozinha. Esperava que aquela força pudesse, de alguma forma, alimentar sua tentativa de fazer alguma coisa a partir do Nada. Mas não tinha raiva e não conseguiria recapturar a emoção daquele momento. Sentia-se apenas exaurido, derrotado e apequenado. Todos os seus sentimentos fortes e triunfantes tinham desaparecido completamente, sido perdidos no momento em que ele fora preso por Lorde Domingo e seus servos.

— Talvez um telefone seja algo muito complicado — murmurou Artur. — Ou as ligações sejam difíceis... mas o que mais poderia ajudar agora?

Pensou em um alicate ou uma serra, mas esses instrumentos seriam inúteis contra o metal enfeitiçado das algemas. Na verdade, Artur não conseguia pensar em nada além do arpão do Marinheiro ou das Chaves que pudesse ter qualquer efeito sobre aquelas amarras.

“O que eu realmente preciso é de uma maneira de recuperar o medalhão. Ele está abaixo da encosta. Preciso de um cão retriever ou algo assim... um animal inteligente, que vai fazer o que lhe for solicitado. Gostaria que o Elefante fosse real, como costumava pensar que era quando eu tinha 4 anos...

Artur sorriu para si mesmo, lembrando-se do quão real o Elefante era e das conversas que ele tinha com Emily, contando o que Elefante fizera naquele dia, às vezes imitando uma voz e manipulando-o como se fosse ele quem falava.

Uma súbita pontada de dor percorreu as articulações de Artur do tornozelo até o ombro, e algo lhe tocou o braço. Ele gritou e ficou de pé, pensando em um fantoche de madeira e seu machado ou, ainda pior, o fantoche da velha com um saca-rolhas. Mas o alçapão estava fechado e o toque, quando retornou, no joelho, era leve, um toque suave que vinha do tronco de um pequeno elefante amarelo, cujos olhos negros encaravam Artur com sabedoria e carinho.

O garoto agachou-se e segurou o amigo da vida toda, mordendo os lábios para conter os soluços que estavam tão perto de sair. O Elefante esperou pacientemente até que Artur estivesse recomposto o suficiente para se sentar. O menino olhou para a árvore onde o brinquedo estava. Não havia mais nada lá e o elefante a seu lado definitivamente era uma versão viva de seu companheiro de infância.

“Fiz um Nadica”, pensou Artur, supondo que deveria sentir medo do que tinha feito. Mas ele não sentiu. Ele estava feliz. Não estava mais sozinho e, ainda melhor do que isso, tinha agora um aliado.

— Estou muito contente em vê-lo, Elefante — disse o garoto. — Preciso muito de sua ajuda. Há um medalhão de prata, mais ou menos deste tamanho, em algum lugar abaixo da encosta da colina naquela direção. Preciso que você vá lá e pegue-o, por favor. Pegue-o e traga-o para mim. Mas tenha cuidado. Até as plantas podem ser perigosas... Temos muitos inimigos aqui.

O Elefante concordou sabiamente e levantou a tromba para soprar um suave barrido de afirmação. Em seguida, pulou do relógio e se afastou pela grama, em direção à beira do terraço.





Capítulo 12

Felizmente para todos os interessados, o terraço levou Suzy, Crepúsculo, Giac, a Sexta Parte do Testamento e dois artilheiros para uma posição adjacente à Cidadela. Lá eles encontraram um dos guias de retaguarda que, evitando um buraco de Nada, que estava lenta e inexoravelmente espalhando-se como tinta em papel absorvente, atravessando as trincheiras abandonadas e os terrenos enegrecidos deixado pelo cerco dos Novicas, levou-os rapidamente para a Cidadela.

A grande fortaleza estava estranhamente calma e os edifícios tinham sido abandonados. Uma coluna de fumaça preta subia do bastião ao lado do lago, que havia sido incendiado para destruir o último armazém que não pôde ser levado para a Casa Intermediária.

O guia os conduziu pelo caminho mais curto, que normalmente estaria bloqueado por portões fechados, pontes levadiças e portas pesadas. Porém, todos os portais e defesas da Cidadela estavam abertos, e as poucas sentinelas restantes deixaram suas mensagens para participar da comitiva, embora mantivessem um olhar atento na retaguarda, procurando qualquer Nadica que tentasse segui-los, já que muitas dessas criaturas estavam começando a emergir dos lagos e bolsões de Nada que borbulhavam por toda a Cidadela.

Os soldados que partiram para a Casa Intermediária tinham deixado um monte de itens não essenciais para trás, pois havia pacotes, malas, baús e caixas por todos os lados dos quartos e corredores. Ao longo do caminho, Suzy pegou um casaco de General da Brigada Regimental, uma túnica azul de um oficial da equipe da Horda com dragonas de corrente e um estranho chapéu que Giac, adotando-o com entusiasmo, chamou de barretina.

O elevador na sala de estudo de Quinta-Feira tinha se expandido ao tamanho máximo, cerca de 30 metros de largura e 35 metros de comprimento, com um teto arredondado de aproximadamente 5 metros de altura. Mesmo antes de Crepúsculo, Suzy e suas tropas chegarem, o local estava lotado com a retaguarda, incluindo uma dúzia de Não Cavalos, uma carroça carregada com pó de Nada e mais de uma centena de soldados da Legião, da Horda, além dos fronteiriços e do Regimento, com vários oficiais e sargentos de diferentes

unidades, todos tentando afirmar sua autoridade para garantir que seus soldados tivessem as melhores e mais confortáveis acomodações.

Essa briga cessou quando Crepúsculo chegou e assumiu o comando. Suzy deixou-o com suas tarefas e foi se juntar a três crianças do Tocador de Gaita que estavam sentadas em um barril. Elas usavam uma peculiar mistura de uniformes fornecidos por ela e adotada pelos diferentes que agora formavam os Patrulheiros de Suzy. Suzy conhecia aqueles três, embora não muito bem, já que não tivera muito tempo para conhecer melhor todas as outras crianças do Tocador de Gaita no Exército.

— Pegue um biscoito, general — uma das crianças ofereceu uma iguaria que recuperara do barril abarrotado. Como nem as crianças nem os Habitantes do Tocador de Gaita precisava se alimentar, mas gostavam de fazê-lo mesmo assim, era surpreendente que o barril estivesse marcado como BENS ESSENCIAIS PARA A EVACUAÇÃO.

Suzy aceitou com alegria um biscoito de uva-passa e, entre uma mordida e outra, apresentou todos.

— Bren, Shan, Athan. Este aqui é o Coronel Giac — disse. — Ele é meu novo ajudante de campo.

— Coronel? — Giac sorriu, repetindo sua nova posição para si mesmo com grande satisfação.

— E o pássaro é a Sexta Parte do Testamento — acrescentou Suzy. Ela engoliu em seco e continuou: — Que vai se juntar à Primeira Dama em breve... Espero, então, que não digam nada sobre vocês sabem o quê.

— O quê? — perguntou o corvo.

— Isso não diz respeito nem a você, nem à Primeira Dama — respondeu Suzy. — Ou a qualquer um que não seja uma das crianças do Tocador de Gaita.

A Sexta Parte do Testamento olhou para ela com um olhar brilhante.

— Vou ser caridoso e presumir que você tem boas intenções — finalmente aceitou. — Mas tenha cuidado, Suzy Azul.

— Enfim, quais são as novidades? — perguntou Suzy.

Athan encolheu os ombros.

— O labirinto está desmoronando, todos fomos retirados da Casa Intermediária e Quinta-feira a extinguiu. Não sei mais nada.

Suzy estava prestes a fazer outra pergunta quando o elevador movimentou-se e todos tropeçaram e esbarraram uns nos outros, o que era muito doloroso

no caso dos Habitantes que tiveram os dedos dos pés pisados pelas patas revestidas de aço dos Não Cavalos.

— Vamos partir — disse aliviada uma artilheira no meio da multidão quando o elevador começou a acelerar para cima. A tensão de todos os habitantes diminuiu subitamente, e as conversas ficaram gradativamente mais intensas.

Ao contrário da descida de Suzy da Casa Superior, a subida para a Casa Intermediária foi uma viagem bastante estável e civilizada. Foi muito mais lenta, levando várias horas, as quais, todavia, foram preenchidas com biscoitos de uva-passa. Embora o coreto estivesse vazio, vários soldados fizeram alguns instrumentos, e logo havia um quarteto de músicos tocando, não muito bem, relaxantes músicas instrumentais.

Suzy, como de costume, não se debruçou sobre as más notícias ou ficou pensando muito no que estava por vir. Em vez disso, colocou as crianças do Tocador de Gaita para darem uma olhada nos armazéns transportados e ver se havia algo que eles pudessem querer “pegar emprestado”, como ela dizia. Mas não havia nada de grande interesse para Suzy, algo que ela de fato quisesse, embora tenha adquirido uma espada para si e conseguido uma vara de latão para Giac, a qual, segundo ele, seria um bom substituto para seu guarda-chuva. Giac até mesmo pensou que seria mais fácil lançar magias com o novo instrumento e, tomado por sua nova autoconfiança, já estava quase para testar a coisa antes de ser dissuadido pela Sexta Parte do Testamento.

A chegada deles também foi suave, anunciada por um leve solavanco e um mero sinal sonoro. As portas se abriram e logo o Marechal Crepúsculo saiu, seguido por Suzy, o corvo, Giac e as crianças do Tocador de Gaita. Suzy reconheceu o pátio onde o elevador havia aparecido: era o pátio central, em frente à principal guarita da Guarnição da União, uma fortaleza no topo da Casa Intermediária. Suzy protegeu os olhos com a mão enquanto olhava ao redor. Estava muito quente e brilhante ali, uma consequência da existência de dois sóis no céu acima, um menor do que o outro.

O pátio estava vazio quando Suzy havia passado por ali, mas agora estava cheio de contêineres do Exército, todos cuidadosamente alinhados contra as paredes. As estranhas árvores escamosas tinham desaparecido e nem seus tocos eram visíveis. Os soldados estavam em toda parte, movendo-se propositadamente, ou porque realmente tinham algo para fazer, ou porque queriam parecer que tinham. Havia alguns poucos Encadernadores da Alta

Aliança, em suas vestes de veludo, vagando por ali, levando papéis e potes de cola, ou a longa agulha que mais se parecia com uma lança.

O Marechal Crepúsculo foi recebido por vários oficiais. Depois de falar brevemente com eles, acenou para Suzy.

— A Primeira Dama deseja vê-la imediatamente, *General* Azul-Turquesa — informou. — Ela está nas ameias, examinando o campo.

— Acho que é melhor você vir também — Suzy começou a dizer para a Sexta Parte do Testamento, mas ele já estava levantando voo, batendo asas até o topo da torre, várias centenas de metros acima deles. Mesmo àquela distância, Suzy reconheceu a figura muito alta e magnífica que estava olhando para baixo, diretamente para ela.

A Primeira Dama levantou o braço, e o corvo pousou em sua mão. Houve um flash de luz, um som perturbador como o zumbido de um prato gigante sendo levemente atingido, e o corvo desapareceu.

— Que pena — murmurou Suzy. — Essa foi a melhor parte até agora, se querem saber. Espero que tenha algum efeito no rabugento.

— Como? Não entendi... — falou o Marechal Crepúsculo.

— Nada não — respondeu Suzy. — Só estava pensando em voz alta. Acho que é melhor subirmos. Imagino que você não tenha um bom par de asas de reposição... Ou um par de pares. Só consegui alguns pinhões com um macaco de graxa sarnento, e eu não confio muito neles.

— Asas são artigos estritamente racionados no momento — comentou Crepúsculo. — Ordens diretas da Primeira Dama. Vamos precisar de cada par se quisermos entrar na Casa Superior e nos Jardins Incomparáveis em seguida. As escadas são muito longas lá.

— Muito bem — disse Suzy, que olhou para Athan, piscou e tocou a lateral do nariz. A criança do Tocador de Gaita sorriu e, acompanhado por Shan e Bren, misturou-se novamente na multidão, rumando em direção à linha de contêineres do intendente.

— Vamos, então, Giac — convidou Suzy. — O último a chegar ao topo é um feiticeiro podre.

Ela começou a correr, mas parou depois de alguns passos quando percebeu que Giac não a seguiu imediatamente. Ele estava parado, olhando intrigado.

— Vamos!

— Mas eu já sou um feiticeiro podre — argumentou ele.

— Não, isso foi uma piada — Suzy começou a explicar. — Ah, não importa. Eu só estou apostando uma corrida com você até o topo. Para nos divertirmos. E também porque isso vai incomodar a Primeira Dama.

— Incomodar a Primeira Dama? — perguntou Giac preocupado. — E isso é uma boa ideia?

— Bem, não exatamente — respondeu Suzy. — É uma ideia estúpida, que faz parte da... — ela parou de falar e puxou Giac pela mão. — Não se preocupe. Vamos andar rápido. Não posso esperar que você entenda tudo de uma só vez. Você me faz lembrar o Artur.

— Faço? — perguntou Giac. Um de seus raros sorrisos passou por seu rosto.

— Sim — disse Suzy. — Parece que vamos ter que resgatá-lo de encrencas assim que descobirmos o que a Primeira Dama quer.

As muralhas estavam lotadas. O Marechal Meio-Dia, o Marechal Alvorada e Aurora de Sexta-Feira estavam lá, acompanhados por vários oficiais superiores com seus telescópios, auxiliares e telefonistas. Todavia, mesmo em meio à multidão, a presença da Primeira Dama era fácil de ser percebida. Ela ergueu a cabeça acima dos Habitantes mais altos ficou com quase 3 metros de altura. Vestia um casaco blindado de escamas de ouro e dragonas perfurantes que ameaçavam a segurança de qualquer vizinho quando ela se virava. Além das asas cinzentas que eram um legado da Quinta Parte do Testamento, ela também tinha um penacho de penas brilhantes de corvo que pareciam nascer diretamente de sua cabeça, uma lembrança da recente absorção da Sexta Parte do Testamento.

Ela também tinha a Primeira Chave, um ponteiro de relógio, presa ao cinto e a Segunda Chave, uma luva, nas mãos.

Curiosamente, a Terceira e Quarta Chaves haviam se transformado em um grande e feio pingente em formato de tridente mesclado com bastão, que ela trazia pendurado em uma corrente de ouro em volta do pescoço.

Suzy diminuiu o passo quando se aproximou da Primeira Dama e acenou para que Giac ficasse em suas costas. Embora não estivesse com medo, justamente porque se orgulhava de nunca ter sido muito medrosa, ela havia se tornado cada vez mais cautelosa com a Primeira Dama, particularmente no que dizia respeito a terceiros. Suzy sabia que estava protegida da Primeira Dama por ordens de Artur, mas também sabia que isso não se aplicava a Giac.

A encarnação das Partes Um a Seis do Testamento da Arquiteta virou-se quando Suzy se aproximou, uma ponta da armadura cortou a manga de um Major Regimental incauto que estava segurando um telefone para ela. O major fez uma careta e se afastou quando Suzy o saudou.

— Suzy Azul-Turquesa! — exclamou a Primeira Dama. Suzy estremeceu quando o Testamento falou, pois sua voz estava ainda mais poderosa e cheia de magia. — Estou feliz por você ter sobrevivido à Casa Superior.

— Eu também, senhora — disse Suzy.

— Vejo que você aprendeu alguns bons modos — comentou a Primeira Dama. — Talvez minha lição na Fronteira do Mar tenha valido a pena.

Suzy não respondeu. Ela alegremente esquecia-se de que uma das coisas que realmente temia era ser forçada a se comportar como uma dama novamente.

— A Sexta Parte está comigo agora, então sei bastante a respeito do que ocorreu na Casa Superior e da disposição das forças de Sábado, mas gostaria de saber mais. Tenho algumas perguntas para você e para esse servo de Sábado que você trouxe aqui.

— Ah, um servo! — Giac murmurou para si mesmo, sonhador. — Eu era um subservo.

— Você vai falar quando for solicitado, e não antes, Coronel Giac — repreendeu bruscamente a Primeira Dama. Giac curvou-se reverentemente. Quando se endireitou, cada uma de suas dragonas emergiram involuntariamente pelo tecido da capa, confirmando à Primeira Dama a concessão irregular de sua posição.

— Temos um grande exército aqui — continuou a Primeira Dama. — Sobreviventes das Regiões Afastadas, da Casa Inferior e do Grande Labirinto, além das forças da Casa Intermediária. Nossa frota no Mar Fronteiriço em breve chegará aqui pelo Canal Grande, e os marinheiros, limpadores, comerciantes e fuzileiros vão se juntar ao Exército da Terra, já que o Tocador de Gaita e os navios de seus amaldiçoados Ratos Criados bloquearam a saída direta de navios para a Casa Superior. Devido ao meu trabalho como Sexta Parte, temos acesso a um elevador para a Casa Superior — continuou a Primeira Dama, claramente ignorando Suzy e as contribuições de Giac para aquela operação. — Mas isso não é o bastante para conseguirmos força suficiente para envolver tanto as tropas do Tocador de Gaita quanto as de Sábado. Precisamos abrir mais poços de elevadores. Depois de termos

descoberto as informações adicionais que você pode ter para oferecer, Senhorita Azul-Turquesa...

— General — corrigiu Suzy, embora fosse difícil contrariar a Primeira Dama. — Lorde Artur me tornou general.

A Primeira Dama inclinou o olhar para a criança do Tocador de Gaita. Por um momento, Suzy temeu que ela fosse explodir com palavras tão fortes que poderiam muito bem ser um feitiço de morte. Em seguida, as penas de corvo em sua cabeça balançaram e o Testamento olhou para trás, acima da cabeça de Suzy, para o céu brilhante sobre o que tinha sido a parte de baixo da Casa Superior.

— Depois de nossa conversa, General Azul — recomeçou a Primeira Dama —, imagino que você possa levar uma força-tarefa de volta ao andar 6879 da torre de Sábado e abrir mais poços de elevadores. Para garantir nossa cabeça de ponte, por assim dizer.

— Claro — concordou Suzy. — Mas sou eu que escolho quem vem junto, não é?

A Primeira Dama estreitou os estranhos olhos cor-de-rosa, pensando por um momento.

— Sim, certamente. Naturalmente, deve levar Dr. Scamandros, que será necessário para abrir o poço do elevador. Existe também outra pessoa que você deve pedir que se junte à nossa causa.

— Quem? — perguntou Suzy.

— O Tenente Guardião da Porta da Frente.

— Bem, ele domina a espada, mas nunca ouvi dizer que tenha deixado a Porta.

— Estou falando do novo Tenente Guardião da Porta da Frente — explicou a Primeira Dama. — Embora ela não tenha o domínio da espada, suspeito que possa ser útil. Certamente Lorde Domingo pensa assim... o suficiente para enviar seu Crepúsculo para buscá-la.

— Quem é exatamente o novo Tenente Guardião? — perguntou Suzy. Ela nunca teve necessidade de esconder sua curiosidade.

— Uma mortal — respondeu a Primeira Dama. — A amiga de Artur, Folha.

— Folha?! — exclamou Suzy. — Eu nunca imaginaria!

— É uma circunstância infeliz e bastante peculiar. Mas se Lorde Domingo a quer, então ela deve ser protegida. Acredito que podemos tirá-la da Porta da

Frente. Do que restou da Porta, melhor dizendo. Agora, você tem alguma ideia de onde Lorde Artur pode estar?

— Não — disse Suzy encolhendo os ombros. — Não o vejo desde que ele desceu pelo ralo. A senhora não sabe?

— Não — a boca da Primeira Dama apertou-se e os lábios tornaram-se ameaçadoramente finos. — Não sabemos. Ele e suas Chaves são extremamente necessários, tanto para conter a onda de Nada que aumentou de forma alarmante quanto para continuar a campanha contra os Curadores Infieis e a aberração que é o Tocador de Gaita. Creio que você não esteja encobrindo alguma indiscrição mortal de Artur, não é, Suzy? Tem certeza de que ele não voltou para seu mundo?

— Não sei — respondeu Suzy engolindo em seco. — Como eu falei, não o vejo desde que ele desceu pelo ralo e eu fiquei presa.

O olhar da Primeira Dama perscrutou Suzy. A menina tentou encontrar os olhos do Testamento, mas foi impelida a desviar o olhar.

— Muito bem — concordou suavemente a Primeira Dama. — Agora, conte-me o que você sabe sobre o ataque de Sábado aos Jardins Incomparáveis.

— Não muito — disse Suzy. Ela tossiu e acrescentou: — Eu nunca cheguei ao topo. É claro que vou lhe contar o que sei, mas minha garganta está seca.

— Chá — ordenou a Primeira Dama. Seus dedos longos e elegantes estalaram em um ruído tão alto quanto um pequeno canhão e vários Habitantes vieram correndo carregando um samovar, uma caixa de chá esmaltada, um bule de prata e xícaras de porcelana fina.

Suzy olhou desconfiada para o samovar. A Primeira Dama normalmente não respondia bem a sugestões.

“Ela quer alguma coisa”, pensou Suzy. “E isso não pode ser bom.”





Capítulo 13

Folha relaxou o braço incrivelmente cansado que segurava a espada, deixando a lâmina do Tenente Guardião pendurada nos dedos adormecidos. Ela havia lutado quase sem parar durante um intervalo de tempo que pareceu horas, mas, como não tinha como medir o tempo, talvez tivessem sido apenas minutos febris de adrenalina. Seus adversários, os Nadica, jaziam mortos, afastando-se lentamente dela, impulsioneados por suas ações finais ou pelos cortes e golpes da espada que havia dançado na mão da garota como se tivesse vida própria.

“Talvez ela tenha vida própria”, pensou Folha com desgosto. Depois de despachar a primeira onda de Nadicas — uma dúzia de coisas lentas que mais se pareciam com nabos do tamanho de um ser humano do que qualquer outra coisa, apesar das bocas com dentes pontiagudos —, Suzy tentou largar a espada e correr para a saída que ela sabia que levava à Terra. Todavia, por mais que tentasse, não conseguia se livrar da espada. Se a soltasse, a correia dourada iria se apertar em seu pulso, impedindo-a de se desfazer da arma; se primeiro tirasse a alça do pulso, os dedos iriam ficar colados no punho.

Antes de poder experimentar outras formas de se livrar da arma, outro Nadica a atacou. Estava sozinho, mas causou muito mais problemas do que a horda anterior. Parecia-se um pouco um urso com chifres de touro e era rápido e inteligente. Tinha arranhado Folha e teria levado sua cabeça se ela tivesse pulado para trás mais devagar. Os anos de ginástica quando era mais jovem tinham finalmente valido a pena.

Folha inspecionou o arranhão. A casaca de cauda azul, apesar de parecer ser de lã, evidentemente era feita de um material muito mais resistente. O chifre do Nadica tinha rasgado o tecido e, com a ponta, tirado sangue da garganta desprotegida da garota. Folha verificou o sangue. Era difícil dizer, já que a única luz vinha do brilho azul da espada, mas ela ficou aliviada ao ver que ainda parecia vermelho e humano.

Considerando o que havia acontecido com Artur, Folha estava bem ciente da contaminação causada pela feitiçaria da Casa e de seus efeitos transformadores.

“O que significa que preciso largar esta espada o mais rápido possível”, pensou. “E voltar para casa.”

Havia muitos outros Nadicas dentro da Porta da Frente. Folha podia sentir tudo que havia na Porta, incluindo intrusos, entradas e saídas. E, se ela se concentrasse em qualquer aspecto particular, poderia descobrir mais. Agora, havia apenas um grupo de Nadicas vindo em sua direção. Folha decidiu não esperar a chegada deles, mas verificar a entrada pela qual havia chegado ali, a entrada que ela sabia que levava à Terra. Havia algo diferente naquela entrada, Folha tinha uma sensação estranha quando pensava nisso, mas não sabia o que significava exatamente.

Além de essencialmente lutar por conta própria, a espada do Tenente Guardião também era útil em outros aspectos, como Folha logo descobriu. Quando a garota levantou a arma e pensou na direção da saída para a Terra, a espada imediatamente dirigiu-se para esse ponto e começou a puxar Folha. Fez isso suavemente no início, mas foi acelerando gradualmente, até que a garota teve que segurá-la com as duas mãos.

— Isso não quer dizer que vou ficar com você — assegurou Folha. Ela estava pensando em como poderia se livrar da arma e do indesejado posto de Tenente Guardião. Se pudesse descobrir uma maneira de se soltar da espada, poderia deixá-la para trás. Ou talvez fosse mais fácil encontrar alguém para entregar a arma, assim como o dono anterior havia feito. Claro que ela talvez precisasse morrer antes de entregar a arma, o que era um pensamento deprimente.

Folha acreditava também que deveria pensar com muito cuidado em quem terminaria como Tenente Guardião. Não que o trabalho fosse tão importante quanto fora antes, tendo em vista que grande parte da Casa não existia mais. Folha sentiu essa situação em forma de dor de dente e imediatamente desviou a mente, tentando não pensar tanto nisso. E, de qualquer maneira, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Com alguma sorte, logo estaria em casa e com certeza tudo voltaria ao normal.

“Como se isso fosse acontecer...”, pensou Folha, reprimindo, entretanto, aquele pensamento e se voltando para a questão mais importante naquele momento: como se livrar da espada e do ofício que a acompanhava. Contar com a ajuda de Artur ou do dr. Scamandros era a melhor aposta. Se ela fosse para uma das saídas que conduziam ao Grande Labirinto...

O pensamento de Folha tomou outro rumo quando ela se concentrou nos portais para o Grande Labirinto e descobriu que não havia nenhum, embora ela tivesse certeza de que havia sentido um alguns minutos antes.

— Está ficando cada vez pior — lamentou Folha em voz alta. Ela estava dividida pela indecisão, sem saber se devia tentar ajudar de alguma forma ou simplesmente dar o fora dali. Se pudesse.

A parte de sua mente que lhe dizia para ir imediatamente embora dali estava em vantagem no momento, embora ela soubesse que aquilo seria uma mera tentativa. Ela tentaria largar a espada e ir para casa. Se isso não funcionasse, tentaria encontrar Artur, o dr. Scamandros e os outros... em algum lugar... na Casa Intermediária, talvez, já que ainda podia sentir a saída para lá.

Logo em seguida, a garota chegou à saída para seu mundo. A aparência era a de uma porta de tamanho normal, branca e feita de pura luz, que estava sempre na vertical, independentemente da maneira como Folha se aproximasse.

Quando parou perto do portal brilhante, Folha descobriu que podia ver através dele o mundo além. Também percebeu que a saída parecia desgastada ou se desgastando, como se estivesse prestes a desmoronar. O Ceifador deve ter feito isso, ela supôs, então devia ser algo apenas temporário.

A saída ainda estava localizada no mesmo espaço que a porta da frente do hospital de Sexta-Feira. Folha ficou intrigada quando olhou para fora, porque tudo parecia quase exatamente o mesmo de como estava quando ela saiu. O tanque ainda estava lá, ainda com fumaça saindo do barril de sua metralhadora. A frente estava surrada e amassada e a porta traseira estava a cerca de 6 metros de distância. A garota podia ver uma figura mascarada e completamente coberta espreitando cautelosamente do lado direito da estrada.

A cautela era porque a criatura do Ceifador, a bestácea, ainda estava lá. Folha pensou que ela desapareceria com seu mestre, mas isso não acontecera. A grande coisa com tentáculos estava balançando suavemente sobre suas várias pernas bem na frente das portas do hospital.

Embora Folha tivesse desaparecido pelo que pareceram horas, poucos minutos tinham se passado na Terra. Ela olhou para a bestácea, com sua estranha cabeça de margarida e seus fortes e enormes tentáculos. Era improvável que conseguisse passar por aquela coisa e, mesmo com a espada do

Tenente Guardiã, a garota não acreditava que tinha muitas chances de vencer a criatura.

De qualquer forma, Folha sabia que não devia levar a espada para fora da Porta, e definitivamente não para a Terra. Isso criaria pragas e problemas, como todos os poderes da Casa quando levados para os Reinos Secundários.

— Certo, você tem que ir — Folha disse à arma. Ela soltou o laço do pulso e tentou arrancar os dedos do punho com a mão esquerda. Porém, mais uma vez ela não conseguiu se soltar.

Fez uma careta e colocou o laço novamente no pulso. Então soltou a espada, que ficou pendurada no cordão de ouro. Folha a deixou pendurada por um momento e, em seguida, puxou a mão para trás bruscamente, tentando se desfazer do laço.

Não funcionou.

Folha tentou jogar a espada para cima e deslizar a mão quando a lâmina arqueou, mas tudo o que conseguiu foi quase cortar a própria rótula. Mordeu os nós dos dedos, na esperança de que a dor pudesse ajudá-la a movê-los. Isso também não funcionou.

Em seguida, ela segurou o punho com a mão esquerda e tirou a mão direita do laço. Teve êxito por pouco tempo, porque logo percebeu que não seria possível soltar a arma também com a mão esquerda e acabou tendo que transferi-la de volta para a mão direita, nervosa com o fato de que poderia ser atacada a qualquer instante, pois sentia Nadicas se aproximando.

Finalmente, desistiu.

— Tudo bem! Vou ter que pedir ajuda! — disse para si mesma.

Havia uma saída para a Casa Intermediária não muito longe dali, e, antes que se dirigisse para lá, contemplou mais uma vez com olhar melancólico seu próprio mundo. Nada havia mudado. Ela podia ver o movimento e, embora não fosse em câmera superlenta, o tempo passava muito mais lentamente na Terra.

O soldado na parte de trás do tanque deu alguns passos enquanto Folha estava olhando. Ela não podia dizer quem era, mas deduziu pelo tamanho que se tratava do major Penhaligon. Ele caminhava com muito cuidado e não tirava os olhos da bestácea. Folha percebeu que a criatura também o observava, já que seus vários órgãos sensoriais parecidos com pétalas alinhavam-se na direção do humano.

O soldado deu mais um passo. De repente, um tentáculo atacou-o e o derrubou. Ele rolou para longe e outro soldado arrastou-o de volta para o tanque, enquanto um tentáculo atingia o chão onde o soldado estivera caído um momento antes.

“Está mantendo-os encurralados”, pensou Folha. “Mas não os ataca. Ele está cuidando da Porta, suponho. Mas isso significa que ninguém pode entrar para ajudar a tia Manga e os sonâmbulos. Preciso fazer alguma coisa.”

Folha olhou para a espada.

“Talvez se eu correr para fora e arrancar a flor que essa coisa tem como cabeça, consiga matá-la. Mas, para isso, eu teria que pular em suas costas.”

Folha olhou de novo. A bestácea era do tamanho de um pequeno monte de feno, mas a maioria de suas pétalas sensoriais estava inclinada para a frente. Folha pensou que, se saltasse no corrimão da rampa para cadeiras de rodas e desse um impulso de lá, poderia pousar nas costas da criatura.

“Suzy poderia fazer isso”, pensou com a boca estranhamente seca. “Artur poderia fazer isso. Talvez eu também possa. Dei um belo chute na cabeça do pirata Fugaz, não foi? Alberto me diria que posso fazer isso... ‘Vá e não olhe para baixo’, ele tentaria me incentivar...”

Folha enxugou os olhos, levantou a espada e inspirou profundamente.

— Vá! — gritou para incentivar a si mesma enquanto pulava para fora da Porta.

Ou pelo menos *tentava* pular. A espada atingiu o brilhante retângulo branco da saída e ricocheteou, mas o impulso de seu salto atirou Folha para a frente. O braço torcido da garota rodou horivelmente enquanto ela se viu caindo na rampa para cadeiras de rodas. Sua mão direita e a espada permaneciam dentro da Porta da Frente, enquanto o resto de seu corpo esparramava-se na rampa.

Folha gemeu e tentou puxar a espada completamente. Mas a arma não saía. A garota estava presa à Porta.

Olhou para cima. As pétalas amarelas da cabeça da bestácea começavam a se inclinar em sua direção. Dois tentáculos, tão grossos quanto um braço, estavam subindo no ar quando a criatura girou em suas muitas pernas.

Folha concentrou toda a sua força de Testamento e puxou a espada a meio caminho através da porta de vidro do hospital.

— Vamos! — ela gritava, mas não conseguia convencer a espada a ceder, os últimos 4 centímetros mantinham-se firmemente presos à porta. Então a

garota empurrou a arma novamente e tentou seguida para dentro, mas foi parada por um tentáculo que a segurou pelos tornozelos, arrastando-a de volta.

— Não! — gritou Folha. A bestácea iria despedaçá-la se seu braço continuasse preso à porta!

Desesperada, ela olhou ao redor, procurando outra arma. Em pânico, vasculhou com a mão esquerda à procura de qualquer coisa que pudesse usar, pois o primeiro tentáculo a erguera e o segundo já estava vindo. Prendeu-se em volta da cintura da garota, quase alcançando o braço livre da garota. Folha sabia que aquele era o fim... que ela seria morta por uma planta. Mas então seus dedos encontraram alguma coisa, uma corda ou um cabo, ao qual ela se agarrou, tentando arrastar-se de volta para a porta. Em vez disso, porém, ela foi em direção ao corpo da bestácea. Em meio a seu pânico, um pensamento nítido floresceu em sua mente.

“Pegue as rédeas da criatura!”





Capítulo 14

Artur esperou ansiosamente o retorno de Elefante. O tique-taque constante do relógio não ajudava nem um pouco a amenizar seu nervosismo, que aumentava conforme o tempo se arrastava e seu amigo de infância não retornava. Uma hora se passou, depois duas e, quando o ponteiro das horas ia rumo à terceira, Artur percebeu que as correntes que o amarravam estavam soltas o suficiente para que ele pudesse dar um passo curto para longe do relógio. Às 6, ele imaginou que elas talvez fossem longas o suficiente para que ele pudesse alcançar a borda do terraço e olhar para baixo. Tentou não pensar no que poderia ver, mas não podia deixar de visualizar muitas imagens de seu elefante morto ou capturado.

Em todo caso, ainda faltavam três horas para isso. Ele tinha mais três horas de espera.

— Preciso pensar em outro plano — disse Artur para si mesmo. Porém, por mais que tentasse, não conseguia e novamente considerou a oferta de Lorde Domingo. Isso o fez se lembrar do *Atlas Completo da Casa*. Ele tinha sido bloqueado antes, mas sempre havia uma pequena chance...

Artur o tirou de dentro do macacão. O livro havia caído de sua cintura e foi muito difícil pegá-lo com os pulsos algemados, mas o garoto finalmente conseguiu. Sentou-se na borda do relógio e descansou o Adas nos joelhos. Como antes, o livro se abriu e aumentou lentamente até seu tamanho total.

— Diga-me como posso me livrar destas algemas — pediu Artur. Depois pensou por um segundo e acrescentou: — Ou soltá-las do relógio.

Uma gota de tinta apareceu, dando a Artur por um momento a esperança de que o Atlas iria escrever alguma coisa. Mas isso não aconteceu. Uma após a outra, várias manchas materializaram-se, mas nenhuma delas era semelhante a uma letra. Artur analisou-as por alguns segundos, para o caso de formarem um padrão, um esboço ou algo que pudesse ajudá-lo, mas elas continuavam sendo meras manchas de tinta, desprovidas de qualquer significado.

Ele estava prestes a fazer outra pergunta quando ouviu um som fraco trazido pelo vento... uma espécie de zumbido que ele instantaneamente reconheceu como uma das libélulas de Domingo. Fechou rapidamente o Atlas

e, enquanto o livro encolhia, enfiou-o de volta no macacão. Olhou para cima e viu uma libélula iniciar sua aterrissagem para mais uma vez acabar pairando nas proximidades. A escada de corda veio ruidosa, e Lorde Domingo desceu.

O Curador infiel estava sozinho nesse momento. Ele olhou em volta, satisfeito por tudo estar seguro, e em seguida aproximou-se de Artur, tomando cuidado para não ficar muito perto do relógio. Mesmo a vários passos de distância, e mesmo que Lorde Domingo não segurasse desta vez sua Chave, Artur podia sentir a força do Habitante empurrando-o, fazendo-o se sentir como um servo ou um mendigo ou talvez, já que eles estavam nos Jardins Incomparáveis, como algum pequeno verme para ser pisado e esquecido.

— Você reconsiderou minha proposta? — perguntou Lorde Domingo.

— Estou pensando — respondeu Artur honestamente. — Posso fazer algumas perguntas?

— Você tem 15 minutos — informou Lorde Domingo, olhando para o relógio. — No momento há muitas questões que necessitam de minha atenção, e por isso não quero perder meu tempo.

— Por que você não cumpriu seu dever como um Curador? — perguntou Artur. — Por que fragmentar e esconder o Testamento?

— Então você não sabe nem isso... — comentou Lorde Domingo. — Surpreende-me que alguém tão ignorante tenha chegado tão longe.

Artur deu de ombros.

— Isso não é uma resposta.

— É uma questão de quem vai herdar os poderes e a autoridade da Arquiteta. E uma questão de transferência da natureza — explicou Lorde Domingo. — O Testamento especificava um herdeiro mortal, o que não era, e não é, aceitável.

— Por quê? — perguntou Artur. — Quero dizer, se me tivessem entregado as Chaves, eu teria deixado vocês em paz, então a Casa estaria bem e tudo ficaria bem.

— E você acha que o Testamento iria concordar com isso? — perguntou Lorde Domingo. — Acredito que ele já acabou com a maioria de meus colegas Curadores.

— O Testamento?! — perguntou Artur. Suas correntes tiniram quando ele se endireitou, chocado com a acusação de Domingo. — Você acha que a Primeira Dama matou o Senhor Segunda-feira e o Horrível Terça-Feira?

— Tenho certeza disso — assegurou Domingo. — E você está atrasado. O senhor Quinta-Feira e a senhora Sexta-Feira também foram mortos. O Testamento é um instrumento da Arquiteta e tem um único objetivo. Os curadores, na opinião dele, são traidores e devem ser punidos.

— Pensei que... pensei que tivesse sido Sábado Superior... ou você — comentou Artur. Mas o garoto não protestou mais violentamente, pois o que Lorde Domingo dizia parecia verdadeiro. E Artur lá no fundo sabia que o Testamento era perfeitamente capaz de cometer assassinato.

— Eu apenas tentei cuidar de meu jardim — continuou Lorde Domingo. — Isso é tudo o que sempre quis. Foi por isso que não segui as instruções da Arquiteta e permiti que o Testamento fosse quebrado.

— Mas você é filho da Arquiteta!

— Sim — respondeu Lorde Domingo —, mas não de uma forma compreensível para um mortal. É verdade, sou um desdobramento da Arquiteta e do Ancião. De qualquer maneira, há muito, muito tempo, nós... discordamos e, como consequência, a Arquiteta prendeu o Ancião. O Tocador de Gaita amuou-se atrás de uma solidez, e o Marinheiro embarcou em sua jornada. Fiquei em meu jardim. A Arquiteta retirou-se completamente e nada se soube dela por um período de tempo que você não pode nem imaginar. Então, de forma totalmente inesperada, surgiu o Testamento.

— O que aconteceu com a Arquiteta, então? — perguntou Artur.
— Ela está morta?

— Não — um sorriso triste passou brevemente pela boca de Lorde Domingo, tão rapidamente que Artur não foi capaz de ter certeza do que tinha visto. — Ainda não.

— Então ela está ausente ou fez aquilo que os reis fazem quando não querem o trono?

— Abdicar — informou Lorde Domingo. — Sim, ela abdicou, e é por isso que há um Testamento.

— Um Testamento, que me escolheu para ser o Herdeiro Legítimo — comentou Artur.

— Qualquer mortal teria servido ao propósito do Testamento. Muitos poderiam ter feito melhor, suponho.

— Então, por que você não me entrega a Chave e eu o deixo continuar cuidando dos Jardins Incomparáveis. Embora você tenha que me ajudar a parar o Nada primeiro.

— E quanto ao Testamento? — perguntou Lorde Domingo. — Você pegaria a Chave e deixaria a Sétima Parte do Testamento presa comigo?

— Eu... — Artur calou-se, pois não sabia o que dizer.

— E, se o fizesse, será que a Primeira Dama aceitaria sua decisão? — acrescentou Lorde Domingo.

— Ela age conforme lhe foi dito para agir... — argumentou Artur fracamente. Suas palavras não soaram verdadeiras, nem para ele mesmo.

— Sabe, Artur — disse Lorde Domingo —, não há uma solução possível para nossos problemas. Sua única saída é também abdicar.

Dê-me as Chaves que já possui. Vou lidar com o Testamento e com o Nada. E vou restaurar a Casa. Você poderá voltar para sua casa e viver uma vida mortal sem as preocupações e aflições que pesam tanto sobre você agora.

— E quanto a Sábado Superior e ao Tocador de Gaita? — Artur se sentia enfraquecendo, a tentação crescendo cada vez mais. Tudo o que Lorde Domingo dizia parecia fazer sentido. — Eles nunca me deixarão em paz.

— Devo confessar que subestimei a ambição e a força de Sábado — continuou Lorde Domingo. — Mas ela não é mais do que um incômodo e, mesmo sem suas Chaves, em breve vou derrotá-la. O Tocador de Gaita é uma ameaça bem mais significativa, mas também não está além dos meus poderes.

— Então, se eu desistir de minhas Chaves...

— E do Atlas.

— E do Atlas — corrigiu Artur —, você vai me deixar voltar para a Terra com minha mãe... e com Folha... E vai reverter o Nada... e prometer que não vai interferir em meu mundo. Mas o que acontece com os meus amigos aqui? O que vai acontecer com os Habitantes que já me seguiram?

— Nada — respondeu Lorde Domingo, mas a maneira como ele pronunciou a palavra soava mais como dissolução pelo Nada do que “nada ruim”. Artur estava prestes a pedir-lhe que respondesse com mais detalhes quando vislumbrou a tromba do Elefante Amarelo acenando para ele da borda do terraço, atrás de uma grama perfeitamente aparada e enfeitada com altas flores violetas e cor-de-rosa que estavam, por sua vez, cercadas por uma nuvem com a forma de asas de borboleta.

— Eu... eu preciso pensar nisso um pouco mais — falou Artur. O alívio que sentiu ao ver Elefante fez o garoto quase balbuciar as palavras. Ele esperava que Lorde Domingo pensasse que aquilo era apenas o estresse da sua situação falando mais alto.

— Você tem pouco tempo — avisou Lorde Domingo apontando para o alçapão. — Quando o relógio soar 12 horas, seus olhos serão arrancados. Se eles voltarem a crescer muito rápido, posso dar às marionetes uma velha tarefa: arrancar seu fígado. Você também deve estar ciente de que, a cada hora, o Nada toma outras partes da Casa. Você mencionou “amigos” entre os Habitantes que o seguem. Enquanto você perde tempo pensando, muitos deles podem ter encontrado o objetivo final. Pense nisso. Pense nisso e em seu próprio destino, Artur.

Desta vez, Lorde Domingo não subiu a escada até a libélula que pairava no ar, em vez disso subiu a colina, desaparecendo na borda do terraço acima. Artur observou-o partir e, em seguida, olhou para a libélula. Ele não podia ver Aurora ou Meio-Dia de Domingo, mas havia Habitantes a bordo que estavam olhando para baixo, monitorando-o.

Elefante deve tê-los visto também, pois ficou atrás das flores violetas e cor-de-rosa. Artur não poderia dizer se o amigo havia encontrado o medalhão porque tudo o que tinha visto era a tromba do elefante.

Uma hora mais tarde, Lorde Domingo desceu a colina. Ele parou o relógio e olhou para Artur, que balançou a cabeça. Até aquele movimento era doloroso, e um forte desejo de concordar com Lorde Domingo tomou conta do garoto logo antes de um flash de medo.

“Ele está usando o poder da Sétima Chave em mim”, pensou Artur. “Tentando me fazer concordar com ele, acreditar no que ele me diz. Mas isso pode ser verdade. Talvez eu não devesse tentar libertar o Testamento depois de tudo. Talvez tudo tenha sido um erro. Talvez eu devesse dar as Chaves...”

Um tinido interrompeu seus pensamentos. Artur estava já com a mão dentro do macacão, prestes a pegar o Atlas. Irado, empurrou-o de volta e tirou a mão do bolso.

— Tudo o que eu disse é verdade, Artur — afirmou Lorde Domingo, erguendo a mão com a Sétima Chave. — Vou retornar para ouvir sua resposta antes que o relógio chegue às 12 horas. Não me desaponte.

Artur não respondeu. Sua mente estava girando e ele era incapaz de ver um caminho claro em sua frente, incapaz de pesar tudo o que Lorde Domingo havia lhe dito e comparar com o que já sabia ou achava que sabia.

Ele ouviu o som da libélula partindo e a seguiu com os olhos até que ela se transformasse em apenas um pontinho escuro. Quando a perdeu de vista, Elefante saiu correndo de trás da flor e foi na direção do garoto. Artur piscou,

confuso, pois Elefante estava maior do que antes e tinha ganhado imponentes presas, uma das quais estava manchada com algo verde.

Porém, mais importante de tudo, Elefante levava em seu tronco um objeto, um disco de metal que brilhava sob a luz do sol até cair na sombra da palma da mão de Artur.

Era o medalhão do Marinheiro. Artur segurou-o firmemente enquanto puxava Elefante e o abraçava, sussurrando agradecimentos por mais uma missão de salvamento tão bem realizada.

Então, o garoto levantou o medalhão e olhou profundamente para ele, lembrando-se do que lhe havia dito Sol Quente no Mar Fronteiriço: se falasse com o medalhão, o Marinheiro ouviria.

— Capitão! — chamou Artur. — Preciso de sua ajuda. Fui aprisionado por Lorde Domingo em uma colina nos Jardins Incomparáveis, acorrentado como o Ancião. Preciso de você e de seu arpão para quebrar minhas correntes. Por favor, venha o mais rápido que puder!





Capítulo 15

— Coloque-me no chão! — ordenou Folha, puxando as rédeas da bestácea com força. Ou a criatura não ouviu o tremor na voz da garota, ou não ligava para isso, desde que Folha mantivesse o comando. A bestácea obedeceu e seus tentáculos baixaram levemente a garota no chão.

— Deixe-me ir — mandou Folha, e os tentáculos se retiraram.

— Boa garota — elogiou Folha. Deitada no chão, fechou os olhos e sentiu o coração atingir o que parecia um milhão de batidas por minuto. Segurou a correia com a mão esquerda como se aquela fina cinta fosse a coisa mais preciosa do mundo e, naquele momento, Folha entendia que de fato era. Tentou não pensar no punho da espada preso à sua mão direita ou no fato de que a arma estava presa na porta da frente.

— Folha!

A garota se virou. O major Penhaligon a estava chamando por trás do blindado.

— Sim, sou eu — ela respondeu com voz fraca.

— Você está bem? Tem um tanque lança-chamas a caminho, mas ainda vai demorar uma hora e não podemos...

— Não, acho... acho que estou bem — Folha se levantou lentamente e tentou ficar em uma posição em que não parecesse tão estúpida com uma espada cravada em uma mão e uma correia na outra. — Só que vou ter que voltar para dentro de... hum... outra dimensão.

— O quê? — perguntou o major Penhaligon. Afinal, eles a tinham visto atravessar a porta do hospital com o Ceifador, e não a Porta da Frente da Casa, que a maioria dos mortais não era capaz de ver. Embora atravessar a sólida porta do hospital fechada deva ter parecido bastante estranho...

— É meio difícil de explicar — balbuciou Folha. — Coisas estranhas, entende? Quero dizer, coisas realmente... — a espada de repente a interrompeu, arrastando-a. Folha percebeu que, do lado de dentro da Porta da Frente, a arma se movia, lutava contra alguém ou alguma coisa...!

— Preciso ir! — disse Folha. — Vou levar... a Margarida aqui comigo. Consiga ajuda para os sonâmbulos dentro do hospital!

— Para onde você vai? O que aconteceu com sua roupa? — gritou major Penhaligon. — Espere!

A voz do jovem major foi cortada quando Folha voltou pela Porta da Frente. Ela havia se preparado, portanto estava pronta para lutar, mesmo assim ficou surpresa ao se ver lutando contra um Nadica que estava “de pé” logo acima de sua cabeça.

Aquele Nadica, que estava empunhando um cutelo enorme, era humanoide, parecia uma fotocópia manchada de um horrível Habitante. A Espada do Tenente Guardião bloqueou um golpe cruel, mas foi empurrada de volta, e Folha sentiu-a chocando-se contra o ombro. A espada tentou subir novamente, mas Folha sabia que a estava puxando para baixo, que seus músculos e reflexos simplesmente não eram bons o suficiente, mesmo com a lâmina enfeitiçada fazendo a maior parte do trabalho.

Então, a garota deu um giro e segurou firme a correia da bestácea quando a lâmina do Nadica passou raspando por seus calcanhares. Folha tropeçou quando pousou por causa da natureza espessa da atmosfera da Porta da Frente. Girou para baixo novamente. Grunhindo, o Nadica deu uma gargalhada e se lançou sobre a garota, elevando seu cutelo. Folha levantou a espada para desviar o golpe, mesmo sabendo que aquilo não iria funcionar. Ao mesmo tempo, gritou:

— Margarida! Socorro!

Um tentáculo puxou o pulso do Nadica e o cutelo caiu, sendo resgatado por esse mesmo tentáculo a 6 centímetros do peito de Folha. Outro tentáculo enrolou-se no pescoço do Nadica e puxou a cabeça dele. Mas isso teve pouco efeito, e Folha estremeceu quando viu que o que ela tinha pensado serem botões no casaco esfarrapado da coisa eram, de fato, os olhos, e o casaco a cabeça escondida. A cabeça “de cima” era apenas uma camuflagem para tornar a coisa mais parecida com um Habitante.

Margarida não foi desencorajada pela persistência do Nadica. Folha desviou o olhar quando os tentáculos, fortes como uma máquina de demolição, rasgaram o Nadica e atiraram longe os pedaços. Em algum lugar em sua mente, Folha sabia que isso era um movimento tático, pois, em certas circunstâncias, tais pedaços poderiam mudar para pequenos Nadicas, combinar-se com outros Nadicas recém-formados ou se transformar em vez de serem destruídos, caso se unissem a manchas puras de Nada.

Quando a coisa ficou quieta, Folha deixou a espada puxá-la para cima.

— Muito bem, Margarida! — ela elogiou e, superando sua repugnância, deu um tapinha nas costas da coisa, que eram de casca de abacaxi. Margarida soltou um ruído que poderia ser considerado um ronronar, mas que soou mais como um dreno progressivamente desbloqueado.

Folha envolveu a mão esquerda mais algumas vezes em torno da correia para ter certeza de que estava no controle da coisa. Então, fechou os olhos e se concentrou no que estava acontecendo dentro da Porta da Frente. Como antes, ela podia sentir que havia grupos de Nadicas e alguns monstros perambulando por ali, aparentemente sem rumo. Folha se perguntou se eles eram incapazes de enxergar as saídas ou proibidos de atravessá-las. Provavelmente eram tão recém-formados do Nada que precisavam ainda de um tempo para seus cérebros crescerem e começarem a funcionar.

Havia também grandes áreas de Nada dentro da Porta. À medida que forçava focou seu novo sentido sobre elas, Folha observava que o Nada se expandia lentamente, espalhando-se em várias direções e planos diferentes. Levou um momento para a garota perceber que isso se devia ao fato de o Nada estar entrando por cinquenta ou sessenta portais diferentes e que o interior da Porta da Frente era um hemisfério ou uma cúpula, com vários quilômetros de largura e de altura, cruzado em todos os lados por portais tanto para a Casa quanto para os Reinos Secundários.

Alguns desses portais forneciam sensações únicas quando Folha se concentrava neles. Os portais para a Casa Superior davam-lhe a sensação desagradável de formigamento na ponta da língua, o que deveria significar que eles eram guardados ou fechados a qualquer tipo de tráfego. A garota já estava acostumada com a dor de dente causada pelos portais mortos que foram consumidos pelo Nada, mas havia também alguns para a Casa Intermediária. Quando Folha pensava neles, exalavam cheiro de pão sendo assado. Isso, porém, parou assim que ela se concentrou em um portal para outro lugar.

“Alguém está tentando me convencer a ir até os portais para a Casa Intermediária”, pensou Folha. “Deve ser Artur, ou o dr. Scamandros, ou algum inimigo”.

Folha olhou para a bestácea.

“Se for um inimigo, vai ter uma surpresa bem desagradável.”

— Estamos indo para a Casa Intermediária, Margarida — disse Folha. Ela sacudiu a correia um par de vezes e, em seguida, lançou-se na direção do portal mais próximo para a Casa Intermediária, usando a espada como

propulsão. Ela tinha ficado um pouco preocupada com a forma como arrastar a bestácea, que provavelmente teria que esticar os longos tentáculos, mas os muitos pés da criatura adotaram um movimento de natação e acompanharam Folha.

— Você é uma boa menina — elogiou Folha distraidamente. Ela estava pensando se poderia deixar a Porta da Frente quando um portal se abriu para a Casa. Ela só havia encontrado o antigo Tenente Guardião uma vez antes, mas se lembrava claramente dele caminhando na Colina, na Casa Inferior.

Ou era ela? Agora que pensava nisso, Folha não conseguia se lembrar do quão longe ele tinha ido ou onde estava sua espada. Ela tinha uma meia lembrança da espada do Tenente Guardião em uma bainha e de a extremidade da bainha ter permanecido no interior da Porta.

Folha fez uma careta. Ela realmente não conseguia se lembrar direito, por isso se convenceu de que não era hora de tentar. Ela devia manter o controle de onde os Nadicas estavam, para se certificar de que não cairia em uma emboscada. Então, concentrou-se nos intrusos e descobriu que, embora várias centenas de Nadicas ainda estivessem na Porta da Frente, nenhum estava perto dela. Na verdade, todos eles tinham se afastado e se reunido em torno de uma grande poça de Nada que vazava do que costumava ser um portal para o Grande Labirinto.

“Eu me pergunto o que eles estão fazendo”, pensou Folha, sentindo, então, uma forte compulsão de ir dar uma olhada. Mas foi um pouco como ouvir os pais dizendo para fazer algo. Folha ignorou o sentimento. Em vez disso, apenas endureceu sua determinação para se livrar da espada e deixar de ser Tenente Guardião da Porta da Frente. Como havia dito a Artur algum tempo atrás, não queria mais aventuras. Afinal, ela já tinha o suficiente.

Um pequeno ponto de luz apareceu à frente. Folha pensou em ir mais rápido e endireitou o pulso, a espada apontada diretamente para o portal. Acelerou, e a bestácea Margarida manteve facilmente o ritmo. Juntas, precipitaram-se para o portal, que cresceu até ganhar a definição de uma porta retangular de forte luz branca.

A alguns metros de distância, Folha tardiamente pensou que poderia ser uma boa ideia diminuir a velocidade em vez de atravessar a porta e chegar à Casa Intermediária voando com uma criatura de 3 toneladas logo atrás.

Mas era tarde demais. Freneticamente, Folha balançou a espada para a direita, mas isso apenas a fez atingir o lado do portal e ser arremessada por ela. A garota rolou por um tapete grosso e colidiu com algo de madeira, tão frágil que se quebrou.

A bestácea atravessou um segundo depois, caindo bem em cima de Folha. Ela gritou, porém a criatura só estava dançando sobre ela, suas centenas de pernas exerciam não mais pressão do que uma criança pequena, o que, no entanto, foi o suficiente para tirar temporariamente o fôlego de Folha.

A bestácea colidiu contra uma parede logo depois de Folha, fazendo o chão tremer e uma grande quantidade de poeira cair do teto. Folha tossiu e espirrou enquanto se certificava que ainda segurava a correia da bestácea. Depois, lentamente verificou os arredores. Como ela de certa forma esperava, a espada ainda estava presa na porta, embora a maior parte estivesse para fora.

O lugar onde estava parecia uma sala de estudos ou uma pequena biblioteca, as paredes revestidas com prateleiras de livros e escadas. A coisa de madeira que Folha quebrara era uma cadeira, uma das três que estavam em nichos entre as prateleiras. O portal da Porta da Frente estava no nicho do meio, razão pela qual Folha aterrissara bem em cima dela.

A bestácea tinha esmagado uma prateleira inteira e estava de pé no meio de uma pilha de livros, bloqueando a vista de Folha do resto do quarto. A garota se levantou e torceu a correia.

— Por aqui, Margarida — e apontou para o lado oposto da sala. A bestácea obedeceu.

Agora Folha podia ver que havia uma porta na outra extremidade, uma porta extremamente resistente para uma biblioteca, pois era feita de ferro e tinha parafusos do tamanho de pequenos pires, além de uma forte janela gradeada perto do topo. Quando olhou por essa janela, Folha viu um pato Habitante com capuz e ouviu gritos abafados, seguidos rapidamente pelo badalar de um sino e pelo barulho de Habitantes com armaduras caminhando rapidamente pelo corredor do lado de fora.

— Lá vamos nós outra vez. — Folha suspirou e puxou a espada, que obstinadamente se recusava a se soltar.





Capítulo 16

— Como está, dr.? — perguntou Suzy enquanto conduzia Giac a uma antiga papelaria que agora servia de sala de trabalho temporária do dr. Scamandros. O feiticeiro olhou por cima do banco, soltou a pena de pavão e tirou o chapéu para Suzy. Era um barrete árabe laranja e, quando o dr. o tirou, vários itens caíram dele. Alguns correram para baixo do banco antes de Suzy poder ver o que eram, mas um deles rolou até seus pés. Ela pegou com cautela a bola lisa de metal e a devolveu ao dr. Scamandros. Quando ele estendeu a mão, o objeto soltou uma dúzia de pernas de metal articuladas e pulou, juntando-se aos irmãos na escuridão debaixo dos móveis.

— Estou razoavelmente bem — respondeu o dr. Scamandros, mas as tatuagens em movimento em seu rosto revelavam outra história. Eram pequenos animais peludos enfiando a cabeça em pilhas de areia, enquanto outros se escondiam sob pilhas de pequenas pedras. — Dadas as circunstâncias.

— Este é o Coronel Giac, meu ajudante — apresentou Suzy. — Ele também é feiticeiro.

— Ah, eu era um Feiticeiro Excedente — disse Giac com cautela.

O dr. Scamandros sorriu e apertou a mão dele.

— Como eu teria sido se tivesse ficado — ele respondeu. — Espero que tenha sido por questões políticas.

— Questões políticas?

— Não passar nos exames! — exclamou Scamandros. — Ah, já faz um longo tempo desde a última vez que falei com um colega. Gostaria de saber se você pode me dar sua opinião sobre essas magias que estou preparando. Elas estão reforçando papéis para serem colados em pequenas erupções de Nada, mas temo que tenham duração muito curta, duvido que sejam de valor. É claro, apenas as Chaves podem conter adequadamente o Nada, por isso só podemos esperar que...

— Doutor! — interrompeu Suzy. — A Primeira Dama nos enviou. Temos que entrar na Porta da Frente e resgatar Folha. Ela é a nova Tenente Guardiã.

Depois, temos que entrar na Casa Superior e abrir um monte de poços de elevadores.

— O quê? O quê! — agitou-se o dr. Scamandros. As tatuagens de animais peludos cavaram mais fundo, até que apenas seus pés eram visíveis, agitando-se furiosamente. — Folha é a nova Tenente Guardiã?

— Isso é o que a Primeira Velhaca acha — respondeu Suzy. Giac olhou nervosamente em volta e cruzou os dedos quando Suzy disse “Velhaca”.

— Aparentemente, Crepúsculo de Domingo foi resgatá-la de seu mundo, mas algo aconteceu na Porta e ela acabou se tornando a nova Guardiã.

— Ah, querida — lamentou Scamandros. — Temo que isso seja mais um sinal.

— Sinal de quê? — perguntou Suzy.

— A Casa está se dissolvendo rápido demais — sussurrou o dr. Scamandros. — Já perdeu as Regiões Afastadas, a Casa Inferior e o Grande Labirinto. E o Mar Fronteiriço está tomado pelo Nada. Se o antigo Tenente Guardiã não conseguiu resguardar a Porta, então o Nada pode se espalhar de lá em todas as partes da Casa!

— Artur vai consertar isso — afirmou Suzy com confiança. As tatuagens de criaturas peludas enfiaram as cabeças para fora de seus buracos.

— Lorde Artur voltou! — exclamou o dr. Scamandros. — Talvez haja esperança...

— Humm, ele não está exatamente de volta — interrompeu Suzy.

— Oh, céus — disse o dr. Scamandros. As criaturas peludas transformaram-se em portas que se fecharam e diminuíram, até se tornarem pequenos quadrados.

— Ninguém sabe onde ele está — acrescentou Suzy. — Então ele provavelmente está fazendo algo importante. De qualquer forma, o que temos que fazer é entrar na Porta da Frente, encontrar Folha e trazê-la de volta para termos mais força. Alguns de meus patrulheiros estão trabalhando nisso. Depois, precisamos pegar um elevador até o único poço aberto e atacar a Casa Superior para que possamos ter mais elevadores funcionando. Assim que os elevadores estiverem funcionando, o exército principal pode vir e lutar contra a tropa de Sábado e do Tocador de Gaita e, em seguida, abrir os Jardins Incomparáveis e entrar lá para ajudar Artur.

— Humm... não tenho certeza se acompanhei tudo isso — falou o dr. Scamandros.

— Nem eu — acrescentou Giac.

Suzy suspirou.

— Está certo. Um passo de cada vez. Entramos na Porta da Frente e resgatamos Folha. É aí que você entra, doutor. Onde tem uma entrada para a Porta da Frente por aqui?

— Ah, vou ter que adivinhar — respondeu Scamandros fazendo uma careta. Ele pensou por um momento, e sua carranca diminuiu. — Ou talvez eu possa pedir a um de meus assistentes.

— Digby deve saber — arriscou Suzy. — Vamos encontrá-lo. Vamos!

— Mas, os meus feitiços... estou no meio de um procedimento trabalhoso... — protestou o dr. Scamandros.

— Não temos tempo para isso — disse Suzy. — Você mesmo disse. Vamos!

Scamandros encolheu os ombros, seu casaco dois números maior acentuou o movimento. Então, ele aproximou-se do banco, varreu tudo para dentro de um dos bolsos incrivelmente volumosos no interior do casaco e seguiu Suzy e Giac para a Porta.

Suzy já estava chamando alguns Habitantes invisíveis.

— Ei, companheiro! Onde está Digby? Ou Jakem?

Pouco tempo depois, Digby foi encontrado na sala de imprensa. Usando uma prova descartada e um lápis, ele rapidamente desenhou um mapa para mostrar o caminho para a entrada mais próxima da Porta da Frente.

— A Porta é fortemente vigiada, é claro — informou. — E está no final de um corredor amplamente guarnecido com alçapões, armadilhas com óleo quente e assim por diante. Vou escrever um bilhete para os guardas, para deixá-los...

Enquanto ele falava, um sino tocou no castelo, três sequências de três badaladas. Digby inclinou a cabeça para um lado.

— Humm, isso é bastante curioso — comentou ele. — É o alarme para uma incursão vinda da Porta da Frente. Talvez seja melhor eu mesmo levar vocês. Jakem! Jakem!

O ex-mestre de imprensa, que havia sido rebaixado por Artur quando Digby foi colocado em seu lugar, correu até ele e fez uma profunda reverência.

— Jakem, por favor informe o Marechal Meio-Dia que pode haver um ataque através do portal para a Porta da Frente localizado no calabouço da ala

oeste. General Azul-Turquesa, Coronel Giac, dr. Scamandros: por favor, sigam-me.

Digby liderou o grupo em um ritmo rápido escada abaixo e depois por uma das passagens auxiliares, cuja maior parte era ocupada por um trem não muito maior do que um grande trem de brinquedo que, em tempos normais, transportava papel, tinta e tipos para a Junta. Agora, a ferrovia transportava provisões militares, com os vagões do tamanho de caixotes de frutas carregando intensivamente espadas, pó de Nada, lanças e outras coisas do tipo.

— Mais rápido, por aqui — explicou Digby. — Os corredores principais estão cheios de soldados.

No cruzamento seguinte, eles tiveram que esperar enquanto outro trem atravessava o caminho. A campanha de alarme continuou tocando ao longe, repetindo um refrão de três chamadas profundas, uma pausa, depois outras três chamadas, novamente uma pausa e por fim mais três chamadas. Toda vez que terminava a nona chamada, havia um longo silêncio e todos inclinavam os ouvidos para ver se o som pararia, indicando que a emergência estava acabada.

Mas a campanha continuava a soar e Digby aumentou o ritmo enquanto cruzava os trilhos que carregavam uma guarda Habitante anã debaixo do grande chapéu de couro. Ao passar, ela acenou com a lanterna vermelha em saudação, mas apenas Giac acenou de volta. Os outros estavam muito concentrados no que estava por vir.

Quando chegaram às escadas que conduziam ao calabouço, perceberam que estavam lotadas com os ouriços cuidadores de livros e suas longas lanças. Digby tinha que gritar para fazê-los se mover para o lado, dando-lhes passagem. Quando abriu o caminho para baixo, um pelotão de soldados com mosquetes em punho marchou e começou a se formar atrás de o dr. Scamandros, que estava na retaguarda da trupe de Suzy.

Havia várias portas de ferro com pregos grossos ao longo do corredor, todas abertas para permitir que os portadores de lanças passassem. Suzy olhou para cima e viu muitos alçapões no teto, além de um Habitante que esperava com caldeirões de óleo quente.

A porta maior, no fim do corredor, estava trancada e era guardada por quatro vigas pesadas, permitindo ver através da pequena grade da janela. Em uma delas, havia um Encadernador empoleirado. Quando Digby e os outros chegaram, ele desceu e fez uma reverência.

— Torneiro de Prensa de Primeira Classe Horrybig, temporariamente responsável pela Guarda das Regiões Inferiores! Há intrusos na Porta da Frente! — informou, e cresceu em uma voz autoritária. — Um grande Nadica e uma pequena Nadica em forma de mortal!

— Eu já lhe disse! Não sou um Nadica! — gritou alguém do outro lado da Porta.

— É Folha! — gritou Suzy, correndo para a porta. Mas o dr. Scamandros a deteve, puxando-a pela manga.

— Cuidado — ele sussurrou. — Pode ser um truque. Talvez até mesmo um Espectro de Folha. Eu vou verificar.

O feitiçeiro remexeu nos bolsos, tirou os óculos de armação dourada e os colocou na testa, acima dos olhos.

— Ah, eu me lembro — disse Giac. Ele parecia surpreso consigo mesmo. — Visão interior.

— Exatamente, meu caro colega — respondeu dr. Scamandros. Cuidadosamente, ele deu um passo e olhou pela janela. — Humm... — fez ele. — A grande criatura foi cultivada nos Jardins Incomparáveis e não é precisamente uma Nadica, mas uma nativa de alguma parte do Reino Secundário manipulada pelo uso de feitiçaria. O ser menor é um mortal... e não um Espectro...

— Dr. Scamandros, sou eu, Folha! Artur está aí?

— Definitivamente é um mortal — continuou o Dr. Scamandros.

— Provavelmente a srta. Folha. Vejo que a arma enfeitiçada que ela está segurando a mantém ligada à Porta da Frente. E a criatura é mantida sob seu comando por uma Coleira do Comandante Grobbin.

— Lembro-me disso também! — exclamou Giac. — O Velho Grobbin foi um dos meus professores, mas eu tinha esquecido tudo o que ele disse até agora. Legal isso. A coisa estava lá o tempo todo, mas eu não conseguia me lembrar.

— Muita chuva — concluiu Suzy. — Provavelmente entrou água em seu cérebro, fazendo-o ficar mais lerdo.

— Suzy! Você consegue me deixar sair?

— Muito interessante — comentou o dr. Scamandros. — Enquanto o mortal, que devo dizer quase definitivamente se tratar da senhorita Folha, é um ser humano inalterado, o uniforme que ela está usando é de fato uma estrutura mágica, feita por uma ordem muito elevada, assim como a espada que ela

segura. Os dois foram feitos pela Arquiteta, garanto. Coronel Giac, você gostaria de dar uma olhada?

— Eu ficaria encantado, humm, honrado colega — disse Giac.

— Alguém aí vai abrir essa porta? — gritou Folha. — E me ajudar a me livrar desta espada?

— Em um momento, srta. Folha — respondeu o dr. Scamandros através da janela. — Por favor, permita que meu colega...

Ele parou de falar quando Suzy levantou uma ponta da barra, obrigando-o a dar um passo para trás, quando colidiu com Giac, que estava esperando para dar um passo para a frente.

— Você pode usar sua visão interior com a porta aberta também — falou Suzy. Ela puxou a barra completamente. — Um momentinho, Folha — gritou enquanto levantava a segunda barra. — Preciso abrir tudo isso aqui.

Um murmúrio cauteloso atrás de Suzy a lembrou de que a passagem estava cheia de encadernadores e soldados armados. Depois de abrir a última barra, ela se dirigiu à multidão.

— Está tudo sob controle — gritou. — É apenas a segunda mão direita de Artur... humm... a mortal... ah... Almirante Folha. Então, vocês podem baixar as armas. Quem tem a chave desta porta?

— Eu — apresentou-se Horrybig. Ele olhou para Digby, que concordou. Horrybig pareceu surpreso, mas colocou a chave na fechadura e a girou rapidamente antes de recuar.

Suzy abriu a porta e entrou. Lá dentro, reconheceu Folha. Ela estava encostada em uma alcova segurando o cabo de uma espada que, tanto quanto Suzy podia ver, estava presa na parede. A criatura a que o dr. Scamandros havia se referido era um pouco mais imponente do que Suzy esperava, ocupando toda a parte de trás da sala, seus tentáculos estavam enrolados no chão como estranhos e grandes vasos.

— Suzy! É você! — alegrou-se Folha. — Artur está aqui? Preciso dele para tirar esta espada da Porta da Frente.

— Artur não está aqui — respondeu Suzy e se aproximou, mantendo um olhar atento na bestácea. — O que é essa coisa? E como você acabou se tornando a nova Tenente Guardiã?

— Esta é a Margarida — apresentou Folha. — Ela é uma bestácea. O Ceifador, um dos caras de Domingo, a levou para a Terra. Só que a deixou para trás quando me pegou. Ele deveria me entregar a Lorde Domingo, mas

paramos para ajudar o velho Tenente Guardião e ele... ele estava morrendo. Ele me deu a espada e ao que parece agora sou eu a nova Tenente Guardiã. Mas não quero ser!

— É uma péssima carreira — concordou Suzy. — Tem muito trabalho.

— Nem me diga! — Folha olhou para Suzy. — dr. Scamandros! Talvez você possa ajudar...

— Vou fazer o meu melhor — prometeu o dr. Scamandros. Ele estava ao lado de Suzy e olhou para o casaco de Folha, aparentemente fascinado com a manga. Tatuagens de teares de um pequeno tecelão apareceram em seu rosto, voando através dele, enquanto rolos de pano azul desciam-lhe em cascata pelo nariz. — Em que posso ajudá-la?

— Primeiro, quero tirar esta espada da Porta da Frente! — disse Folha enquanto puxava a arma mais uma vez.

— Ah, querida — começou o dr. Scamandros. — Isso está além de minhas capacidades.

— Mas não além das minhas, presumo — falou uma voz fria e poderosa atrás do ancião. Tanto Suzy quanto Scamandros se sobressaltaram, e Margarida afundou de volta em suas muitas pernas, emitindo um som agudo de medo e angústia.

— Primeira Dama — disse Folha com cautela. — Olá.





Capítulo 17

Eram 11h30, e as correntes que prendiam Artur ao relógio tinham sido recolhidas, arrastando-o de volta ao centro da enghoca. A cada minuto que passava, as correntes ficavam mais apertadas, puxando as mãos do garoto atrás das costas.

Não havia nenhum sinal ou presságio da chegada do Marinheiro. Artur tentou não pensar em quanto tempo o Capitão tinha levado para ajudá-lo no passado ou para ajudar Folha. Esperava que o Marinheiro não estivesse muito longe, cosmicamente falando.

Agora, tinha que lidar com a possibilidade bastante real de que, dentro de 30 minutos, duas marionetes horrendas iriam arrancar-lhe os olhos. Embora estivesse bastante confiante de que eles voltariam a crescer, isso não o fazia se sentir melhor.

O Elefante aproximou-se, sentindo o medo de Artur. Seu amigo tinha continuado a crescer durante um tempo depois de ter trazido o medalhão, mas parara quando chegou ao tamanho de um cachorro grande. Ou melhor, na altura de um, já que era muito redondo e provavelmente pesava bem mais do que o mais corpulento dos cães.

— Você precisará sair daqui e se esconder em breve — avisou Artur. — Lorde Domingo disse que estaria de volta antes das 12. E eu não quero que os bonecos arranquem seus olhos também.

Elefante fez um movimento com as presas. Elas tinham cerca de 20 centímetros de comprimento e agora estavam bastante afiadas. Artur balançou a cabeça.

— Não. Você não pode lutar com Domingo. Ou com as marionetes. Mas mesmo assim obrigado.

Elefante soltou um resmungo profundo.

— Não, eu não suportaria se você fosse ferido ou morto — disse Artur. Lembrando-se de quando havia perdido o amigo, anos atrás. Foi uma dor intensa, que nunca superou completamente, embora tivesse se tornado menor dentro dele conforme ele crescia. — Você deve ir e se esconder agora.

Elefante saudou o amigo com o tronco e rugiu antes de ir se esconder entre alguns arbustos floridos e altos. Artur virou-se para olhar o alçapão no relógio. Ele podia ouvir o barulho das marionetes que ganhavam vida e preparavam suas lâminas e seus saca-rolhas.

— Vou chutar suas cabecinhas de madeira — avisou Artur, tentando abrir um canal para se comunicar com Suzy ou com a raiva interior que havia se manifestado nele no passado. Todavia, sua voz não tinha convicção e ele não encontrou nenhuma raiva. Tentaria chutar as cabecinhas de madeira das marionetes, se fosse possível, mas sabia que provavelmente não seria. Quando as correntes estivessem completamente esticadas, ele seria pressionado contra o relógio e os bonecos o atacariam por trás. Para chutá-los, Artur teria que ser um contorcionista. — Vou mordê-los também — acrescentou.

“Mas duvido que meus dentes fossem fazer algum estrago nos bonecos. Mesmo que eu conseguisse mordê-los, precisaria de dentes muito mais fortes para isso. Ou eu poderia simplesmente desistir.”

Artur banuiu esse pensamento. Ele não iria desistir.

“Tenho que pensar fora da caixa, como Eric sempre diz. Talvez eu pudesse fazer crescer dentes afiados. Ou braços extras. Eu poderia direcionar minha energia para me transformar.”

Artur olhou para os pulsos algemados e um novo pensamento surgiu em sua mente.

“Talvez eu pudesse fazer minhas mãos ficarem bem pequenas e me soltar dessas algemas!”

Olhou para os pulsos, concentrando-se neles, desejando que se tornassem mais finos, que diminuíssem.

Nada aconteceu, salvo o tique-taque do relógio e do chocalho da corrente enquanto um anel, juntando-se com o vizinho, tornava-se um. Artur manteve a concentração nos dez minutos seguintes, mas não conseguiu o que desejava. Seus pulsos e mãos permaneciam inalterados.

Ele estava tão decidido a forçar o corpo a se remodelar que não percebeu a presença de Lorde Domingo, até que ele estivesse de pé em sua frente, na beirada do relógio.

— Resta um quarto de hora até as 12 — avisou Lorde Domingo. — Você vai me dar as Chaves e o Atlas?

Artur olhou para ele. Apesar de muitas horas terem se passado, o sol nos Jardins Incomparáveis movia-se lentamente, e mal havia se deslocado no céu

de pintura. O sol formava um disco de luz atrás da cabeça de Lorde Domingo, parecendo uma auréola brilhante e ofuscante.

— Não — respondeu Artur calmamente. — Não vou.

Lorde Domingo franziu a testa e se virou. Artur piscou e olhou para cima, mas não viu nenhuma libélula. De onde quer que Lorde Domingo tivesse vindo, certamente não tinha sido em uma de suas criaturas aladas.

— Vou esperar — informou Lorde Domingo. — Talvez mais tarde você reconsidere minha proposta.

Artur esticou o pescoço. Domingo se sentou logo atrás do relógio, em uma cadeira de lona listrada que não estava lá antes. Um Habitante vestindo um uniforme de mordomo e que se parecia um pouco com Sneezer, embora tivesse a pele verde, entregou a Domingo uma bebida rosada em um copo longo. Além do mordomo, um besouro com as pernas da altura de uma van mastigava as folhas de uma árvore. O besouro tinha um trono dourado nas costas e várias cadeiras menores atrás. Evidentemente, era a escolha de Domingo para o transporte terrestre.

O relógio se mexeu. Artur observou o movimento do ponteiro dos minutos para 11h57. A corrente apertou novamente e ele se inclinou, olhando para o céu.

“Será somente uma dor rápida”, pensou. “Seguida por outra dor que vai passar em uma ou duas horas enquanto meus olhos voltam a crescer. Não é como quando eu era humano...”

— Não é como quando eu era humano — sussurrou.

— O quê? — perguntou Lorde Domingo. — O que você disse? Será que finalmente concordou com minha proposta?

— Não! — gritou Artur. Ele fechou os olhos. Não tinha certeza se poderia suportar a dor, mas estava absolutamente certo de que não queria ver aquilo acontecer. — Faça o seu pior!

Os últimos minutos estenderam-se por um tempo muito longo. Artur podia ver o brilho vermelho do sol através de suas pálpebras cerradas. Franziu os olhos, fechando-os mais e tentou pensar em outras coisas, em coisas mais agradáveis. Na música de Bob. Em suas próprias canções. Tentou cantarolar, mas não conseguia se lembrar da letra. E havia outras músicas que ele devia ser capaz de se lembrar, mas também não conseguia, nem mesmo das canções clássicas que tocara um milhão de vezes no teclado.

Blem! O relógio começou a soar. Artur ficou tenso quando ouviu o alçapão se abrir, todo o seu corpo parecia uma corda de violino. Apertou os dentes para manter a boca fechada quando ouviu o zumbido e a gargalhada das marionetes do relógio. Uma sombra eclipsou o borrão vermelho do sol.

“... Eu não vou gritar”, pensou Artur furiosamente. “Não vou gritar, ou chorar, ou demonstrar qualquer sinal de...”

O relógio continuou a bater, soando lentamente até doze.

Blem! Blem! Blem! Blem!

Não houve dor. Artur não sentiu nada, nem o mais leve toque nas pálpebras ou no rosto.

Blem! Blem! Blem!

Ele engoliu em seco, incapaz de se conter, os olhos ainda fechados.

Blem! Blem!

Faltavam apenas duas badaladas e nada havia ainda tocado seus olhos. Artur respirou profunda e lentamente...

Blem!

A última badalada estava demorando uma eternidade, e as marionetes ainda não o tinham atacado. Para executar a punição, elas teriam apenas o tempo que o relógio levava para soar as doze badaladas.

— Vamos lá! — gritou Artur.

Blem!

Ele ouviu o zumbido e o barulho dos pés de madeira das marionetes e depois a tampa do alçapão se fechando. Lentamente, muito lentamente, Artur abriu os olhos.

Lorde Domingo estava ali perto, bebericando seu drinque.

— Você é corajoso — falou. — Mais corajoso do que eu poderia esperar de um mortal. No entanto, acho que não vai ser tão corajoso da próxima vez.

— Da próxima vez?... — murmurou Artur.

— Você precisa me dar as Chaves e o Atlas — avisou Lorde Domingo. — Eles são a única esperança para a Casa e para os Reinos Secundários.

Artur olhou para ele, sua mente processando rápido, alimentada pela adrenalina liberada pelo medo.

— Você não pode me machucar de verdade — concluiu, subitamente. — Isto tudo é apenas para me forçar a lhe entregar as Chaves! Só o que você pode fazer é tentar me assustar.

Lorde Domingo abriu um leve sorriso hostil e se afastou do relógio.

— Não estou com medo! — gritou Artur. Tentou gritar novamente, mas não conseguiu. Porque ele estava com medo. Ele não sabia se estava certo sobre as Chaves. Talvez da próxima vez que o relógio batesse doze horas, as marionetes realmente levassem seus olhos.

Houve um tamborilar suave na grama perto do relógio. Artur levantou a cabeça e viu o besouro passar com Lorde Domingo e vários funcionários a bordo. O besouro ficou muito perto das plantas onde Elefante estava escondido. Artur prendeu a respiração enquanto a criatura passava, roçando os arbustos antes de desaparecer na borda do terraço.

Elefante surgiu um minuto depois e atravessou o gramado. Agarrou um dos números do relógio com a tromba e o usou para alavancar-se sobre o relógio antes de trotar sobre Artur.

— Ainda estou com meus olhos, Elefante! — exclamou Artur. — E ainda tenho 12 horas para pensar em alguma coisa. Não posso simplesmente ficar esperando o Marinheiro. Ele levou semanas para chegar ao Mar Fronteiriço.

O Elefante concordou.

— Não perguntei antes — continuou Artur — porque não tinha pensado nisso. Mas você pode falar agora?

Elefante balançou negativamente a cabeça e soltou um rugido suave.

— Pensei que talvez pudesse mandá-lo encontrar um telefone — prosseguiu Artur. — Para chamar a Primeira Dama. Mas se você não pode falar... não que eu queira que você vá a qualquer lugar...

Elefante concordou e se sentou ao lado de Artur com um baque forte.

Artur ficou olhando para o céu, muitas coisas lhe passando pelo pensamento.

— Talvez você possa ir até a colina atrás de nós — disse calmamente. — É para onde Meio-Dia de Domingo levou minhas Chaves. Se você pudesse encontrá-las e se elas ainda estiverem naquela rede, você poderia trazê-las para mim.

Elefante colocou-se pesadamente de pé e soltou um rugido ansioso e estridente.

— Está bem — concordou Artur. — Vá lá e dê uma olhada. Mas tenha muito cuidado. Não entre em nenhuma briga nem se machuque. Tente ficar escondido. E lembre-se: você não pode tocar nas Chaves. Só na rede. Volte se for muito perigoso.

Elefante concordou, saudou o garoto com a tromba e partiu.

— Eu falei sério! — Artur gritou. — Não tente tocar nas Chaves. Tenha cuidado!

Esperou até Elefante deixar o relógio antes de soltar a cabeça para trás. Silenciosamente, acrescentou: — Você é tudo o que eu tenho... para me lembrar de quem eu realmente sou...





Capítulo 18

A Primeira Dama abaixou-se em direção a Folha e tocou com o dedo enluvado a mão da garota que segurava a espada.

— Ai! — gritou Folha quando uma dor incandescente correu por entre seus dedos até o cotovelo, deixando-lhe o braço completamente inerte. Os dedos nervosos largaram o punho da espada e o laço escorregou do pulso.

A espada caiu no chão, completamente do lado de fora da Porta da Frente.

— Ah — disse Folha, olhando para a lâmina caída. — Isso significa que não sou mais a Tenente Guardiã? Posso ir para casa?

— Não e não — respondeu a Primeira Dama. — Eu apenas a afastei da obrigação na Porta. Tenho outra tarefa para você.

— Mas eu não quero nenhuma tarefa! — protestou Folha. E massageou o braço enquanto a percepção lentamente voltava, acompanhada por ferozes agulhadas. — Quero ir para casa!

— Tenho certeza de que quer — retrucou a Primeira Dama. — Mas, goste ou não, ou você aceita minha proposta ou volta para a Porta e retoma seus deveres por lá.

Folha fechou a mão. Os dedos da mão direita ainda não estavam completamente firmes.

— Acho que não tenho escolha — falou com raiva. — Qual é a tarefa?

— Você vai pegar sua espada e ir com a General Suzy Azul-Turquesa para a Casa Superior. Juntas, vocês devem ajudar a capturar um número suficiente de elevadores para permitir que nossa invasão seja iniciada. Se sobreviver a isso, então espero que se junte ao nosso ataque nos Jardins Incomparáveis.

— Vou fazer isso — concordou Folha, cruzando os dedos atrás das costas. — Mas, assim que encontrar Artur, vou fazê-lo me mandar de volta para casa.

A Primeira Dama sorriu, um sorriso fino que não tinha nenhum resquício de bom humor.

— Como quiser — ironizou. — Como não sabemos onde Lorde Artur está e não conseguimos encontrá-lo em nenhum lugar em nossos domínios, dentro ou fora da Casa, posso apenas desejar que você o encontre, e rápido. Agora me diga, Crepúsculo de Domingo disse por que a estava tirando de seu mundo?

A mudança repentina de assunto abalou Folha por um segundo.

— Não. Ele falou algo sobre Lorde Domingo gostar de ter todas as suas ferramentas prontas antes de fazer qualquer trabalho.

— Interessante — comentou a Primeira Dama. — Eu me pergunto se...

Ela olhou para o teto, com o olhar distante, como se estivesse vendo muito além do gesso decorado com livros-fruta que nasciam de vinhas de palavras. Em seguida, inclinou a cabeça para trás e disse à Folha com rispidez: — De qualquer forma, não há tempo a perder. General Suzy Azul!

— Estou aqui — respondeu Suzy, murmurando em seguida algo que Folha imaginou ser “velhaca”.

— Sua força-tarefa deve atacar dentro de uma hora. E pelo menos vinte poços de elevadores devem ser abertos na Casa Superior dentro da hora após o ataque.

— Vinte, milady?! — exclamou o dr. Scamandros. As tatuagens em seu rosto transformaram-se em fogos de artifício, soltando faíscas nas bochechas e colidindo umas com as outras. — Em uma hora? Mesmo que tenham sido apenas bloqueados, vai levar bem mais tempo para desfazer...

— Você tem seu colega — a Primeira Dama apontou para Giac. — Coloque-o para trabalhar.

— Mesmo assim, só nós dois...

— Vocês vão fazer isso! — ordenou a Primeira Dama. Sua voz rasgou os livros na prateleira mais próxima, atirando as lombadas no chão, que caíram como um ninho de serpentes que tinham trocado de pele. — Vocês não entendem? Não há tempo! Sem Artur aqui, a Casa Intermediária cairá em breve e a Casa Superior logo depois dela. Somente os Jardins Incomparáveis podem sobreviver, por isso nós devemos estar todos lá o quanto antes!

Suzy piscou os olhos e limpou a poeira de papel do rosto. Em seguida, concordou.

— Muito bem, então. Vamos lá, Folha! Vamos encontrar nossa força-tarefa.

Folha, de certa forma surpreendendo a si mesma, inclinou-se e pegou a espada do Tenente Guardião. A arma praticamente saltou para sua mão, expulsando imediatamente o amortecimento e as alfinetadas que ainda restavam. Mas Folha percebeu que não podia mais sentir o que estava acontecendo dentro da Porta da Frente.

— Primeira Dama! — chamou. O Testamento, que já estava saindo, parou e se voltou para a garota. — A Porta da Frente... há muitos Nadicas lá, e o

Nada está vazando em todos os lugares. Ela precisa ser protegida.

— Sim — concordou a Primeira Dama. — Ela precisa ser protegida pelo pouco tempo que lhe resta. Vou despachar Amanhecer de Sexta-Feira e uma força de Jovens Dourados. É improvável que o Tocador de Gaita tente usar a Porta. Ele não precisa disso, agora que está dentro da Casa Superior.

— Isso me faz lembrar de algo — disse Suzy calmamente após a Primeira Dama ter saído. — Você pegou as coisas que eu procurava, Doutor?

— O quê? — perguntou o dr. Scamandros, que já estava bastante envolvido em uma discussão técnica sobre a feitiçaria do elevador com Giac, que mais uma vez pareceu surpreso com o retorno de seu há muito tempo esquecido conhecimento. — Ah, sim!

Ele vasculhou dentro do casaco e entregou um grande saco de papel marrom que parecia estar cheio de bolinhas de gude. Ou bolotas. Suzy enfiou-o no bolso do próprio casaco que, diferente daquele do Dr., parecia não ter espaço para um saco tão grande.

— O que tem aí? — perguntou Folha. — E que história é essa de me chamar de Almirante?

— Protetores de ouvido — disse Suzy. — Para assegurar que o Tocador de Gaita não nos leve novamente. Quanto à coisa do “Almirante”, acho que você precisa de um título para fazer as coisas funcionarem por aqui. Embora eu suponha que agora, sendo Tenente Guardiã da Porta...

— Somente até Artur poder consertar as coisas — interrompeu Folha. — E me levar para casa.

— Temos que enfrentar alguns combates primeiro — contestou Suzy com prazer indisfarçável. Folha balançou a cabeça e seguiu a general em silêncio quando ela passou pelas fileiras de soldados e encadernadores.

— Vamos, Giac, doutor! — chamou Suzy em um cruzamento um pouco adiante. — Apressem-se! Temos que pegar um elevador!

Scamandros e Giac alcançaram Suzy quando ela chegou ao pé de uma escada e saltou degraus acima. Folha a seguia alguns passos atrás com menos entusiasmo.

— Mas, general! — chamou Giac. — Não tem mais gente para ir?

Suzy parou e bateu no bolso com o saco de protetores de ouvido, como ela chamava.

— Claro! — exclamou. — Por que você acha que preciso de tudo isso? E o que você acha que Bren, Shan e Athan estão fazendo? Reunindo os

Patrulheiros, é claro! Vamos lá!

Os Patrulheiros de Suzy, 66 crianças do Tocador de Gaita usando uma combinação heterogênea de armas, uniformes e equipamentos que ninguém poderia ter imaginado estavam reunidos no pátio, sendo observados com suspeita por vários sargentos das unidades regulares. Os sargentos estavam entre os Patrulheiros e os vagões de abastecimento e, sempre que uma criança do Tocador de Gaita aproximava-se demais, resmungavam advertências e levantavam arrogantemente seus cassinetes, alguns com facas nas pontas.

Uma criança do Tocador de Gaita, baixa, de cabelos pretos e pele escura, vestindo um uniforme que era metade do Regimento e metade da Horda e carregando uma espada embainhada nas costas, e não ao lado do corpo, começou a abordar os Patrulheiros enquanto Suzy e os outros se aproximaram por trás.

— Tudo bem, pessoal! — gritou Fred Primeiros Números Dourados.
— Suzy estará aqui a qualquer momento. Vocês pegaram tudo que eles precisam?

Um coro de “sim” e “sim, senhor” acompanhado por um “provavelmente” e um “espero que sim” respondeu a Fred quando Suzy bateu no ombro dele. Fred girou e sorriu.

— Ei, chefe! — cumprimentou ele. — Olá, Folha!

— Oi, Fred — Folha o havia conhecido rapidamente na fortaleza secreta de Sexta-Feira nos Reinos Secundários, mas, como todos os outros, gostou dele imediatamente. — Você recebeu a mensagem de Bren, Shan e Athan, então? — perguntou a General.

— Sim — respondeu Fred. — Temos 66 Patrulheiros aqui. Quase todas as crianças do Tocador de Gaita da Junção, sem contar os Jovens Dourados. Há mais deles chegando com a frota, mas me disseram que ainda vão levar muitas horas para chegar.

— Somente 66... — murmurou Suzy. — Deve haver bem mais sobreviventes das outras dimensões.

— Isso é tudo o que temos aqui — argumentou Fred. — Mandeí uma mensagem para o acampamento na nascente do canal, mas ninguém respondeu.

— Espero que isso não seja outro truque da Primeira Velhaca — desejou Suzy sombriamente.

— O que quer dizer? — perguntou Folha.

— Ela queria matar todos nós — explicou Suzy. — No caso de o Tocador de Gaita nos capturar. Artur a impediu, mas não sei... ela é...*estranha*.

— Sim — concordou Folha, incapaz de reprimir um calafrio. A personificação do Testamento havia se tornado muito mais assustadora e Folha certamente não sentia que a Primeira Dama pudesse ser confiável.

— Onde estão Bren, Shan e Athan? — perguntou Suzy, observando a multidão.

— Humm, eles foram presos — respondeu Fred em voz alta.

— Algo a ver com o desaparecimento de um canhão e de um contêiner de pó de Nada. O Marechal Meio-Dia os pegou, ou eles teriam aparecido.

— Humm — Suzy resmungou. — Eles terão que esperar até voltarmos. Não há tempo para resolver as coisas para eles agora. Aqui, distribua isto.

Ela passou o saco de tampões, depois de pegar um par para ela e outro para Folha. Folha embainhou a espada para pegá-los e ficou aliviada ao saber que podia soltar os dedos da arma. Os tampões eram bolas de papel encerado com uma pequena inscrição. Suzy enfiou-os nos ouvidos e, após um momento de hesitação, Folha a imitou, assim como faziam as crianças do Tocador de Gaita tão logo Fred lhes entregava os objetos.

— Ainda consigo ouvir perfeitamente bem — reclamou Folha. — Eles parecem não fazer nada.

— E não devem fazer — explicou o dr. Scamandros. — Entretanto, devem bloquear o poder mais sugestivo da gaita do Tocador. Mesmo assim, não aguentam muito tempo, por isso é aconselhável se afastar do Tocador imediatamente. Particularmente porque... ah...

— Porque o quê? — perguntou Suzy.

— Porque eles podem sofrer combustão espontânea se ficarem sujeitos a uma concentração de feitiçaria do Tocador de Gaita — explicou o dr. Scamandros. — Ou seja, se o som estiver muito próximo.

— Você quer dizer que eles vão pegar fogo? — perguntou Folha. Ela tocou na bola de papel em sua orelha esquerda e franziu a testa.

— É mais como uma pequena explosão — respondeu o dr. Scamandros. — Nada que mataria uma criança do Tocador. Se você ouvi-lo, manter-se afastada seria aconselhável de qualquer maneira.

— Ótimo — murmurou Folha. — Você sabe se eu preciso deles? Não sou uma criança do Tocador de Gaita e certamente não sobreviveria a uma explosão em meu ouvido.

O dr. Scamandros ficou olhando para Folha durante um momento.

— Humm. Acredito que a música do Tocador de Gaita tem um poder considerável sobre mortais em geral, já que essa foi a forma que ele utilizou para trazer as crianças para cá — ponderou. — Mas, uma vez que você é o Tenente Guardião, talvez seja um risco maior usar os protetores de ouvido.

— Certo — disse Folha. Ela tirou os tampões e os colocou no estupidamente pequeno e apertado bolso da parte superior de sua calça branca.

— O elevador que vai nos levar para cima está pronto? — perguntou Suzy.

— Não tenho certeza — respondeu o dr. Scamandros. — Preparei um antes de ir para a Casa Superior, mas a Primeira Dama não me disse para quem era ou para quantos passageiros. Vou precisar aumentá-lo um pouco.

— Certo — disse Suzy. — Giac, você o acompanha para dar uma mão.

— Como? — espantou-se Giac.

— Para dar uma mão — repetiu Suzy.

Giac olhou para suas mãos.

— Isso significa ajudá-lo — explicou Folha.

— Ah, claro... eu sabia — afirmou Giac.

— Deixe para lá! — apressou-se atrás do dr. Scamandros.

— Onde você arrumou Giac? — perguntou Folha.

— Na Casa Superior — respondeu Suzy. — Ele é um bom sujeito. Um pouco esquecido. Precisa ter um pouco mais de autoconfiança.

— Então, onde está Artur? — perguntou Folha. — A última vez que o vi foi na Terra, mas ele estava voltando para a Casa.

— Vou lhe contar no caminho até o elevador — falou Suzy, que ergueu a voz e se dirigiu aos Patrulheiros reunidos. — Muito bem! Vamos zarpar para a Casa Superior e ajudar o dr. Scamandros e o Coronel Giac a abrir alguns elevadores para o Exército poder passar. Provavelmente lutaremos com o pessoal de Sábado e os Novicas do Tocador de Gaita, mas, se pudermos fazê-los lutar entre si, será melhor. Alguma pergunta?

Uma criança do Tocador de Gaita que estava mais na frente levantou a mão.

— Como se chama um Habitante com um pé dolorido?

— Não sei — respondeu Suzy. — Como se chama um Habitante com um pé dolorido?

— Bem, eu também não sei — continuou a criança do Tocador de Gaita.
— É por isso que perguntei. Ouvi alguém contar a primeira parte da piada no elevador no caminho até aqui, mas não ouvi o resto.

— Alguém sabe? — perguntou Suzy, enquanto Folha gemeu e passou a mão pelos cabelos, incapaz de acreditar que estava prestes a partir em uma missão extremamente perigosa com um bando de lunáticos com aparência e senso de humor de crianças de 7 anos de idade.

Ninguém sabia a piada verdadeira, embora houvesse várias sugestões, incluindo “como quiser, porque ele não será capaz de correr rápido o suficiente para pegá-lo” e “anzol”, o que provocou uma avalanche de questões sobre o que o peixe tinha a ver com os pés doloridos, questões que receberam explicações não muito boas sobre alguma coisa a ver com duplo sentido e “não ser capaz de andar em linha reta”.

— Melhor perguntar ao dr. Scamandros — concluiu Suzy. — Alguma outra pergunta? Sobre o que vamos fazer, quero dizer? — esperou durante alguns segundos que alguém se pronunciasse, mas não havia mais perguntas. — Vamos então — chamou, acenando negligentemente.

Os sargentos que assistiam à cena fizeram careta quando os Patrulheiros de Suzy caminharam desordenadamente atrás dela. Enquanto a multidão se dissipava, Folha viu que, além dos muitos e variados armamentos pessoais (alguns generosamente enfeitados com armas), um trio de crianças do Tocador encapuzadas tinha saído da sombra da parede interna e estava empurrando um pequeno canhão e um carrinho de mão carregado com pequenos barris de pó de Nada e balas de canhão. Suzy também os viu e olhou para Fred, que piscou.

— Acho que eles não ficaram presos — disse Fred calmamente.





Capítulo 19

O ponteiro das horas mudou para o 2, enquanto o ponteiro dos minutos passava pelo 12. Duas horas tinham se passado desde que Elefante havia subido a colina em busca da rede de prata contendo a Quinta e a Sexta Chaves.

Artur sentou-se perto do 9 do relógio. Ele estava tentando se distrair pensando em coisas boas, mas só conseguiu ficar espantado com quanto os momentos de sua vida haviam se tornado difíceis de ser lembrados. Memórias importantes de sua família, de seus amigos, das escolas que tinha frequentado... tudo estava desaparecendo, e ele só conseguia se lembrar com muito esforço, rastreando escassos fios de memória e ligando-os precariamente.

Ele estava com medo, não das marionetes e da cegueira que poderiam estar à espera dele dentro de 10 horas. Artur estava com medo porque sentiu a vida humana lhe escapando. A menos que realmente se concentrasse, tinha dificuldade até mesmo de trazer à mente uma imagem de todos os irmãos e irmãs. Com exceção de Michaeli e Eric, que tinha visto há pouco tempo, não conseguia visualizar facilmente os outros ou se recordar de coisas simples, como a cor exata dos cabelos deles.

Estava concentrado em se lembrar de seu quarto na antiga casa, aquele onde tinha vivido por mais tempo, quando um barulho muito fraco e distante o distraiu. Ele se levantou, as correntes esticadas ao máximo, e tentou escutar. O som veio novamente, e Artur cerrou os punhos contra as correntes. Era Elefante vindo de longe, muito longe. Ele parecia angustiado e com dor. Exalou o som novamente mais duas vezes, cada vez mais fraco. Em seguida, silêncio, exceto pelo tique-taque do relógio.

— Elefante! — gritou Artur, atirando-se na borda do relógio. Sangue dourado esvaía-se de seus pulsos enquanto ele se enfurecia contra as correntes, as algemas cortando-o profundamente, apesar de sua pele firme.

Mas era inútil. Artur não conseguiria arrebentar as algemas e as correntes. Finalmente caiu e ficou ali soluçando em uma poça do próprio sangue, alheio à dor.

— Elefante... — sussurrou.

“Eu não devia tê-lo enviado”, pensou tristemente. “Nunca deveria tê-lo trazido à vida.”

Lentamente, cambaleou e olhou para o terraço próximo, na esperança de que veria um pequeno elefante amarelo aparecer na borda, descendo em sua direção.

Elefante não apareceu. Artur então ouviu um zumbido muito parecido com o som de uma das libélulas de Domingo. Olhou atentamente em volta, mas não viu nenhuma libélula.

O zumbido foi ficando mais e mais alto, como se aquilo que o produzisse estivesse indo em direção ao garoto. Artur Virou-se descontroladamente, as correntes tilintando, enquanto tentava descobrir onde a coisa estava e o que era.

Então, ele viu. A rede de prata que Domingo tinha usado para prender as Chaves estava a apenas 30 centímetros acima da grama. Como um avião demente ladeira abaixo, a rede saltou até o número 12 do relógio e colidiu com Artur, derrubando-o no chão.

Artur a agarrou quando foi atingido, mas a rede se moveu loucamente até expelir seu conteúdo: um espelho e uma caneta de pena, que pularam nas mãos do garoto.

Quando Artur tocou a Quinta e a Sexta Chaves, sentiu o fluxo de energia dentro dele, e todas as suas dúvidas e seus temores dissiparam-se. Ele se levantou e, segurando as duas Chaves acima da cabeça, falou com voz profunda e autoritária, que era apenas uma reminiscência da sua.

— Liberte-me!

Ele sentiu a resistência do aço enfeitiçado e do relógio debaixo dos pés. As algemas guincharam como rodas de um trem freando e deslizando em trilhos molhados, e lutaram contra o garoto. Artur concentrou todo o seu desejo e poder e voltou a falar:

— Liberte-me!

Uma alga se abriu e caiu rumo ao relógio, mas a outra, embora se contorcesse sob o olhar poderoso de Artur, permaneceu fechada. Artur gritou de frustração e acertou a alga com a Sexta Chave, ordenando pela terceira vez:

— Liberte-me!

A alga explodiu em gotas de aço fundido que pulverizaram o gramado diante do relógio. Artur caiu de joelhos, ofegante, totalmente exausto pela luta.

Porém, ele só teve um segundo antes de o alçapão se abrir de repente e o boneco lenhador saltar para fora, balançando seu machado.

Sem pensar, Artur bloqueou o golpe agarrando o antebraço do fantoche. Nesse movimento, porém, acabou soltando a Quinta Chave. Tentou arrancar o machado, mas o boneco era anormalmente forte, tão forte quanto o próprio Artur, e o machado era, na verdade, parte de seu braço. Os dentes de madeira bateram em uma risada maníaca quando um companheiro da criaturinha saiu do alçapão e investiu contra Artur com um imenso saca-rolhas. Como de costume, a arma estava apontada para os olhos de seu alvo.

Artur soltou de repente o lenhador e, quando a criatura cambaleou para a frente, o garoto a esfaqueou na cabeça com a ponta da Sexta Chave.

— Morra! — gritou, sentindo um fluxo de dor selvagem atravessar seu corpo e entrar no boneco.

O lenhador caiu para trás, mas não morreu com o golpe. Artur chutou o boneco com o saca-rolhas e os dois caíram. Antes que pudessem se levantar, Artur pegou a corrente solta e atirou nas pernas do fantoche, enrolando-o com o lenhador e, em seguida, rapidamente desenhando um anel com a Sexta Chave.

— Junte-se — ordenou Artur enquanto escrevia a palavra.

As duas partes da corrente se uniram enquanto os bonecos moviam-se desesperadamente para soltar as pernas entrelaçadas pela corrente de aço enfeitiçado.

Aperte, escreveu Artur e a corrente encolheu ao redor das pernas dos bonecos, tão fortemente que, independentemente do quanto puxassem e lutassem, não conseguiriam se libertar.

— Aproveitem — disse Artur, cansado. Pegou o espelho e cambaleou para fora do relógio. Os fantoches puxavam a corrente com raiva, os olhos enormes rolando nas cavidades e os dentes batendo ferozmente.

Artur não levou mais de um minuto para recuperar o fôlego e pensar. Em seguida, levantou a cabeça e gritou, sem se preocupar com quem pudesse ouvi-lo:

— Estou indo, Elefante!

E começou a correr a passos largos. Ele sabia que tinha muito pouco tempo antes de Lorde Domingo descobrir que seu prisioneiro estava livre. Tinha que encontrar Elefante e o Testamento.

“Da próxima vez que eu me encontrar com Lorde Domingo, as coisas serão diferentes”, Artur pensava.

O terraço seguinte era semelhante ao de baixo, uma área verde cercada por arbustos floridos e pontilhado aqui e ali por árvores e outras plantas excepcionalmente coloridas e bem arranjadas. Artur atravessou correndo uma cerca de azaleias vermelhas e cor-de-rosa da altura do peito, rumo ao outro lado do bem cuidado gramado, em direção a outro conjunto de degraus que levavam para o próximo terraço. Mas estava apenas na metade do caminho quando ouviu o zumbido de uma libélula.

Diminuiu a velocidade e olhou para trás. Virou a cabeça e gritou de dor quando foi atingido por várias flechas. Uma atravessou-lhe o braço direito e outra, o peito. As pontas de vidro estilhaçavam quando penetravam a pele, introduzindo veneno de Nada diretamente na corrente sanguínea.

Os arqueiros estavam sobre uma libélula que pairava quase diretamente acima de Artur. O garoto rugiu de raiva e dor e levantou a Quinta Chave.

— Queime! — gritou e um feixe de luz intenso saiu do espelho, atingindo a libélula e incendiando-a. Caída no chão, as pernas e as asas da criatura ainda se debatiam. Os Habitantes que estavam a bordo foram esmagados sob o corpo queimado da enorme libélula e, embora provavelmente sobrevivessem, ficariam gravemente feridos por um longo, longo tempo.

Artur concentrou-se para não causar mais explosões. Em vez disso, olhou para suas feridas, pronto para direcionar a Quinta Chave para elas e curá-las. Mas não precisou fazer nada. Reforçado pelo poder das duas Chaves em mãos, o corpo do garoto já estava lutando sozinho contra o veneno. Artur observou fascinado como o Nada foi expulso de seu corpo através dos furos em sua pele, caindo no chão e dissolvendo a grama e a terra, afundando-se e saindo de vista. Então, a pele bronzeada se fechou, não deixando nem mesmo uma cicatriz ou qualquer sinal de dor.

Artur examinou o céu, porém não viu mais libélulas. No entanto, sentiu algo tocá-lo, uma sensação de que uma mão de repente encostava levemente no topo de sua cabeça. Era Lorde Domingo, ele sabia, usando a Sétima Chave para ver o que estava acontecendo.

Isso significava que havia ainda menos tempo do que ele esperava. Começou a correr novamente e enquanto saltava pelos degraus, tentou se lembrar de quantos terraços havia na colina e em qual deles o relógio estava.

Mas não conseguia se lembrar e, quando chegou ao próximo, viu que havia pelo menos mais um e talvez outro depois. Artur aumentou a velocidade, atravessando o gramado menos largo desse terraço a uma velocidade que teria lhe rendido uma medalha de ouro nas Olimpíadas na Terra.

Estava na metade dos degraus de pedras ásperas do lado oposto quando se deparou com outro guarda de Domingo. Em vez de os pés encontrarem um degrau, o degrau levantou-se para encontrá-los. Quando caiu de volta para baixo da colina, Artur viu que tinha sido atingido por um astuto verme camuflado ou uma serpente disfarçada entre os degraus que se estendiam pelos próximos 15 metros da colina. As enormes pedras brutas eram, na verdade, os segmentos do corpo da criatura. Grandes rolos de verme-serpente começaram a rolar para baixo em direção ao garoto, ameaçando esmagá-lo.

Artur colocou-se de pé e saltou 4 metros no ar sobre o segmento mais próximo. No momento em que caiu, olhou em volta freneticamente, procurando a cabeça da coisa. Não conseguia vê-la, e isso o assustava mais do que os enormes segmentos do corpo grotesco. Eram relativamente lentos, mas a cabeça podia ser rápida e ter dentes mais ou menos do mesmo tamanho do corpo de Artur.

Um segmento rolou em direção ao garoto. Dessa vez, ele levantou a Quinta Chave e, mais uma vez, pensou na luz ardente. Mas, quando a luz focalizada acertou o verme-serpente, foi refletida em todas as direções, o que fez o feixe branco e quente dispersar-se em um arco-íris. A criatura não sofreu praticamente nenhum dano.

— É de pedra — Artur disse a si mesmo enquanto, mais uma vez, pulava.
— Ou de cristal!

Seja o que for o material de que era feito, o verme-serpente também era inteligente. Embora Artur ainda não conseguisse ver a cabeça ou a cauda da criatura, os segmentos estavam se reunindo em sua volta, restringindo-o a uma parte do gramado e, como dobrava a volta, mesmo com sua força pródiga Artur não seria capaz de saltar.

“Cristal reflete luz”, pensou Artur. “Mas também quebra quando é congelado!”

O garoto levantou a Quinta Chave e se concentrou nela novamente, imaginando um frio intenso, projetado como um raio de partículas que iriam congelar instantaneamente o verme-serpente.

— Congele! — ordenou Artur, e a Quinta Chave obedeceu, enviando uma corrente de frio contra o flanco do verme-serpente. Porém, essa corrente também espirrou sobre a criatura sem causar nenhum dano aparente.

Pela primeira vez desde que havia recuperado suas Chaves, Artur de repente sentiu medo, mesmo quando se preparou para usar a Sexta Chave contra a criatura. Isso certamente tinha que funcionar!

“O verme-serpente é uma criatura da Arquiteta”, interrompeu uma voz em sua mente, uma voz que ele soube instintivamente que pertencia à Sétima Parte do Testamento. Mesmo sendo uma comunicação mental, ela soava alta e próxima. “É uma das primeiras coisas que ela fez e está imune aos poderes de todos, menos da Sétima Chave. Mas ele é lento e estúpido, então você...”





Capítulo 20

— Este é o plano — anunciou Suzy quando o elevador começou a subir. — Portanto, prestem atenção.

Vinte e uma crianças do Tocador pararam de jogar sete jogos bastante diferentes, envolvendo nove baralhos de cartas inteiramente diferentes. Quatro pararam o malabarismo com queijos. Trinta e três, que estavam verificando as armas, olharam para cima. Cinco acordaram. Três pararam de discutir sobre os méritos relativos do chá da Terra em relação aos chás de outros mundos, ou o tipo anteriormente feito nas Regiões Afastadas a partir do Nada.

Folha parou por um momento de coçar a pele de abacaxi oculta de Margarida, mas rapidamente retomou. Isso parecia acalmar a enorme criatura e, no espaço restrito do elevador, era melhor que a bestácea permanecesse imóvel.

— Estão ouvindo? — perguntou Suzy.

Todos concordaram.

— Quando o elevador parar e as portas se abrirem, vamos sair correndo.

— Parece um bom plano — comentou alguém. — Fácil de lembrar.

Folha fechou os olhos e tentou manter a calma.

— Tem mais — prosseguiu Suzy. — Idiota — ela olhou para Fred. — Você e as crianças de Elame serão um grupo — continuou. — Quando o elevador parar, vocês vão para a direita. Folha... Folha!

— Sim! — respondeu Folha, abrindo os olhos. — Eu estou ouvindo.

— Você se encarrega de todas as crianças de Gowzer e de Abidge. Vocês vão para a esquerda.

— Certo — concordou Folha. — Quero dizer, tudo bem, vamos para a esquerda. Mas não devia ter outra pessoa no comando?

— Você é Almirante, não é? — perguntou Suzy. — E tem Margarida e a espada especial...

Folha olhou para a espada e fez uma careta.

— Somente até que eu possa entregá-la a alguém mais adequado para ser Tenente Guardião.

— Bren, Shan e Athan, vocês levam o canhão para fora e o posicionam onde for melhor. Vou levar todos os outros e vamos seguir em frente. Doutor e Giac, vocês vêm atrás de nós e começam a trabalhar para abrir os elevadores nas primeiras mesas em que chegarem. Quanto mais cedo eles funcionarem, mais cedo a Primeira Velhota pode enviar reforços.

— É isso? — perguntou Folha. — Sabemos exatamente o que estamos enfrentando? Eu nem sei como é a Torre de Sábado!

— Como eu disse antes, estamos enfrentando Novicas vestindo pesadas armaduras, asas de couro e grandes e lentas espadas. Ou, se ainda forem do grupo de Sábado, haverá um monte de feiticeiros intermediários. Se forem feiticeiros, aproxime-se e mire em seus guarda-chuvas. Se forem Novicas, mantenha distância das espadas. Quanto à torre, é apenas uma torre composta de conjuntos de pequenas baías onde funcionam os escritórios. Há muitas mesas no piso para o qual vamos. É isso. Ah, exceto que não há paredes, por isso tente não cair.

Suzy parou de falar. Houve um silêncio por alguns segundos.

— É isso — concluiu. — Vamos lá.

As crianças do Tocador retomaram as atividades de antes. Folha tocou no cotovelo de Suzy.

— O que não entendo — começou — é por que a Primeira Dama está nos enviando para tomar os controles dos elevadores. Quero dizer, com certeza seria melhor enviar soldados Habitantes. Eles são maiores e mais fortes e é bem mais difícil matá-los.

— Somos mais cuidadosos e muito mais inteligentes — argumentou Suzy. — Mas esse não é o motivo. A Primeira Velhota imagina que podemos cumprir essa tarefa, mas, se você me perguntar, eu diria que ela espera que a maioria de nós seja exterminada.

— O quê? — engasgou Folha. Margarida, que estava repousando a seu lado, tremeu e mexeu os tentáculos quando sentiu o choque de Folha.

— Talvez não você — corrigiu Suzy. — Embora eu também não tenha certeza sobre isso, porque você é amiga de Artur, e a Primeira Velhota não quer que Artur tenha nenhum amigo. Pelo menos não amigos aos quais ele ouve. O caso é que ela odeia o Tocador de Gaita, por isso não confia nas crianças dele.

— Eu só quero ir para casa — protestou Folha olhando para a espada. — Eu me pergunto se posso dar isso a alguém sem ter que estar praticamente

morta antes.

— Podemos precisar de sua ajuda — disse Suzy. — Mas, se você quiser partir depois disso, não vou ficar no caminho.

— Os portais da Porta da Frente da Casa Superior estão fechados — comentou Folha. — Não sei de que outra forma eu poderia voltar.

— Abra-os novamente. Ou use os Sete Relógios. Estão em algum lugar. Podem até ter sido transferidos para a Casa Superior agora. Pergunte ao doutor.

— Talvez eu possa abrir os portais deste lado. Mas, mesmo assim, a Porta da Frente está cheia de Nadicas...

— E pode não haver nada para onde voltar — ponderou Suzy. — Depende de onde Artur está, não é mesmo? Quero dizer, se toda a Casa cair, os Reinos Secundários também cairão em seguida. Fim da festa.

— Festa? — Folha balançou a cabeça novamente. — Você está louca, Suzy.

— Não — disse Suzy, de repente séria. — Só... só mais velha, eu acho. Quero dizer, todos nós nos divertimos bastante. Milhares de anos enrolando, não levando nada muito a sério...

— Suzy! Eu não tenho milhares de anos! — protestou Folha. — Eu nem fiz 13 anos ainda! Não quero morrer. E não quero que o mundo inteiro, que o Universo inteiro, acabe ou...

— Não se preocupe com isso — tranquilizou-a Suzy, dando um tapinha nas costas de Folha. Se não fosse o casaco de Tenente Guardião, teria doído. Bastante. — Tenho certeza de que Artur vai salvar o dia. Vamos fazer a nossa parte também, é claro.

— Eu realmente espero que você esteja certa — disse Folha calmamente. Ela estava prestes a acrescentar mais alguma coisa quando o dr. Scamandros despontou entre as duas crianças malabaristas e se aproximou de Suzy. Ele tirou o barrete e disse:

— Oito minutos até chegarmos, general!

— Obrigada, doutor — agradeceu Suzy. Então, levantou a voz e acrescentou: — Preparem suas armas!

— Dr. Scamandros — chamou Folha, antes que o feiticeiro pudesse voltar para perto da porta do elevador você sabe onde os Sete Relógios estão agora?

— Humm, receio que não — respondeu Scamandros. — Mas acho bastante provável que tenham sido transferidos para mais perto de seu

controlador. Antigamente, era Segunda-Feira, agora é Lorde Artur. Então, creio que estejam em algum lugar na Casa Superior.

Naquele momento, o elevador estremeceu, dr. Scamandros puxou do casaco um relógio de bolso e conferiu o mostrador.

— Seis minutos adiantado!

Muitos baralhos de cartas, vários queijos e um monte de outros equipamentos não essenciais caíram no chão quando os Patrulheiros tardiamente começaram a preparar suas armas. A porta começou a se abrir e houve um barulho muito alto.

— Atacar! — gritou Suzy. Ela apontava a espada para a frente e já estava indo para a porta do elevador, seguida de perto por seu grupo central.

Cerca de vinte crianças do Tocador olharam para Folha.

— Humm, vamos lá! — ela gritou. Olhou para sua espada, e a arma saltou para sua mão, retorcendo-se para evitar degolar um de seus companheiros. Margarida retumbou em cima das pernas e seus tentáculos roçaram o teto, amassando-o em vários pontos. Folha puxou a correia da bestácea, tentando manter a espada firme, e se juntou à louca corrida rumo à porta do elevador.

Havia Novicas do lado de fora no piso da torre, mas eles não estavam preparados para um ataque surpresa das crianças do Tocador de Gaita. Mal puderam se virar antes de a comitiva os jogar no chão e, um momento depois, amarrá-los. As crianças do Tocador de Gaita gentilmente não usavam armas, a menos que armas fossem usadas contra elas primeiro.

O que aconteceu cerca de vinte segundos depois. Uma chuva de lanças carregadas com relâmpagos voou até a porta do elevador, quando o grupo de Folha estava saindo. Sem direção consciente, Folha girou e derrubou quatro lanças com a espada, que praticamente arrastava a garota. As 12 lanças restantes foram capturadas ou bloqueadas pelos tentáculos de Margarida, voltando para explodir contra as mesas ou seus infelizes atiradores.

— Direita! — gritou Folha. — Por aqui! — apontou um corredor entre uma linha de mesas, mas Margarida simplesmente esmagou os móveis, lançando lascas de mogno polido por toda parte. Seus tentáculos varriam Novicas, atirando-os no chão.

Folha parou por um momento quando ouviu alguém gritar seu nome. Era Scamandros.

— Folha! Não deixe Margarida quebrar as mesas! — Giac estava debruçado sobre uma mesa ainda intacta, escrevendo algo com uma caneta de pena.

Scamandros estava evidentemente prestes a fazer o mesmo em cada uma das mesas que Margarida tinha acabado de destruir, pois estava de pé sobre uma pilha de madeira.

Folha puxou a correia e Margarida balançou para trás em direção a ela, quebrando mais algumas mesas pelo caminho.

— Sentada! — ordenou Folha. Não parecia que Margarida seria mais necessária de qualquer maneira. Havia apenas uns 30 Novicas em volta dos elevadores, e todos eles haviam sido capturados ou mortos.

Ao longo das linhas de mesas, não havia mais nada no chão, apesar de, claro, poder haver mais milhares deles nos andares acima e abaixo ou até mesmo voando do lado de fora em volta da torre.

— Fiquem de olho para o caso de um contra-ataque! — gritou Suzy. — Eles...

Tudo o que ela disse foi perdido quando a torre balançou violentamente, derrubando quase todos no chão, que não estava mais plano. Crianças do Tocador de Gaita, Novicas amarrados, tudo o que não estava preso no chão começou a deslizar em direção à borda oriental da torre. Então, de repente, a torre se inclinou para trás.

Segurando a coleira de Margarida, Folha era a única que não se movia muito, porque a bestácea tinha agarrado uma das colunas verticais mais próximas e se plantado solidamente no lugar.

A torre estremeceu novamente e estabilizou, inclinando-se em um ângulo menor a oeste.

— O que foi isso? — gritou Folha.

Suzy já estava verificando seus Patrulheiros e indo até a borda oriental.

— Não sei — respondeu. — Todos! Continuem vigiando os Novicas. Você não, Giac. Você continua trabalhando nos elevadores.

Ela saltou sobre alguns destroços, agarrou uma coluna externa e se inclinou para olhar para cima. Depois, ficou um bom tempo observando uma árvore Drasil distante, apenas uma mancha verde no horizonte.

Depois de obter uma visão completa, voltou para onde estava Folha. Fred correu também.

— Acho que alguma coisa aconteceu com os Drasils — anunciou Suzy. — O céu está mais baixo do que antes. Pode ser que os Jardins Incomparáveis tenham caído um pouco e atingiram a torre. Isso poderia vir a calhar mais tarde.

Ela olhou para Scamandros e Giac.

— Como estão indo, feiticeiros?

— Ah, abrimos três elevadores — gritou Scamandros. — Sem interrupção, poderemos abrir o número necessário no tempo que temos.

— Desculpe por ter perguntado — falou Suzy que olhou ao redor. Vários Patrulheiros tinham voltado a jogar cartas, e alguns tinham ido olhar a Grande Corrente. — Eu disse para continuarem olhando para fora! — ela gritou com raiva incomum. As crianças do Tocador de Gaita largaram as cartas e os errantes correram de volta a seus postos.

— Pensei que você não estivesse preocupada — comentou Folha.

— Eu não estava preocupada no elevador. Agora estou. Está vendo esses Novicas? — e apontou para um grupo de Novicas amarrados nas proximidades, e que sorria para elas. Um deles acenou com o dedinho, porque as mãos estavam atadas. — São avaliadores de segundo escalão — explicou Suzy. — Eles não lutam, a menos que o Tocador de Gaita esteja logo atrás deles.

— Isso é bom, não é? — perguntou Folha. — Torna as coisas mais fáceis...

— É ruim. Isso significa que as forças do Tocador já estão bem mais altas na torre, e bem abaixo de nós. Significa que estamos cercados. E que provavelmente o Tocador de Gaita em pessoa está lá em cima.

— Oh!

— Poderia ser pior — concluiu Suzy, resgatando seu otimismo habitual.

— Como? — perguntou Fred.

— Poderia estar chovendo.

— Verdade. Tem uma nuvem escura lá na frente — disse Folha, apontando para o céu. — Mas está meio baixa para chover sobre nós.

— Eu não acho que... — começou Suzy.

— ... aquilo seja uma nuvem — terminou Fred. — São Novicas alados. Um bando de Novicas alados.

— Pode ser que não estejam vindo para cá — murmurou Folha esperançosa.

— Eles partiram lá de cima e deram uma volta — disse Suzy, acabando com essa esperança. — Vão nos atingir em poucos minutos.

— Novicas às 9 horas! — gritou Fred, imediatamente acrescentando: — Isso quer dizer oeste! — quando vários Patrulheiros pegaram seus relógios por

brincadeira, pois, ao contrário dos Habitantes, eles sabiam o que Fred estava falando.

— Preparem o canhão! — acrescentou Suzy. Ela deu um passo e, em seguida, virou-se para Folha. — Se você tiver que ir para casa, vá agora — disse rápida e muito calmamente. — Você pode não conseguir fazer isso... depois.

Então, Suzy correu, saltando sobre várias mesas antes de se juntar à equipe que preparava o canhão.

Folha olhou por um momento para a horda de Novicas alados se aproximando, depois fechou os olhos e estendeu a mão para sentir um portal para a Porta. Havia um em algum lugar próximo, apesar de estar bloqueado e pelo menos vinte andares acima. Folha podia sentir uma espécie de pequena rachadura ou falha no selo que o fechava e tinha certeza de que a espada do Tenente Guardião poderia abri-lo.

Porém, se ela fugisse, o que aconteceria com Suzy, Fred, Scamandros e todos os outros?





Capítulo 21

A débil voz interna da Sétima Parte do Testamento foi subitamente interrompida quando o segmento do verme-serpente aproximou-se, uma parede de 3 metros de altura de pele de cobra parecida com pedra.

Artur pulou e pousou em cima da criatura, sacudindo os joelhos. Equilibrou-se ali por um momento, observando outro segmento que subia em sua direção, e concentrou um pensamento ansioso na Sétima Parte do Testamento.

“O que devo fazer? Como faço para ficar longe desta coisa?”

Não houve resposta.

Artur pulou novamente quando um pedaço da cobra desabou. Desta vez, o garoto caiu de mau jeito e deslizou para trás da criatura, quase caindo em uma fenda de 12 metros de profundidade entre três segmentos empilhados antes de recuperar o equilíbrio.

Isso lhe deu uma ideia. Artur se levantou com cuidado, mantendo os joelhos dobrados e os pés separados para ter mais equilíbrio. Olhou o longo corpo ondulante do verme-serpente e entre os segmentos. Depois, começou a correr. Correu em volta do segmento em que estava, depois atravessou para o seguinte, que estava um pouco mais acima. Em seguida, saltou para outro, até que apenas alguns minutos depois estava no topo da colina. E deslizou na extremidade do verme-serpente para a grama acolhedora do terraço superior.

A enorme criatura continuou a se enrolar e se contorcer encosta abaixo, mas não para cima, e Artur não sabia se tinha pulado da cauda ou da cabeça. Estava agradecido porque, nesse aspecto, a coisa pelo menos era mais verme e menos cobra.

Mais uma vez aquele terraço era parecido com o anterior, embora os arbustos tivessem uma estranha cor de ferrugem e folhas quase perfeitamente redondas, o que sugeria que aquelas plantas não eram da Terra. Artur manteve-se longe delas, apenas para o caso de não serem exatamente plantas.

Ele também pensou em ser cauteloso com os degraus, mas não conseguia ver nenhum na encosta em frente. Era apenas um banco gramado com cerca

de 30 metros de altura, íngreme o suficiente para que o garoto provavelmente precisasse usar as mãos para conseguir fazer a escalada.

Artur estava no meio do caminho, correndo pelo gramado, quando o chão tremeu embaixo de seus pés e, em seguida, desapareceu. O garoto caiu e rolou, pulando na grama como uma bola de pingue-pongue sobre uma mesa, enquanto o morro continuava a tremer. Quando finalmente parou, Artur estava deitado de costas e todas as flores redondas tinham caído dos arbustos.

— O que foi isso? — perguntou a si mesmo enquanto se levantava e olhava em volta. Aparentemente, tudo estava igual, até que percebeu uma alta nuvem de fumaça ou poeira ao longe e que o sol havia caído significativamente rumo ao que o garoto assumiu arbitrariamente ser o oeste, deixando a sombra mais comprida.

“Os Drasils secaram”, disse a Sétima Parte do Testamento. “Os Jardins caíram e a Torre de Sábado se rompeu.”

“Agora você fala comigo!”, pensou Artur. “Onde você está? Você sabe se Elefante está bem?”

“Estou no Elísio, na colina acima de você”, veio a resposta. “No entanto, estou trancada em uma jaula e minha capacidade de falar com você é limitada e irregular, a menos que esteja muito próximo. Venha até mim... não, espere!”

A voz do Testamento foi cortada novamente. Artur olhou para o que pensava que era uma nuvem de fumaça e estreitou os olhos contra o brilho do sol mais baixo. Com a fumaça ou poeira ou o que quer que fosse se dissipando, ele podia ver um pouco mais claramente. O que ele pensou que era apenas uma nuvem de vapor era, na verdade, um objeto sólido, a várias centenas de metros de altura, galgando as cercas e dominando a paisagem dos Jardins Incomparáveis. Parecia alcançar pelo menos 50 andares da Torre de Sábado, cutucando a parte inferior dos Jardins Incomparáveis como uma agulha através de um pano.

“Isso vai dar uma bela dor de cabeça a Domingo”, pensou Artur com satisfação. “Milhares de feiticeiros de Sábado pululando nos Jardins.”

Ele virou-se para começar a subir a encosta até o topo da colina, mas tinha dado apenas um passo quando ouviu o zumbido distante de uma libélula. Instantaneamente, mudou de direção e correu para trás da árvore mais próxima. Agachou-se sob os ramos mais baixos e ficou observando o céu.

A libélula estava voando em linha reta, na direção dele, com vários Habitantes nas costas. À medida que se aproximava, Artur levantou a Quinta

Chave e começou a construir outra explosão ofuscante de calor intenso. Entretanto, quando estava prestes a lançá-la, sentiu a força da Sétima Chave emanar da libélula. Era como uma mão gigante vasculhando a superfície do terraço, os dedos procurando alguma coisa escondida... dedos invisíveis procurando por ele.

Instantaneamente, Artur parou de tentar se concentrar em uma explosão de calor, em vez disso exortou os poderes das duas Chaves para escondê-lo de Lorde Domingo.

Não sentiu resposta da Quinta Chave, mas a dor da artrite atravessou as juntas de sua mão direita e, sem uma instrução consciente, a Sexta Chave de repente começou a esboçar algo em volta de Artur, fazendo a mão do garoto girar como uma andorinha perseguindo insetos voadores. Para trás, a Chave deixou um rastro, uma teia fina de tinta verde pálido que pairava no ar e não se dissipava.

Em poucos segundos, a Sexta Chave havia desenhado uma planta castanho-avermelhada com grandes folhas que abrigavam Artur, uma planta exatamente igual a todas as outras que havia naquele gramado. Do lado de dentro, o desenho parecia para Artur um esboço aberto e tridimensional que não enganaria ninguém nem por um segundo, mesmo assim ele esperava que, do lado de fora, o desenho fosse agora uma forma eficaz de camuflagem que iria pelo menos enganar a busca de longa distância de Lorde Domingo.

A libélula sobrevoou o topo da colina e parou acima dele. Artur estava olhando e mal se atreveu a respirar quando a escada de corda rolou para baixo e Domingo, acompanhado de seu Meio-Dia e de seu Amanhecer, desceu e desapareceu de vista.

“Fique escondido!”, ordenou o Testamento, repentinamente voltando-lhe à mente. “Fique...”





Capítulo 22

Uma nuvem espessa de fumaça de pó de Nada soprou ao lado de Folha, fazendo-a tossir e fechar os olhos. Uma Novica surgiu do meio da fumaça empunhando uma espada, que segurava com as duas mãos levantadas acima da cabeça. Folha abaixou-se de lado e a espetou com a espada do Tenente Guardião, mas a lâmina deslizou pela armadura da Novica enquanto ela se arrastou e desapareceu em meio à fumaça.

Folha apoiou-se na bestácea, que estava emitindo ruídos agudos, de agitação ou de raiva, quando seus tentáculos atacaram, atirando longe os Novicas. Mas havia tantos inimigos, e as crianças do Tocador de Gaita estavam tão espalhadas, que Folha teve que lutar desesperadamente sozinha. Seu pulso, cotovelo e ombro ardiam de dor quando a espada realizava as manobras incríveis que as articulações e os músculos da garota simplesmente não conseguiam acompanhar.

“Não fugir foi possivelmente a ideia mais idiota que tive”, pensou Folha quando foi salva no último instante por uma combinação de ações da espada e dos tentáculos de Margarida, aquela desviando uma lança, estes passando uma rasteira em um Novica e o atirando sobre os restos de uma mesa.

“Talvez apenas um pouco mais idiota do que ir ver Artur no hospital. Se eu tivesse ficado longe, ainda poderia estar em casa, e Tia Manga também, e eu saberia que o resto da minha família estaria bem...”

Folha esquivou-se de outro golpe selvagem, caiu no chão, apunhalou o Novica na perna e se levantou, diretamente no caminho de uma lança que tinha sido arremessada.

A flecha a golpeou no ombro direito e explodiu em uma chuva de faíscas incandescentes. Folha foi jogada no chão, a respiração e a maioria dos sentidos de repente deixou seu corpo. Ela não sabia o que tinha acontecido, exceto que não conseguia se levantar e que seu braço esquerdo ou não estava funcionando corretamente ou talvez nem estivesse mais lá.

De alguma forma ela conseguiu erguer-se um pouco e virar a cabeça apenas o suficiente para ver que o braço ainda estava lá, embora ela não o pudesse sentir. O casaco do Tenente Guardião tinha desviado a lança, mas havia

marcas de queimadura em todo o lado esquerdo. Folha tentou sentar-se um pouco mais e, quando fez isso, sentiu algo latejar dentro do ombro, uma impressão acompanhada da terrível sensação de náusea causada pela ideia de estar com os ossos quebrados.

Deitou-se ofegante e se encolheu quando um Novica saltou sobre ela. A dor daquele movimento a fez desmaiar por um segundo, talvez mais. A garota recuperou a consciência e olhou para o braço novamente. Ela podia sentir os dedos, mas eles não quiseram obedecer. Também havia mais alguma coisa errada, algo que ela levou um longo tempo para perceber.

“Eu tinha algo na minha mão”, pensou Folha, ainda zozza. “Eu estava segurando uma coisa importante...”

Havia apenas um pedaço de couro perto de onde estava sua mão inerte. Não estava segurando a coleira de Margarida. Não controlava mais a bestácea.

Folha mal tinha registrado esse pensamento quando um dos tentáculos de Margarida apareceu de repente em seu campo de visão, indo diretamente para ela. O tentáculo bateu no chão perto dela e fez uma rachadura, depois deslizou para trás, enrolando-se em torno de seu corpo e erguendo-a no ar.

Folha gritou quando o ombro se moveu. Então, mais uma vez, desmaiou.

Quando Folha recobrou os sentidos, o tentáculo ainda estava enrolado em volta de seu corpo, mas havia também algo mais apoiando suas costas, de modo que ela não pudesse se mover, e isso tornava a dor no ombro quase suportável.

Também estava tranquilo ao redor. Os gritos e o tumulto da batalha, o estouro do pó de Nada das armas, as lanças carregadas com raios chiando e as espadas... tudo havia parado.

“Fiquei completamente surda”, pensou Folha. “E Margarida vai me matar.”

Por alguma razão, esse pensamento a fez rir, uma risada estranha e histérica, que ela cortou logo que percebeu que podia ouvir, apesar de um som abafado que parecia vir de longe.

“Então eu não estou surda.” Folha virou um pouco a cabeça e pôde ver que estava deitada sobre as costas de Margarida, firmemente pressionada por um tentáculo perto da estranha cabeça em formato de flor da bestácea. Uma pétala virou-se para trás, como se estivesse verificando sua condição.

“Acho que Margarida não vai me matar.”

Folha virou a cabeça para o outro lado. Apesar do estado de entorpecimento em que estava, ficou surpresa ao ver Suzy e o dr. Scamandros

de pé perto de uma fogueira feita com restos de mesas destruídas. Os dois olhavam para ela. Cerca de 30 crianças do Tocador de Gaita estavam sentadas em torno do fogo tostando marshmallows, um processo que exigia constante movimento já que a fumaça continuava mudando de direção, soprando horizontalmente para diferentes lados da torre.

Além do fogo, havia muitos soldados Habitantes. Enquanto Folha os observava marcharem para fora de vários elevadores, um som foi lentamente até seus ouvidos. Ela podia ouvir os tambores e pífaros, gaitas de foles e rebabs, além das ordens berradas pelos sargentos.

Por cima desse ruído de fundo, e mais perto, havia algo mais. Folha olhou para Suzy e viu sua boca se mover. Poucos segundos depois, Folha juntou esses movimentos com os sons que estava ouvindo.

— Folha! Diga a seu bichinho de estimação para deixar o dr. Scamandros vir ajudá-la! Você está ferida.

“Conte-me uma novidade”, pensou Folha.

— Folha! — Suzy parou de gritar e disse algo ao Dr. Scamandros, que deu de ombros. Folha olhou para eles por algum tempo antes de finalmente perceber que tinha que fazer algo ela mesma.

— Humm, Margarida — ela começou. Então parou, lembrando-se de que não tinha mais a coleira. Margarida não estava mais sob seu controle. Outras duas pétalas inclinaram-se para baixo em direção à garota, prestando atenção.

— Humm, Margarida, se você não se importa... — resmungou Folha — Você poderia me colocar no chão e deixar o dr. Scamandros vir me ajudar? Estou machucada.

As pétalas tremeram e ondularam, mas Folha não sabia o que aquilo significava.

— Por favor — pediu ela cansada, fechando os olhos. Abriu-os novamente um minuto depois e conteve um grito quando Margarida levantou-a e, delicadamente, depositou-a a cerca de 10 metros dali, com os três tentáculos pairando nas proximidades de maneira protetora. dr. Scamandros correu e se ajoelhou ao lado da garota.

— Meu Deus, meu Deus — murmurou ele. As tatuagens em seu rosto eram um coelho rastejante que foi pego e colocado em uma panela com tampa. O feiticeiro estava remexendo ansiosamente nos bolsos enquanto falava. — Lorde Artur ficará extremamente aborrecido...

— Eu não... eu não vou morrer, vou? — perguntou Folha.

O dr. Scamandros não respondeu. Ele estava ocupado escrevendo algo na testa de Folha com uma longa pena branca. A coisa fazia cócegas e Folha perguntou por que ela não estava rindo. Aquilo também estava amortecendo a dor, o que era algo bem-vindo, embora, ao mesmo tempo, a garota comesse a se sentir muito sonolenta.

— Conseguimos deter os Novicas? — perguntou Folha. — O Exército chegou?

— Sim, sim, está tudo bem — acalmou-a Scamandros. Ele tinha tirado um bisturi e estava cortando o casaco de Folha. Ela notou distraidamente que não era o casaco azul do Tenente Guardião, mas sua roupa de proteção contra radiação outra vez, estranhamente branca e esfarrapada. Isso a fez olhar para sua mão direita e, embora seus dedos estivessem enrolados como se ainda agarrassem um punho, a espada do Tenente-Guardião não estava mais lá.

— Minha espada — ela sussurrou. O mundo estava embaçado e o som estava começando a se tornar distante novamente, com exceção de um bumbo ao fundo que inexplicavelmente foi se tornando mais e mais forte, apesar do ritmo bastante lento, que diminuía a cada segundo.

O dr. Scamandros não respondeu. Ele estava ocupado com uma lata vermelha de sopa do tamanho de um tomate e um pequeno funil prateado que ele tinha equilibrado, sem apoio visível, no peito de Folha.

— Giac! — ele chamou com urgência. Não se virou nem olhou para o lado quando perfurou a lata em dois lugares e começou a derramar o líquido vermelho brilhante no funil de prata. — Olhe em meu bolso esquerdo! Preciso de um relógio magistral!

Suzy tentou não prestar atenção em Scamandros e em Giac enquanto eles trabalhavam na ferida mortal de Folha. Manteve, todavia, um olho na bestácea, pois não tinha como saber o que a criatura faria, se Folha morresse.

— Eu sei que falei que queria ser um general — começou Fred. — Mas eu nunca quis. Isso simplesmente aconteceu. Eu nem sabia o que era...

Suzy olhou para ele. Fred tinha crescido 15 centímetros desde que pegara a espada do Tenente Guardião, segundos depois de Folha ter caído e sido levada pela bestácea para um canto. Com a retirada de Margarida, a batalha quase foi perdida, mas a repentina energia de Fred e seus músculos treinados para carregar uma espada tinham ajudado. Mesmo assim, os Patrulheiros de Suzy teriam sido destruídos, se os guardas avançados do Exército não tivessem chegado bem mais cedo do que o esperado.

Liderados por Amanhecer, Meio-Dia e Crepúsculo de Quinta-Feira, eles tinham acabado com os Novicas, que rapidamente recuaram. Para cima, Suzy observou.

Mais da metade de sua força estava morta. Trinta e nove crianças do Tocador de Gaita tinham sido assassinadas e, embora Suzy falasse que suas vidas muito longas e agitadas tinham que chegar a um fim em algum momento, até ela achava difícil alegrar-se com a pequena vitória.

— Você fica bem de azul — ela elogiou. — Tem um pouco de dourado também. Bastante apropriado.

— Não sei o que devo fazer — disse Fred, a testa profundamente enrugada. — Posso sentir a Porta, e a espada... a espada quer voltar. O dr. Scamandros disse que, o que quer que a Primeira Dama tenha feito, a eficiência está passando. Ele disse que esta espada é uma espécie de Habitante. A Arquiteta a fez.

— Eu sabia disso — lamentou Suzy com o coração partido. O dr. Scamandros levantou-se, seguido por Giac um momento depois. Ambos tiraram os chapéus.

— Não — sussurrou Suzy.





Capítulo 23

O dr. Scamandros enxugou a testa com um grande lenço de seda e Giac limpou a dele com a manga.

Em seguida, os dois se viraram e sorriram.

— Ela vai viver — comunicou Scamandros.

Suzy correu em direção a eles.

— Vocês nunca mais tirem seus chapéus assim novamente! — repreendeu-os. — Tem certeza de que ela está bem?

— Foi um pouco delicado — explicou Scamandros. — Os mortais são muito frágeis... Mas, com o descanso adequado, ela vai se recuperar totalmente — ele fez uma pausa e um tsunami escuro se ergueu em um lado de seu rosto, enquanto no outro uma torre era engolida por um buraco escuro no chão. — Supondo que não sejamos todos destruídos — acrescentou.

— Devemos levá-la para casa — concluiu Suzy. Seus olhos pareciam muito maduros quando ela olhou para a garota inconsciente. — Ela ainda não tem 13 anos. Eu me esqueço disso às vezes — e olhou para Fred. — Você acha que poderia levá-la de volta para a Terra?

— Provavelmente — respondeu Fred. — Depende do que aqueles Nadicas estão fazendo na Porta. Mas você acha que a Primeira Dama vai deixar?

— Não peça — orientou Suzy. — Ela nunca disse que você precisava fazer alguma coisa, só Folha, enquanto ela tinha a espada. E a Primeira Velhaca não está aqui, de qualquer forma...

— Sim, ela está — afirmou Giac. — Ali.

Suzy girou como um pião. De fato, a Primeira Dama surgiu de um dos elevadores, erguendo-se sobre a cabeça de um bando de Habitantes superiores.

— Leve-a para cima agora — ordenou Suzy. Fred olhou nervosamente para a bestácea.

— E quanto a Margarida? Ela não vai deixar...

— Ah, acredito que ela possa ser útil lá — interrompeu o dr. Scamandros. Ele enfiou a mão no bolso e puxou rapidamente algo para fora antes de deslizar de volta e ficar atrás de Giac. Gesticulou para os outros ao redor e dobrou a cabeça para esconder o que tinha.

— Melhor não deixar Margarida vê-lo — sussurrou, entregando a guia de couro enrolada para Fred. — Eu sabia que tinha uma dessas guias de Grobbin em algum lugar. Como a bestácea ainda está com a coleira, tudo que você precisa fazer é andar até lá e jogar uma extremidade do cabo. Ele vai se ligar automaticamente.

Fred pegou a guia e a examinou com cuidado.

— Isso tem uns 6 metros de comprimento — sussurrou.

— Mas vai se estender quando estiver conectado — explicou o dr.

Scamandros.

— Os tentáculos de Margarida têm pelo menos 10 metros — comentou Fred.

— Acredito que a criatura responde à bondade — falou o dr. Scamandros.

— Veja como ela cuidou de Folha mesmo depois que a garota não a comandava mais por feitiçaria.

— Eu vou fazer isso se você não fizer — ameaçou Suzy puxando a guia, mas Fred a pegou de volta.

— Eu não disse que não faria — protestou Fred.

— Não faria o quê? — perguntou uma voz profunda e poderosa.

Suzy, Fred, Scamandros e Giac endireitaram-se. A Primeira Dama olhou para eles com os olhos.

— Colocar a coleira na bestácea, milady — gaguejou Fred.

— Vejo que você assumiu um cargo mais importante — comentou a Primeira Dama.

— Humm, não intencionalmente. É que minha espada se quebrou no elmo de um Novica, e eu fui derrubado, e estava rastejando em busca de uma arma e...

— Chega — interrompeu a Primeira Dama. — Não importa. Devemos nos apressar, para cima. Os Drasils murcharam e esta torre agora está totalmente projetada nos Jardins Incomparáveis, o que permitiu ao grupo de Sábado entrar com muito mais força lá, com o exército do Tocador de Gaita em seus calcanhares. Precisamos capturar os dois rapidamente antes que possam interferir ou, de alguma forma, derrotar Lorde Domingo.

— Isso seria bom, não é? — perguntou Suzy. — Quero dizer, se eles conseguirem derrotá-lo, seria um a menos...

— Não, não seria bom — respondeu a Primeira Dama. — É Lorde Artur quem deve liberar minha Sétima Parte e reivindicar a Sétima Chave. Se Sábado

ou o Tocador de Gaita o fizerem... tudo estará perdido. Por enquanto, tudo o que quero de você é que fique perto de mim. Esse maldito Tocador de Gaita colocou seu exército nos Jardins e sabotou as correntes, ou Sábado fez isso. O fato é que os elevadores não sobem mais, por isso serão emitidas asas. Alguém prepare algum tipo de estilingue para a bestácea e para a garota.

Um cabo mensageiro escreveu “Estilingue” em uma placa e correu para longe.

— Nós voamos para fora e para cima em cinco minutos — concluiu a Primeira Dama. Com suas asas magníficas abertas, as penas pareciam ser feitas de ouro e polvilhadas com diamantes, já que brilhavam quando ela se mexia.

Suzy inclinou a cabeça, Fred a saudou, Scamandros e Giac fizeram reverências profundas.

A Primeira Dama acenou levemente. Virou-se e se afastou, latindo ordens para o rebanho de oficiais e mensageiros que a rodeavam.

— Eu gostava mais dela quando era apenas um sapo — disse Suzy.

— Então, eu definitivamente não posso levar Folha para casa — lamentou Fred.

— Não. Mas você ainda precisa usar a guia — apontou Suzy. — Você não vai conseguir colocar Margarida em um estilingue somente sendo gentil com ela.

— Sim, eu sei — uma voz fraca veio do chão. — Vou pedir para ela. Preciso que ela me leve, de qualquer maneira.

— Folha! — Suzy se ajoelhou ao lado da garota enquanto o dr. Scamandros e Giac corriam para perto.

— Fique calma, minha querida — instruiu gentilmente Scamandros. — Você está sob efeito de feitiçaria complexa e não deve se mover muito rapidamente ou se esticar, ou tudo vai por água abaixo.

— Margarida vai me pegar — tranquilizou-o Folha fracamente. — Eu ouvi você dizer algo sobre eu ir para casa, Suzy?

— Não pode — respondeu Suzy. — A Primeira Velhaca deu uma ordem direta. Tenho que levá-la conosco.

Folha fez que sim.

— Tudo bem. Eu... eu quero participar agora. Quero dizer, seja do que for, eu quero participar. Quero estar lá no fim.

— No fim — sussurrou Giac estremecendo.

— Artur vai lidar com Domingo — afirmou Suzy. — Não se preocupe.

— Mas o que acontecerá então? — perguntou Folha. — O que acontecerá quando o Testamento estiver completo e Artur tiver as sete Chaves?

— Ele comandará tudo — respondeu Suzy rapidamente. Seu sotaque carregado, sempre mais forte quando ela falava com a Primeira Dama, tinha quase que desaparecido completamente, e sua voz transparecia uma urgência que Folha não se lembrava de ter ouvido antes. — Vamos, é melhor começarmos a nos mexer. Temos que colocar asas, o que me faz lembrar de que pedi a Bren, Shan e Athan que nos arrumasse bons pares, de oficiais. Folha, você pede para Margarida levá-la, veja se ela faz isso. Os outros, é melhor voltarem a tostar marshmallows. Comam um pouco, antes que seja tarde demais...

“Ela está muito preocupada”, pensou Folha. “E agora eu não estou, porque eu estava quase morta, mas aqui estou eu, ainda viva. E onde há vida...”

— Margarida! — ela gritou. — Você poderia fazer a gentileza de me pegar com cuidado e me levar em suas costas novamente? Por favor?

Margarida estremeceu e ficou de pé em suas dezenas de metros. Um tentáculo pegou Folha e, com muito cuidado, deitou a garota de costas, a ponta ficou enrolada em volta do corpo para se certificar de que ela não cairia.

Fred sorriu e colocou a guia de volta no bolso do Dr. Scamandros.

O estilingue era como um enorme paraquedas de cabeça para baixo, feito de algo que parecia ser um material muito pesado. Seguindo as instruções de uma Mestra de Asas, Folha fez Margarida ir para o meio do grande círculo de lona. Em seguida, uma centena de Fronteiriços Alados pegaram as cordas aneladas que seguravam o pano e começaram a levantar a geringonça tão alto quanto o teto permitia.

— Esta é a parte mais complicada — gritou a Mestra de Asas. — Não podemos subir porque temos que sair primeiro, de modo a abrir espaço para o estilingue. Não se preocupe, Almirante. Humm, quanto é que sua bestácea pesa?

— Eu não sei — respondeu Folha. — Ela é bem leve de pé.

— Tenho certeza de que não haverá problemas — disse a Mestra de Asas. Porém, ela diminuiu um pouco essa confiante previsão ao gritar para suas tropas: — Mantenham-se juntos! A sincronização é a chave para um estilingue ter sucesso! Se alguém cair em um canto ou permitir que nossos valiosos e importantes passageiros deslizem para fora, vou rasgar suas asas e jogar suas

carcaças miseráveis lá embaixo para serem dissolvidas pelo Nada! Está entendido?

— Sim, Mestre de Asas! — respondeu um coro de Fronteiriços.

— Você precisa de ajuda, então, Mestre? — perguntou Suzy. Ela e os Patrulheiros, todos equipados com brilhantes asas douradas da mais alta qualidade, também estavam prontos para voar assim que o estilingue fosse solto.

— Não, obrigada, general — respondeu a Mestre de Asas. — Esta é uma operação muito especializada, você compreende.

Ela voou para o lado da torre e olhou em volta antes de gritar as próximas ordens. Os Fronteiriços começaram a voar para fora, arrastando as cordas e o estilingue atrás deles. À medida que se aproximava da borda, Folha engoliu em seco. Se os Fronteiriços que vinham voando atrás fossem muito lentos, ela e a bestácea iriam deslizar para fora na parte traseira do estilingue... e era um caminho muito, muito longo diretamente para baixo.

Mas os Fronteiriços sabiam fazer seu trabalho. Houve um momento assustador quando o estilingue balançou e caiu, mas o movimento de queda foi quase imediatamente compensado pela folga nas cordas. Muito rapidamente, todo o estilingue fez um movimento ascendente, os cem Habitantes batendo as asas furiosamente para levantar seu fardo.

Folha deitou-se nas costas de Margarida e olhou para o lado dos Jardins Incomparáveis. Era uma vista marrom e seca e havia uma floresta invertida de raízes mortas ou gavinhas penduradas.

Acima de Folha, estendendo-se por todo o caminho para o buraco no Jardim em torno do topo da torre, havia milhares e milhares de soldados voadores. Havia tantos que Folha sentia como se fosse parte de um enxame gigante, uma minúscula partícula em uma vasta nuvem ascendente de Habitantes em busca de vingança.

Era reconfortante ser parte de uma força tão grande, principalmente não estar na vanguarda dessa força, uma vez que, mesmo vários milhares de metros abaixo do orifício de entrada para os Jardins Incomparáveis, Folha podia ouvir o *boom* e *crash* de milhares de armas de pós de Nada reunidas. A batalha havia começado em algum lugar lá em cima.

Suzy desceu para dentro do estilingue, ignorando o grito da Mestre de Asas para se manter afastada e, batendo vigorosamente, pousou perto de Folha.

Várias pétalas de Margarida viraram-se para encará-la, mas Folha deu um tapinha na bestácea e nenhum tentáculo atingiu o novo passageiro.

— Como você está? — perguntou Suzy.

— Estou bem — respondeu Folha. — Um pouco fraca, mas... bem. Você já teve alguma notícia de Artur?

— Não.

— E de todo o resto?

Suzy olhou em volta e coçou a cabeça. Em seguida, respondeu muito calmamente:

— Acabei de saber que as duas partes inferiores da Casa Intermediária desapareceram, e o Nada está borbulhando no Grande Canal. O Mar Fronteiriço está tão cheio de Nada que navegar é uma aventura perigosa. Felizmente, a Frota conseguiu entrar e desembarcar todos antes de perdermos o Meio do Meio. Eles estão voando atrás de nós agora.

— Você disse que Artur vai resolver tudo — disse Folha. — Ele sempre veio antes.

— É verdade — concordou Suzy que sorriu. — Bem lembrado. É melhor eu ir e verificar os rapazes e as moças.

As asas de Suzy bateram e ela saltou no ar, subindo entre os Fronteiriços em meio aos gritos da Mestra de Asas que lhe dizia para ficar longe das cordas.

— Ainda bem que pude animá-la — disse Folha para si mesma.

“Pena que eu não me sinta tão alegre”, pensou. “Onde está você, Artur?”





Capítulo 24

Artur estava agachado, escondido dentro do arbusto mágico, pelo menos ele esperava estar escondido, pois achava que ainda havia ao menos um Habitante superior no topo da colina e, possivelmente, até Lorde Domingo.

A libélula tinha pairado por apenas cinco minutos, tempo suficiente para Domingo e sua comitiva descer, fazer o que tinham que fazer no topo da colina e, em seguida, partir novamente. Todavia, Artur estava certo de que seis passageiros tinham saído da libélula e apenas cinco tinham reembarcado e, como era difícil ver isso de dentro do arbusto ilusório, Artur não tinha certeza se o Curador era um dos cinco que embarcaram.

Também não conseguia sentir o poder emanando da Sétima Chave nas proximidades, mas talvez Domingo estivesse tentando camuflar sua presença ou, mais provável, tivesse partido novamente porque precisava usar a Sétima Chave contra os invasores, particularmente depois de o exército de Sábado Superior ter sido amplamente ajudado pela intrusão da torre, permitindo que seus reforços fossem diretamente para os Jardins Incomparáveis.

Certamente havia uma luta feroz acontecendo, porque Artur podia ouvir o estrondo distante de explosões de pó de Nada e tinha visto várias manifestações de algo bastante parecido com relâmpagos no céu. As explosões e os relâmpagos também começaram um incêndio nos Jardins. Havia uma coluna crescente de cinzas e de fumaça branca subindo perto de onde a torre o havia perfurado, a fumaça se espalhava quando batia no céu e formava uma nuvem escura que logo bloquearia o sol.

“Você está aí, Sétima Parte?”, pensou Artur.

Não houve resposta.

Artur coçou a cabeça muito lentamente, de modo a não perturbar sua camuflagem.

“Corro risco se subir aí?”

Artur tomou a decisão e se levantou. O arbusto ilusório ficou mais alto e, quando Artur se moveu, o arbusto o acompanhou. Para fazer um teste, Artur levantou o braço, e o ramo em que esse braço estava modificou-se com ele.

Artur pensou em usar a Sexta Chave para descartar a ilusão, mas decidiu mantê-la. Um arbusto se movendo provavelmente não era tão fora do comum nos Jardins Incomparáveis. Isso poderia inclusive ajudá-lo a surpreender quem estava à espreita na colina ou, pelo menos, dar-lhe uma vantagem de alguns segundos.

Cuidadosamente, o garoto começou a subir a encosta gramada da colina. Havia outra borda decorativa perto do topo, só que não eram plantas terrestres, mas altas hastes de metal que terminavam em flores cristalinas de azul translúcido. O disfarce de Artur não iria ajudá-lo quando ele estivesse entre aquelas flores, então o garoto parou um pouco antes do topo e se arrastou nos últimos metros para poder ver quem — ou o quê — estava à frente.

O morro era gramado, com exceção de uma pequena área de não mais de 6 metros quadrados, pavimentada com pedras claras e douradas. Perto dali, a fonte borbulhava, alimentando um lindo riacho estreito que corria ao redor da área pavimentada antes de enrolar seu caminho para o outro lado da colina. Havia pequenas flores silvestres espalhadas pela grama, brancas e amarelas e salpicadas de um tom de azul-claro no verde.

No meio da área pavimentada, havia uma gaiola de 3 metros de altura em forma de cúpula com barras douradas que, em vez de um pássaro, tinha dentro uma macieira retorcida e encolhida, os galhos pesados com pequenas frutas vermelhas. Ao lado da jaula, havia um telescópio em um tripé. Um Habitante estava usando o dispositivo, apontado para a luta distante que ocorria perto da torre. O Habitante tinha a pele verde e usava um casaco de retalhos vermelhos e alaranjados. Pela foice encostada perto da gaiola, Artur adivinhou se tratar de Crepúsculo de Domingo, também conhecido como o Ceifador.

Havia outra coisa lá também, algo que fez Artur sentir dor em algum lugar profundo de seu interior. Em frente à porta da gaiola trancada, havia o corpo de um elefante amarelo, encolhido e de volta a seu tamanho original. Porém alguma coisa na maneira como ele estava deitado disse a Artur que ele não tinha se tornado novamente um brinquedo, mas que estava morto.

— Elefante... — Artur sussurrou para si mesmo. Então, sem mais reflexão, puxou as duas Chaves enquanto corria direto para o Ceifador.

O Habitante, que parecia muito preocupado com tudo o que via através do telescópio, virou-se em um *flash*, empunhando a foice. Artur levantou a Quinta Chave e disparou uma rajada de luz e calor, mas o Ceifador se escondeu atrás

da gaiola e a rajada bateu contra as barras douradas e desapareceu como água sendo absorvida por uma esponja.

Em seguida, Artur balançou a Sexta Chave, enquanto pensamentos terríveis de vingança povoavam sua mente. Uma bolha de tinta foi cuspidada em direção ao Ceifador, porém, mais uma vez, ele correu em volta da jaula e o míssil de tinta desapareceu quando atingiu as barras.

— Eu vou pegar você! — gritou Artur. Ele podia sentir retornando a raiva com a qual já estava familiarizado. Como aquela coisa verde se atrevia a enfrentá-lo? Ele correu para obter uma imagem clara do Habitante, mas o Ceifador era muito rápido e mantinha a gaiola entre ele e Artur.

— Meu Mestre estará aqui em breve — gritou o Ceifador enquanto se agachava atrás da gaiola para evitar outra explosão do espelho. — Seria melhor para você, para sua mãe e para sua amiga Folha render-se agora.

Artur parou de correr e ficou imóvel, como se estivesse pensando no que o Ceifador tinha dito. Mas na verdade, ele estava pensando em como pegar o Habitante. Claro, eles poderiam correr em volta da gaiola para sempre, que era, evidentemente, imune aos poderes das Chaves. Mas isso ainda deixava uma direção.

— Como posso ter certeza disso — Artur começou a dizer, porém, em vez de continuar, pulou facilmente mais de um metro no ar e dirigiu outra explosão contra o Ceifador.

O Habitante estava preparado inclusive para isso. Ele mergulhou no chão, girou em volta e, apesar de um pouco da explosão tê-lo atingido, a maior parte foi desviada por sua foice.

Artur pousou e correu no sentido horário. O Ceifador saltou e correu no mesmo sentido.

— O que você fez com Elefante? E onde está Folha? — perguntou Artur.

— Renda-se e eu lhe digo — respondeu o Ceifador.

Artur olhou para a gaiola.

“Se eu pular em cima disso, poderei pegá-lo”, pensou.

Quando já estava se esticando para saltar, a voz do Testamento de repente explodiu em sua mente.

“Não, Artur! A gaiola é a morte! Você não deve tocar nas barras! Foi isso o que aconteceu com seu elefante.”

Artur tropeçou e apenas conseguiu manter o equilíbrio. Aterrissou desajeitadamente, o rosto bem próximo da gaiola, e viu que a macieira não era

uma simples árvore. Sua casca e suas folhas e maçãs eram feitas de pequenas letras dançantes, dispostas em linhas minúsculas.

A árvore era a Sétima Parte do Testamento.

Artur olhou para ela por um momento, dando ao Ceifador uma chance. A foice veio cortando por baixo. Artur viu sua sombra em movimento e se esquivou, porém não foi rápido o bastante. A lâmina cortou seu braço do ombro ao pulso e ele deixou cair a Sexta Chave.

A dor era intensa e teria incapacitado um menino normal, mas Artur tinha aprendido bastante sobre como lidar com a dor. Ele se virou e disparou uma explosão da Quinta Chave em linha reta, direto no Ceifador.

Desta vez não errou o alvo. O feixe branco e quente atravessou a camada de folhas de outono e o colete verde, bem no peito do Habitante, escavando um buraco tão grande quanto um prato de jantar.

— Ai! — gritou o Ceifador. Ele cambaleou para trás alguns metros e se sentou.

— O que você fez com Folha? — perguntou Artur novamente. Tentou pegar a Sexta Chave, mas seu braço estava inerte.

Impaciente, ele se concentrou na Quinta Chave, ordenando-lhe que o curasse. Uma dor ainda mais lancinante atacou seu corpo, mas ele cerrou os dentes enquanto a carne era restaurada e, em poucos segundos, seu braço estava novo. Artur resmungou e pegou a caneta de pena.

A foice do Ceifador estava perto do Habitante. Artur pegou-a também e a atirou para fora da colina. A foice caiu várias centenas de metros adiante e, por um momento, Artur ficou observando a cena, desejando que pudesse alguma vez ter jogado uma bola daquele jeito. Mas ele nunca tinha jogado, e sabia que jamais jogaria.

— Eu não tenho coração para lutar com você agora — disse o Ceifador, indicando seu peito oco e cauterizando. — Na verdade, foi uma conclusão precipitada. Mas eu fiz minha parte. Meu Mestre vai lidar com você agora.

Ele apontou para algo no céu.

Artur seguiu-o com o olhar. Havia uma libélula se aproximando. Estava distante, voltando da torre e da fumaça, mas chegaria em questão de minutos.

— Não, se eu tiver o Testamento, ele não vai — contestou Artur. Voltou-se para a gaiola e se ajoelhou perto do Elefante.

Inclinando a cabeça, murmurou algo que ninguém jamais saberá e pegou seu velho amigo, tomando cuidado extra quando puxou o corpo do animalzinho

por entre as barras da gaiola. Então, andando muito lentamente, levou-o para perto da fonte e o deitou sobre a fresca grama verde ao lado da água clara.

O Ceifador observou tudo, mas não fez nenhum movimento para interferir.

Artur voltou para a jaula e olhou para a porta retangular na frente. Havia uma fechadura do tamanho de um selo, com um pequeno buraco no meio.

“Então, como faço para abrir a gaiola e libertá-lo?”, pensou Artur com o Testamento. “Você pode desenhar um puxador com a Sexta Chave?”

“Não”, respondeu o Testamento. “Apenas a Sétima Chave pode abrir essa fechadura.”

— O quê?! — exclamou Artur em voz alta. — Mas eu não posso conseguir a Sétima Chave a menos que você me ajude!

“De fato”, concordou o Testamento. “E não posso ajudá-lo a obter a Sétima Chave de dentro desta gaiola. No entanto...”

“Não acredito nisso”, pensou Artur furiosamente. Ele olhou para a libélula se aproximando. Quase podia sentir os grilhões de feitiçaria novamente, e seus olhos estavam queimando...

“Sempre há esperança”, continuou o Testamento. “Como eu disse, apenas a Sétima Chave pode abrir a fechadura, mas...”

Um *boom* incrivelmente alto interrompeu o Testamento. Artur foi jogado no chão por um choque que mandou flores e folhas pelos céus, derrubou o telescópio e o tripé e atirou o Ceifador quase na borda da colina.

Deitado de costas, Artur viu uma enorme bola de fogo no céu. Um segundo depois, houve outro *boom* ensurdecedor e a terra tremeu quando a bola de fogo caiu, a cerca de meio quilômetro de distância, quebrando em seu caminho uma dúzia ou mais de cercas altas, dando início a mais incêndios.

— O que é isso? — exclamou.

“O navio do Marinheiro”, informou o Testamento. “Você deve ir até ele e trazê-lo de volta. Depressa! Há pouco tempo.”

Artur virou-se. A libélula estava se aproximando. Mas havia outros pontos no céu atrás dela. Um grande número deles.

“É melhor se apressar”, aconselhou o Testamento. “Esta é a nossa chance!”

Artur ignorou-o e pegou o telescópio. Era muito grande e pesado, mas o garoto o alinhou e o segurou firme.

A libélula tinha Lorde Domingo a bordo e alguns dos pontos atrás eram algumas libélulas também, mas muitos outros eram Novicas com asas de couro e Feiticeiros Alados de todas as classes e departamentos. Os Novicas e os

Habitantes não estavam lutando entre si, juntos estavam atacando as libélulas de Domingo.

— Sábado se juntou ao Tocador de Gaita — deduziu Artur. — Ou o contrário.

“Claro”, concordou o Testamento. “Sem a Chave, Sábado seria facilmente influenciável pelo Tocador de Gaita.”

Enquanto Artur estava olhando, a retaguarda de Domingo foi expulsa do céu, as libélulas derrotadas pelos números absolutos de seus inimigos. Todavia, enquanto os Novicas e feiticeiros voavam, a libélula de Domingo de repente se virou para enfrentá-los. O Curador fez um gesto e grandes arcos de relâmpago foram arremessados em todo o céu, derrubando centenas de inimigos. Mas havia milhares deles, talvez até dezenas de milhares.

“Domingo vai logo perceber que a batalha não é a coisa mais importante”, informou o Testamento. “Artur! Preste atenção!”

Artur ficou observando. O relâmpago de Domingo foi espetacular, mas havia outras coisas também, muitas coisas para ver no campo de visão limitado do telescópio. Milhares de enormes besouros com mandíbulas redondas estavam se dirigindo à ação, suas carapaças equipadas com asas. Eles não ainda tinham sido lançados, mas logo o seriam.

Havia também muitas explosões de pó de Nada em volta da torre. Artur movimentou o telescópio e sorriu. Enquanto as forças de Sábado e do Tocador de Gaita atormentavam a retaguarda de Domingo, suas próprias retaguardas estavam sob o ataque dos soldados Habitantes em uniformes escarlates brilhantes.

— Vamos lá, regimento! — gritou Artur.

“Artur!”, o grito do Testamento foi ensurdecedor. “O Marinheiro pode abrir a jaula! Você deve buscá-lo antes que Lorde Domingo retorne ou tudo estará perdido!”

Enquanto o Testamento gritava em sua cabeça, Artur viu os besouros decolarem e a libélula de Lorde Domingo virar-se novamente. Estava indo direto para a colina, e voava mais rápido do que Artur tinha visto uma libélula voar antes.

O garoto deixou o telescópio e desceu a colina em grandes saltos, facilmente cobrindo 3 metros de cada vez.

Nem o verme-serpente foi capaz de atrasá-lo. Ele pulou na frente da coisa, correu levemente para baixo de suas costas e continuou pulando de segmento

em semento. No final, ainda abaixou-se para acariciar seu estranho couro de pedra antes de saltar para fora.

Artur cruzou o terraço seguinte como um relâmpago, e estava a meio caminho do relógio quando viu figuras correrem no gramado abaixo, com nuvens de fumaça nos calcanhares. Todos pareciam um pouco chamuscados, principalmente o líder. Era um homem velho, de barba branca, muito alto, vestindo um casaco azul e carregando um arpão de luz. Estava sendo seguido por alguns Habitantes que usavam boinas azuis, camisas listradas de azul e branco e calças cor de nanquim, todos armados até os dentes com espadas ou lanças e pistolas de pó de Nada de quatro canos.

— Capitão! — gritou Artur tentando parar, pois as pernas continuavam levando-o para baixo. Ele acenou e apontou para a libélula se aproximando. — Depressa! Temos que chegar ao topo da colina antes de Lorde Domingo! Preciso que você abra uma jaula!





Capítulo 25

Folha olhou em volta, maravilhada, enquanto ela e Margarida eram carregadas através do buraco na parte inferior dos Jardins Incomparáveis. O impacto da torre havia ampliado o buraco feito pelo primeiro assalto, criando um fosso circular de pelo menos meio quilômetro de diâmetro. Enquanto voavam sobre esse buraco, Folha pôde ver um corte transversal nos materiais de que era feito o chão dos Jardins. Havia faixas estratificadas de vários metais diferentes, quatro variedades de cristal brilhante e, na parte superior, muito do que parecia simplesmente sujeira. Havia também túneis secretos expostos e as raízes das plantas suspensas que uma vez tinham ficado dependuradas no céu.

A Torre de Sábado também tinha sido danificada, é claro. Os andares superiores eram escritórios amassados e destruídos. Estavam ocupados por Fronteiriços, que se dependuravam nos lados e, com seus arcos, ocasionalmente disparavam contra um ou outro feiticeiro alado ou Novica que tentava descer pelo buraco.

Folha não sabia o que esperar quando eles surgissem nos Jardins Incomparáveis, e ela não tinha pensado que seria uma horda imensa e apenas vagamente organizada de Habitantes voadores, fortemente misturada à fumaça que lembrava muito chaminés. Ela tossiu e enxugou os olhos enquanto tentava enxergar ao redor. Havia Habitantes pairando em todos os lugares, organizando-se em formações maciças que se acumulavam acima da garota por quilômetros de ambos os lados da torre.

À distância, através da fumaça, Folha podia ver os *flashes* de pó de Nada das espingardas e das carabinas e vários surpreendentes relâmpagos brilhavam no céu.

Os Fronteiriços que levavam o estilingue voaram até encontrar um lugar na linha entre um batalhão do regimento à esquerda, um grupo separado da Legião acima e um esquadrão da Horda à direita. Os soldados da Horda estavam cavalcando Não Cavalos alados, que Folha nem sabia que existiam. As asas dos Não Cavalos tinham facilmente 9 metros de diâmetro, eram feitas de prata e metal perolado e batiam como venezianas. Os soldados em suas costas

carregavam longas lanças feitas inteiramente de aço brilhante, com pequenas bandeiras penduradas perto da ponta.

Tudo parecia incrível. Até mesmo exausta e ferida como estava, Folha ainda sentia uma pequena emoção de ser parte daquela grande batalha.

Ela desejou saber o que estava acontecendo. Não podia ver a Primeira Dama ou Suzy, porque havia muitos Habitantes no céu, muita cor, muito som e muito movimento.

— O que estamos fazendo? — gritou para a Mestra de Asas, que circulava acima, com uma mão conduzindo os outros, certificando-se de que as tropas batessem as asas todos juntos.

— À espera de ordens! — gritou de volta a Mestra de Asas. — Continuem, continuem... continuem... Pode ser a hora.

Mas a Mestra de Asas estava errada. Apenas alguns minutos se passaram, Folha vasculhando a multidão para ver se conseguia encontrar Suzy, até que a Primeira Dama falou, com a voz amplificada pelas Chaves, de modo que todos no Exército pudessem ouvi-la, embora a maioria, como Folha, não pudesse vê-la.

— Glorioso Exército da Arquiteta! — as palavras soaram, tão altas que fizeram Folha estremecer e os tentáculos de Margarida se arrepiarem. — Todos os nossos inimigos estão diante de nós! Embora Sábado tenha unido forças com o Tocador de Gaita, os dois lutam contra Domingo. Não vamos poupar nenhum deles, mas voar para a frente rumo à nossa última vitória!

A grande voz parou por um momento depois de dizer isso. Os soldados se entreolharam, à espera de mais, até algum inteligente Sargento-Major compreender o que tinha acontecido. A alegria esfarrapada eclodiu, lentamente aumentando à medida que mais e mais Habitantes reagiam, até se tornar um rugido tão alto quanto uma onda quebrando na praia.

— Só há uma ordem! — gritou a Primeira Dama. — Exigimos o Elísio, onde Lorde Domingo está! Pela Arquiteta e por Lorde Artur!

— Pela Arquiteta e por Lorde Artur! — gritaram os soldados. Folha encontrou-se gritando também e até Margarida rugiu algo que tinha a emoção do grito de guerra, se não as palavras.

— Em frente!

As muitas asas bateram em um uníssono que produziu uma grande corrente de ar, fazendo as chamas se moverem abaixo deles. Dezenas de

milhares de Habitantes voaram para a frente, gritando o grito de guerra, empunhando suas armas e tocando suas trombetas, címbalos e chifres.

Os Fronteiriços levando Folha e Margarida pegaram um ritmo mais rápido, suas asas batendo mais e mais, desenhando o ar. A Mestra de Asas deu o sinal e lentamente eles pegaram velocidade, embora não tão rápido quanto os Legionários acima, que começavam a avançar, mas só até os Não Cavalos estabelecerem um ritmo e todos os diferentes esquadrões da Horda voarem para fora da linha e se juntarem a uma formação maciça de meio quilômetro.

Folha os observava com admiração quando Suzy de repente caiu ao seu lado, freando tão fortemente no último minuto que acabou perdendo um monte de penas de suas asas.

— E aí? — cumprimentou Suzy.

— Oi — disse Folha. Ela ainda estava concentrada na cavalgada maravilhosa dos Não Cavalos alados.

— Isso tudo é uma fachada, você sabe — falou Suzy. — Domingo poderia acabar conosco, se quisesse.

— O quê? — espantou-se Folha.

— A única razão de ele não fazer isso é porque está ocupado com o Tocador de Gaita — explicou Suzy. — Mas assim que tiver acabado com ele...

— E com Sábado — acrescentou Folha.

— Sábado não conta agora — desdenhou Suzy. — De qualquer forma, não é por isso que vim aqui. Pedi para alguns de meus Patrulheiros subirem e vigiarem as redondezas com um telescópio. Um deles acabou de descer e me dizer que eles viram Artur...

— Artur está aqui!

— E o velho Capitão, que desceu de uma grande bola de fogo...

— Que grande bola de fogo?

— Você perdeu. De qualquer forma, eles estão indo para o mesmo lugar a que todos nós vamos, esse tal de Eupídio ou seja lá como é que se chama, embora Jonty diga que não se parece muito com....

— Suzy! Por que você está me dizendo isso? Tem alguma coisa que eu precise fazer?

— O quê? Não... — respondeu Suzy com um olhar um pouco espantado.

— Achei que você gostaria de saber. Claro, pode não ser Artur e o Marinheiro, mas, se forem eles, temos pelo menos uma chance de lutar.

— Será que a Primeira Dama sabe que Artur está aqui? — perguntou Folha. — Você deveria dizer isso a ela imediatamente!

— Ela sabe — disse Folha. — Fred foi lhe dizer. É melhor eu voltar para junto dos outros. Espero que Artur possa lidar com Domingo antes que ele acabe com todos nós.

— Suzy! Espere! — gritou Folha. Mas era tarde demais. Suzy já tinha ido embora, em linha reta como um foguete, batendo suas asas.

Folha olhou para a frente novamente. Se ela ao menos pudesse ver o que estava acontecendo! O céu agora estava cheio de Legionários e soldados do regimento, assim como da Horda. Por mais que tentassem, os Fronteiriços não conseguiam manter o estilingue alinhado e foram ficando para trás.

— Ah, não! — grunhiu Folha de frustração. Tudo estava acontecendo lá na frente e ela ia perder!

Margarida fez um barulho estranho. Folha olhou para seu corcel incomum. A bestácea de repente atacou com um tentáculo, cortando um talho enorme no material do estilingue.

— Não, Margarida! Não!

Um inseto do tamanho de um humano olhou através da renda. Estava cravado na rede e tinha membros muito, muito longos, com ganchos ou rebarbas. Ele começou a subir no estilingue até que Margarida o atacou mais uma vez, atirando-o no espaço.

— Cuidado com o ataque embaixo — gritou a Mestra de Asas. — Batedores, atenção! Segurem firme!

Os Fronteiriços que não estavam segurando cordas mergulharam de cima para baixo com arcos e espadas preparados. Mas, enquanto desciam, encontraram uma chuva invertida dos insetos que não tinham asas, que foram atirados de baixo para cima. Quando os insetos passavam pelas fileiras dos Habitantes em voo, enfiavam as patas em forma de gancho e, atingindo alguém, puxavam-no para baixo.

A queda parecia algo muito provável Folha e Margarida. Mesmo que a bestácea continuasse golpeando todos os insetos que se prendiam no estilingue, o material rasgava-se lentamente. Em pouco tempo, Folha e sua companheira cairiam pelo buraco.

— Vamos descer! — gritou Folha. — Você precisa nos colocar no chão!





Capítulo 26

— Muito bem, Artur — falou seriamente o Marinheiro enquanto caminhava até o garoto, que acabara de parar. — Vejo que você não precisou de minha ajuda para se libertar daquele relógio amaldiçoado.

— Não — balbuciou Artur. — Preciso de você para abrir a gaiola em que a Sétima Parte do Testamento está presa. Mas antes que Lorde Domingo volte.

— Sim — concordou o Marinheiro. — Pensei que isso aconteceria algum dia. Mas, de qualquer forma, todas as viagens devem acabar em algum lugar, em algum momento. Vamos lá.

Ele fez um gesto com o arpão, e os marinheiros marcharam para a frente, seguindo de perto o Capitão. Artur percebeu que dois lhe pareciam familiares, mas não tinha tempo para descobrir quem eram. Virou-se e começou a correr novamente.

Entretanto o Marinheiro não correu. Apressou o passo, mesmo assim Artur estava uma dúzia de metros à frente quando olhou para trás e parou.

— Vamos! Não temos tempo!

— Temos tempo suficiente — contestou que o Marinheiro olhando para a batalha ao longe, a fumaça e a libélula se aproximando. — Desde que não paremos para fofocar. É melhor eu avisar aquele velho verme-serpente que estamos chegando.

Ele levantou o arpão acima da cabeça. Artur ouviu o barulho crepitante e tenso que atacaria quando ele voasse. Todavia, quando o facho de luz saltou da mão do Marinheiro, piscando até a encosta, Artur experimentou não mais do que uma leve pontada.

Em um segundo, o arpão, movendo-se muito rápido para ser visto de forma clara, voltou à mão aberta do Marinheiro.

— Você o matou? — perguntou Artur. O garoto tinha que se esforçar para apenas andar rápido em vez de correr.

— Não — riu o Marinheiro. — Ele é uma das primeiras coisas feitas, não pode ser morto facilmente. Eu apenas o encorajei a se transformar em degraus na colina novamente e tornar o caminho mais fácil para que o meu companheiro pise firme em sua pele rochosa.

— Você já esteve aqui antes?

— Claro. Subimos até o Elísio, o início de Tudo. O ponto exato onde a Mãe surgiu a partir do Nada primordial.

— A Sétima Parte do Testamento está presa lá, dentro de uma gaiola dourada — informou Artur, que precisava manter a cabeça virada para falar com o Marinheiro, pois, por mais que tentasse desacelerar, sempre acabava metros à frente. — Acho que o arpão pode quebrar a fechadura, assim poderei fazer o Testamento forçar Domingo a me entregar a Chave e então...

— De fato — confirmou o Marinheiro. Ele olhou para cima novamente. A libélula de Domingo estava a menos de um quilômetro de distância. — Eu disse que não tinha necessidade de correr...

— Sim.

— Eu estava errado. Rápido! Agora!

O Marinheiro disparou, cobrindo três degraus do verme-serpente de cada vez. Artur o superou, correndo mais rápido na frente.

Os dois já estavam no terraço seguinte quando um raio de Domingo caiu atrás deles. Artur ficou sem visão por um momento e sem ouvir por causa do estrondo do trovão, que abafava os gritos dos Habitantes do marinheiro. O garoto olhou para trás, mas só conseguia ver o Marinheiro, que estava olhando de volta. Isso durou apenas um segundo antes de começarem a correr novamente.

— Use as Chaves para nos proteger! — ordenou o Capitão. Ele correu para perto de Artur, tão perto que os ombros deles se tocaram.

Enquanto corria, Artur levantou as Chaves acima da cabeça, pensando em escudos. Lembrou-se das ilustrações das formações de tartaruga que os romanos faziam, e isso o fez pensar em tartarugas e em seus grossos cascos. Sentiu o espelho e a pena contraírem em suas mãos e, em seguida, a dor familiar da feitiçaria. Então, um raio veio novamente. Artur ficou brevemente cego, depois conseguiu ver apenas imagens desvanecidas do grande arco de energia elétrica que atingiu a colina.

Três vezes o raio veio enquanto eles subiam a última ladeira, e três vezes o escudo de Artur os desviou. Mas não sem custos. Artur sentiu como se carregasse um grande peso na cabeça, mal conseguindo vencer os últimos 10 metros até o Elísio e a área pavimentada onde estava a gaiola dourada. Ele cambaleou e teria caído se o Marinheiro não o tivesse puxado pelo braço.

— Domingo não vai atacar do céu neste lugar — disse o Marinheiro depois de um rápido olhar para cima. — Mas lá vem ele! Agora, você realmente quer que eu quebre a fechadura e abra essa gaiola?

Artur abaixou os braços. Olhou para cima. A libélula estava chegando e o garoto já podia ver Domingo correndo em sua direção.

— Sim — disse.

— Esta é a terceira das três vezes que jurei ajudá-lo — lembrou o Marinheiro. — Não haverá outra.

— Por favor! Abra-a!

Domingo não esperou a escada de cordas. Sem asas, ele pulou da libélula, de uma altura de 15 metros, enquanto o Marinheiro encostava a ponta do arpão na fechadura da gaiola.

Artur colocou o braço na frente do rosto, esperando uma explosão ou, no mínimo, uma cascata de fagulhas incandescentes. Mas houve apenas um clique suave e a porta se abriu. O Marinheiro recuou e deixou o arpão cair da mão. A arma se transformou em água quando caiu, tornando-se uma onda escura que quebrou nos pés de Artur, deixando no ar um cheiro forte de sal quando finalmente afundou no solo.

— Todas as viagens terminam — disse o Marinheiro. Ele inclinou a cabeça para Artur, depois se virou para a esquerda e a balançou. — Adeus, irmão.

Lorde Domingo pegou o Marinheiro quando ele caiu e o deitou. Em seguida, o Curador colocou a mão em seu peito, os dedos entre os dois primeiros botões da camisa, logo acima do colete, onde algo dourado brilhava contra sua pele. Mas, antes de Lorde Domingo poder tocar o que estava lá dentro, um dos ramos da árvore estalou para fora, através da porta aberta, e os dedos feitos de galhos agarraram-lhe o braço. Ao mesmo tempo, uma raiz explodiu do chão e atingiu as pernas de Domingo. Minúsculas palavras e letras aglomeravam-se e se contorciam no galho e na raiz, fluindo para fora da árvore e sobre Domingo. Aquelas palavras multiplicaram-se, tornando-se mais galhos e mais raízes, todos se espalhando sobre o corpo do Curador Infel, lutando para manter a mão dele longe da Sétima Chave.

“Artur! Você deve agir agora!”, veio a voz urgente do Testamento. “Agora!”

A voz parecia distante de Artur, como, de fato, todo o resto. Ele sabia que estava falando, mas até sua voz parecia vir de algum lugar distante.

— Eu, Artur, consagrado Herdeiro do Reino, reclamo a Sétima Chave e, com ela, a soberania sobre os Jardins Incomparáveis, a Casa e os Reinos

Secundários. Eu a reclamo por sangue... e ossos... e direito, conforme o Testamento e contra qualquer contestação.

Houve um silêncio quando Artur falou a última palavra. Os sons da batalha foram abafados na distância. Artur sentiu que estava sozinho com Lorde Domingo envolto pela árvore, apenas os dois na colina.

O silêncio se estendeu por longos segundos antes de Domingo finalmente falar.

— Você condenou todos nós.

A árvore afastou-se de Lorde Domingo, as palavras escorregavam de volta aos galhos e raízes, que voltavam para a árvore dentro da gaiola.

Lorde Domingo colocou a mão atrás do pescoço.

“Onde está a Chave?”, pensou Artur freneticamente. Ele olhou para a árvore na gaiola. A Sétima Parte não estava fazendo nada.

“Lorde Domingo está pegando uma arma? O que ele quer dizer com eu ter condenado todos nós?”

Domingo levantou uma corrente do pescoço, puxou-a sobre a cabeça e revelou um pequeno e brilhante objeto na ponta, que até então estava escondido sob a camisa.

Era uma Chave. Uma pequena Chave de ouro, do tamanho da menor junta do dedinho de Artur.

Lorde Domingo deixou cair a corrente, que ficou suspensa no ar por um momento. Então, com o ruído estridente de uma harpa, a Sétima Chave voou para Artur.

A corrente descansou brevemente em volta da cabeça do garoto como uma coroa antes de escorregar e repousar sobre seu pescoço, a própria Chave indo descansar sobre seu peito. Quando repousou lá, Artur sentiu uma titânica infusão de certeza e de confiança.

“Eu consegui”, pensou Artur. “Sou o Mestre agora!”

A árvore dentro da gaiola balançou os ramos, sussurrando as folhas e, uma por uma, começou a tirar as raízes da terra. Lorde Domingo se afastou de Artur, como se, não o vendo, pudesse negar sua existência.

Artur o deixou. Domingo não era mais problema. Ele simplesmente não importava mais. Artur podia sentir o glorioso poder da Sétima Chave enchendo-o, um poder que em breve iria aumentar por conta das outras Chaves assim que a Primeira Dama chegasse lá e as entregasse a ele.

— Você deve parar de lutar — aconselhou o Testamento, falando em voz alta. — Isso está atrasando as coisas, o que é chato depois de tanto tempo de espera.

Virou o tronco para o lado e se inclinou para passar pela porta, saindo com vários galhos e algumas raízes, como um contorcionista que emerge de uma caixa.

— Como? — perguntou Artur. Ele tinha o poder, sabia disso, mas não tinha certeza de como usá-lo.

— Por que não mata todos, inclusive a mim? — sugeriu Lorde Domingo amargamente, sem se virar. — Você possui três Chaves, e todas por direito. Você tem o poder.

— Sim — concordou Artur. Ele sabia que podia. — Acho que eu poderia matar todos vocês.

Por um momento, aquela pareceu uma sugestão razoável, talvez até mesmo um exercício útil de seu novo poder. A mão de Artur rastejou para segurar a Sétima Chave, mas, quando seus dedos fecharam-se em torno dela, estava distraído com alguma coisa. O cheiro persistente da água do mar, um vislumbre do corpo de um pequeno elefante amarelo, um velho homem morto no chão, com um sorriso muito distante ainda no rosto...

— Não... — murmurou Artur. Ele gemeu e agarrou a mão. — Eu sou Artur Penhaligon! Não vou matar ninguém!

O garoto soltou os braços ao lado do corpo e procurou dentro da raiva e do orgulho, da arrogância e do poder aquele pequeno núcleo interior de seu ser, onde ele ainda era um menino quieto e pensativo, que tinha sido criado com bondade e amor.

— Independentemente do que eu possa ter me tornado, eu também sou Artur Penhaligon — repetiu. — Não vou matar ninguém.

— Seria uma misericórdia de muitas maneiras — argumentou Lorde Domingo. — Continuo achando difícil compreender que falhei. Como é possível um mortal ter me derrotado?

Artur não respondeu, o que fez Lorde Domingo parecer ainda mais arrogante e, ao mesmo tempo, ainda mais derrotado.

Em vez disso, Artur olhou para a batalha que estava sendo travada através dos Jardins Incomparáveis. Ele não precisava de um telescópio agora, pois, se quisesse, simplesmente concentrava sua atenção e via tão perto quanto

desejasse. Sua mente trabalhava mais rápido, o processamento das imagens era quase instantâneo.

Ele viu a Horda lutando contra feiticeiros armados com guarda-chuvas ; a Legião travando um combate vertical com Novicas em uma batalha a 2 quilômetros de altura; insetos com asas e marinheiros do Mar Fronteiriço envolvidos em uma briga confusa que se movia como um tornado, sugando combatentes e cuspidos feridos e mortos; ele viu os Patrulheiros de Suzy, embora sem Suzy, as crianças do Tocador de Gaita valentemente atacando os inimigos mais poderosos... Finalmente, viu Folha e Margarida caindo do estilingue rasgado, mil metros acima do chão.





Capítulo 27

Suzy levantou Folha das costas de Margarida assim que o estilingue finalmente se rasgou, segurando-a embaixo dos braços. A bestácea esticou os tentáculos e os Fronteiriços os agarraram, mas, com os insetos ainda sendo atirados contra eles e com a confusão em todos os lugares, não havia Habitantes para manter a criatura no ar.

— Tentem ir para o lago! — gritou Folha descontroladamente, enquanto apontava para uma grande massa de água ao longe. — Soltem-na no lago! Segure-se, Margarida!

A bestácea soltou um longo grito agudo e caiu, com alguns Fronteiriços segurando-a. Folha inspirou fortemente, para gritar que mais viessem ajudar, mas não conseguiu o fôlego que precisava, apenas uma dor aguda no peito.

Ela tossia e não conseguia falar. Os Jardins abaixo estavam embaçados e, por um momento, ela não soube onde estava ou o que estava fazendo.

— Margarida... — sussurrou.

— Acho que ela vai cair no lago — tranquilizou-a Suzy. Ela estava voando para cima o mais rápido que podia, tentando sair do alcance dos insetos perfurantes. Os mísseis vivos estavam sendo lançados por estranhas flores bulbosas cheias de um gás cor-de-rosa, mas as flores não poderiam enviá-las a mais de mil metros. — Criatura bem forte essa Margarida. Queira ou não, ela vai subir.

Folha fez que sim com a cabeça e apertou as mãos nos olhos para tentar reorientá-los.

— De onde você está vindo? — perguntou.

— Vi o estilingue se desfazendo — respondeu Suzy. — Então, dei meia-volta.

— Estamos ganhando? — perguntou Folha. Ela não conseguia se concentrar, não conseguia olhar para fora. Era mais fácil apenas se pendurar nos braços de Suzy e fazer a pergunta.

— Não sei — disse Suzy. — Mas estamos progredindo. Estamos a apenas alguns quilômetros do Elísio agora. Mas o Tocador de Gaita está na nossa frente.

— Mantenha soldados entre nós, então — orientou Folha, que estava tendo problemas para ficar consciente, pois o mundo continuava fugindo, a escuridão alternava entre flashes de luz e som confusos.

— Farei o meu melhor — murmurou Suzy. Ela estava procurando seus Patrulheiros, mas não conseguia vê-los. Havia lutas em todos os lugares e era difícil saber para onde ir. O Elísio estava à frente, a colina era um dos poucos marcos que Suzy podia detectar facilmente. Mas a batalha era particularmente pesada ao redor, por isso Suzy franziu a testa quando percebeu que não havia mais nenhum inseto e ou libélula defendendo o lugar. Ao contrário, o ar acima da colina estava lotado com Novicas e feiticeiros desesperadamente impedindo várias tropas de diferentes unidades do Exército Glorioso da Arquiteta.

— O Tocador de Gaita já deve estar lá — disse Suzy para si mesma. — E parece que alguma coisa aconteceu com Domingo. Quem teria feito isso? Espero que você esteja lá também, Artur!

Ela bateu nos ouvidos para verificar os protetores e desceu atrás de uma tropa de Legionários que estavam prestes a descer contra os defensores do monte Elísio.

Artur tinha acabado de decidir como faria a luta parar quando o Tocador de Gaita e Sábado desembarcaram do córrego, com seus respectivos guarda-costas voando de volta para se juntarem à retaguarda que lentamente era pressionada para trás e para baixo pelas forças da Primeira Dama.

Os dois inimigos de Artur usavam asas de couro preto, o que parecia estranho contra o grande sobretudo amarelo do Tocador de Gaita e a elegante nova armadura com placas avermelhadas de Sábado Superior. Mas Sábado não era tão alta quanto tinha sido, nem tão incrivelmente bela, e manteve-se um passo atrás do novo Mestre, com a cabeça inclinada.

O Tocador de Gaita levantou o rosto mascarado para Artur e falou com a voz tão suave e encantadora quanto a que tinha antes de a Quarta Parte do Testamento cuspir veneno em sua boca, antes da batalha pela Cidadela, o que parecia a Artur ter sido há muito, muito tempo.

— Então, você conquistou a Sétima Chave, Artur. E agora?

— Isso é um problema meu — respondeu Artur brevemente. — Permito que você e Sábado recuem com seus exércitos.

— Para onde? — perguntou o Tocador de Gaita. Ele falava como se fosse um velho amigo. — A Casa foi tomada pelo Nada, Artur. Apenas os Jardins

permanecem, e talvez nem isso, pelo menos não por muito tempo. Não, a menos que você me deixe cuidar disso.

— Vou forçar o Nada a recuar — falou Artur. — Você abandonou seu mundo. Volte para lá.

— Ele também desapareceu — informou o Tocador de Gaita tristemente. — Perdido, tudo estará perdido. A menos que você me dê suas Chaves. Elas são um fardo muito grande para um mortal. É melhor eu levá-las e colocar ordem em...

— É tarde demais para seus truques — interrompeu Lorde Domingo. — Ele é muito forte. Renda-se e nos deixe acabar com isso.

— Muito orgulhoso para lutar até o fim? — disparou o Tocador de Gaita. — Nada disse teria acontecido se você não tivesse sido tão arrogante para dar o braço a torcer. Mas eu, derrotado por um mortal? Acho que não!

O Tocador de Gaita sacudiu a manga e uma gaita apareceu em sua mão. Ele a colocou no buraco da boca de sua máscara e ajeitou os dedos sobre os orifícios, então Artur falou.

— Não — protestou, tocando a Sétima Chave. — Eu gostaria de ouvi-lo tocar, Tocador de Gaita, mas não de dançar a sua música. Acho que já houve lutas o suficiente.

A mão do Tocador de Gaita abriu-se e a gaita caiu no chão. Sábado inclinou-se para pegá-la e a devolveu a seu Mestre. Ele a pegou lentamente e, em seguida, tentou colocá-la na boca novamente.

— Não — repetiu Artur com ainda mais firmeza. A gaita brilhava com um fogo repentino que corria de ponta a ponta. O instrumento se tornou uma vara de cinzas, que desapareceram.

Os ombros do Tocador de Gaita caíram.

— Então... — começou. — eu teria gostado menos ainda de mortais se soubesse o que eles podem se tornar.

Ele estendeu a mão e tirou a máscara. Artur observava atentamente, pronto para algum truque ou ataque furtivo. Mas ele não estava preparado para o que viu. Havia apenas o fantasma de um rosto atrás da máscara, traços de luz esboçando alguém que uma vez teria se parecido um pouco com Lorde Domingo.

— Não vejo nenhuma razão de continuar lutando para me manter firme apenas para compartilhar de sua companhia nesses últimos minutos — disse o

Tocador de Gaita a Artur. Em seguida, virou-se para Domingo. — Mas diga-me, irmão: foi você quem me lançou no Nada sete séculos atrás?

— Eu não — respondeu Domingo. — Por que eu faria uma coisa dessas?

O Tocador de Gaita olhou para Sábado. Ela encolheu-se diante daquele olhar.

— Meus Ratos me disseram que foi você. Eu deveria ter acreditado neles.

Sábado gritou quando o Tocador de Gaita de repente pulou e uma faca com lâmina escura como a noite apareceu em sua mão. Ele mergulhou profundamente a arma no peito de Sábado e torceu o punho.

Um instante tarde demais, Artur dirigiu o poder da Chave contra ele, jogando o Tocador de Gaita para trás. Ele ficou em pé, mas não se mexeu.

— Com isso, pelo menos, cumpri meu destino — falou o Tocador de Gaita. — Aproveite bastante seu triunfo enquanto ele durar, mortal.

Ele deixou cair a máscara que segurava na mão esquerda. Quando o objeto atingiu as pedras do calçamento, o rosto levemente esboçado do tocador de repente se apagou como um holograma sendo desligado e o casaco amarelo caiu no chão. Não havia nenhum corpo dentro. Tudo o que restava agora do Tocador de Gaita era a máscara dourada.

— Eu merecia algo melhor — resmungou Sábado. — Se eu tivesse sido feita Domingo...

Ela caiu de bruços. O Nada que saía da lâmina do Tocador de Gaita continuou a dissolver a maior parte de seu corpo, inclusive a cabeça. Teria se espalhado ainda mais, porém Artur o parou, forçando-o a retornar à lâmina da faca.

— Pare a luta, por favor, Artur — pediu o Testamento. — Minhas outras partes precisam se juntar a mim o mais rápido possível.

Artur fez que sim e apertou mais a Sétima Chave à medida que se endireitava. Ele podia ver que estava mais alto do que Lorde Domingo, o que significava que tinha cerca de 3 metros de altura. Também tinha asas, mas não tinha a mínima ideia de como colocá-las ou de ter visto asas com uma luz tão brilhante.

— Sétima Chave — chamou Artur —, amplie minha voz e deixe que a luz de minhas asas seja lançada sobre tudo o que há dentro destes Jardins.

A Chave estava quente em sua mão. Artur olhou para todas as criaturas guerreiras, tão pequenas e sutis, e falou:

— Eu sou Artur, Herdeiro Legítimo da Arquiteta, Guardiã das Sete Chaves! Ordeno que toda luta pare agora. Que a Primeira Dama venha para o Elísio, pois vou reclamar meu Reino!

Suas palavras ecoaram em toda a extensão dos Jardins Incomparáveis e além e com ela foi um clarão de luz que emanava da Sétima Chave, uma luz que ecoou em todas as outras Chaves, as carregadas pela Primeira Dama e por Artur. Onde quer que a luz caísse, as armas paravam de funcionar, os braços cansados soltavam suas espadas e toda fúria e ódio eram varridos para longe.





Capítulo 28

Folha recuperou a consciência com um sobressalto. Levou algum tempo para perceber que ainda estava voando, levada por Suzy, e que o dr. Scamandros e Giac estavam voando ao lado delas, com Fred um pouco mais adiante.

— Eu ouvi Artur? — Folha perguntou.

— Sim — respondeu Suzy.

— O que está acontecendo? Porque todo mundo está gritando?

— Não sei exatamente — Suzy respondeu. — Mas Artur está com a Sétima Chave. A luta acabou. Vamos vê-lo agora. Segure-se!

Ela desceu para o Elísio, ziguezagueando entre as fileiras e fileiras de soldados, Novicas, feiticeiros e insetos. Exceto os insetos, todos estavam felizes. A ideia de paz era igualmente atraente para todos os participantes, embora talvez fosse apenas porque o poder da Sétima Chave havia tirado a loucura da batalha.

Suzy e Folha viram Artur primeiro. Ele tinha se tornado muito alto e ainda mais incrivelmente belo. Era um palmo mais alto do que Lorde Domingo, que estava atrás, ao lado de uma macieira atrofiada que balançava sobre as raízes expostas como se estivesse nas pontas dos pés. Artur estava debruçado sobre uma gaiola alta feita de barras douradas e olhava ao longe.

A Primeira Dama estava uma dúzia de metros à frente de Suzy. Ela pousou ao lado da gaiola e cruzou as asas. Suzy aterrissou atrás, mas não muito perto, e soltou Folha, que deu alguns passos vacilantes para a frente. O dr. Scamandros e Giac pousaram ao lado e seguraram os braços da garota para mantê-la estável.

— Obrigado — sussurrou Folha. Sussurrou porque de repente sentiu que talvez não devesse estar ali. Era como aparecer de surpresa na posse do presidente, ou na coroação da rainha, ou algo assim, mas de alguma forma pior e mais terrível porque Artur não parecia mais ele mesmo. Era muito deslumbrante, muito brilhante e, obviamente, muito além do humano para Folha pensar nele como o garoto que tinha sido no passado.

— Muito bem, Artur — cumprimentou-o a Primeira Dama. — Você é, de fato, o Herdeiro Legítimo.

— Sou — afirmou Artur. — Devolva-me as Chaves para que eu possa parar o Nada e reconstruir meu Reino.

A Primeira Dama inclinou a cabeça graciosamente. Com esse movimento, a espada de mão que era a Primeira Chave voou para o cinto de Artur; as luvas que eram a Segunda Chave desapareceram das mãos de Testamento e reapareceram nas de Artur; o tridente e o broche que eram a Terceira e Quarta Chaves aumentaram antes de se lançarem e irem se juntar à espada no cinto de Artur. A Quinta Chave, que Artur já possuía, juntou-se à Sétima na corrente ao redor do pescoço, e a caneta de pena que era a Sexta Chave deslizou para cima da orelha esquerda.

Artur sorriu e ergueu as mãos, deixando o poder de todas as Sete Chaves entrar em seu ser.

“Posso fazer qualquer coisa agora”, pensou. “Qualquer coisa...”

A Primeira Dama pegou uma das pequenas e enrugadas maçãs da Sétima Parte árvore e a mordeu com seus dentes perfeitos. O som era afiado e incrivelmente alto, impregnado com o estalar de algo se quebrando, algo que não deveria se quebrar.

Artur sentiu aquele som como um golpe no estômago. Ele soltou as mãos e olhou a árvore e a Primeira Dama se fundirem. Em um momento, eles eram um poderoso Habitante e uma árvore atrofiada; no momento seguinte, juntaram-se e se tornaram uma coluna de palavras dançantes. Palavras de fogo, tão quentes e brilhantes que podiam ser vistas através das pálpebras fechadas, mesmo que se desviasse o olhar. Havia milhões de palavras, mas uma frase foi repetida uma e outra vez, claro, não só para Artur com seus recém-descobertos poderes mentais, mas para todos os outros também.

“Eu sou o Testamento da Arquiteta”, diziam as palavras ardentes. “Que o Testamento seja cumprido.”

Artur leu a frase e, para seu horror, descobriu que a tinha pronunciado em voz alta, sem saber, sem estar de fato consciente. Sua poderosa voz e o poder das Chaves tinham sido convocados para o propósito de Testamento, a execução das intenções há muito tempo adiadas.

Intenção que se tornou imediatamente aparente.

Além do morro do Elísio, com um rugido como o de mil aviões decolando, uma grande gota de Nada estourou do solo, continuando para cima para cortar o céu. Um segundo depois, através do grande corte no tecido da Casa, uma torrente de Nada veio em cascata para baixo.

Milhares de Habitantes, insetos, Novicas e outros foram destruídos naquele primeiro assalto do Vazio. Poucos segundos depois, antes que alguém pudesse reagir, outra fonte de Nada estourou para cima, e outra, e outra. O Nada se espalhou por toda parte, aniquilando os Jardins tão rapidamente quanto alguém pudesse limpar uma mesa vazia.

— Pare isso, Artur! — gritou Folha. — Pare isso!

Artur tentou se virar para ela, seu rosto contorcendo-se em um esforço inútil. Tentou falar, mas não conseguiu. Tentou usar as Chaves contra o Nada que era derramado por todos os lados, mas não conseguiu. Ele tinha se tornado um mero canal, um canal para o Testamento.

Os outros também estavam parados. Os tendões no dorso da mão de Suzy estavam tensos, sua espada apenas um centímetro fora da bainha. Os dedos do dr. Scamandros só haviam tocado o bolso. Tanto Giac quanto Fred tinham acabado de fechar os olhos.

O Nada se espalhava pelo gramado, e as altas ondas subiam acima da cabeça de Artur. Mas as ondas não desabaram: o Nada parou, como se uma cúpula invisível cobrisse a pequena área pavimentada do Elísio.

Levou apenas alguns segundos, e os Jardins Incomparáveis foram destruídos, e com eles quase todos os Habitantes, Novicas e outros moradores da Casa. Apenas Artur, Suzy, Folha, o dr. Scamandros, Giac, Fred, Lorde Domingo e o Testamento sobreviveram.

Uma palavra dentro da coluna de letras queimando brilhou e Artur e seus amigos encontraram suas bocas descongeladas, embora ainda não conseguissem movê-las.

— Lamento dizer... — começou o dr. Scamandros, cujo rosto estava pela primeira vez completamente livre de tatuagens, mas seja lá o que ele lamentava não foi ouvido, pois de repente parou de falar quando alguém saiu do nada que os rodeava.

Era um homem, inflexível e vigoroso, apesar de sua óbvia idade. Usava apenas uma túnica branca simples, parecida com uma toga.

— O Ancião! — exclamou Artur. — Livre do relógio!

— Libertado por suas mãos, Artur — disse o Ancião. — E lhe agradeço por isso.

— Mas... o que está acontecendo? — perguntou Artur. — Por que o Testamento... temos que parar o Nada! Tudo será destruído se essa pequena

parte dos Jardins sobreviver?... O Universo inteiro?... Tudo?

— Sim — respondeu o Ancião. Ele caminhou até a coluna de palavras que era o Testamento e deu um passo rumo a ela.

Quando fez isso, o Nada entrou.

O Elísio foi aniquilado nessa última onda do Nada e, com sua destruição, também os Reinos Secundários se foram: todas as galáxias, todas as estrelas e planetas, incluindo a Terra e toda a sua população, vida e maravilhas.

A criação da Arquiteta não existia mais.

O Universo havia voltado ao Nada de que tinha sido feito.





Capítulo 29

Artur estava sozinho na escuridão total. Em estado de choque, ele era incapaz de compreender o que tinha acontecido, por isso levou algum tempo para perceber que ainda estava vivo. Ou algo assim. Ainda estava consciente, pelo menos. E ainda tinha as Chaves.

— Luz — ele sussurrou, e houve luz. Um brilho pálido o cercava, embora todo o resto continuasse na escuridão.

“Eu estou cercado por Nada”, pensou Artur. “No entanto, o Nada não me destruiu.”

“Não”, veio uma resposta inesperada.

Era a voz do Testamento, novamente dentro de sua cabeça. “Você é forte demais para o Nada destruí-lo, a não ser que deseje isso.”

Artur se virou. Lá, cercado por uma luz semelhante à sua, estava a Primeira Dama. Ou talvez não fosse a Primeira Dama. Ela... ou ele... brilhava entre duas formas que às vezes pareciam a Primeira Dama e, às vezes, o Ancião.

— Você é a Arquiteta — concluiu Artur.

“Nós somos a Arquiteta, pelo menos por um tempo ainda. Em breve voltaremos ao Nada de onde viemos há muito, muito tempo.”

— Por que... por que você destruiu a Casa? Por que destruiu tudo? — explodiu Artur.

“Mais de quinze bilhões de anos atrás no tempo contado pelos mortais, fiz as estrelas e esperei os planetas nascerem. Vi a vida começar. Mas era lento, muito lento, até para pessoas como eu... Pensei em intervir e escolhi separar parte de minha natureza para criar uma entidade que supervisionaria esse trabalho. Assim foi que criei o Ancião de mim mesma. Mais tempo se passou e o trabalho correu bem, mais particularmente com o advento de vocês, mortais, algo que não previ... como não previ que o Ancião cresceria para além de mim e discordaria de mim. Nós lutamos, e minha raiva cresceu, até que finalmente eu o acorrentei e o fiz sofrer. Mas eu também sofri.”

— Mas o que essa história tem a ver com isso? Por que você destruiu tudo? — murmurou Artur. Ele ainda não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Ainda podia ver o rosto de Folha e ouvi-la gritar.

“Bilhões de anos”, ponderou a Arquiteta. “Bilhões de anos... Você sequer pode compreender o quão cansada fiquei, apesar de todos os esforços para me divertir e me distrair. A Casa era um desses entretenimentos, inspirada pelos mortais. Nossos filhos eram outros e eles de fato me distraíram por um tempo. Mas o tempo é um fardo pesado e todas as distrações acabam desaparecendo. Comecei a pensar no que poderia estar além do tempo, no que poderia ser encontrado além de minha própria existência.

“Dez mil anos atrás, a minha raiva pelo Ancião finalmente arrefeceu e eu descobri que apenas ela havia me nutrido. Eu estava cansada, muito cansada... e quis ir além. Decidi entregar-me ao Nada... mas não podia. Fui impedida porque não estava completa. O Ancião me ancorava neste Universo, pois em minha raiva eu havia feito suas amarras eternas, para durarem enquanto durasse minha Criação.

“Eu não poderia libertá-lo e, assim, libertei-me sem destruir tudo o que eu tinha feito, a Casa e todo o Universo. Então, comecei esse processo de destruição dividindo-me e criando o Testamento. Ele deveria ter sido executado rapidamente, mas os Curadores tornaram-se desobedientes e não executariam as ações que levariam à sua própria morte. No entanto, eles não podiam resistir completamente aos poderes de meu Testamento. Com o tempo, ele transformou a natureza deles... e assim, inconscientemente, eles trabalharam para meu propósito.”

— Mas por que eu? — perguntou Artur. — Por que você me escolheu? Você não podia simplesmente ter feito um Habitante fazer o trabalho sujo?

“Não. Tinha que ser um mortal, alguém que pode criar. Habitantes foram feitos diretamente por mim e podem apenas copiar. Fiz o material básico a partir do qual os mortais evoluíram, Artur, com alguns ajustes aqui e ali, mas não os criei diretamente... e vocês, mortais, superaram até mesmo Nós com suas ideias.”

— Por que preciso ser criativo? — perguntou Artur amargamente. — Eu fiz o que você precisava, não é? Acho que nós dois podemos nos dissolver em Nada agora!

“Certamente você sabe”, disse a Arquiteta. “Você é o Novo Arquiteto.”

— O quê? — exclamou Artur, embora aquilo não fosse realmente uma surpresa para ele.

“Quando um velho universo é destruído, um novo é construído. Você vai construí-lo.”

— E se eu não quiser fazer isso? — perguntou Artur calmamente. Sentia-se um garoto novamente, sozinho e perdido. — Eu gostava do velho Universo!

“Essa é uma escolha sua”, respondeu a Arquiteta. “Adeus.”

A Arquiteta fechou os olhos e se recostou, como se estivesse se preparando para dormir. O Nada propagou-se em todo o seu ser como um cobertor. Ela sorriu e puxou o cobertor de Nada sobre a cabeça. Em seguida, havia apenas a luz de Artur, a única luz em qualquer lugar em toda a existência.

Artur olhou para suas mãos.

— Como posso fazer um... um Universo?! — ele gritou.

As Chaves lhe responderam, mas não com palavras. Artur sentiu o poder delas fluindo para dentro dele e algo mudou em sua cabeça.

O menino que tinha sido Artur e se tornado algo mais finalmente completou sua transformação.

Ele já não era Artur. Era o Novo Arquiteto e sabia como usar seu poder, como moldar as coisas a partir do Nada, como reger o Nada em uma escala cósmica.

Ele só tinha que decidir o que queria fazer. A coisa mais fácil seria criar um novo Universo de matéria simples, principalmente hidrogênio, e definir algumas reações básicas. Em alguns bilhões de anos, haveria sóis e planetas e talvez, bilhões de anos depois, os primórdios da vida orgânica.

O Novo Arquiteto ficou tentado por isso. Ele poderia fazer aquele Universo, mas acelerar as coisas. Não cometeria o erro da Arquiteta em separar uma parte de si mesmo para acelerar as coisas. Ele o faria sozinho. Seria como cuidar de um jardim, com o trabalho constante na maior parte e partes especiais que merecessem atenção concentrada. Seria fascinante ver o que cresceria, e ele poderia direcionar isso de formas particulares...

Dentro do Novo Arquiteto, a parte que era Artur gritou, um grito selvagem de dor e perda que interrompeu os pensamentos de um jovem Universo começando a partir de matéria bruta.

— Não — disse o Novo Arquiteto para si mesmo, para o Artur que ele tinha sido. — Não... você está certo.

Quando compreendeu tudo, o Novo Arquiteto entendeu o que a Arquiteta quis dizer com “Essa é uma escolha sua”.

Ele fez um gesto e uma pedra se formou a seu lado. Uma pequena pedra de granito agradavelmente resistente. Era exatamente como aquela que tinha estado perto da fonte no Elísio.

O Novo Arquiteto sentou-se na pedra, enfiou a mão no casaco e tirou o *Atlas Completo da Casa e do Entorno*. Não precisou abri-lo, simplesmente conheceu o conteúdo assim que o segurou nas mãos. No livro, havia uma foto completa do antigo Universo tirada um momento antes da destruição do Elísio dos Jardins Incomparáveis, quando o Testamento tinha congelado todos. Todos os registros dos Reinos Secundários servilmente feitos por milhares e milhares de

Habitantes era apenas uma pequena e irrelevante parte do verdadeiro retrato.

O velho Universo em todos os seus mínimos detalhes estava na palma de sua mão.

O Novo Arquiteto suspirou enquanto pensava no trabalho que tinha pela frente. Tinha planejado ajustar as coisas aqui e ali, principalmente na Terra, mas agora sabia que não podia fazê-lo, pois aquilo complicaria infinitamente sua tarefa. Se fosse para refazer o Universo, teria de refazê-lo exatamente como ele estava registrado no Atlas. Isso significava que os Reinos Secundários não seriam diferentes e que tudo o que restaria da Casa seria o Elísio.

Mas havia uma coisa diferente que ele faria. Ele rejeitara a ideia quando pensou em um novo Universo, mas, refletindo, tinha decidido que seria uma boa ideia. Pelo menos iria lhe dar alguma satisfação pessoal, um pouco de contrapeso à tristeza que permanecia em seu interior: um legado de seu passado mortal.

O Novo Arquiteto apoiou o queixo na mão, o cotovelo sobre o joelho, e começou a pensar.





Capítulo 30

Artur piscou e sufocou uma onda de náusea. O sol estava muito brilhante e suas pernas estavam fracas... tão fracas que começaram a falhar. Ele rapidamente sentou-se na grama e notou que estava novamente do tamanho de um garoto normal, vestindo jeans. Também usava uma camiseta, uma antiga camiseta da banda *Ratz*, e seu peito e seus braços certamente tinham voltado ao normal. E, quando passou as mãos pelos cabelos, eles pareciam... humanos.

Mas apenas um momento atrás ele era o Novo Arquiteto e estava recriando o cosmos. Agora ele estava... Artur olhou ao redor... agora ele estava de volta ao Elísio. Um Elísio cercado por Nada.

— Artur — chamou uma voz familiar atrás do garoto.

Artur se virou e teve que proteger o rosto com a mão. Havia uma figura alada de 4 metros de altura brilhando intensamente, uma figura quase brilhante demais para olhar. Mas Artur pôde identificar as características da figura brilhante, uma versão estilizada e melhorada dele mesmo.

— Você sou... eu? — perguntou Artur.

— Depois de uma melhoria — respondeu o Novo Arquiteto.

— Mas... o que eu sou, então? — perguntou Artur. Com exceção da criação do novo Universo, ele ainda podia se lembrar de tudo o que tinha feito e do que havia se tornado desde aquele primeiro momento em que conheceu o Senhor Segunda-Feira e o Espirrador.

— Você é você mesmo — disse o Novo Arquiteto. — Como o Ancião era parte da Arquiteta, você é parte do ser maior que nos tornamos.

— Mas sou um garoto novamente — falou Artur admirado. — O meu verdadeiro eu.

— Sim — concordou calmamente o Novo Arquiteto. — Eu sabia que era isso o que eu queria.

— Eu sou mortal? — perguntou Artur.

— Sim — mentiu o Novo Arquiteto, para seu próprio bem. — Mas você não vai ficar doente. Nunca mais.

— Posso voltar para a Terra... — murmurou Artur. Ele piscou novamente e enxugou disfarçadamente uma lágrima, como se fosse o brilho do Novo Arquiteto que estivesse fazendo seus olhos lacrimejarem. — Humm, quer dizer... você refez a Terra?

— Exatamente como era, infelizmente — respondeu o Novo Arquiteto. — Artur... Não fui capaz de refazer tudo como eu... ou você... desejaria. O Atlas registrou a Casa apenas minutos antes do fim...

— Sim... — murmurou Artur. — Mas Folha e Suzy, e Fred e o dr. Scamandros, eles estavam aqui, eles...

— Folha está aqui — informou o Novo Arquiteto. Ele fez um gesto e Folha apareceu, adormecida na grama perto dali. — Ainda não decidi sobre os Habitantes e as crianças do Tocador de Gaita. Mas todos aqueles perdidos na maior parte dos Jardins, eu não...

— Ah — interrompeu Artur.

Canteiro 27. Vaso 5. Uma Casa da Terra, com uma mulher dentro...

Lágrimas escorriam por seu rosto, e ele não fazia a menor questão de fingir que era por causa da luz forte.

— Minha mãe.

— Sim — confirmou o Novo Arquiteto. Ele hesitou, então retomou: — Eu poderia fazê-la de novo apenas a partir de nossa memória, mas ela não seria exatamente a mesma.

— Não! — estremeceu Artur. Respirou fundo e conteve as lágrimas. — Não.

— Vou mandar você e Folha de volta para uma casa conhecida, a uma distância segura do hospital bombardeado — explicou o Novo Arquiteto. — Pertence a uma senhora chamada Sílvia. Folha a conhece. Ela vai cuidar de você até que Bob chegue em casa.

Artur concordou. A noção de que alguém estaria cuidando dele pareceu tão completamente estranha e ao mesmo tempo tão reconfortante que ele quase começou a chorar novamente.

— Bob também vai precisar de sua ajuda — continuou o Novo Arquiteto. — E os nossos irmãos e irmãs. Será difícil.

— Sim — murmurou Artur.

— Se você quiser falar comigo — prosseguiu o Novo Arquiteto haverá uma caixa vermelha em seu quarto. Uma pequena caixa vermelha. Não ligo para aquela coisa antiga de telefone.

— Obrigado — agradeceu Artur. Ele enxugou os olhos e o nariz e respirou fundo. — Acho melhor eu partir, então. Hum, como...

O Novo Arquiteto apontou. Artur tinha certeza de que não havia nada no local que o Novo Arquiteto indicava ou, mais precisamente, que não tinha havido nada lá, mas agora Sete Relógios estavam lá, relógios antigos dispostos em um círculo no gramado.

Enquanto o garoto caminhava até os relógios, Folha acordou. Ela se sentou e tocou o ombro, parecendo surpresa por algo que ela sentia, ou não mais sentia, estar lá. Então, ela viu Artur.

— Artur! É você mesmo?

Correu e o abraçou, antes de recuar sem jeito.

— Sou eu — respondeu Artur.

— Mas como? — perguntou Folha. — O que aconteceu? Em um minuto o Nada estava chegando e, no minuto seguinte, eu acordo aqui e... Onde está todo mundo?

Artur olhou para o Novo Arquiteto, que estava parado em sua frente. Ele inclinou a cabeça e apontou para os relógios, que começaram a funcionar.

— Eu vou explicar tudo quando voltarmos — disse Artur, que pegou a mão de Folha e correu para o centro do círculo de relógios. — Os Sete Relógios vão nos levar até uma amiga sua. Alguém chamada Sílvia.

— Tudo bem! — concordou Folha. — Não é incrível, Artur? Você venceu!

— Sim — falou Artur calmamente. — Penso que vencemos.





Epílogo

— Eu não vou chamá-lo de Senhor o tempo todo nem nada disso — afirmou Suzy.

— Não — aceitou o Novo Arquiteto. Seu brilho tinha esmaecido consideravelmente. Ele também adotara uma estatura mais baixa, mais humana e se parecia bastante com como Artur ficaria quando tivesse 21 anos. Estava vestido confortavelmente em roupas do século 21 e usava um par de óculos de sol da moda.

— E eu acho que é hora de eu crescer — continuou Suzy. — Quer dizer, eu sou pelo menos uns dois mil anos mais velha!

O Novo Arquiteto entregou a ela um espelho. Suzy o pegou e, em seguida, olhou desconfiada para ele.

— Caramba! — exclamou. — Isso não é de todo ruim.

— Certamente não — concordou o Novo Arquiteto.

— Certo — disse Suzy. — Aceito o cargo. O que vamos fazer primeiro?

— Acho que vamos reconstruir a Casa — começou o Novo Arquiteto.

— Depois, preenchê-la com Habitantes. Eles podem vigiar os Reinos Secundários, particularmente a Terra, é claro. Embora devamos garantir que haja um mínimo de interferência, dada a nossa influência prejudicial no ambiente lá. Vou ver o que posso fazer em relação a isso.

— Vigiar, mas sem interferir — concordou Suzy. — Quero ser a Senhora Domingo. Ei, quando você vai trazer de volta o doutor, Fred e Giac?

— Logo — respondeu o Novo Arquiteto. — Eles podem ajudar a projetar os novos Habitantes.

— Humm... então creio que temos tempo para uma xícara de chá, Art — sugeriu Suzy.

O Novo Arquiteto, conhecido entre os amigos como Art, sorriu e acenou com a cabeça.

— E um biscoito, eu acho — disse ele. — Ou três.



Agradecimento

De acordo com meu caderno, comecei a anotar algumas ideias para “Senhor Segunda-Feira” no início do ano 2000. Agora é maio de 2009 e, ao longo dos últimos nove anos, tive um incrível apoio, incentivo e ajuda de muitas pessoas, tudo isso me ajudou a escrever os sete livros da série “as Chaves do Reino”.

Como minha vida normal está intimamente misturada à vida de escritor, não poderia ter escrito esses livros sem o apoio e incentivo incansáveis de minha esposa, Anna McFarlane; de nossos filhos, Thomas e Edward (que nem eram nascidos quando comecei); de meus pais, Henry e Katharine; meus irmãos, Simon e Jonathan e suas famílias; meus sogros, Beverlie e Peter McFarlane; meu cunhado, Jill McLaughlin; muitos outros membros da minha família e, é claro, meus amigos, que não paravam de perguntar se eu já tinha terminado.

No perigoso terreno de escrever e publicar, meus sinceros agradecimentos vão para David Levithan e todos da Scholastic Inc. nos Estados Unidos; Erica Wagner e Rosalind Price e sua equipe da Allen & Unwin na Austrália; Stella Paskins, Gillie Russell e a equipe da HarperCollins do Reino Unido, a todas as editoras de todo o mundo que colocam “As Chaves do Reino” em muitas línguas e mãos diferentes.

Meus agentes também foram fundamentais para esses livros verem a luz do dia e por muito mais. Sou extremamente grato a Jill Grinberg, da Grinberg Literary Management LLC, em Nova York; Fiona Inglis, da Curtis Brown Austrália, em Sydney; Ant Harwood, da Antony Harwood Literary Management, no Reino Unido, e os especialistas em tradução de Gillon Aitken.

Finalmente, sou mais grato a todos os leitores, que me permitem continuar fazendo o que mais amo fazer: inventar histórias.

Obrigado a todos.

E no primeiro dia, havia mistério.

No segundo dia, havia escuridão.

No terceiro dia, havia piratas.

No quarto dia, havia guerra.

No quinto dia, havia medo.

No sexto dia, havia magia.

No sétimo dia, havia uma escolha.